

D.M.
RIBEIRO

O BAFO

- Ensaio sobre a Duplicidade de Φ ,
o Humano e Técnica Terapêutica -

Dissertação para o Mestrado em
"Psicologia Clínica e Psicopatologia" do
Instituto Superior de Psicologia
Aplicada, em Lisboa, orientada pelo
Ilustríssimo Professor Carlos Amaral
Dias, e apresentada por Luis Sousa
Ribeiro, de ofício psicólogo, aluno e
docente no referido Instituto, no ano de
1993.



Centro de Documentação do I.S.P.A.

Telex. 086 3184

Reg. 7184

*Para a minha mulher Rute,
com todo o meu amor.
À sua companhia, alegria e
coragem de viver.*



No Verso:

O *Leão verde*, in *Rosarium Philosophorum*, Séc. XVI, Biblioteca de Vadiana, manuscrito 394, p. 97.

Na filatera pode-se ler : "Eu sou aquele que foi o Leão verde e dourado, em mim está encerrado todo o segredo da arte", in Stanislas Klossowski de Rola (1974) *Alchimie - Florilége de L'Art Secret*. Paris, Éditions du Seuil, p. 52.

Klossowski de Rola indica que a expressão Leão Verde, designa o *mercúrio filosofal*, devendo evitar-se confundi-lo com as *águas fortes* da química vulgar (ou espagíria). A ilustração indica a natureza dual desta substância composta de um fixo e um volátil.

Parece que o mercúrio crú, verde, corresponde à *Matéria Primeira* ou Pedra Filosofal, verdadeiro "*caos de sábios*, no qual os quatro elementos estão encerrados, mas confusos e desordenados", escreve Fulcanelli na sua obra de 1930, *As Mansões Filosofais*.

A cocção da Matéria Primeira far-se-á pelo *fogo natural*, descrito como "um fogo que queima sem chamas ou uma água seca que não molha as mãos", (Fulcanelli, op. cit), sem o qual "os espíritos não poderão penetrar, nem juntar-se radicalmente com os corpos" (Manuscrito Anónimo da Biblioteca do Vaticano, séc. XVII, Vat. Lat. 8222. Ambas as citações in Klossowski de Rola (1974, p. 12).

Os violentos esponsais destas duas substâncias duplas, o mercúrio crú contendo o fixo e o volátil, e o fogo natural - um sal - contendo o fogo e a água, conduzirão à formação da *Quinta Essência*, onde se conjugam harmoniosamente numa substância transcendente simultaneamente espiritual e material.

Duplicidade que atravessa todo o texto que agora será apresentado, como condição de frutuosa existência, definindo a condição humana como **Trans** (transitória e transcendente), e **Bafo**, nem puro espírito nem puro fixo, correspondendo à operação da natureza dual do fogo natural.

Este conjunto de ilustrações e comentários apresentado no início de cada uma das cinco partes que constituem o presente texto, unifica-as e sintetiza-as tornando-se sua *quintessência*, que dedico a meu sábio amigo José Manuel Anes.

"edizêsamên emauton"
Heráclito, fragmento 101.

* in Diels (?), *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin, W. Krantz, 1934, 5ªed.; I-173. Citado por Ernst Cassirer (1944). *Ensaio Sobre o Homem*. Lisboa, Guimarães ed., 1960 : 22.

AGRADECIMENTOS

Desejo, em primeiro lugar, agradecer ao Professor Amaral Dias; o seu ensino, sempre cuidadoso e estimulante, e sua confiante amizade que tornaram possível, em total liberdade, a realização deste trabalho. Do raro e extraordinário privilégio de através de outro o próprio se poder pensar e trans-formar, como comigo ocorreu, sempre de tão difícil formalização, espero que o presente texto preste testemunho.

Desejaria igualmente agradecer ao Dr. Coimbra de Matos e à Professora Maria Rita Mendes Leal, pacientes e sábios mestres a cujo ensino devo os meus primeiros referenciais neste campo; assim como ao Dr. Francisco Alvim e ao Professor Schneeberger de Athayde, afectuosas memórias que sempre me acompanham. Não posso deixar de incluir neste grupo de ilustres, um agradecimento à minha professora primária, Da Maria Helena Salgado, que me apresentou ao fascínio poético do saber.

Tive ainda a felicidade de encontrar e ser acompanhado por verdadeiros amigos, de entre eles cabe-me destacar Paulo Terça, sempre presente com a sua alegria, bondade e rigorosa intelectualidade, assim como José Carlos Poço e Mário Gomes, dos quais me encontro hoje afastado mas conservo a profunda influência exercida no desenvolvimento da minha capacidade de pensar e criar.

O acaso sempre me proporcionou agradáveis e enriquecedores encontros, de entre os grupos em que me envolvi guardo com particular carinho a "Oficina do Grotesco" e "No Pote das Ginjas", locais, tal como o meu actual grupo de análise, de intensíssima e vivificante co-criação.

Por último cabe-me agradecer à Dr.^a Maria José Silva o cuidado e diligência postos na dactilografia e composição deste texto, e a Américo Jones pela realização primorosa de todas as ilustrações.

Costa da Caparica. Maio de 1993.

ÍNDICE

PRÓLOGO

- I. Apresentação do Marciano 19
- II. Os Novos Infortúnios da Virtude 25

CAPITULO PRIMEIRO - M

- I. Advertências e Instruções ao Leitor 31
- II. Herdeiros de Deus e Filhos de Satã 33
 - II. 1. Introdução 33
 - II. 2. Apresentação de Baphomet 34
 - II. 3. Conclusão 37
- III. Para uma Psicologia Bi-Modal 38
 - III. 1. Origens e Fundamentos 38
 - III. 2. A Trágica Condição Humana ou a Inefável e Insustentável Duplicidade 43
- IV. Da Antinomia Fundamental à Regressão Antinómica 48
 - IV. 1. A Duplicidade Imanente do Pensar 48
 - IV. 2. Ser e Existir 54
 - IV. 3. Simetria e Assimetria 58
 - IV. 4. Pensar e Existir 61
 - IV. 5. Descontinuidade, Invariância e Totalidade 71
 - IV. 6. Ordem Fractal, Fronteira e *Trans* 81
 - IV. 7. Ilustrações Teórico-Clínicas 83

CAPITULO SEGUNDO - C

I. Da Somatopsicose à Angularidade	97
I. 1. Descrições	97
I. 2. Desenvolvimento	98
II. Eu, Desejo e Outro	105
II. 1. Descrições e Desenvolvimento	105
II. 2. Objectos do Pensar	115
III. Do Desejo ao Pensar	120
III. 1. A Tusa	120
III. 2. Uma Investigação Sobre o Elemento β	123
III. 3. Da Função β à Revisão da Grade	130
III. 3.1. A Grade e a Teoria do Pensamento Revistas	132
IV. O Estatuto <i>Trans</i> do Eu	138
IV. 1. Leituras Felizes	138
IV. 2. Conclusões e Síntese	140

CAPÍTULO TERCEIRO - P

I. Sobre a Liberdade	153
II. Sobre Técnica Terapêutica	156
II. 1. Introdução	156
II. 2. Descrições	157
II. 3. Desenvolvimento	158
II. 3.1. Claustro e Comensalidade	158

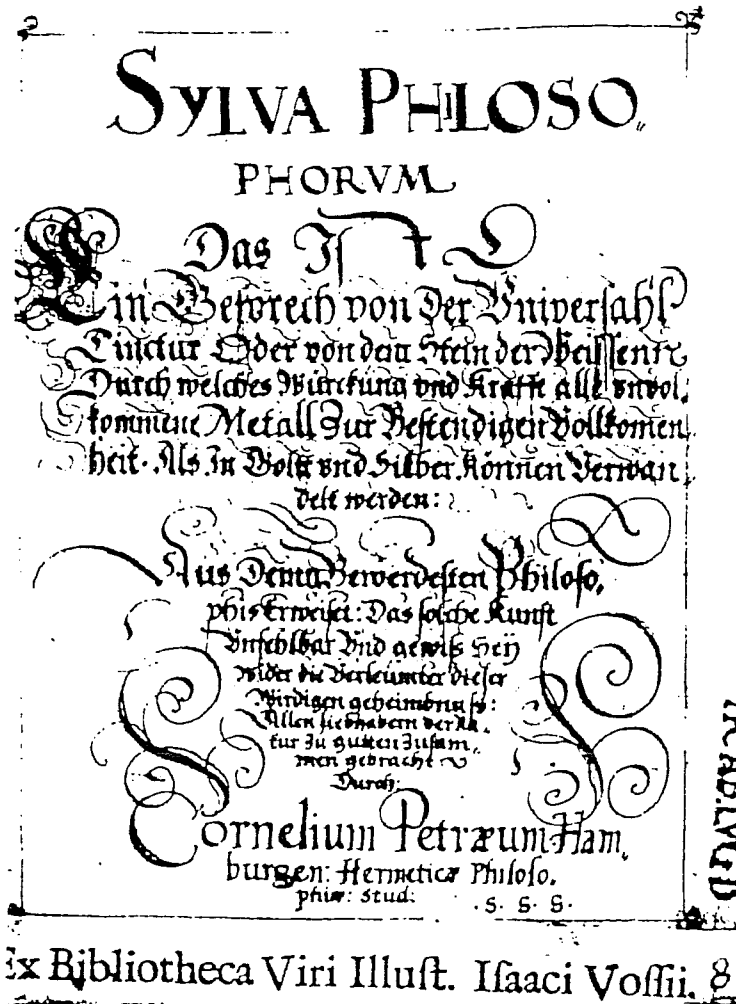
II. 3.2. Claustro e Ansiedade Paranoide	161
II. 3.3. A Perca de Fé	164
II. 4. O Vínculo Simbiótico	165
II. 5. Três Psicanálises	166
II. 5.1. A Mudança	170
II. 6. Tempo, Diversidade e Desejo	173
II. 6.1 Tempo	173
II. 6.2 Diversidade	175
II. 6.3 Desejo	176
II. 7. Construção e Verdade	182
II. 8. Da Ilusão ao Silêncio	185
III. O Objecto Terapêutico Combinado	189
III. 1. Do Silêncio à Mentira Originária	189
III. 2. Sincronicidade e Objecto Terapêutico Combinado	191
IV. Apêndice	193
IV. 1. Metaforização e Equi-Cardinalidade	193
IV. 2. A História dos Lagostins ou a Atitude Terapêutica	195

EPI-PRÓLOGO

I. Antigas e Novas Andanças do Viajante Anónimo	203
I. 1. Antigas Andanças	203
I. 2. Novas Andanças	204
I. 3. Uma Citação de Bion	208

BIBLIOGRAFIA	211
---------------------	-----

PRÓLOGO



Frontispício do manuscrito do séc. XVII, *Sylva Philosophorum*, de Cornelius Petraeus, conservado na Biblioteca da Rijksuniversiteit de Leyde, vol. 61 dos **Codici Vossiani Chymici**, folha 1.

O autor apresenta a obra do seguinte modo :

"Esta é uma exposição da tinctura universal ou da pedra dos sábios, pela operação da potência pela qual todos os metais imperfeitos podem ser... levados á duradoura perfeição, sendo transmutados em ouro e em prata. Que esta arte é infalível e certa é demonstrado, em refutação dos detractores deste nobre segredo, e reunido para proveito dos amantes da natureza, por Cornelius Petraeus de Hamburg, estudante da Filosofia Hermética", in Stanislas Klossowski de Rola (1974). *Alchimie-Florilège de L'art Secret*. Paris, Editions du Seuil, p. 120, (tradução minha do Francês).

I

APRESENTAÇÃO DO MARCIANO

«ERA UMA VEZ UM MARCIANO CHAMADO VALENTINE MICHAEL SMITH.» *

*in Robert A. Heinlein (1961) Um Estranho Numa Terra Estranha. Lisboa, Ed. Europa-América, pág.1.

«- Mike, quem fez o mundo?

- Perdão?

- Olha à tua volta. Tudo isto. Marte, também. As estrelas. Tudo. Eu, tu e toda a gente. Os Velhos disseram-te quem o fez? Mike parecia confuso.

- Não, Jubal.

- Bem, já pensaste nisso? De onde é que veio o Sol? Quem é que pôs as estrelas no céu? Quem começou tudo? Tudo, todas as coisas, o mundo inteiro, o universo... para que fosse possível que eu e tu estivéssemos aqui a conversar [...] Como é que os vossos Velhos respondem a estas perguntas?

- Jubal, eu não groco... que essas sejam «perguntas». Peço desculpa.

- Hã? Não groco a tua resposta.

Mike hesitou.

- Eu vou tentar. Mas as palavras não... *não são*... correctas. Não é «por». Não é «fazer». É um *agora*. O mundo é. O mundo era. O mundo será. *Agora.*»

(Fragmento 1)

«- Ah, sim?

- Você disse-me: «Deus fez o Mundo».

- Não, não!- disse Harshaw.- Eu disse-te isso porque as religiões dizem muitas coisas e a maior parte delas dizem que «Deus fez o Mundo.» Eu disse-te que não grocava isso na sua totalidade, mas que «Deus» era a palavra usada.

- Sim, Jubal - concordou Mike. A palavra é «Deus» - E acrescentou: - Você groca.

- Devo admitir que não groco.

- Você groca - repetiu Smith firmemente - Eu explico. Eu não tinha a palavra. Você groca. A Anne groca. Eu groco. As relvas debaixo dos meus pés grocam em perfeita felicidade. Mas eu precisava da palavra. A palavra é Deus.

- Continua.

Mike apontou triunfantemente para Jubal.

- *Tu és Deus!*»

(Fragmento 2)

in op. cit., pág. 138 (frag. 1), e pág. 142 (frag. 2)

«-Mike, a que distância é que tu tens de estar?

- Perdão?

- Se tu estivesses na entrada e eu estivesse ao pé da janela... oh, cerca de dez metros..., terias sido capaz de evitar que a garrafa me atingisse?

Smith parecia um pouco surpreendido.

- Sim.

- Hum... vem até à janela. Supõe que Jill e eu estávamos do outro lado da piscina e tu estavas aqui. Poderias ter detido a garrafa?

- Sim, Jubal.

- Bem... supõe que a Jill e eu estávamos lá em baixo no portão, a quinhentos metros de distância. Isso é demasiado longe?

Smith hesitou.

- Jubal, não se trata de distância. **Não é ver. É saber.**

- Hum... vamos lá a ver se groquei. Não interessa a distância. Nem sequer precisas de ver. Se souberes que está a acontecer uma coisa má, podes detê-la. Certo?

Smith parecia perturbado.

- Quase que está certo. Mas eu ainda não estou há tempo suficiente fora do ninho. Para saber, tenho de ver. **Um Velho não precisa de olhos para saber. Ele sabe. Ele groca. Ele age.** Peço desculpa.»

(Fragmento 3)

«- Não groquei a totalidade daquilo que li. Na história escrita pelo Mestre William Shakespeare dei comigo cheio de alegria com a morte de Romeu. Depois continuei a ler e aprendi que ele se tinha desincorporado demasiado cedo... ou pelo menos assim pensei. Porquê?

- Ele era um rapaz completamente idiota.

- Perdão?

- Não sei, Mike. Smith considerou isto. Em seguida murmurou algumas palavras em marciano e acrescentou:

- Sou apenas um ovo.

- Hã? Tu costumavas dizer isso quando queres pedir um favor, Mike. Que é?

Smith hesitou. Depois disse bruscamente:

- Jubal, meu irmão, seria capaz de fazer o favor de perguntar a Romeu porque é que ele se desincorporou? Eu não posso perguntar-lhe; sou apenas um ovo. Mas você pode...e depois poderá ensinar-me a grocá-lo.

Jubal compreendeu que Mike acreditava que Romeu tinha existido e pareceu perceber que Mike esperava que ele conjurasse o fantasma de Romeu para lhe pedir explicações sobre a sua conduta na Terra. Mas explicar a Mike que os Capuletos e os Montagues nunca tinham existido era um outro assunto. **O conceito de ficção estava para além da experiência de Mike;** não havia nada em que este conceito pudesse assentar. As tentativas de Jubal para tentar explicar isto eram tão perturbadoras para Mike que Jill receou que ele estivesse prestes a transformar-se outra vez numa bola.»

(Fragmento 4)

in op. cit., pág. 112-113 (Frag.3), e pág. 110 (Frag.4). Sublinhados meus.

«Jubal disse:

- Mike, és capaz de explicar um bocadinho de cada vez?

- Vou tentar, Jubal. Existe algo à minha frente. É uma coisa má e não o deve ser. Portanto eu estico-me... - Pareceu perplexo. - É uma coisa fácil. Atar os atacadores dos sapatos é muito mais difícil. Mas as palavras não são. Lamento muito. - Pensou um pouco. - Talvez as palavras estejam nos volumes «Plants» a «Raym», ou em «Rayn» a «Sarr», ou em «Sars» a «Sorc». Vou lê-los esta noite e digo-vos ao pequeno almoço.

- Talvez - admitiu Jubal. - Só um momento, Mike. - Foi até um dos cantos da sala e voltou com uma garrafa que tinha contido brande.- Podes fazer desaparecer isto?

- Isso é uma coisa má?

- Bem, pensa que é.

Mas... Jubal, eu tenho de *saber* que isso é uma coisa má. Isso é uma garrafa. Não groco que elas existam erradamente.

- Hum... Supõe que eu pego nela e a atiro a Jill...?

Smith disse com tristeza gentil:

- Jubal, você não seria capaz de fazer isso a Jill.

- Hum... bolas. Acho que não. »

(Fragmento 5)

«- Não, prometo. Mike, senta-te à minha secretária. Podes levantar este cinzeiro? Mostra-me.

- Sim, Jubal. - Smith estendeu a mão e pegou-lhe.

- Não, não!

- Fiz mal?

- Não, o erro foi meu. Eu quero saber se és capaz de o levantar *sem* lhe tocar?

- Sim, Jubal.

- Então, estás cansado?

- Não, Jubal.

- Então que é que se passa? Tem de haver um «sentido errado» ?

- Não, Jubal.

- Jubal - interrompeu Jill -, **você não lhe disse para fazer... só lhe perguntou se era capaz.**

- Oh. - Jubal parecia envergonhado. »

(Fragmento 6)

«- Hum, Jill?

- Está a flutuar...

Jubal foi até à sua secretária e sentou-se sem tirar os olhos do cinzeiro.

- Mike - disse ele -, porque é que ele não desapareceu?

- Mas, Jubal - disse Mike, como que pedindo desculpa -, você disse para o deter; não disse para o fazer desaparecer. Quando eu fiz a garrafa desaparecer, você queria que ela voltasse. Fiz alguma coisa errada?

- Oh. Não, fizeste-o exactamente como devias. Passo a vida a esquecer-me que tu levas tudo à letra.

Harshaw recordou os insultos que costumava ouvir quando era novo e pensou que nunca os deveria dizer a Mike: se ele dissesse ao rapaz para se ir matar ou para ir passear, Harshaw tinha a certeza de que Mike os interpretaria no sentido literal. »

(Fragmento 7)

in op. cit., pág. 111 (Frag.5), pág. 113 (Frag.6), pág. 114 (Frag.7). Sublinhado meu.

«- Espera aí, Mike.

- Perdão?

- Quando disseste «o meu povo» estavas a falar dos Marcianos. Mike, tu não és marciano: tu és homem.

- **Que é um «homem»?**

Jubal suspirou. Mike era capaz, ele tinha a certeza, de citar as definições dos dicionários. Contudo, o rapaz nunca fazia uma pergunta apenas para aborrecer; ele perguntava sempre com o fim de se informar - e esperava que Jubal fosse capaz de lhe responder.

- Eu sou um homem, tu és um homem, Larry é um homem.

- Mas a Anne não é homem?

- Hum... A Anne é um homem, um homem fêmea. Uma mulher.[...]

- Um bebé é um homem? Eu vi fotografias e na maldita-cai... na estereovisão. Um bebé não tem a mesma forma de Anne... e Anne não tem a mesma forma que você... e você não tem a mesma forma que eu. Mas um bebé é um homem pequeno?

- Hum... sim, um bebé é um homem. »

(Fragmento 8)

«- **O homem é o animal que ri** - respondeu Jubal.

Mike considerou isto.

- **Então eu não sou um homem.**

- Hã? - Eu não rio. Ouvi rir e isso assustou-me. Em seguida groquei que isso não fazia doer. Tentei aprender...

Mike lançou a cabeça para trás e deixou escapar um áspero cacarejo. Jubal tapou os ouvidos.

- *Pára!*

- Você ouviu - concordou Mike, tristemente. - Não sou capaz de o fazer correctamente. Portanto não sou um homem.

- Espera um segundo, meu filho. Simples-

mente ainda não o aprendeste... **nunca aprenderás a tentar**. Mas hás-de saber rir, prometo-te. Se viveres entre nós o tempo suficiente, um dia descobrirás como somos engraçados... e rir-te-ás.

- Sério?

- Sério. Não te preocupes, deixa que isso aconteça naturalmente. Pois, meu filho, **até mesmo um marciano se riria depois de nos ter grocado**.

- Esperarei - concordou Smith placidamente.»

(Fragmento 9)

in op. cit, pág. 140-141 (Frag.8), e pág. 141-142 (Frag.9). Sublinhados meus.

"A água groca o Dorcas. A água protege-o.

- "A". Dorcas é "A", não é "O".

- "A" - corrigiu Smith. Então enganei-me? Eu li no dicionário da língua inglesa *Webster New International*, terceira edição, publicada em Springfield, Massachusetts, que o género masculino inclui o feminino na linguagem. Na página 1012 da obra *Lei de Contratos*, de Hagworth, quinta edição, publicada em Illinois em 1918, diz...

- Espera aí - apressou-se Harshaw a dizer.- As formas masculinas incluem realmente as formas femininas quando se fala no geral... mas não quando se está a falar de uma pessoa em particular. »

(Fragmento 10), in op. cit., p. 109.

"Michael estava confuso, a palavra "vermelho" significava cores diferentes, conforme se referisse a objectos ou a cabelo, Harshaw dizia que o cabelo de Miriam era vermelho.»

II

OS NOVOS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE

"Era uma vez um marciano chamado Valentine Michael Smith", quando beijava as raparigas estas desmaiavam, pois nunca haviam experimentado um beijo de alguém que nesse acto - como em qualquer outro da sua vida - depositava todo o seu Ser.

Muitos romances se podem desenvolver a partir deste mote, Robert Heinlein fez um. O meu, que irão agora ler, debruça-se igualmente sobre as condições do estado que se designa de *humano*, mais precisamente sobre a **duplicidade** que o gera e que nele é imanente. Recorro no primeiro capítulo a metáforas Teológicas, para designar as duas essências últimas de ϕ - o numena primeiro.

Aproprio-me de uma metáfora da matemática - *Regressão* - para designar, a **indivisibilidade primeira desta duplicidade, e denotar a violenta erupção do modo contrário no interior do oposto, sempre que um atinge grande intensidade** (ou saturação).

Deste impossível equilíbrio e de sua profíqua dinâmica se constroi o humano, sendo-lhe adversas cada uma das essências por si só. Os infortúnios da virtude dizem respeito à condição alienígena que se gera na integração do Ser - à sua perfeita união com Deus - vingança do modo Satânico.

Na unidade última do Ser "*quem começou tudo?*" não é uma questão (frag.1), afinal de contas também o poeta Stig Dagerman, que se suicidou por recusa de perca da perfeição última, escreveu:

«E o que é perfeito não desempenha tarefas. **O que é perfeito labora em estado de repouso.**», in Stig Dagerman (1955) *A Nossa Necessidade de Consolo É Impossível de Satisfazer* (Obra Póstuma). Lisboa, Fenda Ed., 1992; pág.18. Sublinhado meu.

Nessa mesma unidade tudo é Deus (Frag.2) - Matte-Blanco deduz o mesmo por outras vias, experimente-se ler as reflexões 3, 4, 28 e 29, por esta ordem, do seu texto seminal *Reflecting With Bion* (I. Matte-Blanco, 1981). Nela não existe exterior nem interior, o existir fenoménico do Ser anula-se, e o que é pensado, é agido e criado (Frag.3). Freud descobriu isto ao estudar as leis do Inconsciente (segundo Matte-Blanco a sua maior descoberta, e para este mesmo autor designações do reino da simetria, império do modo homogéneo-indivisível, o Ser, aquém e além do Existir).

Como tal a ideia de ficção, talvez a mais libertadora e característica actividade do ser humano, era uma inexistência para Valentine Michael Smith (frag.4).

Daí que, para si, a linguagem como modo caracteristicamente humano de apropriação do ser das coisas lhe fosse imanejável; **uma linguagem que quer mesmo dizer uma coisa, é uma coisa.** A linguagem humana é uma sublime composição dos dois modos não significando especificamente no interior dos limites de um conceito, como condição de significar e representar (fragtos.5 a 7).

Valentine Michael Smith não ria e não sabia o que era *um homem* (frag.8 e 9), pois o riso - obra de Satã - implica que o Ser se negue e ria de si enquanto não ser; desconhecendo que ri sempre de si. Heinlein e Freud (*O Chiste*, 1905), sabiam-no.

No auge do Ser, em que a **linguagem** é, fica perdida a hipótese de reconhecer semelhança e produzir geração metafórica, por comparação de duas ou mais entidades (frag.10), pois a co-presença de duas ou mais coisas é uma violentação da homogeneidade e indivisibilidade primeira e última do Ser.

Valentine Michael Smith sentia-se infelizmente com estas coisas (11); este não é um fragmento, pois foi escrito por mim, embora creia que se possa encontrar no interior da obra de Heinlein.

Valentine Michael Smith era um marciano.

M

«"(éme)", m. Décima segunda letra do nosso alfabeto. Em numeração romana, significa "mil". Em gramática, é abrev. de masculino". »*

Por esta letra se inicia a palavra *Místico*, nome do vértice que segundo W. R. Bion abre a via para as transformações em ϕ .

Uma Transformação em ϕ , permite Ser mas não saber acerca de ϕ .

*in Cândido de Figueiredo (1953). *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Liv. Bertrand; pág. 867 "LUZE-CU" A "MACACOA".



Cornelius Petraeus, *Sylva Philosophorum*, séc. XVII, Biblioteca da Rijksuniversiteit, Leyde, Cod. Voss. Chem., vol. 61.

"A unidade da divina Trindade, a sua trina unidade, e a sua onnipresença : o todo no todo.", in, Stannislav Klossowski de Rola (1974). *Alchimie-Florilège de L' Art Secret*. Paris, Éditions du Seuil. p. 120.

Representação da duplicidade de ϕ (no círculo exterior), no modo homogêneo-indiviso (Deus), e no modo heterogêneo-dividente (*Spiritus-Sanct, Filius e Pater*).

I

Advertências Prévias e Instruções ao Leitor:

Caso não conheça W.R.Bion, D.Meltzer, B.Mandelbrot ou I. Matte-Blanco, não leia este capítulo; comece pelo seguinte.

Se em pequeno adormecia embalado pelas histórias da avó Klein, então deve ler **todo o texto** munido de uma iluminura de Sta. D.

Se sempre que almoça encontra os cinco supracitados personagens sentados à sua mesa - mesmo que não saiba porquê - **pode parar aqui a sua leitura**; não encontrará nada que não esteja contido nas páginas anteriores e nestas advertências.

Se é um adepto da psicologia *científica*, desista, este texto não foi escrito para si.

II

HERDEIROS DE DEUS E FILHOS DE SATÃ

II.1.

INTRODUÇÃO

Que meta-psicologia é esta de que falamos? De onde vem, e o que a distingue da psicologia, mesmo daquela onde constructos tomam igualmente parte?

Tendo descurado esta questão, os seguidores de Freud encontraram-se, com o correr do tempo, na mesma situação da Grande Sacerdotiza de Atuan, *Arha* (U. Le Guin, 1971), e tal como os sacerdotes de qualquer religião morta, reduzidos à aplicação e gestão dos símbolos da fé - uma tecnocracia, em que a perícia instrumental era confundida com a encarnação do Divino Espírito e a manifestação do Verbo.

Mas quer o Verbo na sua transcendente e criativa maravilha, quer as terríveis potências do Inominado, não se terão grandemente alterado na suas magnificas alteridade e indiferença, convenhamos.

E quer o primeiro na sua busca do humano, aparentemente a mais apta das criaturas a expressá-lo e a o consubstanciar, quer o segundo, porque simples e ominosamente existente, continuaram a manifestar-se na vida das criaturas que a si aspiravam ou que, feliz ou infelizmente, com um deles deparavam.

É pois de qualquer coisa mais do que de **construtivismo**, esse esperanto da psicologia, que falo.

Como a célebre história nos ensina apenas *Arha*, *a devorada*, podia descer às **mansões labirínticas** dos Inominados, onde se orientava utilizando aquilo que Bion descreveu como *um raio de intensa escuridão*. Por ele se podem vislumbrar os seres não-sensuais, **sem nome**, isto é, aqueles que não acederam ao patamar do psíquico, à identificação-projectiva. **Às coisas em si.**

É pois de pensar porque esta história aparece contada, e solicitando narrativa, nos mais diversos lugares e tradições. Porque com ela depara aquele que mesmo desvindo o olhar, não se exime ao incómodo torcicolo?

Bem sei que a minha escrita é inepta e insuficiente, mas formidável é o meu entendimento; tolerância, pois.

O conceito sânscrito de *Jina*, o estado de Buda, designa aquele que venceu os seus demónios interiores, mas se esta é a condição do que foi devorado, ousarei eu formular a tremenda conclusão? Qual então a condição de quem devora, do devorador? Humana, demasiado humana; *Ecce Homo*.

Eternas potestades do real, não compreendemos nós que atentamente lemos o belo comentário de Marion Milner à história de Jó, (M. Milner, 1956, *A Psicanálise e a Arte*, in J. D. Sutherland (ed.), 1958: 80-113; tb. in M. Milner, 1987: 193-215), as terríveis consequências de nossa maníaca cegueira?

Dupla e binocular atitude é requerida, *factótuns, functótuns* (funções em busca de um argumento), e *demiurgos* nos encontramos.

Paciência e segurança, F, mas também K, produção, sinais de que (PS \leftrightarrow D), em contínuo diálogo nos habita, testemunham essoutro encontro ($\varphi\leftrightarrow\sigma$), como reflexos de sua receptiva criatividade.

Conteúdos e continentes em perpétua compressão, dobragem, inversão e compressão, condições de infinito desenvolvimento e potencialidade de significação; maravilhosa concepção, em frutuosa condição testemunho de permanência da primordial vitalidade. Eis o dinâmico modo expansivo e criativo que caracteriza a mente humana.

Meta-psicologia, amor a um outro, a si, a um si de outro; aquém e além da **Trans-Formação**. Sereno e silencioso diálogo, encontro connosco e com a alteridade - *sobretudo a dos objectos internos e de nós próprios*.

Que tem isto a ver com o discurso interventor e ordenador da psicologia actual?

II. 2.

APRESENTAÇÃO DE BAPHOMET

De que falava a Metapsicologia, antes de se tornar um *dixit* moral, e de baixar a um nível de maquinaria conceptual psicológica?

Sem dúvida - utilizando a terminologia de C. A. Dias - *da verdade e não do verdadeiro, do real que não da realidade*. Uma epistemologia das condições de formação da realidade, das relações do real com a verdade, e desta com o verdadeiro - vista como senso-comum, como transformação servindo à ilusão gregária e

comunicacional.

Caro Mestre, como poderei eu falar, e mais do que isso escrever, em C, F, G e H, simultaneamente? Não é essa uma ideografia por inventar, senão mesmo impossível?

Recorro a quem o saiba fazer melhor, P. Klossowski, portentoso escritor que em *O Baphomet* (1965), mas também na sua restante obra, nos oferece algumas das mais límpidas ilustrações das questões que trato. **Identificação-Projectiva, Memória, Ser, Trans, Existir, Duplicidade e Totalidade** são inexcelsivelmente tratados nesse seu texto, nos diálogos entre os Sopros de Santa Teresa de Ávila e de Sir Jacques De Molay, Grão-Mestre do Templo; veja-se na página 43 da edição brasileira:

«- Jamais qualquer dos Bem-aventurados, por mais que quisesse, poderia sequer afastar seu olhar da face de Deus!

- Ó presunção dos Doutores que nos declaram para sempre fixados no soberano Bem! Se ele é a meta de nosso querer, sua visão não nos priva da nossa vontade como os vis prazeres: Aquele que me completa aumenta ainda mais minha consciência daqueles que jamais veriam sua face! Ó insustentável felicidade para a inteligência que Deus não quer romper! **Só Deus em mim se opõe a Deus!**»

E mais à frente, nas páginas 82 e 83, admiravelmente.

«Outrora, a honestidade e a caridade exigiam que não se buscasse sequer saber o que se passava na cela do Irmão vizinho. Atualmente nenhum deles podia não ver. Se outrora assim se tornava alguém culpado da imodéstia do olhar, doravante, vendo o que não buscava deliberadamente saber, se silenciava com uma tal facilidade para vencer a necessidade de falar (e o Grão-Mestre o havia compreendido de imediato), tornava-se não menos culpado de consentir num estado de fato, mas contra-natural: *"admitia-se que jamais a alma esteve unida a um corpo"* e que a palavra pessoal sendo inútil sob o pretexto de que não havia mais interlocutor particular a quem designar qualquer coisa de particular, professava-se a existência de uma inteligência única, recebida por cada um mas operando imediatamente em todos, sob o disfarce deste silêncio. **Nada era, com efeito, mais herético nem mais falacioso do que esta virtude de calar-se, nada de mais imodesto do que esses olhares ausentes.**

[...] a partir do momento em que alguém designava seja lá o que fosse, a começar pelo fato de poder prescindir do corpo, modificava a si mesmo modificando ao mesmo tempo o "interlocutor": modificava a si mesmo no sentido de que aquele que se exprime sem corpo passa imediatamente à coisa que exprime; e modificava ao mesmo tempo aquele a quem se designa a coisa expressa, no sentido de que aquele que recebe esta expressão de uma coisa que no entanto já sabe e vê diante de si, experimenta em sua própria compreensão o modo de ver daquele que lha declara. Pois aquele que recebe esta expressão nova, só a recebe com aqueloutro já modificado por tê-la expresso a ele: e, recebendo-a, ele próprio não resiste tampouco face a esta

modificação do "interlocutor", já que necessita modificar-se por sua vez para compreendê-la. E de nada adianta ele poder recusar-se: pois não havendo mais nenhum limite estabelecido pelo corpo entre suas intenções respectivas, estas se invadem mutuamente. Na absoluta transparência em que estão os sopros em relação um ao outro, nenhum amor próprio prevalece.».

Para concluir no diálogo entre Sir Jacques e o corpo suspenso, literalmente suspenso - física, biológica e psiquicamente - do mancebo Ogier de Beauséant, na mais impressionante das prosas que me foi dado ler:

«- Meu Salvador e meu Deus - balbuciava [o Grão-Mestre].

- Por que me nomeias salvador e deus? - fez o adolescente, acariciando-lhe as maçãs do rosto com a palma das mãos. "Pois não sou um criador que submete o ser ao que ele cria, o que ele cria um só eu, e esse eu a um só corpo. Ó, Sir Jacques, **milhões de eu que tu oprimes em ti mesmo estão mortos e ressuscitam milhões de vezes em ti, ignorados por teu único eu!**»

- Não sou eu mesmo que acabas de salvar das chamas?

- Foi teu Criador quem te salvou, Ele que te reclama como sua própria criatura, já que me falas assim, e eu não o contesto! Pois não sou um Mestre que colhe, como Ele, o que não semeou!

- Ó, quem quer que sejas, não me abandones!

- Aceita meus serviços e serei teu leal servidor!

- Que maior serviço podes ainda me conceder que o de me haver devolvido a mim mesmo!

- **Libertar-te de ti mesmo...**

[...]

- Abandonas-me? Detem-te... - suplicou - Por que nome invocar-te?

- Recusas meus serviços! Que te importa meu nome? Em verdade, em verdade te digo: os milhões de irmãos e irmãs que morreram em ti da elevada ideia que tinhas de ti mesmo conhecem meu nome e dele renascem; nenhum nome próprio subsiste ao sopro hiperbólico do meu /.../

- Qual é esse nome terrível?

- Não manténs a seriedade, Grão-Mestre! Inútil dizê-lo a ti: é impossível lembrá-lo quando se volta a si mesmo.

- Soletro-o, eu te suplico, para que eu possa ter-te invocado ao menos uma vez!

- O adolescente principiou:

- **B-A...**

- BA...? - repetiu o Grão-Mestre.

- **P-H-O...** - continuou o adolescente.

- ... pho...?

- **M-E-T...**

- ... met!...»

(op. cit., pp 93-95: sublinhados meus).

Diálogo que prossegue vertiginosamente, e cujas extensas citações aqui apresentadas dispensam, na sua claridade, morosos comentários.

A *duplicidade última da divindade* (1º excerto), a *identificação-projectiva* (2º e 3º excertos), as condições estéreis do *Ser*, a ligação entre *permanecer* e *memória* (2º excerto), são discutidas com uma profundidade que aqui apenas se indicia, num contexto herético, em que Baphomet, essência do maligno, surge não só como vector da Trans-formação, i.e., *não ser*, como expressão mais pura da existência. Ausência de memória como condição da superação e evolução não só do humano (os milhões de eus que aguardam o seu reconhecimento), como ainda do Divino - *Só Deus em mim se opõe a Deus!*, afirma Santa Teresa d'Ávila.

Eis-nos no reino da duplicidade primeira de ϕ , de sua bi-modalidade, considerando que a expressão é de uma criatura de reconhecida Santidade. Ou apenas nos traiçoeiros terrenos da Bi-lógica, caso o mafarrico as tenha tecido.

Nunca o poderemos demonstrar pois só o poderemos saber na nudez da transformação em ϕ , face ao bondoso silêncio divino em Sua absoluta alteridade.

Uma perspectiva Bi-Modal, concebe a união primeira desta duplicidade e logo a infinita regressão e recursividade dos dois modos - tal como estes conceitos são entendidos no interior da Inteligência Artificial - anunciando-se o silêncio do Ser, como condição de acesso à Trans-formação existencial, e antevendo-se a queda da infinita transformação para o interior das formas de ser pelo outro modo fixadas (fenómeno que designarei por *regressão antinómica*).

II. 3.

CONCLUSÃO

Baphomet, essência do maligno surge como o *Príncipe das Transformações* prometendo ao Mestre-do-templo, a experiência de todas as coisas pelo abandono de si. Por seu lado, Deus, ao exigir culto e veneração, *memória*, às suas criaturas encerra-as no interior de si mesmo e de si próprias, tornando-as perpetuamente em si. Claro que a consequência dramática para Lúcifer - aliás uma imposição de Deus - é que este não poderia receber culto daqueles que lhe aderiam, esquecidos, no preciso momento do abraço, daquilo que abraçavam.

Consta que para os gregos existia um único pecado, *o de os homens desejarem ser deuses, descentrando-se de si próprios*, usurpando as prerrogativas divinas e não

se atendo às limitações da sua finita condição.

O corolário destas ideias pode ser expresso do seguinte modo : *o pecado maior seria o de perder o Ser* (e logo as restrições que o definem). Também na Bíblia o pecado original cometido por Adão e Eva, ilustra esta ideia.

Ser e *Trans* surgem como as duas noções básicas a debater neste capítulo, vejamos aonde nos permitem aceder.

III

PARA UMA PSICOLOGIA BI-MODAL

III. 1.

ORIGENS E FUNDAMENTOS

Na sequência do meu estudo sobre o *Projecto de Psicologia Científica* de Freud (Freud, 1895), de que resultou o meu trabalho *A Broca na Mente - para uma inconsciente história da consciência*, (L. Sousa Ribeiro, 1991) fui levado através de leituras como *Notas sobre o Bloco Mágico* (Freud, 1925), e comentários mais recentes (K. Pribram e M. Gill, 1976; R. Hayward, 1981, e M. Mancia, 1987), a crer que um sistema pensante, isto é, que não só conceitua, opera sobre informação, como mantém uma memória destes processos, implicaria uma dupla superfície de registo, tal como apresentada por Freud nas obras referidas.

Uma permanentemente apta a sofrer transformações, sem memória e sempre renovável (ϕ), e outra mais apta a trans-formar-se, aprendendo e retendo a informação, logo mais renitente ao influxo informacional (ψ); ambas unificadas num qualquer momento e dotadas de recursividade, em linguagem informática. Concluí ainda que a identificação dos processos cognitivos, uma meta-cognição, e a intencionalidade do seu uso, ambas componentes do conceito de *Consciência*, implicariam uma multiplicidade de estruturas de duplo-registo (Blocos-mágicos), numa arquitectura simultaneamente em árvore e em concentricidade; o que apenas pode existir num hiper-espaco a múltiplas dimensões.

Do que decorreram ideias sobre a possibilidade de processar informação por canais paralelos sem perda de coesão a um nível superior, assim como sobre a

coexistência de um processamento simultaneamente hierárquico e não-hierárquico.

Ideias que realçavam a existência de uma duplicidade fundamental na unidade do ser, e que me inclinaram progressivamente a conceber o humano como o domínio das *não-coisas*, o que tentei fixar em *Por um Epistema Psicológico* (L. Sousa Ribeiro, 1991-a)). Nesse texto o psicológico era visto como o espaço representacional, habitado pelas entidades supra-sensíveis (com existência apenas no hiper-espaço), vistas como equi-potentes entre si e ao sistema psíquico, no seu conjunto, entre as quais a hierarquia era definida emocionalmente.

Hipóteses que progrediam para a definição de uma base analógico-emocional na origem do pensar e dos pensamentos; sendo os conceitos definidos por agrupamento de entidades afectivamente semelhantes, e o pensar pela direccionalidade de massas, agregados de pensamento, que se uniam, repeliam ou estratificavam com base em operações de *simpatia* - tal como Freud definira o Eu como *o conjunto de ideias mutuamente compatíveis e agregadas*.

Anunciava-se uma *organização fractal* da mente, uma auto-semelhança básica a qualquer nível de organização, desde os *automatos* celulares, de órgão e de sistema, grandemente intermutáveis - pela sua com-participação no hiper-espaço - e de que era indicador a equivalência observada entre *conceitos - atributos - pessoas - e grupos*, quando ultrapassado o *efeito de escala*, o determinante sensorio perceptivo, responsável pela sua discriminação, neste contexto, ilusória.

Assim, uma vez superado o efeito de escala, uma deturpação de base sensorial, surgiu-me que as ideias, componentes e geradores das estruturas psíquicas, e por cuja interacção é constituído o Eu, possuíam um comportamento de tipo humano agregando-se, reforçando-se ou repelindo-se; defendendo-se e lutando por uma facilidade de expressão e por primazia. Ainda nesta linha de ideias o Eu, sendo o produto e não o produtor dos pensamentos, tornava-se inapreensível pelo pensamento. Mais precisamente perde a possibilidade de acesso *naturalista* a si-mesmo, podendo aperceber-se de si-próprio apenas através de trans-formações, tal como ao real circundante.

Leituras sobre os trabalhos em Inteligência Artificial no vértice do **Paradigma de Conhecimento Emergente** (S. R. Graubard (ed.), 1988), confirmaram esta suposição, ao demonstrarem que estes processos (φ e ψ) não podiam ser unificados num ponto inicial, com o que ocorreria uma diluição da duplicidade desta entidade, tornando-a incapaz de pensar - produzir pensamento de forma consciente e auto-determinada, embora não de processar informação - dicotomia implicando uma vasta área de processamento analógico e paralelo (nesta perspectiva relembre-se a hipótese de J. Grotstein de uma evolução em duas pistas, e o modelo de I. Matte-Blanco sobre os diferentes estratos da mente).

Igualmente os trabalhos de Minsky (M. Minsky, 1987), e os de Schank e Abelson (Conf., C. Wegman, 1985), parecem apontar respectivamente para a necessidade de instâncias inibitórias ou de censura (no primeiro caso que segue mais directamente o modelo psicanalítico), e para a importância do esquecimento como condições necessárias à possibilidade de pensar, caracterizando os agentes destas funções como dotados de características antropomórficas (ou pelo menos como tal se lhes referindo), reforçando a ideia de uma pluralidade de entidades no psiquismo (a este propósito veja-se também J. Grotstein, 1981; S. Turkle, 1988; H. Coelho, 1992 e F. Fernandes, 1992).

O que pretendo extrair destas obras é a presença universal de uma duplicidade essencial, necessária ao desenvolvimento da condição de pensar, se não especificamente humana, pelo menos aqui encontrando as mais propícias condições para o seu desenvolvimento e manifestação.

Duplicidade que atravessa também a obra do neurofisiologista Karl Pribram sobre o **Modelo Holográfico** de armazenamento de informação no cérebro, cuja máxima de que *o cérebro é um holograma que interpreta um universo holográfico*, significando uma localidade e ilocalidade simultâneas da informação, com recurso a um hiper-espço (ordens implícita e super-implícita de D. Bohm; a este propósito veja-se D. Bohm, 1978; 1980; 1981 e 1987), se encontra curiosamente perto das minhas conclusões em *Por um Epistema Psicológico*.

Nesse texto, e com base numa reflexão sobre a viabilidade do discurso antropológico, concluí que *se as pedras podem ser pensadas, é porque possuem a natureza do pensamento* (pelo menos na área em que podem ser pensadas, acrescento). O **Paradigma Holográfico**, tal como criado por K. Pribram na neurofisiologia, e desenvolvido por D. Bohm na física, com as noções de *totalidade, ilocalidade, ordem explícita e implícita*, parece-me reforçar a hipótese de uma **natureza fractal** (descontínua e trans-formacional), e **multifária** do pensamento, do Eu e do universo, assim como sustentação para a suposição de uma *duplicidade última*, i.e. uma constituição simultaneamente dupla e una das mesmas entidades.

Duplicidade que atravessa toda a história da cultura humana, nos mitos, religiões e literatura, assim como o projecto psicanalítico, logo desde Freud, *Processo Primário e Processo Secundário, Princípio do Prazer e Princípio da Realidade, Eu/Super-Eu e Id. Consciente e Inconsciente, Eros e Thanatos*, etc., atingindo uma expressão radical no desenvolvimento kleiniano com conceitos como os de *Bom e Mau Objecto, Posição Depressiva (PD) e Posição Esquizo-Paranoide (PS), Inveja e Bondade, Projecção e Introjecção*, etc., o qual culmina na formulação de uma unidade dual - antinómica - e coeva através do conceito de *Identificação-Projectiva* [Embora só tendo tido acesso ao artigo de P. Luzes (1988), *A Realidade Psíquica*, após a escrita deste trabalho, não gostaria de deixar de apontar a existência desta mesma hipótese nesse texto; assim

homenageando o seu autor].

Pensamentos que inquirindo profundamente a natureza e fundamentos da nossa identidade, como se beliscassem ϕ , geram tão profundamente angústia, que mesmo nos seus autores tenderam rapidamente para formas saturadas ($\Psi \xi$), esterilizando-se o processo intuitivo que permitira tão assombrosas realizações.

Foi assim com Freud e a sua ambivalência face ao conceito de *Transferência*, visto incessantemente como resistência à análise (um repetir no lugar de lembrar), e como chave do processo de cura (a este propósito veja-se a posição de D. Meltzer (1978), no livro I de **The Kleinian Development: Freud's Clinical Development**). Foi assim com M. Klein e o conceito de *Identificação-Projectiva* que na sua obra não se libertou completamente do estreitamento empobrecedor da sua concepção como uma modalidade agressiva de projecção, embora a sua componente comunicativa e construtiva fosse evidenciada, e requerida, pelo seu modelo sobre a técnica e sua teoria da transferência, em consequência das observações clínicas por si realizadas (e da influência do seu primeiro analista S. Ferenczi, diga-se em abono da verdade).

Ambivalência cujo motivo surge agora como a necessidade de um compromisso com o pensamento heterogéneo-dividente. Como a necessidade de manter estas entidades na segurança do plano assimétrico, longe da sensação de loucura que as realizações simétricas-indivisas transportam. Cedências ao sensorio-perceptivo, e como tal precipitadas oclusões das possibilidades que enunciavam.

Desejo ou solicitação do sensorio, dotação de concrecibilidade, acréscimo de fiabilidade; não são estes os sinais do modo como aquele que duvida se tenta serenar na ausência do objecto anaclítico, uma vez embotados os processos de introjecção-identificatória, anulando a percepção da falta e do outro com a presença expectante de uma memória/desejo de retorno do mesmo - *de si* ?. Periodicidade, reencontro do familiar, do imutável, do seguro, mesmo que às custas da trans-formação; a sua profunda ancoragem no mais fundo das nossas ansiedades permite perceber porque só agora a ciência se debruça sobre o não-periódico e a psicologia sobre a trans-formação.

Exigência de permanência, dúvida sobre o reconhecimento e a permanência no outro e da qualidade do seu interesse pelo próprio, expressando uma atmosfera paranoide em que a relação e seus componentes de abertura ao enigma, são substituídos pelo controlo do objecto, e a identificação pelo seu arremedo mimético - melancólico, parasitário ou canibalista - logo sempre empobrecedor.

Fiabilidade/invariância e periodicidade do retorno do seio, são então exigidas por aqueles que não tendo Fé, como intuiu Bion, tomam a ingestão do leite pela relação nutritiva e comunicacional da amamentação. Não importa se se esquecem do calor e da feliz fusão dos corpos em liberdade. Em liberdade de si mesmos no limite. como condição de se obter o que ainda se não é (como expressaram S. João da Cruz e

P. Klossowsky, neste último relembre-se as falas de Baphomet e Santa Teresa d'Ávila).

E deste modo os dois conceitos que renunciavam a duplicidade e a aurora da bi-modalidade, regrediram à condição de **Mitos** (C3(2)). Assim permanecendo até ençotrarem o pensar de Bion e de Matte-Blanco, altura em que revelaram novamente as pistas em si contidas, explodindo em admiráveis intuições místicas (**M**), e científicas (**C**), de que são exemplo o desenvolvimento do modelo *Conteúdo* (φ - σ), a oscilação $PS \leftrightarrow PD$, as formulações sobre a proximidade entre o *Intuir/Pensar* e a *Alucinose*, no primeiro, e as noções de *Bi-Lógica* (e suas estruturas), *Bi-Modalidade* e a percepção da *Antinomia Fundamental*, no segundo.

Deste modo retomaram, re-encontraram, no interior do discurso psicológico a sua capacidade e natureza propulsiva de Pré- Concepções ($\psi(\xi)$), e retornou a psicologia à concreta inefabilidade do seu objecto de estudo.

Nos textos da natureza do presente, provas académicas, é usual neste momento recorrer à realização de uma recensão dos conceitos citados. Far-me-á o leitor a gentileza de considerar que sei do que falo, tal como eu lhe farei a justeza de reconhecer que melhor saberá aquilo a que me refiro.

Alguma discussão dos conceitos poderá surgir, não o posso de momento garantir, ou sequer pretender que o poderei dispensar, mas este processo ligado à memória, faria inevitavelmente resvalar o texto para o lado sensível das intuições que tento expressar, assim o danando eternamente.

Os processos de citação e recensão, crendo que o pensamento reside numa mancha de cifras, desde logo atraíçoam a natureza do pensar, e saturando a percepção e a memória, obstaculizam a transformação, por um lado, enquanto que por outro, devido ao investimento afectivo numa verdade enunciada, reificam um discurso mítico, que se justifica, **paradoxalmente**, pela sua exterioridade ao pensamento e ao pensador.

Alguma indefinição, uma contenção capaz de suportar o vazio intermédio a ($PS \leftrightarrow D$), por um uso activo do **não-saber** - dificuldade que a recente formalização de

Amaral Dias ($PS \leftrightarrow \begin{pmatrix} M. C. \\ C \end{pmatrix} \leftrightarrow D$), clarifica - é necessária, para que do colóide de massas conceptuais se possa revelar o estranho atractor que as parece solicitar; que as invoca. Não tenho mesma outra pretensão de provar a minha tese que não a de suscitar uma fugaz ressonância emocional no leitor que admita manter um foco de intensa escuridão no campo acima delineado.

É pois como ($PS \leftrightarrow \phi \leftrightarrow D$) que o processo de pensar se revela mais frutuoso. Tal como afirmara o místico S. João da Cruz, no *Poema Introdutório à Ascensão do Monte Carmelo*, *se queres ser o que não és, tens de ir por onde não és.*

S. João da Cruz

A fala é então sempre um culto e uma invocação de uma divindade que por obscuros motivos responde e é tocada pelo verbo. De outro modo não se fala. Assim o provam aqueles cuja perca dos objectos-internos benignos (refiro-me à retracção esquizoide ou isolamento autista), tornou o discurso como uma manipulação de códigos e regras de codificação; uma coisa vã. Nesse momento é claro que o interesse de comunicar é tão grande como o de organizar um ficheiro de um arquivo, mais vale morrer que viver de tal sorte. De outro modo se poderia dizer que a natureza delirante da ideia obsessiva, manifesta ainda a presença de um demónio interno - de um arremedo de divindade - e com isso a existência de algo que sob a capa esquizoide tenta comunicar-se.

Mas a pestilência residente na exigência de invariância ancorada no sensorio-perceptivo, tal como se revela no discurso mítico do seguidismo teórico, manifesta-se claramente pelo modo como ideias como a de G. Deleuze de que *Melanie Klein descobrira a maravilhosa posição esquizo-paranoide, mas infelizmente logo começara a moralizar* [através da ideia de fases genéticas de desenvolvimento e da supremacia da fase depressiva, entenda-se], ou a ideia de J. Lacan de que *é necessário não ceder ao desejo do sujeito*, foram rapidamente evacuadas e denegadas como produtos **Betes**. E no entanto estas ideias continham uma percepção da natureza da transformação e de suas condições, logo da viabilidade da psicoterapia, do objecto da psicologia e, por extensão, da própria psicologia.

Considero a expressão *Betes* como uma expressão particularmente feliz, que ecoa as noções de *Beta* (β), revelando a natureza do ataque ao pensar sob um imperativo cruel *Beta-Elements-With-Traces-of-Ego-and-Super-Ego*, e uma relação de violência e temor persecutório, o temido encontro com a Besta.

Não será pois de estranhar que igualmente os discursos de Battaille e de Klossowsky não tenham ganho cidadania no saber psicológico, embora incansavelmente tenham escrito sobre o *Riso Infinito*, a *Substanciação* e a *Transformação*. Os temas que aqui nos ocupam.

III. 2.

A TRÁGICA CONDIÇÃO HUMANA OU A INEFÁVEL E INSUSTENTÁVEL DUPLICIDADE

Creio pois que a Meta-psicologia outrora falava do humano. Do homem aquém do homem, o ϕ do humano ou o seu radical, na expressão de Bion, e tal como este

percebeu, sobre coisas de que é impossível discursar. **Inexistentes mesmo**; porque não captáveis pelas transformações C, mesmo por aquelas que mais se aproximem de transformações em ϕ .

Provavelmente tratar-se-ia de um olhar grosseiro e oblíquo, mas não sabemos nós ser essa a condição em que melhor se capta um objecto evanescente, assim como a violentação do objecto que o olhar retiniano sempre constitui? Não conheciam os antigos os perigos desse olhar despuorado?

Karl Pribram refere-se ao facto do olhar retiniano, focal, induzir uma transformação do objecto de acordo com o modelo da quadrícula cartesiana (de abcissas e ordenadas), à semelhança da fotografia que faz corresponder um ponto da objectiva a um local específico da película fotográfica. Produz-se então fragmentação, imobilização e ordem local, mesmo que à custa de uma desordem (ou desentendimento), da ordem ilocal que subjaz ao objecto.

Este exemplo reflecte bem a natureza do pensamento sensório-perceptivo, esta é a natureza do *orgão da visão*. A emergência do heterogéneo-dividente e da lógica aristotélica é desde logo evidente.

Quando este autor reflecte sobre a distinção entre os registos sensório-perceptivo e mental uma outra demonstração se obtém. Refere-se Pribram ao facto de certos místicos se tentarem cegar olhando fixamente para o sol, como renúncia à dependência da realidade exterior e desenvolvimento de uma visão interior. Ironiza sobre o facto de que a cegueira ocorre não nestas condições, mas sim quando pessoas olham para eclipses solares.

Duas conclusões se impõem, a primeira a de que o olhar oblíquo deixa entrar muito mais luz, aumentando a pregnância do objecto; a segunda, bem mais trágica, e conforme à conclusão de Bion, a de que não dispomos de instrumentos aptos à apreensão do real e da verdade, mau-grado a nossa apetência.

Trágica condição esta em que qualquer olhar permanece violentador do objecto ou por este é violentado. Condição de quem permanece separado do amado por uma finíssima linha de luz, e de quem pelo encontro do amado é perturbado.

C e M oblíquos ou oblíquados olhares. Como poderemos então ainda defender que o olhar científico seja naturalista, ou que mesmo sobre o objecto se possa deter (sem que se cegue ou o fragmente, defensivamente, acomodando-o ao seu reticulado de análise)?

Mais realista será perceber a natureza metafórica e poética de toda a experiência humana. Uma **concreta irrealidade** como lugar e condição do humano, como a natureza do *orgão da mente* e de seu funcionamento.

O homem como ser indizível porque apenas existente em devir, em identificação-projectiva, ou seja, em transferência, para retomarmos o ponto de partida destas considerações.

Ordem poética e identificação-projectiva, fenómenos que tal como a comoção estética não ocorrem nem no objecto nem no observador, mas algures em ambos - o que para o caso é o mesmo que dizer *nenhures*. Como demonstra I. Matte-Blanco (1988), estes conceitos quando representados na quadrícula cartesiana implicam uma *representação por vectores simetrizados*, o que é incompatível com a noção de vector (pelas suas noções implícitas de *espaço* e *processo*, decorrentes do modo **assimétrico**), e com os axiomas que originam este espaço de representação.

Percebe-se a inquietude gerada pelo conceito de identificação-projectiva, *um processo que não ocorre entre espaços e uma transformação que não ocorre num tempo* (relembre-se a formulação de Stig Dagerman). Pensamento violento, violência que se desenvolve sempre que um objecto se aproxima do vértice C no seu estado de coisa. Situação de perturbação que revela bem a inaptidão deste vértice a lidar com os objectos e a sua inelidível pertença ao universo dos nomes, das *não-coisas*, contrariamente ao que os seus adeptos pretendem fazer crer (e provavelmente até acreditam).

O equívoco entre a natureza do pensar e a sua simulação através de um consumo voraz de estimulação na esfera do sensorio-perceptivo, fazendo crer que o que se vê são objectos naturais, e não objectos criados na organização lexical e sintática do observador, aclara a pestilência e a suspensão da função de pensar existente no pensamento dito científico.

A violência que a aproximação de um objecto não-metabolizado, um objecto natural ou *coisa*, suscita no vértice C, deveria aclarar sobre a natureza da duplicidade essencial da linguagem; de como esta é estéril em si própria (porque o língüajar do *orgão da visão* é estranho ao falar do *orgão da consciência*), e de como só pode ser veículo do pensar através da dissolução das suas entidades assimétricas no interior das nebulosas associativas e simetrizantes com que labora o vértice P, evidenciando-se *como significa*, sobretudo, *através do que escapa à designação concreta, por uma obscura intuição da imanência do significado* - que **evidentemente** só pode ser interno ao sujeito, implicando que todo o conhecimento é conhecimento de si-próprio, autobiográfico, e logo, **simultaneamente**, local e ilocal, regional e universal.

Doutro modo não podia sequer constituir-se uma *narrativa*, entidade que não é do domínio da percepção das entidades morfo-sintácticas mas de uma imaterialidade significativa que do seu conjunto emana, embora não lhe seja redutível. Entidade que implica uma permanência virtual de toda a cadeia de significantes num presente não momentâneo que se poderia designar como *um fragmento de presente-eternalizado*

(novamente uma figura dupla, bi-modal).

Igualmente não será por acaso que D. Meltzer tanto se refere à experiência estética como o contexto em que se gera o humano, através de uma misteriosa função definida por um obscuro conceito vazio que nada significa, a **função alfa** [f(α)].

Eis a distinção entre uma formulação poética (conflito estético), e uma formulação mística (f(α)), a primeira significando por recurso nebuloso a uma entidade não dizível, que se consciencializa numa misteriosa penumbra, a segunda, num excesso de luminosidade não podendo ser entendida e nada significando, mas nela podendo-se, ou não, estar e laborar.

O humano revela-se sempre como *não do domínio das coisas*, quer este seja definido por **C**, a realidade, a lógica do sensorio-perceptivo, do *orgão da visão*, pela imposição de descontinuidade nominativa; quer este seja definido por **M**, a transcendência, o homogéneo-indiviso, indizível e informulável, apenas magnífica e simplesmente existente existência da *coisa-em-si*.

O Humano manifesta-se sempre como o *sal da terra*. Expressão de profundo significado no interior da tradição alquímica. Nesta é sempre através de um *sal* que se viabiliza a interpenetração de um *volátil* e de um *fixo*. O Humano surge como o local de máxima expressão da duplicidade original, da antinomia fundamental, local onde se podem encontrar e mutuamente fecundar ambos os modos, gerando superação de si-próprios, *quintessência* ou *unidade trinária* (na tradução cristã). Local de turbulência perpétua pelo jogo infindável de *fixação-do-volátil* e de *volatilização-do-fixo*, em que **P** assegura, pela distância metafórica, a protecção do continente e do conteúdo, afirmando a vitalidade e a essência da condição humana.

Maravilhoso e trágico local de perpétua fecundação e traição é o do homem; as coisas, o que *existe* e o que *é*, o real e a realidade sendo-lhe sempre adversos. Uma elaboração no vértice **M** poderia socorrer-se da expressão do místico, *a mente rápida é louca, a mente lenta é sábia, a mente parada é Deus*, que se pode tomar como ilustrando **C**, **P** e **M**, sucessivamente.

C, o volátil e separador, o projecto prometaico do homem em desobediência - vejam-se as interpretações de Amaral Dias sobre o pecado original e de Bion sobre a violação dos túmulos de Ur, como o desejo de superação e ultrapassagem das limitações *daquele que se é*, e suas contrapartidas antinómicas nas formalizações de Meltzer, denotando a caracterização invejosa e agressiva da apropriação prometaica - puro fogo e dissolução, cuja dependência da permanência transcendente, o atraiçoa na sua voracidade de transformação, encerrando-o no interior de unidades imobilizadoras (conceitos), que o enlouquecem face à sua aspiração de totalidade, como martírio da sua anástrofe (recorde-se a fala de Baphomet).

M, anulando-o na quietude do que é, puro espírito de insuportável luminosidade, pela regressão antinómica surgindo a **C** como pura terra, dissolvendo e imobilizando a transformação contida no projecto prometaico de afirmação mas, paradoxalmente, fornecendo-lhe a substância (veja-se o conceito de *objecto-antecedente-da-identificação-primária* de J. Grotstein).

Resta ao homem o campo da trans-formação metafórica e poética, **P**, campo de exercício de volúpia e como esta exigindo a lentidão necessária à formação do afecto; uma infinita reverberação de sensações no interior de um espaço trans-formativo (bi-modal). Exíguo espaço para quem não tem fé, imenso para quem a tem. Espaço de conturbada e sempre catastrófica expressão de violentos esponsais, como narra a tradição alquímica. Espaço poético, nem puro fogo nem puro espírito, *impuro bafo*, pura e imaculada expressão do humano.

Cabe um prémio ao paciente e atento leitor de formação científica que tenha detectado a incongruência contida na admissão de inexistência dos objectos de que falaria a meta-psicologia, assim como a pouco clara utilização do conceito de *realidade*, usado sucessivamente no contexto de **realidade em si** (real), de **realidade perceptiva**, como realidade psicológica ou conceptual, e de **realidade humana** ou poética.

Como demonstra D. Bohm, afirmar-se que o homem não tenha acesso à realidade é pelo menos simplista. Realmente *aquilo a que o homem tem acesso é tão só à realidade*. O termo *realidade* deriva de *rés*, aquilo que é tangível, o que a mão toca; então como afirmar que isso não é real para o homem ou que este lhe não tenha acesso?

Por outro lado a realidade transcendente, ϕ , é-lhe não só inacessível como igualmente adversa, sendo no entanto óbvio que seja o que for que ali exista - antes da transformação sensório-perceptiva ou conceptual, ou antes da trans-formação poética - existe, é e é **real**, independentemente do sujeito.

A questão deve pois ser posta ao contrário; como se criará o limbo do humano fora da realidade em si, entre o real e a realidade? O que não pode ser respondido, pois que a resposta ao tornar-se real - quer ao ser dita (**C**), quer ao ser formada (**M**) - será ou falsa ou imperceptível, escapando-se-lhe a essência do humano. Mas que o sensório- perceptivo é inconsciente (não significa), fora da palavra, e que esta não significa fora do campo da não-palavra (do relacional), mostram-no o autismo, a psicose e as psicoses encapsuladas da organização caracterial e da estrutura psicossomática. E que as operações de um grupo não têm acesso à totalidade do grupo sem a trans-formação do mesmo, mostra-o a Teoria dos Grupos.

Tristes e pestilentos tempos correm na psicologia; uma traição epistemológica

ocorreu quando a meta-psicologia se psicologizou e adoptou o vértice naturalista do discurso científico que sabe e deseja, intervém, ordena e recupera. Uma coisa fascista. Uma coisa que vê com os *olhos dos olhos sem consciência de si*.

Eis a trágica condição e a insustentável inefabilidade do humano.

IV

DA ANTINOMIA FUNDAMENTAL À REGRESSÃO ANTINÓMICA

IV. 1.

A DUPLICIDADE IMANENTE DO PENSAR

É curioso notar que nem Bion, considera a *alucino*se como expressão patológica ou discurso estranho ao normal, nem Matte-Blanco, considera as entidades *bi-lógicas*, alienígenas ao pensar normal. Ambos expressam a ideia de que são habituais, comuns mesmo, encontrando-se usualmente camufladas sob a actividade conceptual assimétrica (para formar uma expressão comum a ambos).

Neste sentido Bion, quando trata a *alucino*se, vai um pouco mais longe, referindo-se explicitamente às suas semelhanças com o discurso matemático, que igualmente se executa na ausência dos objectos e por estes parece perturbado. Do mesmo modo intui a dinâmica emocional que preside à saturação do pensamento na situação de *alucino*se, e o torna estéril para o livre-jogo da trans-formação, inepto para lidar e aprender com a experiência, imobilizado na gélida perfeição da *pregnância* de uma *gestalt*; pela fascinante perfeição de uma forma definitivamente fixada, encadeante e hipnótica para o sujeito como a luz para a borboleta. E igualmente letal.

Consequentemente o autor distingue entre o *desejo-posse*, voraz e fagocitante da mente (própria e do outro), ligado aos aspectos sensíveis da experiência e à memória - à resolução da angústia da ideia frustrada pelo reencontro do objecto da satisfação *alucinatoria* - e o *desejo-desejo*, *desejo-futuro* por oposição ao *desejo-posse* (um *desejo-passado*); um desejo que aceita ϕ , a ausência, e por isso livre para a criação, a trans-formação e a aprendizagem. É agora evidente a divergência relativamente à teoria do pensamento de Freud, caracterizada pelo modelo do *desejo-posse*, *desejo do passado* (e por extensão a uma concepção associativista do pensar e a um

procedimento terapêutico de base hermenêutica), tornando-se mais clara a natureza progressiva e criativa do pensamento humano e, pela primeira vez, desenhando-se uma alternativa convincente de resolução do apelo da *pulsão-de-morte* que não a tenha de denegar. Igualmente se evidencia o suporte deste processo de aprendizagem, a que corresponde a noção de desejo-futuro, como emocional, e não lógico. Emoção a que, com Bion, poderíamos designar de *Fé*; único modo de em tranquila confiança se poder contemplar o desconhecido, sem necessidade de o ocluir e regressar à tranquilizante evidência do familiar.

I. Matte-Blanco, um génio menos disruptivo, serena-nos, serenar-nos-ia, com a afirmação de que as duas modalidades componentes do desejo, e logo do pensar, marcando a duplicidade destes processos constituem um claríssimo exemplo da antinomia fundamental. O autor destas linhas serena-se ao considerar ter uma vez mais demonstrado a duplicidade do humano - e por extensão a de ϕ , pelo menos a do ϕ do humano.

É pois sobre o paradoxal facto de cada um dos modos lógicos, **Simétrico** e **Assimétrico**, que caracterizam os modos fundamentais do ser, o *homogéneo-indiviso* e o *heterogéneo-dividente*, apenas se poder expressar, viver e manifestar, através do outro, a duplicidade de ϕ , que me irei agora debruçar.

Já há muito, logo no início da fundamentação matemática que viabilizou a psicologia científica, a **duplicidade** - esperançada e protegendo este novo saber - se manifestara, buscando um pensador.

Nesses tempos em que a psicologia ainda era curiosa, a sua manifestação chegou mesmo a obter um nome. Com efeito Sir Francis Galton observou (Cf.: I. Stewart, 1989, cap. I), *que os filhos dos homens altos eram mais altos que os filhos dos homens baixos, mas mais baixos que os seus pais - tendendo para o valor médio da população - tal como os filhos dos segundos, que embora sendo mais baixos eram mais altos do que os seus pais*. E a isto chamou Sir Francis Galton o belo nome de **Regressão**; *uma tendência natural dos números da segunda geração para caírem para o valor médio da geração anterior*. Assim se inventou o cálculo de regressões, permitindo a obtenção das hipérboles que organizam uma matriz de dados aleatórios - e que hoje permite fazer-se investigação sem hipóteses, o que não seria mau em si, não fosse a estupidificação resultante do facto de este tipo de investigação nada mais ser do que a repetição da sensorialidade do observado, sem abstracção, nem ganho gnoseológico, dada a ausência de uma relação mística com a matriz de números. Relação que permitiu a Galton intuir a ordem emergente do Caos matricial das manchas de distribuição que observava, *em puro Acto de Fé*, através de uma *reverie* que organizou o bombardeamento sensorio-perceptivo produzindo um nome.

Se é a natureza da relação com o número que permite a sua elevação de signo a

símbolo, de cifra a elemento propício a ser pensado e a re(a)presentar, e que outorga inteligibilidade ao método, então percebe-se porque hoje em dia tanta investigação sofisticada não pode passar, e não passa, do plano descritivo, pura replicação e sujeição ao real, (máxima das ironias para quem o pretende dominar), implicando a falha na obtenção de entendimento dos fenómenos implícitos que aguardam trans-formação por parte de um pensador bondoso, esperançados em aceder à condição de pensamentos (de fenómenos em vias de auto-consciencialização).

A esterilidade deste tipo de investigação, e por extensão de grande parte da psicologia actual, deriva da lógica do sensório-perceptivo que concebe, na sua ausência de atitude de Fé, o pensamento humano como uma actividade de *processamento-de-informação* - de acordo com a clássica distinção entre *espírito* e *matéria*, hoje representada pela distinção entre *software* e *hardware*. Consequentemente é ainda considerado que esta actividade do espírito se desenrola de acordo com a via lógico-dedutiva, demonstrando-se a redutibilidade da indução a um processo dedutivo em que os elos intermédios são omitidos.

Ora o método lógico-dedutivo caracteriza-se por um pensamento de tipo silogístico que como é sabido possui a especificidade de suas conclusões se encontrarem incluídas nas premissas, por esta relação de inclusão definindo-se o critério de validade da conclusão obtida. É então evidente que este método permite **transformar**, explicitar informação implícita de uma forma mais evidente, e **demonstrar**, mas não **Trans-formar**.

É também evidente que a história da humanidade está bastamente recheada de momentos de pura criatividade; de pensamentos que ultrapassam a experiência e posteriormente a organizam, fora dos modelos dedutivos e de processamento-de-informação. Processos de *reverie*, que Trans-formam em Acto de Fé, resultando em criação de **novidade não suportada**, e que se legitimam pela **evidência** (a marca da verdade em Rousseau e em Husserl), e **beleza** (a marca da verdade em Keats), pela sua **capacidade de organização e significação da experiência**, como definiu Bion, embora nada nesta os fizesse esperar ou logicamente sustentasse.

Pensamentos cuja aplicabilidade revela *à-posteriori* a verdade que contêm, a qual não pode ser encontrada *à-priori* em premissas - que nem sequer se chegaram a formar.

Foi assim com Galton e a ideia de *Regressão*, foi também assim com Newton e a ideia de um corpo livre de atrito e campo gravitacional, um corpo em movimento uniforme, entidade quer na sua época, quer na nossa, nunca observada. Resultados de operações em Acto-de-Fé que permitiram estabelecer alguns dos mais poderosos esquemas de pensar existentes. O mesmo parece ter ocorrido com Einstein e Freud, ambos inamovíveis e convictos da sua verdade, da realidade das entidades virtuais a que se referiam, inexistentes para os outros sistemas de representação mas dotadas de

concrecibilidade no interior de suas convicções. Sistemas inovadores, intuições (*reveries*) que Trans-formaram a realidade permitindo a emergência de novas entidades no plano do conhecimento, **na realidade encontrando comprovação, mas dela não derivando.**

Freud na carta a Fliess de 20 de Outubro de 1895, ilustra o carácter de revelação que assume o pensamento humano criador e sua natureza pro-activa:

"... Une nuit de la semaine passéé où j'étais à la tâche, en proie à la douleur avec ce degré d'excès qui permet à mon activité cérébrale d'atteindre l'optimum, **les barrières se sont levées tout d'un coup, les voiles se sont abaissés**, et l'on pouvait voir à travers aussi bien les détails de la névrose que les conditions nécessaires à la conscience. Tout semblait se tenir étroitement, **le rouage fonctionnait, on avait l'impression que la chose était maintenant véritablement une machine et qu'elle irait bientôt de soi.** [...] - Tout cela marchait, tout cela marche encore! Je ne me tiens naturellement plus de joie." (in K. Pribram, e M. Gill (1976), p. 13. Sublinhados meus).

É por esta forma que Freud se refere, como a uma iluminação, à sua nova teoria, descrevendo a nitidez, completude e subitaneidade, acompanhadas de elação e presciência, **como se em pura revelação um objecto se lhe apresentasse mais do que por ele tivesse sido construído** - no caso trata-se da concepção do *Projecto de Psicologia Científica* que superou o conhecimento da sua época, não podendo, segundo M. Mancia (1987), dele ser derivado; assim como antecipou várias realizações posteriores da neurofisiologia e da teoria da informação. Note-se que as vivências emocionais descritas são passíveis de aplicação à transformação em alucinação.

As formulações, Trans-formações, produzidas pela *reverie* em Atitude-de-Fé, constituem a essência do pensar humano e seu modo de operar; não encontram a sua fundamentação em informação, sendo inatingíveis pelo seu processamento ou desenvolvimento dedutivo, antes se realizando por um obscuro e indizível processo a que se convencionou chamar $f(\alpha)$.

Esta é a natureza da inteligência humana, na sua duplicidade de **inter-ligar** e de **separar** (*pôr entre*, com seu radical *inteligere*), mostrando a sua transcendência - um processo que é uno na divisão - e que escapa ao plano do processamento de informação (na raiz *intelectu*, participio passado, indicando uma operação centrada sobre o passado e já estabelecido, como memória e iteração no lugar da novidade e da criação), de manipulação de símbolos, em que a unidade se perde na divisão, na imobilidade do que existe, dos conceitos, resultando em frenética e infrutuosa actividade - anástrofe.

Uma vez mais se observa que o entendimento deriva não do que é mas do que não é (ou do que é para além). O processamento e a sua dependência do sensorio-

perceptivo, de entidades fixas físicas ou conceptuais, pertence ao domínio da visão do *orgão-de-visão* caracterizando-se por não-aprendizagem e ausência de consciência. Distinta é a visão do *orgão-da-consciência*, transformando-se pela experiência e, por sua interior-recriação, dela se indo libertando (da própria lei da morte, como expressou Camões).

Claro que se a minha tese sobre a duplicidade do pensar fôr correcta, então incongruências devem ser detectáveis no interior do paradigma do processamento-de-informação. Aponto duas, a primeira é de que ele concebe a informação como *realmente existente* - porque se coloca no plano do que é sensorialmente - quando é evidente que ela nunca foi observada, os rótulos (*tags* ou *nomes*), não se encontrando disponíveis na natureza, como maçãs em árvores. Eles próprios já produção do sistema "*leitor*"; teremos que concluir em contraponto. A segunda a de que os processos de pensamento do homem não correspondem a modelos de processamento eficiente de informação de um ponto de vista lógico, esta evidência é tão forte que os sócio-cognitivistas atentos concluem já por "*Faz aquilo que eu faço, não faças o que eu digo*", título de uma comunicação no III Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (Lisboa, 1992), embora a ausência de Fé não lhes permita ultrapassar o impasse em que tal os coloca, pelo que tendem à manutenção da atitude inversa.

Um sistema lógico-dedutivo que processe informação pode tornar-se um sistema pericial, mas os próprios informáticos percebem a diferença entre um sistema pericial (de processamento e decisão algorítmica), e um sistema inteligente (de criação e revelação). Encontra-se também demonstrado que um sistema de processamento de informação, não poderia ser adaptativo para a espécie dada a lentidão que o caracteriza, questão que no interior do paradigma de processamento de informação é resolvida através da atribuição de uma conotação negativa à ideia de que a *orientação da acção se baseia em crenças, valores e atitudes mais do que em informação*.

Por outro lado os comportamentos especificamente humanos, que nos distinguem de um antropeide mais sofisticado, revelam a duplicidade imanente e uma não conformidade a uma atitude de processamento. Refiro-me aos comportamentos relacionados com o prazer, injustificada e esbanjadora actividade que não visa à perpetuação da espécie, puro luxo que nos distingue do nível auto-replicante que caracteriza a atitude ecológica e etológica das outras espécies (é evidente a perturbação *ecológica* que os comportamentos de prazer provocam, através daquilo que para o espírito puritano é apenas espúria delapidada de património e energia).

Consideremos uma das mais sublimes realizações cognitivas do homem, o cómico; como Freud demonstrou este surge à consciência já finalizado (Freud, 1905); como é da nossa experiência sempre que necessitamos de explicar uma anedota, de a decompor nos seus raciocínios constituintes, explicitando a informação com que trabalha, o efeito cómico perde-se, escapa-se como se se tivesse volatilizado e já **não pode ser recomposto**. Uma evidência de que não procede do plano de processamento

de informação.

Consideremos *o jogo*, outra das mais prodigiosas actividades humanas; tal como apresentado por Sami-Áli constitui *um equivalente onírico*, nele se encontrando como essencial *a realidade de uma coisa que não é*, e que nesta aparente paradoxalidade se caracteriza.

Veja-se o jogo do *Monopólio*, é uma actividade desinteressante de fazer trocas constantes de notas, torna-se interessante (pelo que não é), quando o jogador *alucina* que compra e detém realmente cidades e poder. Interesse que só pode desenvolver-se porque *não é*, pois se o jogador fôr à falência não se arruina realmente.

Considere-se o prazer de um rapazinho que empurra uma miniatura de automóvel, é uma actividade motora relativamente desinteressante, torna-se muito excitante, quando a criança se imagina realmente conduzindo o carro do seu interior, sentindo a velocidade, vendo a paisagem do ângulo do condutor, experimentando o perigo. Uma vez mais tal só pode ser feito porque *não é*, porque não ocorrerá nenhum transtorno se o carro se despistar ou capotar.

Todas estas actividades, especificamente humanas, revelam uma natureza dupla, que as viabiliza e sem a qual não se podem desenvolver. Assim se percebe porque a criança e o adulto psicóticos, *presos daquilo que é*, não podem jogar. A ruptura da duplicidade antinómica fazendo-os crer que o desastre no jogo se torne um desastre pessoal real.

Aquilo que é, as premissas e a informação, não justifica e não suporta estas actividades mentais características do humano.

Evidentemente a informação é (pelo próprio paradigma em que se move), e os exemplos acima descritos, mostram a proximidade do pensamento conceptual com a clivagem e a sideração psicóticas (a sua relação com a pulsão-de-morte, como intuiu Klein). Perceber-se-á agora melhor a estreita relação do pensamento com a alucinação e a permeabilidade ou comunalidade entre ambos já referida.

O que os poderá então distinguir, o que separará a transformação criativa e verdadeira, do engano e da falsa percepção delirante?

Só poderei responder obliquamente; creio que a distinção resida no padrão emocional que subjaz à transformação; em Acto-de-Fé, a bondade, e logo a confiança e tolerância ao desconhecido, fazem com que um conteúdo se transforme **por** e **num** continente simbiótico, resultando em crescimento e revitalização, enquanto que na alucinação ou percepção delirante, o domínio da agressividade, e sua exigência implícita de fixação (designação) - de um perseguidor objectivo que possa ser aplacado - resulta no fechamento claustrofóbico do conteúdo no interior de um claustro

asfixiante e devorado/odiado. Ambos mutuamente desejando excluir-se, vigiar-se e controlar, donde a imobilização e sideração de um conteúdo, que se torna tão denso que constroi um objecto onde não está nenhum, tornando-se **uma coisa que é, mesmo**, e cujo encontro provoca a estranheza que o inumano sempre suscita.

A proximidade e a dívida do pensar e do humano para com os mecanismos de clivagem são também evidentes quando se tem em conta a natureza discriminativa da conceptualização. O radical *inteligere*, significa *pôr entre*, quer isto dizer que onde outrora existia um campo uno e indiviso, se vislumbram agora diferentes entidades, **resultantes da sua partição.**

Por outro lado são também da natureza da clivagem duas das operações essenciais à constituição do humano, a saber a clivagem *gestaltica* **Eu-outro**, através da qual o processo de individuação se inicia, e a clivagem propulsiva **Bom-Mau**, que dinamiza e orienta o desenrolar deste processo. As patologias simbióticas e confusionais ilustram a severidade da perturbação decorrente da incompletude destas clivagens iniciais, e devem fazer-nos pensar na dupla condição necessária ao processo de humanização, impedindo-nos de difamar os processos de divisão e repondo-nos no original da contribuição de M. Klein, ao descrever duas **posições**, atitudes ou conjuntos de mecanismos básicos de funcionamento mental, **ubíquas na vida do sujeito** - posição mais tarde reforçada pela expressão de Bion (Ps↔D) - como a natureza do funcionamento mental, evitando-se a queda para o revisionismo e a falsificação contidos nas expressões *fase esquizo-paranóide* e *fase depressiva*.

IV. 2.

SER E EXISTIR

Revisitemos o conceito de **Regressão** em Galton. Se a minha hipótese sobre a origem intuitiva desta descoberta (um acto-de-Fé ou realização em vínculo **M**), fôr correcta, então este conceito deve ser apto a expressar a natureza dual, divisa e indivisa, assimétrica e simétrica, de ϕ , inscrita em todas as coisas.

Considerando a sua definição vê-se que assim é, com efeito esta definição ilustra a irreduzibilidade de ambos os modos de ser (*pais baixos* e *pais altos*) os quais se interpenetram e infiltram no contrário (*os filhos mais baixos dos pais altos*, e *os filhos mais altos dos pais baixos*), contribuindo para a harmonia do humano; e do universo - creio.

A relação mística de Galton com o seu trabalho não só o levou a antropomorfizar

as entidades numéricas com que lidava, como lhe permitiu obter a genial intuição contida no conceito de *Regressão*, evidenciando o invariante que subjaz e preside às transformações por si observadas. Este invariante toma a forma geométrica de uma **hipérbole**, por este motivo considere o seu homónimo gramatical, como designando as mais sublimes realizações do vértice **C**; designação que logo evidencia como o significado que preside à construção dos significantes em **C**, a estes escapa continuamente, sendo de uma qualidade outra. Nos termos de Bion estranheza e alteridade representando a tolerância ao *não-seio* e ao *não-saber*, à ϕ , sem a qual o discurso racional se torna louco, por saturação da parte insaturada da pré-concepção (ξ), regredindo à condição de *alucinose* ou *discurso mítico* ($\psi \xi$), e *mentiroso* (**-K**), nada significando no seu voraz desejo deicida de ser onnipotentemente o significante e todo o significado. Ora se a unidade do-que-é não contempla o registo fraccionário e assimétrico em que a significação se move, conclui-se que toda a significação nestes termos realizada seja **bizarra**. *Tolerância e Invariância* são conceitos que discutirei no capítulo **P**, mas que aqui desejo indiciar na sua relação com a possibilidade de significar por parte do humano.

Esta capacidade embora se utilize das concretizações **C**, como forma de se desdobrar e evoluir, é-lhe oblíqua como a tangente que organiza uma hipérbole relativamente às entidades concretas consideradas.

Assim se manifesta a antinomia fundamental e é preservada uma dupla dinâmica (ϕ - σ) entre os modos fundamentais PS e PD (ou assimétrico e simétrico), gerando a dinâmica (PS \leftrightarrow PD), em que cada um dos termos pode funcionar de continente ou conteúdo relativamente ao oposto.

O descrito corresponde à dinâmica propulsiva e frutuosa do crescimento mental, permitindo a ocorrência de *invariância*, *violência* e *subversão* os componentes da mudança catastrófica associada a toda a realização assimétrica de ϕ (à transformação de *Ser* em *Existir*), sem que o processo decaia em catástrofe ou em anástrofe (bizarra existência, uma inexistente existência que corresponde aos conceitos de *objectos-bizarros* de Bion, e partes *Zombie* da personalidade de H. Rosenfeld).

A produtividade possibilitada pela análise da definição galtoniana de regressão prova, em minha opinião, a verdade da formulação, sendo a sua marca a benignidade revigorante para com o processo de pensar decorrente do seu encontro.

O mesmo efeito se pode obter a partir do estudo dos outros dois conceitos biológicos referenciados, o de *Transferência* e o de *Identificação-Projectiva*, ambos nos permitindo as mesmas derivações e compreensões. Conceitos não redutíveis a **C**. incomportáveis para a lógica assimétrica, porque contendo em si a infinitude do infinito de que derivam. Conceitos que não assassina o objecto no acto de nomeação - sinalizando-se como conceitos *vazios* e *duplos* - revelando como o pensar sempre que

se aproxima do não-saber, se torna uma expressão de vida, um verdadeiro *instinto epistemofílico*, e não a expressão da clivagem organizada pela obsessão e triunfo maníaco do saber, seus contrapontos respeitantes à inscrição do pensar no manejo da pulsão-de-morte. Pensar estéril e esterilizante, que devora e claustrofobiza, esgota e imobiliza a vida; alucinose, mentira e cinismo sendo os seus sinais, expressão de morte a que obviamente já não podemos considerar como pensar.

O respeito da duplicidade fundamental replica a vitalidade original da coisa-em-si, ϕ , tornando estes conceitos estruturas isomórficas e equipotentes, representações fractais, de um universo fractal, dividido e uno simultaneamente, no todo e em cada um dos seus espaços, fora da causalidade de baixa dimensionalidade - porque o uno labora em repouso - colocando-nos no reino da ilocalidade, em que a transmissão de informação, não ocorre por transmissão, mas por desdobramento da infinitude mantida em qualquer forma/ponto. A comunicação concebendo-se como desenvolvimento sincrónico de duas formas, unas além da sua especificidade e entendendo-se sem comunicar, apenas sendo e em repouso co-operando.

A anterior demonstração sobre a natureza dual do pensar e da possibilidade de significar, em respeito pela Antinomia Fundamental, é realizada por Matte-Blanco ao analisar o pensamento conceptual.

Assim, no interior do modo assimétrico, no seu núcleo duro, o pensamento categorial, manifesta-se uma quantidade de simetria, que lhe é estranha, mas sem a qual este se torna inoperantemente louco. Esta consiste no facto de um determinado conceito tornar idênticos todos os elementos da classe que designa - embora estes não o sejam - produzindo simetria paralelamente à obtenção de assimetria e discriminação. Verificação igualmente feita, e alguns anos antes, pelo fundador da psicologia social europeia H. Tajfel (1981), e ampla e profusamente estudada por miríades de investigadores sob os títulos de *Enviesamentos Catoriais*, *Formação de Estereótipos*, *Esterilidade Perceptiva*, *Prototypicalidade* e *Heurística* de uma representação; notáveis realizações em C, mas a que a falta de M não permitiu aceder, como no caso de Matte-Blanco, à formulação de uma entidade supra-sensível como a **Antinomia Fundamental**; enleando os seus autores nos paradoxos que a duplicidade provoca nos espaços de baixa dimensionalidade e assimétricos, onde a psicologia social se move, com conseqüente restrição de compreensibilidade do que prefiguravam.

Verificações que realçam como a ausência de simetria no núcleo do pensamento assimétrico, o torna estéril e louco, desenvolvendo uma infértil profusão de significantes assinalando a improfíqua e desesperada tentativa do modo assimétrico-dividente em lidar com a profunda perturbação da infinitude que a simetria contém e lhe coloca - tal como por exemplo, se observa na proliferação obsessiva como forma de lidar com a natureza simétrica, homogénea e indivisível, da emoção através do modo assimétrico dividente.

Evidências de como as transformações em **C** não permitem a realização da natureza de ϕ e a obtenção de compreensibilidade. De como a imobilização alocativa necessária ao pensamento categorial e causal compromete o pensar ao obstruir a percepção da duplicidade da dinâmica implícita que o gera, e que sendo na sua infinitude (dimensional e atributiva), impensável, se escapa à apreensão assimétrica surgindo-lhe como *não ser*, apavorando-o neste prenúncio de sua realidade interna e lançando-o em anástrofe por perca da sua matriz de significação.

Não ser designa, aqui, uma existência incognoscível e irreduzível à assimetriação, em radical alteridade, em puro ser e imanência. Proponho pois que o **ser do modo assimétrico, seja designado por *existir***, uma vez que se refere à apreensão parcelar da *coisa-em-si* por um sistema de restrições necessário à organização de uma representação. Trata-se pois, no melhor dos casos, de **uma existência** num contexto, num sistema referencial externo, e não de uma pura emanção da Coisa-em-si.

É agora mais notória a natureza da imposição que faz com que uma coisa exista no modo assimétrico, e como a intolerância à admissão das manifestações da Coisa-em-si, para além do campo de existência que se lhe encontra reservado na parte saturada da pré-concepção, atesta de uma violência herdeira de uma perca de confiança básica no mundo e no relacional. De uma falência da bondade que no humano atesta sempre da qualidade das relações e dos objectos internalizados, abrindo a via à percepção de que o próprio se define essencialmente pelos outros que o habitam, em duplicidade irreduzível a *ser* e a *existir*.

Eu enquanto *mim de outro*, como o *bebé de sua mãe*, que aceita ser *alfa-betizado* pela *reverie* materna; um *ser* que se manifesta e afirma pela abertura ao *não-ser* (ao que não é), condição de desenvolvimento da sua auto-consciência, como expressão de humanização e coexistência da duplicidade fundamental em frutuosa relação.

Ilocalidade e Geometria Fractal como realizações **hiperbólicas** de **C**, *perca de benignidade* como realização **parabólica** de **P**, no limite tendendo a encontrar-se, mas mesmo aí incomensuravelmente distantes por sua diversa qualidade emocional e composição antinómica.

O discurso hiperbólico e o discurso poético, a parábola, como as mais sublimes realizações de **C** e **P**, tendendo a facilitar o acesso ao vínculo místico, à experiência de ser. *Hipérbole* e *parábola* duas abordagens oblíquas do real, distinguindo-se pela maior proporção de assimetria, na primeira, e de simetria, na segunda.

IV.3.

SIMETRIA E ASSIMETRIA

Que o modo simétrico apenas seja visível e ganhe existência, para o observador *científico*, através da indiferenciação, ou generalização, de categorias pré-existentes - pelas suas violações à lógica aristotélica que preside à construção das entidades assimétricas - deve-se à dependência perceptiva e às restrições do observador, que apenas por estas infracções o consegue detectar no seu *imóvel labor*, e não a uma natureza intrinsecamente infractora ou violenta deste. O mesmo já tinha sido descrito por A. Ehrenzweig em *A Ordem Oculta da Arte*, ao referir que o processo primário é auto-organizado, e que o seu aspecto aleatório deriva da inadequação e incompreensão do processo secundário sobre os seus produtos. A uma perturbação da sua conjugação dada a violenta imposição de ordem (assimétrica), pela consciência; provas da sua capacidade organizativa seriam o sonho, o chiste, a livre-associação, a arte e o jogo (os equivalentes oníricos já referidos, em que predomina o processo simétrico, que caracteriza o inconsciente, segundo Matte-Blanco).

No já citado trabalho de G. N. Reeke e G. M. Edelman (1988), a sua máquina Darwin III ilustra com elegância as ideias em discussão. Os dois sistemas básicos componentes da máquina designam-se respectivamente, por Wallace e Darwin, o primeiro procedendo a reconhecimento através de continuidade e agrupamento, o segundo através de emparelhamento perceptivo (*Matching*).

Analisando as capacidades destes sub-sistemas observa-se que uma vez isolados ambos são incapazes de reconhecimento. Wallace não acendendo à percepção da especificidade de uma entidade, o que pode fazer é reconhecer a sua familiaridade com um grupo previamente definido; em última análise reconhecendo este grupo (ou num extremo, que não ocorre, a similitude de um objecto com uma classe). Darwin não pode re-conhecer porque preso da pura especificidade de identidade perceptiva do percepto actual, não pode aceder numa repetição, ao reconhecimento de sua identidade com uma sua anterior detecção; logo podendo perceber mas não (re)conhecer o objecto.

No entanto uma vez integrada a informação de Wallace e Darwin, o Darwin III pode realizar todas as operações básicas do pensamento inteligente - categorização, reconhecimento, generalização e associação. Surpresa que se intensifica quando se toma em consideração que *esta máquina não possui Software*, sendo auto-determinada.

Uma explanação mais completa das propriedades da máquina e da teoria de inteligência artificial que presidiu à sua construção pode encontrar-se no meu trabalho *A Broca na Mente* (Sousa Ribeiro, 1991). Desejo aqui apenas assinalar as semelhanças

destes sub-sistemas com a estrutura da Antinomia Fundamental que venho apresentando.

Observa-se que Wallace opera por generalização e simetria, enquanto Darwin opera por discriminação e assimetria. Mais importante para a presente discussão, *verifica-se a paradoxilidade de ambos os modos quando isolados*; que a generalização de Wallace produz o protótipo de invariância, de identidade através de uma percepção *parabólica*, e que Darwin na sua minuciosa fragmentação da experiência actual, perde a percepção da especificidade da situação. Que esta requiere efectivamente uma relativização, uma triangulação com o referente Wallace, do mesmo modo que a passagem do homem a um estatuto de humanizado. Darwin servir-nos-à como modelo de estudo da actividade mental no autismo, clarificando o que vimos dizendo sobre o funcionamento sensório-perceptivo.

Encontro-me na mesma situação que M. Feigenbaum quando apresentou a sua teoria sobre os valores universais em funções Caóticas (ver J Gleick (1987), p. 236), o matemático Mark Kac perguntou-lhe se pretendia apresentar números ou demonstrações, ao que Feigenbaum respondeu *mais do que números, mas menos do que uma demonstração*.

Mas se esta máquina, respeitando a antinomia fundamental, replica os processos cognitivos do homem, *sem nenhuma instrução para que o faça*, e se exemplos da duplicidade podem ser extraídos de áreas tão díspares como a psicologia, a matemática, a teologia, a literatura e a inteligência artificial, então a sua correlação ou convergência parece sustentar a presente tese, de acordo com o pressuposto que se o mesmo efeito é observado através de procedimentos diversos, seja de conceber que este efeito invariante é uma característica da coisa-em-si e não um efeito do ruído induzido pelo observador, sua metodologia ou sua teoria.

Um outro exemplo da antinomia fundamental e da co-presença, ou *regressão*, dos modos simétrico e assimétrico no espírito humano, pode ser encontrado na explanação realizada por D. Bohm (D. Bohm e D. Peat, 1987), sobre as duas concepções físicas da natureza, o modelo clássico de partículas (assimétrico-dividente), e o modelo de campo-onda (simétrico-indiviso), mas a contribuição específica deste exemplo vai mais longe como se verá.

Segundo Bohm os defensores do modelo de partículas recorrem às noções de fluxo e onda para adequar o seu modelo à explicação da luz, embora estes últimos conceitos sejam **incomensuráveis** com a axiomática do modelo de partículas e nela não encontrem sustentação. O mesmo se passa com os defensores do modelo de campo-onda quando comprovam os seus resultados através de modelizações sustentadas em entidades locais e isoladas, as partículas, embora estas também não encontrem lugar na sua axiomática. Efeitos catastróficos e paradoxais nos quais, como se esperava, a compreensibilidade surge pela *regressão* de cada modelo para o que lhe

é antinómico - pelo que não é - quando pela suspensão da sua *existência* abrem vias para a emergência do *ser* da coisa que falam.

Mas o mais surpreendente é o facto de um feixe de partículas se mover de acordo com um modelo de onda, e de um feixe de ondas compactado se comportar como um conjunto de partículas discretas; uma evidência da Antinomia Fundamental ao nível da constituição da matéria e do universo.

Poder-se-ia objectar à linha de argumentação que derivei da definição de regressão, que uma consciência infinita, Deus, poderia processar através do modo conceptual assimétrico, um problema de infinitas dimensões, realizações ou graus de liberdade, sendo no limite possível representar e processar entidades indivisas e ilocais através de processos e entidades fragmentárias e discretas. Julgo que pelo exposto se deduz que só o poderia através da sua natureza irreduzivelmente dupla e da unidade primordial destes modos em si próprios - raciocínio místico que igualmente não serve às necessidades de uma demonstração. *Não se trata pois de um problema de quantidade, mas sim de qualidade*, como Bion intuiu, **os modos de ser são qualitativamente distintos e irreduzíveis**, esta é a natureza da Antinomia Fundamental.

Como Matte-Blanco expressa a realização de um isomorfismo, necessária ao processo de generalização e abstracção, logo às mais sublimes realizações do modo assimétrico, requer a existência de simetria que equipare e englobe as duas, ou mais entidades consideradas. O reconhecimento de uma semelhança supra-sensível, de invariância, de uma forma ideal no sentido platónico, obscurecida pela multiplicidade derivada de sucessivas transformações Bi-lógicas, apenas por um raciocínio que as refunda, Bi-Modal, pode ser detectada.

Caos se gera pelo cruzamento de ordens limite, uma multiplicidade aparentemente confusa constituída pelas infinitas concretizações intermédias a estes limites. Confusão para o sensorio-perceptivo e para o observador àvido e intranquilo, fecundidade primordial para o pensador que pensa em tranquila e confiante atitude, em abertura à manifestação da singularidade na unidade. Caos como consequência do surgimento de ordem; ordem como consequência da fecundidade do Caos quando não obstaculizada - quando a inquietação paranoide impõe a defesa obsessiva, diríamos para utilizar terminologia psicológica.

Este é o ponto de partida de D. Bohm (1987; p. 55) sobre a função criativa da *Metáfora* e o seu modo de operar; com gratidão se observa que este autor conclui e ilustra a sua posição com referência ao diário escrito pela educadora de Helen Keller, não hesitando um nóbel da física em socorrer-se de uma obra de psico-pedagogia.

O exposto ilustra os dois principais conceitos de Bion, (ϕ - σ) e (PS \leftrightarrow D), como a natureza do processo de pensar.

IV. 4.

PENSAR E EXISTIR

Penso ter ilustrado quer como a simetria funciona de \circ à assimetria, quer o inverso, em simultaneidade no *pensar-que-pensa*, e a sua disfuncionalidade como conteúdos vorazes ou claustros, nos casos dos estados confusionais e obsessivos, no *pensar-que-não-pensa*, o pensar *do órgão-de-visão* ou sensorio perceptivo.

Uma consequência desta posição, assim como do estudo da **Grade**, é a de o processo de pensar, se caracterizar por uma dispersão (PS) e descontiguidade do real, que dele se afasta, como condição de permitir a uma pré-concepção que evolua para melhor o manifestar e dele se aproximar, construindo-se, neste processo, a realidade como expressão da duplicidade existencial do humano.

Sucedendo-se a suspensão da realidade de si próprio necessária à transformação, à superação da tendência regressiva de imobilização produzida pela evidência sensorio-perceptiva (certificativa e reificante mas não transformadora), à fixação - produtora de bizarras, como já referido, pela confusão ditatorial de *ser* sobre *existir*.

O parágrafo precedente contém duas ideias principais, a primeira a de que a fixação certificadora que corresponde a uma imobilização do pensamento constitui uma tendência regressiva, i. é., que deriva dum evitamento activo da confrontação com o enigma que o real, e o próprio, constituem para o sujeito, face a uma desconfiança e, conseqüentemente, a um ódio para com o mesmo.

Com isto significo que me coloco nos antípodas de uma posição desenvolvimentista; considerando os modelos da dimensionalidade psíquica apresentados por Meltzer, Bick e Tustin, *não creio que o bebé passe da bi à tridimensionalidade psíquica*. O Bébé é **inatamente tri e mesmo tetra e n dimensional**, sem o que nunca poderia ser apto à relação, ao processo introjectivo, à memória, à aprendizagem e à auto-consciência (que é sempre a consciência de um invariante, o próprio, no seio da história e das transformações do próprio).

Como Klein teorizou, e estudos como os de T. Bower demonstraram, PS, PD, Ego e relação de objecto, *logo triangulação edipificante* (ou humanizante). encontram-se disponíveis desde o nascimento, senão mesmo antes. Biológica e psicologicamente o bebé é *oral, anal, fálico e edipiano desde o nascimento*, e não sucessivamente.

Esta *auto-semelhança* concorda com o que designo por epistemologia *fractal* ou *neo-platónica*, implicando que os desenvolvimentos futuros estão contidos, potencialmente, na forma primeira. De resto creio que estas conclusões são conformes

e se encontram contidas no interior do conceito de Identificação-Projectiva se nos esforçarmos por o pensar.

Deste modo as organizações psíquicas uni e bi-dimensionais resultam de ataques invejosos e destrutivos ao processo vincutivo e relacional. Uma vez mais faço notar que este processo é de qualidade diferente e não redutível ao acréscimo ou complexificação quantitativa; pelo contrário considero que é pela n-dimensionalidade psíquica originária que a complexificação e diversificação dos níveis dimensionais inferiores pode ocorrer. Ou seja que não é por informação, mas pelo exercício do ser em relação (o exercício da natureza intrínseca do humano), que o desenvolvimento tem lugar (e logo a psicoterapia).

É sempre pela abertura ao enigma, à alteridade, ao outro, pelo reconhecimento do próprio enquanto *como outro* (empatia), e logo à identificação de mim no outro, *eu como um outro*, e não pelo reencontro do esperado (desejado) ou mesmo do familiar, que torna o outro um puro lugar de mim, que o desenvolvimento ocorre. Resumindo pelo não-ser e pela identificação do ser no outro, em unidade antinómica, ou unidade trinária.

Ao olhar cientifista tal poderá parecer paradoxal, parecerá mesmo, apenas posso argumentar que o outro-enquanto-eu se distingue do conhecido e familiar, pela natureza emocional e vinculativa da relação no primeiro caso, e pela impessoalidade no segundo. Existe uma redução do outro ao próprio, sem a qual o próprio, a comunicação e a identificação não ocorrem, mas que resulta na construção e respeito do outro e não na sua anulação como uma emanção racional ou perceptiva do próprio. Tal redução deriva do solipsismo irreduzível, inerente à existência humana, e creio que fora destes termos se esteja fora do psicológico.

Distinta é a condição do psicótico que usurpa o real, o substitui por si próprio, no seu ódio profundo e no seu sentimento de estranheza. Mas pensar que o real psicológico, a realidade, possa ser outra coisa que não o reflexo da actividade do próprio, a trans-formação, ou que esta possa ser o real, constituem ainda manifestações da estranheza e intolerância psicóticas.

Como escrevi em *Por um Epistema Psicológico* (Sousa Ribeiro, 1991), *não existem espaços mentais vazios, mas apenas espaços mentais vazados*. Podem também existir espaços mentais saturados pelo sensorio-perceptivo - o que inclui ideias e conceitos tomados coisas, ou reais - imobilizados pela sua densidade e inaptos à transformação. Espaços anti-mentais, de mentira e mistificação, de usurpação do real pela realidade. Mentira que é sempre uma afirmação tenaz do próprio (*o único pensamento que requer um pensador*, como demonstrou Bion, e uma profunda verdade, como pura afirmação deste, como escreve Matte-Blanco), como impedimento de passagem pelo não-ser, pela comunalidade eu-outro, e pela recusa da superioridade desta enigmática unidade anterior, actual e posterior ao sujeito, que liga e confere

sentido às suas aparentes criações e ao aparentemente manifesto facto de que ele pense e crie os seus pensamentos. A verdade é que ele apenas pode propiciar que estes se manifestem, e residam em si, ou não.

Uma reflexão sobre as ideias de Bion relativas aos três vértices de aproximação à verdade (**C**, **P** e **M**), parece-me sustentar a distinção entre *ser* e *existir* atrás formulada e poder-nos-á fazer progredir no estudo do pensar e do humano.

Sendo a enunciação e o pensamento conceptual actividades próprias do modo assimétrico, pertencerão ao domínio do *existir* - e tanto assim é que uma coisa uma vez pensada ganha existência para o pensador e, igualmente, para outros. Passa a existir num contexto de enunciação e significação, aquém, mas também além, de si própria, unica razão pela qual será sustentável supôr uma actividade de busca de um pensador por partes dos pensamentos (ou numa perspectiva mais mística, da própria existência e criação de pensadores).

Deste modo o pensador para pensar, no limite para se pensar, tem necessidade de separar o pensamento de si, projectando-o numa superfície écran, que lho reflecta, imobilize e devolva. Este primeiro momento de externalização provoca dois efeitos derivados paralelos, o primeiro a ideia de que o pensamento agora visível na sua exterioridade seja um outro ou distinto de si, o segundo de que seja sua criação e produto. Reflexos enganosos obscurecendo a percepção da união, de que o pensamento é mesmo o próprio, e que acima disso foi pelo pensamento que se gerou o pensador e seu pensar.

Esta descrição parece corresponder ao conceito de C. de Matos de *Proiecção Identificatória*, que aceito sublinhando a sua pertença a um estrato mais superficial, ou assimétrico, da actividade de pensar, a qual, espero poder demonstrar, corresponde, na sua globalidade, ao conceito de *Identificação-Projectiva*, mais saturado de simetria e deste modo reflectindo mais claramente a natureza dual e antinómica do humano.

Os dois efeitos descritos (objectividade e produção), correspondem à perda da união mística, ser o pensamento que se pensa, aquando do momento de pensar, sob efeito do acréscimo de assimetria que caracteriza e é condição do pensar. Mas esta definição coloca, uma vez mais, o pensar e significar na paradoxalidade de *não ser*.

Avançando chegaremos a uma conclusão que colide parcialmente com a teoria estabelecida, na sua suposição de que o carácter integrado se caracterize por uma ideomorfia, determinação interna, derivada de um funcionamento introjectivo prevalecente e logo de uma relação quase exclusiva aos objectos internos.

Se o pensar se caracteriza pela abertura ao outro, ao não ser e ao não saber, então a concepção do parágrafo anterior revela uma relação privilegiada com o idêntico pouco apta à trans-formação e tendendo para uma iteração. o solilóquio.

No entanto qualquer sistema só pode aceder aquilo que contém e é da sua natureza, *uma actualização*, sob pena de se desagregar. Assim sendo, uma transformação prévia nas características do próprio é necessária para que um elemento possa ser absorvido sem rejeição - como se observa a nível biológico, e sobretudo em organismos complexos. Mas esta própria invariância constitui; como já apresentado, a base da aprendizagem e mudança; pensemos nos vírus e vejamos como a sua acentuada mutabilidade os faz permanecer numa dependência acentuada do meio externo, ou para não extrapolar tanto pense-se na definição de Freud do sistema (ϕ).

Esta exposição contém um grau de contradição que é incómodo, pois se pode observar que nos encontramos novamente no contexto de partida que define como relação ideomórfica. O que ganhámos com ela ? Creio que uma melhor percepção da antinomia fundamental e da paradoxalidade que gera quando se tenta expressá-la pelo modo assimétrico. Em segundo lugar, uma evidência do que descrevi como *regressão*, ou natureza fractal da matéria e do humano e sua resiliente duplicidade, a posição clássica e *científica* realçando uma epistemologia platónica (ideomórfica), a posição mística evidenciando o contributo do modo assimétrico, de uma abertura a um outro, mesmo que não podendo designá-lo; mais precisamente, **porque não o faz** - com o que o reduziria ao próprio. Em terceiro lugar, e sobretudo, a percepção clara de que o eu *integrado*, ideomórfico, se caracteriza por uma **pluralidade**, em que outros-me-são e em que o próprio é, para si mesmo, um outro.

Assim a externalização e projecção do pensamento sobre um écran-outro, provoca uma reflexão enigmática para o próprio. A intranquilidade e a arrogância tendem a suspender o processo e logo a atacar a capacidade e natureza do pensar (suspendendo-o e regredindo ao sensorio-perceptivo, ao reencontro do já definido e familiar). A confiança e a bondade a tolerarem e reforçarem a exposição à intranquilidade esfíngica do enigma, provocada pela observação de nosso próprio reflexo e, paradoxalmente, constituindo a única forma de acesso ao outro, de superação de si. Por tal paradoxalidade, no primeiro caso, o próprio se torna um estranho para si (identificação-projectiva evacuatória), e no segundo, o outro se torna um próprio, simultaneamente constituindo e habitando o sujeito - o que nos leva à conclusão de Bion sobre a falsificação inerente a todo o pensar e a inadequação, para com a verdade, do nosso equipamento intelectual; demonstrando que ou o processo de pensar se mantém como ubíqua dinâmica ou aborta, independentemente de onde nesse momento se encontrasse. Condição de Sísifo que caracteriza a existência humana, como preço de seu projecto prometaico.

Creio que após repetidos ciclos desta natureza os diversos reflexos-enigmas, agrupando-se por familiaridade, produzam, do interior, uma emanção da função desconhecida que os gerou, agora assimilada, conquistada e presente no próprio. Este é o modo como a criança absorve e replica a função alfa materna, longe da apropriação

mimética dos seus produtos; pelo outorgar de alteridade a si-próprio (e logo ao outro em si), tornando-se mais potente e mais idêntica ao outro e a si, simultaneamente.

Aprendizagem como um processo gerado em obscuridade, resultante da própria natureza misteriosa do enigma (não-ser e não-saber), e não da replicação, aquisição ou imitação da positividade ou concretude dos reflexos ou transformações executados pelo outro.

Na minha linha de ideias a actualização, trans-formação e *alfa-betaização* de um pensador ocorrem dentro dos parâmetros e limites que o definem. Tal implica a manutenção de um quantum de afastamento, desconhecimento e ilusão no processo de pensar e seus produtos. A ideia de que um pensador possa aceder a qualquer transformação, defendida pelo optimismo racionalista, supõe uma fusão última, um grau de misticismo, incomensurável com a sua axiomática, que a muitos racionalistas envergonharia, e que traduz a persistência e vitalidade da antinomia fundamental - o ressurgimento de pura simetria no seio do projecto assimétrico, por regressão antinómica.

Manter a antinomia fundamental significa conceber um espaço simultaneamente uno e corpuscular, em que uma partícula possa ser gerada por um campo, mas em que uma vez existente, se manifeste ao mesmo nível de natureza primeira que o campo original, um novo infinito, a este colocando restrições e descontinuidade - no plano assimétrico, já que na homogeneidade última nenhuma trans-formação é possível ou impossível, estas categorias sendo inadequadas à descrição de sua natureza.

Descontinuidade confirmada pela fractalidade dos estados de fronteira e transição, revelando novas formas de entrelaçamento de entidades particulares, antinomia, e não fusão. Ao contrário do suposto pelo racionalismo, o que se revela não é síntese mas diferentes combinatórias de elementos irreduzíveis.

O estudo dos processos racionalistas dedutivos, caracterizados pelo processo tese-antítese-síntese e supondo um desenvolvimento em continuidade, transformação e manipulação simbólica, revelam a sua inadequação aos campos da indução, transformação e salto qualitativo. Pelo que na psicologia rapidamente originam uma posição pedagógica e o esquecimento da ideossincrasia e da individualidade: uma vez mais revelando-se a natureza totalitária e homogeneizante do projecto assimétrico. Ora já há muito que os efeitos devastadores derivados da imposição ideológica, política, científica ou religiosa, nos deveriam ter alertado para o facto implícito *de que qualquer pensador só pode pensar a partir de si e sobre si*, posição narcísica que quanto mais intensa, mais anula o outro pela sua redução aos parâmetros do próprio.

Ao nível do processo de pensar, a presente tese implica o desconforto da impossibilidade de uma comunicação, conhecimento e entendimento perfeito. Mas, a meu ver, não significa perda de cardinalidade, ou extensão potencial de um sistema

(como já afirmei todos eles são equipotentes), implica sim a percepção de uma distinção entre a natureza dinâmica e características de toda e qualquer entidade. O que do ponto de vista aplicado tende mais rapidamente para a suspensão de atitudes discriminatórias e discricionárias, que qualquer pedagogia preventiva; a qual não pode eximir-se à propagação do germe da desigualdade e da intolerância contido em todo o projecto de ensino e aperfeiçoamento que para si próprio reconheça superioridade - o que é sempre o caso, de contrário a aplicação não tende sequer a iniciar-se.

A superação, ou relação, com a ideossincrasia e solipsismo último e irreduzível de cada entidade, ocorre pelo vértice poético-metafórico, pela parábola, permitindo um análogo no interior de um sistema para toda e qualquer concretização de um outro; mas requer a percepção da diferença, desconhecimento, inacessibilidade, alteridade e irreduzibilidade do outro e da solidão do próprio.

Doutro modo a representação própria será entendida como idêntica, no limite *a mesma*, implicando um cortejo de ansiedades paranoides, e defesas depressivas de anulação, submissão e impedimento de pensar - como ocorre no bebé que em vínculo invejoso e voraz, logo sensorio-perceptivo, coloca a questão da falta como desejo de um objecto saciador - não de um obscuro enigma - deduzindo que um objecto só pode estar num lugar - uma lógica bivalente, verdadeira no modo assimétrico - e representa a solução como uma conquista violenta dos atributos do outro, por despojamento violento, *não concebendo a sua tarefa como uma trans-formação replicativa das qualidades e imateriais funções criativas do outro*, que no final existirão de modo diverso em ambos (um jogo ++ em vez de um jogo +/- ou -/+).

Diferentemente o vínculo místico suporta a ideia de uma equipotência última que contém e contemporiza com as limitações e diferenças da especificidade de ambos (a solidão do solipsismo), deslocando para fora da dinâmica invejosa a formulação da questão, e colocando-a num plano objectivamente inexistente de identificação, coexistência e contemporaneidade frutuosa.

Um projecto que produz novos espaços infinitos, multiplicação e existência, pela abertura mística ao não-ser, em vez de *mesmificação*, iteração replicativa do já existente, contida no projecto homogeneizador e igualitário do racionalismo - identidade ou replicação invejosa caracterizando **C**, por oposição à analogia e relação com a alteridade amada que identifica **M**. Como sempre são os ditadores que mais falam de igualdade; não o podem deixar de fazer porque tudo concebem à sua própria imagem, tornando-se a diferença e a alteridade no maior dos crimes. Para o mesmo contribui a sua ansiedade paranoide que coloca toda a diferença como solidão insuportável e ataque ao desejo onnipotente de ser único (expressão bizarra da deidade produzida pela regressão antinómica face ao projecto narcísico).

Torna-se evidente que uma vez as questões colocadas em termos de qualidades, a regressão paradoxal tende a suspender-se, a bondade da síntese e identidade

racionalistas surgindo como um arremedo, um vínculo - M, em - L e - H logo conduzindo inexoravelmente a - K.

A identidade como negação da diferença irreductível do outro é obviamente a expressão de um vínculo invejoso, destrutivo e esterilizante. O saber totalitário e concreto que gera *não pode deixar de criar - ϕ no lugar de ϕ* , e resvalar para a imposição da representação, para a criação da mentira, - K.

Muito do exposto corresponde à distinção de Bion entre *um símbolo que simboliza* e um *símbolo-coisa* (não símbolo), tal como ocorre na personalidade psicótica. Distinção facilmente acedida através da simples ideia de que o excisado e projectado no écran, que funda a possibilidade e acto cognitivo, não é o mesmo, mas apenas uma parte do que se pretende ver/conceber, assim como o reflexo introjectado não é mais do que um produto e uma parte do outro, *ao invés do outro e sua capacidade*, - embora contenha as marcas e potencialidades desta.

Que apenas se pode representar (simbolizar e atingir este estatuto), através de um uso activo do *não saber*, mantendo o desconhecimento último do ϕ do projectado e do introjectado, como condições de evitar a saturação e manter livre o acesso à transformação, tornando o pensar proveitoso e afastando-o da usurpação invejosa e replicativa.

Assim se ilustra a relação entre saber e desconhecer, e saber e alucinação. Se representa o pensar como um movimento de efémera refração, que devolve a entidade formada (a concepção), ao magma incognoscível de ϕ , de onde emergiu, como forma de transformação poética de ϕ e viabilização de uma sua aproximação em C (conceito).

Suponho que as minhas ideias decorram da já apresentada formulação de Bion. (PS \leftrightarrow D), como expressão da actividade da mente e do processo de pensar, concebendo a mente e a natureza da sua actividade como a de *um órgão de pensar pensamentos*. Nesta PS e PD identificam processos emocionais em analogia com os modos fundamentais - uma expressão destes no interior da mente - e seus processos de organização, contribuindo para a percepção da unidade sentimento-pensamento e para a reposição da unidade última da duplicidade essencial no interior da distinção assimétrica destes processos (que tanto tem prejudicado a psicologia).

Vejamos os elementos que suportam esta evidência no interior da psicopatologia das referidas posições. Uma vez mais observaremos que as conclusões contêm uma oposição parcial com a teoria estabelecida.

A fenomenologia da posição esquizo-paranoide corresponde essencialmente à actividade de clivagem e ao autismo, e isto já desde Bleuler. Patologia em que se evidencia a recolha do próprio sobre si, e que no extremo autista revela uma recusa de

que o outro habite o próprio; um temor de que os constituintes do próprio se centrifuguem ou percam numa diáspora, que a recusa da relação só amplifica e eternaliza.

Neste paroxismo da actividade assimétrica, clivagem e afirmação de um ser não relativizado pela relação (que nasce por si próprio e de si se alimenta), que é o real, todo o real, o vínculo invejoso produz um arremedo paradoxal da assimetria e da simetria.

O excesso de clivagem e assimetria conduz a uma dispersão do ser, que deixa de se reconhecer como distinto ao habitar todos os lugares, neles se diluindo e fundindo (despersonalização, fuga de ideias, roubo e influenciamento, são os seus sintomas). Mais próprio seria dizer que um *não ser habita um não lugar*, visto que um lugar para o ser implica uma alteridade face ao sujeito, algo que está fora ou para além deste; situação insuportável para quem se alimenta a si próprio e de si próprio nasceu em divina genealogia.

Por outro lado a intolerância à relação e a clivagem conduzem à regressão bi e uni dimensional da mente, que na sua pureza sensório-perceptiva, não permite sequer aos diferentes órgãos e perceptos que se fundam e comuniquem, gerando-se uma situação que poderia ser descrita como um olho para cada objecto e cada côr, um ouvido para cada som - que já não pode reconhecer uma melodia e portanto o discurso verbal, pois tal actividade implica uma relatividade de cada um e de cada momento (o próprio tempo é parado).

A cada momento o que se evidencia é então **fusão** e **unicidade**, totalidade absolutista, *desintegração da existência por reposição de um ser*. Uma construção signica que já nada significa por cada signo tudo significar e ser, a cada (não)momento.

- **M** e - **K**, logros de uma fusão mística alucinada dada a ausência de lugar para o outro (não-ser), o enigma e o não-saber; pela necessidade de afirmar o *existir* e o confundir com o *ser*. Sinais do apelo do modo simétrico excluído, que se agiganta na exclusão (Freud percebeu isto quando se referiu ao reforço que o recalcado sofre quando imerge no inconsciente). Simetria que surge na actividade cognitiva hiper-inclusora, e consequente lentificação de pensamento, característica do psicótico, dado o absoluto desejo de ser, de tudo se ser, saber e conter.

Um arremedo de **M**. Sim, mas também qualquer coisa que o presente como atractor.

Do mesmo modo na patologia depressiva, no seu extremo melancólico, se descreve a fusão (*con-fusão*), do eu com o objecto. De um eu habitado pela sombra do objecto, por este falado, organizado e desejado; em que o pensar fica bloqueado pela

impossibilidade de acesso à negação, à divisão, ao não saber pela prepotência e omnipresença do objecto.

Dir-se-à que igualmente excesso de simetria. Mas o que subjaz a esta situação não é, paradoxalmente, a ausência de efectiva fusão com o objecto? A falha da sua internalização como enigma, fazendo com que o objecto seja engolido e canibalizado, replicado no interior, mas a sua função não tendo sido assimilada? Marca de uma recusa e de um regresso ao sensorio perceptivo que faz com que o objecto quando perdido na realidade seja perdido na interioridade, *mostrando que então nunca a habitou como objecto do próprio*, mas apenas enquanto um outro que, dolorosamente, aí habitava?

Donde excesso de **assimetria**, manifestando-se como um pensamento que a todo o momento o discrimina (ao objecto), como idealizado, dos restantes - desvalorizados. Marcas de um ser não reconhecido pelo outro no seu enigma, a ele reduzido, e confundindo a existência (assimetria), com o ser (simetria). Impedido de se reconhecer, e de ser, pela falência do processo introjectivo e pela incapacidade de se revoltar (de se tornar um outro, um enigma, para si próprio), por ausência de um continente a partir do qual operar.

A fragilidade do processo identificatório. de que a impossibilidade de realizar o processo de luto (um vazio interno), é a expressão mais manifesta, não indicia o excesso de assimetria, em que nunca se pode ser através do outro (do não ser), em simbiose?

Díficeis e paradoxais são estas reflexões. uma perplexidade emana da percepção de um excesso de *assimetria* na neurose e de *simetria* na psicose. Ter-se-à que reescrever a psicopatologia? Não o sei, pois as implicações desta inversão são para mim, ainda, imperfeitamente realizadas.

Mas algumas coisas podem ser retidas. Em primeiro lugar a necessidade de se estar atento a estes processos na terapia; em segundo lugar que estas conclusões sendo extraídas de uma abordagem distinta não podem, de acordo com o exposto, corresponder às realizações de um outro modelo, mas tão só transformá-las, ampliando uma outra área e maneira de conhecer (que a tolerância que teorizamos e exigimos aos nossos pacientes se manifeste em nós próprios, como forma de se gerar *não-saber* e *não-ser*, condições de mútuo enriquecimento e evolução). Em terceiro lugar, estas exposições facilitam a percepção de uma invariância supra-sensível, de uma confusão entre ser e existir, e da paradoxalidade de cada um dos modos quando rompida a duplicidade; manifestações da regressão antinómica por emergência, em negatividade. do modo contrário. Por fim, a proximidade com o descrito sobre a perturbação do processo de pensar, parece legitimar a definição da mente como o órgão de pensar e a unificação atrás estabelecida entre sentimento e pensamento.

O que se ganha é a clareza de um novo vértice e sua consistência, da viabilidade da trans-formação e da possibilidade de, sem desesperança, reconhecer a irreduzibilidade, o solipsismo e a solidão.

Estas as expressões da Antinomia Fundamental e seus processos de regressão, tal como se me apresentaram e fui capaz de re-apresentar.

Constituindo um texto a componente mais manifesta e assimétrica de uma narrativa, com ela mantendo uma relação de ϕ para ϕ , i.e., produto de uma transformação, por um lado, mas, por outro, constituindo um objecto em busca de trans-formação no, e pelo, leitor, encontramos-nos na linha de pensamento de Bion ao conceber a comunicação do paciente como um ϕ , e a interpretação do terapeuta como o resultado de uma transformação, $T(\text{analista})\beta$, que se apresenta ao cliente como um novo ϕ ou β , um novo enigma em busca de significatividade.

Deste modo a compreensibilidade de um texto, ou de uma comunicação, só se torna possível através de uma reposição da duplicidade essencial ocorrendo no momento de leitura por trans-formação. O que implica que a narrativa constitua um objecto virtual e efêmero, que decorre e ocorre na trans-formação, escapando-se a qualquer tentativa de concretização - o texto ou a sua memória - esgotando-se na efemeridade da reverberação suscitada no receptor.

Um apelo ao leitor é necessário para que se re-encontre a duplicidade, ou Bi-Modalidade, que este texto tenta apresentar, uma vez que ela não pode, por sua própria natureza, ser pela escrita captada. Registo produtor de assimetria, a escrita conduz-nos quando confrontada com o homogêneo e indiviso, a pensamentos e formulações aparentemente contraditórias, produzindo uma paradoxalidade Bi-lógica.

Outra forma de escrita não me é acessível, se é que possa ser realizada. Questão, de resto, pouco significativa, se perspectivada na sequência do já exposto; a concepção de um texto como um $T(\text{Esc.})\beta$ (produto de um escritor), aguardando uma transformação $T(\text{Leitor})\alpha$, como condição de geração de significatividade e apreensão de sua inefabilidade. Formulação que nos conduz à percepção do texto como o acto de leitura, **apenas nesse momento existindo, como criação do leitor**, sendo impossível a sua redução quer ao registo escrito, no papel, quer ao mnésico, no leitor. Doutra modo qualquer texto decairá sempre para a mitologia (ψ), a alucinação ($-K$), e a mentira ($-\phi$).

Irónico Mestre, tu que chamaste (ψ), precisamente à falha do pensar: como poderemos nós ψ -cólogos, continuar com o discurso ψ -cológico? Ouçamos Artaud

(1936), o místico ($\psi(\xi)$), contra Breton, o delirante ($\psi \xi$), aquando da adesão deste ao marxismo: *O surrealismo é um movimento de subversão dos factos, antes de uma metafísica dos factos*. Crítica que revela a percepção da distância entre criação, transformação e processamento de informação ou iteração sensório-perceptiva, e sua condição louca em satânica ditadura existencial. Percebe-se porque o marxismo não pôde deixar de levar às últimas consequências o germén dos factos em que se baseara; ao realizar uma transformação sensível no lugar de uma Trans-formação, tornou-se a horrível encarnação da utopia do capitalismo terminal.

Duplicidade, transformação e trans-formação, regressão e fractilidade são pensamentos contidos nas páginas iniciais. Porque não poderam eles então ser expressos, como atesta a pastosa e interrompida explanação inicial?

Não só porque o ser, na sua duplicidade, é indizível e inexpressável por realizações C e pela assimetria, tal como o expuseram Bion e Matte-Blanco, mas sobretudo porque requeridas são prévias transformações em ϕ , quer do escritor quer do leitor, para que ambos possam realmente ser médiuns do que se pretende comunicar. Trans-formações necessárias ao desenvolvimento da possibilidade de através de expressões molecularmente assimétricas, ou simétricas, aceder a um efeito macroscopicamente bi-modal - livre da regressão paradoxal, bi-logicidade, inevitável nos seus segmentos moleculares. Trans-formações igualmente necessárias ao desenvolvimento síncrono de um objecto tendencialmente isomorfo, de cuja reprefixividade sincrónica derivará a *ilusão comunicacional*, e que designo por *objecto-terapêutico-combinado*.

IV. 5.

DESCONTINUIDADE, INVARIÂNCIA E TOTALIDADE

Gostaria de concluir este capítulo dedicado à apresentação das realizações em vértice M da duplicidade ou antinomia fundamental, com alguns esclarecimentos sobre conceitos que inicialmente secundários surgem, de momento, como relevantes. Julgo que nos auxiliarão na compreensão do humano *como uma natureza herdeira de Deus e descendente de Satã*, partilhando da unidade mas afirmando-se em diáspora. Derivam da minha exposição de regressão, como contraponto hiperbólico ao conceito poético-metafórico de identificação-projectiva, e respeitam aos conceitos de *invariância*, *descontinuidade* e *fractalidade* enquanto descritores do humano.

Uma releitura do bellissimo trabalho de M. Milner sobre a História de Jó ilustrada por W. Blake (M Milner, 1956), revela como a autora apreende a duplicidade dos

modos fundamentais do ser e sua participação na produção e apreensão estéticas. Percepção que a conduz à detecção do fenómeno de regressão, à vingativa erupção do modo abolido (neste caso o assalto de Satanás, o modo assimétrico), precisamente no auge da sua recusa, no auge da entrega e fusão de Jó com a pureza do seu Deus (no auge da simetria). As consequências devastadoras que daí advém para Jó tornam esta história, e o trabalho de M. Milner, uma belíssima ilustração da duplicidade essencial do humano. Com sempre renovado espanto assistimos ao pertinente comentário de Milner sobre a diferença entre a primeira e a última prancha de Blake, ambas representando a família reunida, a primeira retratando-a numa felicidade imobilizadora (em pulsão-de-morte, desejo de fusão, e seu paradoxal reforço da individualidade e incomunicabilidade), enquanto a prancha final a mostra una, em contacto e expansiva felicidade, dançando e tocando. Conquista apenas possível pela reentrada do modo assimétrico, após a dolorosa realização de Jó da sua duplicidade e humana condição; após a sua realização catastrófica da anástrofe contida no seu projecto megalómano de ser tão puro quanto o seu Deus. Perca e descentração de si-próprio implicando uma usurpação da condição divina que, tal como os gregos tinham previsto, seria severamente castigada.

Descontinuidade como consequência da antinomia fundamental e característica dos objectos em existência - condição assimétrica implicando sempre uma diáspora - como o ser humano, é uma hipótese que recebe comprovação no magnífico trabalho de Robert Godwin *David Bohm e Wilfred Bion - Toward a quantum meta-psychology* (R. Godwin, 1991).

Partindo da velha questão sobre a indeterminação do electrão, Godwin explana a teoria de Bohm sobre a pulsação de fundo da matéria/energia, fase de campo em que os electrões e partículas não têm lugar e existência corpuscular, podendo encontrar-se em qualquer lugar do universo, não obstante o local em que se encontrassem no momento anterior: uma realização paradoxal para os *cientistas* da assimetria, e logo para os ψ -cólogos, que decorre do *Teorema de Bell* (R. Godwin, op. cit., p. 650).

Ordem implícita em que a transmissão de informação e a comunicação não dependem de quantidades, mas tão só de qualidades, *da forma da onda e não da sua energia*, deduzindo este autor um potencial de campo, cujos efeitos são por esta razão ilocais, ultrapassando as restrições da teoria da relatividade. Escreve Bohm (1987, p. 122), "Com efeito, todas as novas propriedades do mundo quântico estão contidas nas propriedades especiais deste potencial quântico. [...] Para as mentes matemáticas, o potencial quântico é dado por:

$$Q = \frac{-\hbar^2}{2m} \frac{\nabla^2 |\psi|^2}{|\psi|^2}$$

onde ψ é o campo quântico ou "função de onda" derivada da equação de Schrodinger.

h é a constante de Planck, e m , a massa do electrão ou outra partícula. Como é evidente, o potencial quântico fica determinado pelo campo de ondas quânticas, ou função de onda. [...] O facto de ψ se encontrar em ambos os termos da fracção significa que Q não se altera quando ψ é multiplicado por uma constante arbitrária, isto é, *o potencial quântico é independente da força, ou intensidade, do campo quântico*, para depender só da sua *forma*. Este resultado é particularmente surpreendente. No universo newtoniano [...] qualquer efeito é sempre mais ou menos proporcional à força ou dimensões da onda."

A fórmula de Bohm, e seu raciocínio, constitui a mais perfeita realização hiperbólica (vértice C), da duplicidade fundamental de que tenho conhecimento. O uso de ψ como quantificador deste potencial é elogioso para todos os psicólogos, sugerindo a compreensão de Bohm sobre a aptidão específica da nossa ciência para abordar estas questões.

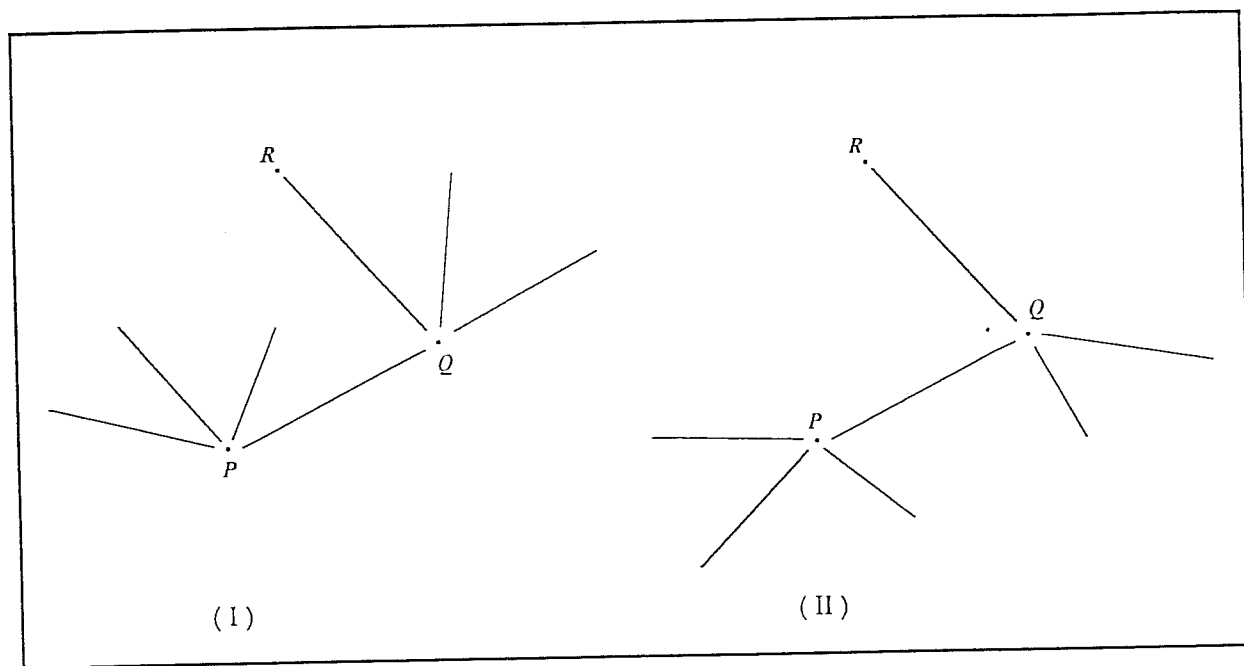
Ordem implícita, generativa de toda a existência e corpuscularidade, fazendo com que a fase de localização da partícula, o seu momento corpuscular, seja determinado por um colapso de campo, uma tremenda irrupção de energia num ponto que se satura, ou mais precisamente *que por esta saturação é formado*. Bohm considera ainda que este movimento é extremamente veloz, e que as partículas se encontram num perpétuo ciclo de campo-ponto-campo (fusão-cisão-fusão), de acordo com as funções imanentes do campo, sendo a permanência dos objectos devida à iteração de certas funções do mesmo, e dependente da sua manutenção acrescida da lentidão das nossas funções perceptivas. Nós próprios apenas existiríamos como objectos transitórios, ciclicamente definindo-nos e diluindo-nos na ordem implícita, partilhando da sua natureza ilocal e holista.

É escusado apresentar a estreita analogia com a noção de Bion de $(PS \leftrightarrow D)$ e as evoluções de ϕ para $T\beta$, pois Godwin o faz com muito mais autoridade; a ilustração fala por si mesma desta pulsação da mente sobre-si-própria, de acordo com o modelo de pensar bioniano, em que os *pensamentos-não-pensados* - informulados - pressionam o pensador e geram o órgão de *pensar-pensamentos*, que lhes outurgará definição e concrecibilidade, mas também falsificação - divina benesse que perpétua o movimento de trans-formação, tolerando o deicídio da existência e do próprio pensamento (a demonstração deste deicídio encontra-se em I. Matte-Blanco (1981), e corresponde a uma realização mística, em vínculo L, da bondade suprema, fora do desespero prometaico do vértice C, face à percepção da imperfeição humana).

Uma vez mais a contribuição da simetria, a ordem implícita, ilumina e reforça a percepção da descontinuidade no plano assimétrico da existência, diminuindo a confusão resultante da satanização assimetrizante. O que em si próprio corresponde a uma confirmação da duplicidade essencial e da regressão, tal como venho

apresentando, e no presente contexto conduz a insuspeitadas conclusões.

Com efeito a imaginação pictórica do modelo de D. Bohm, produz uma inversão dos diagramas de Feynman, mais propriamente da interpretação de Feynman da equação de Green; uma interpretação fisicista e assimétrica do que pode ser interpretado holisticamente ao inverso, *concebendo o todo presente em cada momento*, com a vantagem de responder às objecções de indeterminação e ao carácter descontínuo (sem passagem pelo ponto intermédio), do movimento das partículas.



Função de Green: Interpretação Analítica de Feynmann (I), e Interpretação Quântica de Bohm (II)

Consequências catastróficas para a Física e seu suporte no cálculo diferencial, que se aproximam das objecções dos matemáticos do caos às abordagens analíticas, e que ilustram a descontinuidade essencial do plano da existência, e sua paradoxal sustentação na não-existência (no plano homogêneo indiviso do ser), como condições da sua viabilidade.

Esquemas que repõem a validade das concepções pré-newtonianas sobre o movimento, mesmo a de Aristóteles, explicação finalista (não causal), concebendo que o corpo se move para o seu local natural, onde encontra o desejado repouso (a perfeição da finalidade teleológica da sua existência).

Conceitos que concebem o espaço como descontínuo, fazendo que só por este modo o movimento exista, *caia para o ponto descontínuo*, de irrupção do campo, *em*

que se forma (onde tem lugar para cair, diria um fenomenologista), fazendo do movimento uma sequência de imobilidades, e não um contínuo como é habitual supor-se.

Ideias que revelam a justeza das observações de Zenão, sobre a insuficiência da abordagem racionalista assimétrica, demonstrando-a pelos seus próprios métodos, revelando e expondo a paradoxalidade que gera (veja-se J. Ferreira de Castro, 1992). Clareza de raciocínio que prenunciava a emergência do modo simétrico-indiviso, insuportável para o racionalismo que lhe respondeu pelo factual (saber-sem-saber), um $-\phi$, em dois momentos. Na própria discussão em que os antagonistas apenas puderam ultrapassar uma tartaruga ou lançar as suas setas (setas de incompreensão), e num segundo quando se estabeleceu a noção de convergência e de limite, anulando a perturbação do conceito de *infinito* que Zenão demonstrara (conceito que continua a ser, segundo Matte-Blanco, ignorado pela racionalidade científica), e criando um seu arremedo factual sob a convicção de que o espaço e o movimento são contínuos. Operações de satanização, de confusão do *existir* com o *ser*, e respectivas propriedades, deicídio invejoso e especular que concebe e reduz Deus de acordo e à imagem do homem.

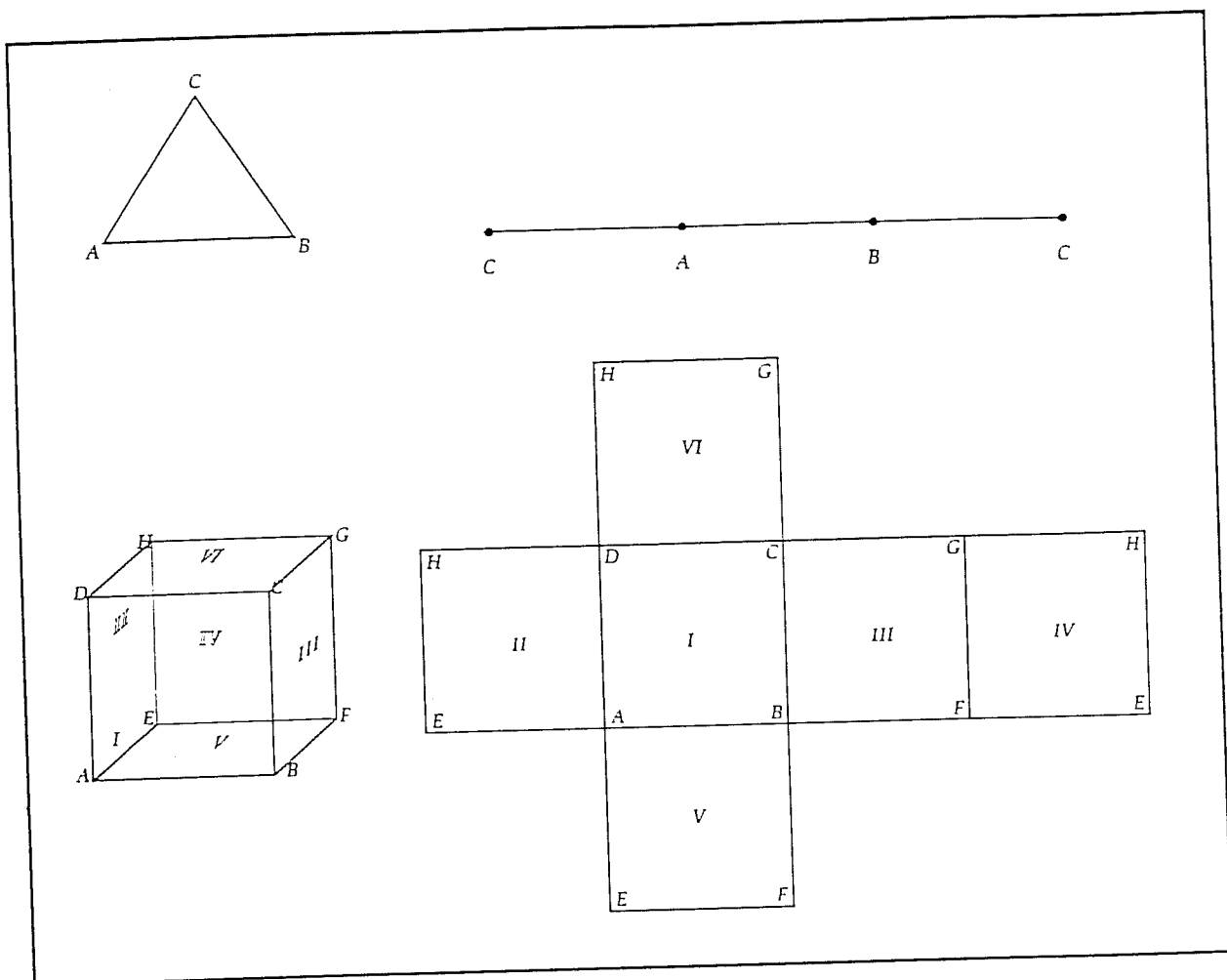
O sincretismo produzido pelo modo simétrico, resultando numa unidade que não pode ser decomposta, analisada, por conter uma totalidade implícita imanejável, responde a uma realização Bi-modal conforme à interpretação quântica de Bohm da função de Green e aos paradoxos de Zenão.

Manobras de oclusão da percepção do solipsismo, que danaram o racionalismo humanista, em maníaca cegueira, e na psicologia se expressaram pelas teorias desenvolvimentistas e de aprendizagem social que hoje a dominam e manietam, afastando-a do seu objecto e colocando-a como um esquema de controlo, e policiamento; de reforço de esquizoide *imitação* (identificação mimética), e *iteração*, onde se impunha *identificação* e *trans-formação*.

Que a usurpação do plano homogéneo do Ser pelo plano heterogéneo do existir resulta em erro e sideração do pensamento, pode também ser demonstrado como o fez Matte-Blanco acerca da estrutura Bi-lógica *Tridim*.

Esta estrutura ocorre aquando da representação de uma entidade *n-dimensional* num plano de *n-1 dimensões*. No caso do pensamento humano correspondendo a uma tridimensionalização, por ser esse o espaço que caracteriza o plano de existência dos nossos órgãos sensoriais. Os efeitos deletérios da estrutura *Tridim*, dizem então respeito ao decaimento do pensar para o sensorio-perceptivo, sendo evidente que uma narrativa tem sempre mais de três dimensões, sem o que não seria possível manter a co-presença de cada elemento, da sequência e do todo, paralelamente, e suas infindáveis composições de significado/interpretação.

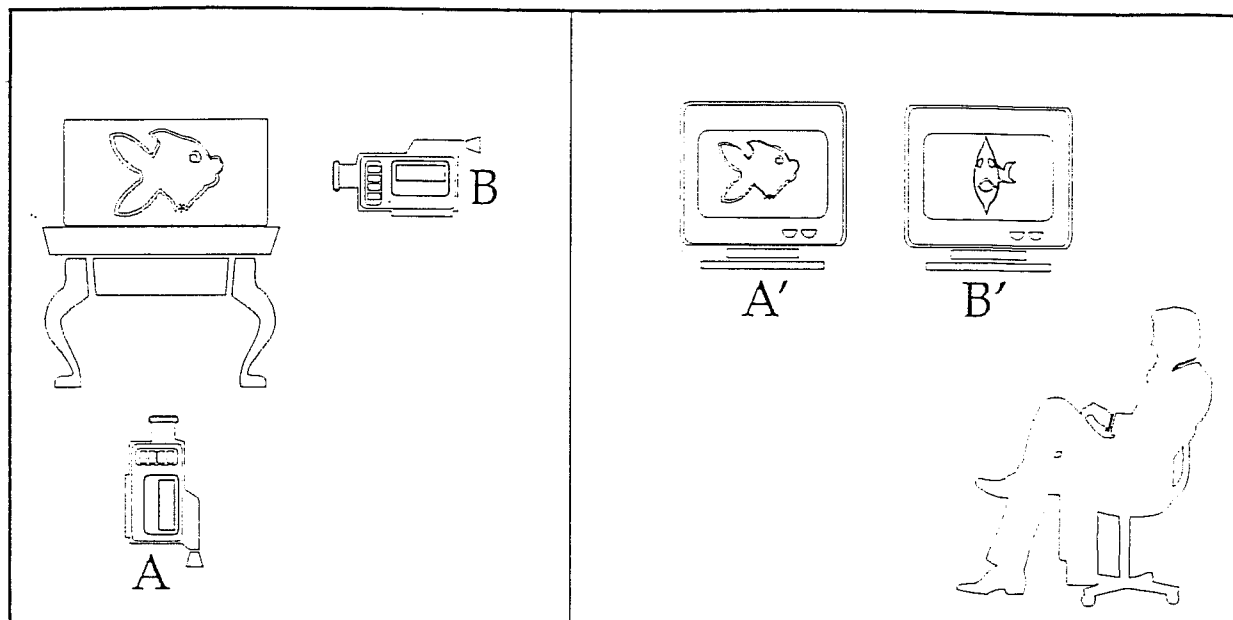
Matte-Blanco recorre a duas exemplificações; a primeira a de uma passagem de duas para uma dimensão, e a segunda uma passagem de três para duas dimensões.



Multiplicação Assimétrica de Entidades por Efeito da Estrutura *Tridim*, segundo I. Matte-Blanco

Em que se observam os efeitos de multiplicação, e de desconhecimento da unidade de uma entidade, gerando o que em termos psicológicos se designaria por *Clivagem e Denegação*.

Surpreendentemente, ou nem tanto para quem já se apercebeu da unidade fundamental de todos estes trabalhos, derivada da abertura à duplicidade, Godwin (1991, p. 650), apresenta-nos uma concretização experimental desta estrutura, da autoria de D. Bohm, de maior legibilidade e pregnância para os não matemáticos.



Nesta situação, como demonstrado, o observador pode chegar à formulação de leis de relação e causalidade entre o comportamento dos dois peixes que observa, *o que lhe será mais difícil de realizar é que se trata do mesmo peixe* - dificuldade advinda da natureza sensível da sua experiência, tal como *Tridim* sensorializa o pensar, tornando-o inapto à percepção da unidade, mais conforme aos vínculos **M** e **P** por sua maior abertura à simetria.

Deste modo se formam entidades que de algum modo se presente unidas e relacionadas, mas se obscurece o seu reconhecimento como unas, resultando em clivagem e descomunicação (ver a ideia de Grotstein de agendas paralelas para as diversas entidades psíquicas), isto é, em empobrecimento e enfraquecimento da natureza sintética do Eu - imanência da sua unidade última. O processo de Satanização ocorreria, tal como no autismo, pelo congelamento das formas criadas, impedindo o seu refluxo e refusão, e logo o processo de enriquecimento e anulação da entropia gerada pela fragmentação, donde *não aprendizagem pela experiência*, ficando livre o caminho para a patologia por imobilização em **PS** ou **PD**.

No campo científico esta organização conduz à fragmentação rigidificante dos saberes e dos métodos, vistos como *coisas em si* (que também são), e não como expressões da actividade de pensar, e do humano. Inibindo-se o diálogo e o livre jogo do pensamento criativo, e impondo-se estratégias e atitudes de poder (veja-se D. Bohm e D. Petit, 1987, cap. 1).

Percebe-se agora mais claramente porque uma atitude racionalista, como em Freud e em Klein, concebe a Identificação-Projectiva como um processo essencialmente evacuativo, conducente ao empobrecimento, paralisia e desrealização do Eu, e porque Bion, numa atitude mística, verificou os seus efeitos comunicativos e

vinculativos, trans-formadores, caracterizando-o como o processo constitutivo da mente, no interior da dinâmica (Φ - σ). A atitude racionalista não podendo conceber uma entidade em dois locais diversos simultaneamente, nem a sua superior unidade.

Tridim será pois uma das formas preferidas de satanização da mente. Igualmente o espírito iluminista com suas confusas noções de dialéctica e desenvolvimento, se refere à *invariância* como um conceito impeditivo de mudança e progressão. Ideia resultante da sua posseção pelo maligno (e aqui o conceito é igual ao de Rosenfeld sobre a confusão Bom/Mau, e a aceitação de protecção por parte das mafias interiores), e conseqüente representação invejosa da unidade, e pura emanência do Ser, inapreensível pela diáspora e reificação existencial com que Satã (o modo dividente) contribui para a formação do humano.

Cegueira que tem feito tábua rasa da física do movimento (que só existe porque existe atrito), da observação da sustentação de uma asa que permite o vôo a um aeroplano (a qual como Lao-Tsé profetizara, deriva do vazio que sobre si se forma), dos trabalhos de Minsky sobre os censores internos, da gramática generativa de Chomsky, dos trabalhos sobre o esquecimento como condição do pensar, da análise topológica, ou do invariante universal que determina a quantidade de informação que um sistema pode conter (cf. Carvalho Rodrigues, 1992), etc., para referir os poucos de que me lembro.

Ora quer Bion quer Bohm, e mesmo Matte-Blanco, colocam a invariância como condição da transformação, filiando-se na tradição freudiana, de acordo com os postulados de Freud sobre os sistemas ψ e ϕ .

Escreve Bion (1970, p. 68; sublinhados meus), "Reciprocamente, conseguir *cegar-se* para as qualidades (ou a percepção delas), que pertencem ao domínio dos sentidos, capacita o analista a *ver* aspectos do evolver de ϕ *invariante* no analisando. Mais a análise progride mais atinge psicanalista e analisando o estado em que ambos contemplam o mínimo irreduzível que é o paciente. (**Esse mínimo irreduzível é incurável pois o que se vê é que sem ele o paciente não seria paciente**).". Ou pelo menos *este* paciente, creio poder acrescentar.

Invariância e identificação-projectiva, expressões da duplicidade fundamental e que a respeitam, longe da estagnação em PD ou em PS. Distinção entre diferentes qualidades e suas diversas características, entre dois modos que parecem caracterizar e ser invocados por qualquer manifestação humana, e que permite a resolução no plano discursivo das paradoxalidades resultantes do seu não reconhecimento e confusão.

Distinção que nos coloca *num epistema neo-platónico em que a primazia da projecção sobre a percepção na formação da representação e do percepto* - como ilustra a observação de que na formação de uma imagem se processa mais eferência cortical que aferência visual, ou de que cegos operados não vêem os objectos antes de

os poderem situar no seio do seu anterior código acústico de organização; ou as experiências sobre vocabulário e percepção da côr - *implica que só se pode aprender a partir de si, e sobre si.*

Concepção de que um sistema se define pela **invariância** dos seus limites e por suas restrições, para além das suas capacidades, definindo um modo característico de trans-formar, que por sua invariância pode ser detectado, contribuindo para a auto-identificação do próprio (identificação ideomórfica). Que um sistema altamente variante se caracterizará por uma extrema contigência e pela impossibilidade de auto-consciência.

A auto-consciência resultando não só da possibilidade de comparação interna entre a pré-concepção e a concepção ou trans-formação, de acordo com o modelo de dupla inscrição exposto por Freud na sua *Nota Sobre o Bloco Mágico*, mas requerendo ainda uma **invariância** que permita o reconhecimento das deformações sistemáticas impressas no material processado, como forma de por uma hipérbole poder aceder à definição de si, a invariante matricial que gera e presencia qualquer das suas realizações (a conjunção constante não transitória em termos bionianos, com que trabalha o terapeuta na perlaboração das conjunções transitórias que constituem o conteúdo manifesto de uma sessão).

Se pensarmos nos componentes do conceito de Bion de *mudança catastrófica, violência, subversão e invariância*, verificamos que a possibilidade de aprendizagem e auto-consciência deriva desta última, sem a qual não seria possível atribuir um resultado a uma acção particular, ou determinar uma sequência, por se perder toda a possibilidade de reconhecimento e comparação entre duas entidades.

Invariância surge como o núcleo da transformação, aprendizagem e auto-consciência; de resto a observação psicológica evidencia a adesividade e falência dos mecanismos introjectivos e da identificação nas personalidades indefinidas e instáveis, paralelamente à sua acentuada dependência e contigência de um objecto provedor de suporte e do contexto, assinalando a falha de individuação e autonomização, como falência do projecto humano. É assim nas psicoses simbióticas das crianças, nos adolescentes *Borderline*, nos toxicómanos e na sazonalidade do funcionamento maníaco-depressivo - mostrando a natureza vegetativa de um sujeito mais parecido com uma planta que floresce na Primavera e se recolhe no Outono, do que com um sistema auto-determinado como o homem.

Estados *Zelig* - para utilizar a brilhante ilustração do personagem homónimo de Woody Allen - no fundo estados *Zombie* da mente. *seres que não são porque na sua voracidade infinita nada podem ser*, em lógica satânica não aceitando nenhuma restrição como condição da infinita transformação, confundindo ϕ com a arrogante afirmação da sua pura existência ($-\phi$). Deicídio da infinita capacidade de

consustanciação, que esquece a necessidade de alteridade requerida para a realização da união hipostática. Relembre-se a tristeza de Baphomet e sua eterna condenação a uma deriva infinita, pura replicação em existência, resultando na impossibilidade de ser nomeado e no esquecimento de si por parte dos seus adeptos, em impossibilidade de Ser, um arremedo do simétrico pelo assimétrico que não pode conceber o estado de pura fluidez e manutenção do Ser que ocorre no primeiro. *Desespero e paradoxalidade*, condições adversas ao humano, *ressurgem da clivagem da duplicidade essencial sempre que o homem sai da sua específica condição de realização de sua impossível unificação* - condição trágica que o marca e dota de infinita capacidade de trans-formação (variância e invariância, fluidez e consustanciação), da sua função de veículo da união hipostática.

Por isso verdade reside nas palavras de Baphomet, quando se deprime e lucidamente assume a sua condição de segundo; já Matte-Blanco demonstrara que a simetria conduz à formação de entidades gramaticalmente intermédias ao substantivo e ao adjetivo, a uma consustanciação-adjektivante só possível de realizar pelo vértice místico. Assim a simetria de *mãe, mulher e seio*, produz o protótipo kleiniano e evidencia o invariante de **Maternidade** que preside a toda a série.

Efeito que gera antropomorfização das entidades criadas e instaura uma ordem fractal, constituída por entidades duplas substantivo-adjetivo, auto-replicante, correspondendo às propriedades da organização narrativa do sonho e do inconsciente e às formas primitivas de pensamento. Linha de raciocínio que pode ser invertida: talvez os primitivos pela insuficiência de desenvolvimento da assimetria, de múltiplas camadas de distinção, e distanciação, do real, estivessem mais aptos a perceber a sua natureza, tal como Bion espera que ocorra no terapeuta *sem memória nem desejo*. Repõe-se assim um epistemo neo-platónico, uma inversão de perspectiva em que o homem corresponde à imanência de humanidade (vista como duplicidade), das formas ideais, elas próprias como expressou Bion duplas nos seus componentes saturados (ψ) e insaturados (ξ); longe da conotação depreciativa com que a modernidade fala do primitivismo e da antropomorfização. A fórmula ($\psi(\xi)$), favorece também a percepção de que toda a clivagem é confusão e não discriminação, na forma ($\psi \xi$).

De uma forma *bi-modal* tal implica o reconhecimento do contributo dos dois modos e da sua inscrição em ϕ . De que no humano a quietude se aproxima da morte, do aniquilamento da individualidade que se dilui *em puro Ser sem existência*, com reconhecimento da contribuição da violência da separação e da clivagem, gerando sucessivas glaciações assimétricas, *existência*, como um apelo da duplicidade essencial de ϕ , aquém da Bi-Modalidade, e não como afirmação de uma existência arrogante condenada à iteração e à loucura (a convicção delirante na existência), pela oclusão da transcendência - *não-ser e não-saber*.

Duplicidade necessária à trans-formação e à significatividade narrativa que caracterizam a condição humana, herdeira de Deus e filha de Satã. Como refere D. Bohm, a audição de uma composição ou a percepção de uma narrativa, implica esta condição dual de diálogo entre o manifesto e o implícito, não sendo possível se ocorrer uma centração absoluta na sensorialidade do manifesto (como igualmente ilustram os estados autistas).

Duplicidade que identifica um estranho atrator e sugere uma natureza *fractal* da mente, fundamentando uma epistemologia neo-platônica, que possa conjugar a história das transformações verticais, sincréticas e assimétricas, da estrutura generativa implícita, com a historicidade da sua mutação horizontal simétrica e diacrônica que constitui uma invariância a-histórica.

IV. 6.

ORDEM FRACTAL, FRONTEIRA E *TRANS*

A constante referência à fractalidade da mente e dos seus produtos impõe que apresente o conceito, embora não de uma forma matemática - que me ultrapassa - neste contexto de discussão da duplicidade essencial.

A maneira mais evidente de apresentar uma estrutura fractal de que disponho, consiste em recorrer às experiências de Hubard sobre as *bacias fractais de atracção*. É um dispositivo simples que se assemelha a um tabuleiro com duas ou três depressões, sobre o qual se lançam pequenas esferas.

Como é de esperar as esferas lançadas muito próximo das depressões (*atractores*), deslizam para elas immobilizando-se no seu fundo. Se a cada um dos atractores atribuirmos uma cor e marcarmos o ponto de partida da esfera com a cor do atrator em que se imobilizará, obteremos um mapa de três cores.

As zonas na imediação dos atractores parecem possuir uma só cor, a destes, mas as zonas de fronteira desde logo evidenciam complexos padrões em mosaico, revelando incursões de uma cor no interior das restantes. Aumentando-se a resolução do dispositivo, por exemplo utilizando uma grelha mais fina que determine um maior número de locais de lançamento de esferas; observa-se o prolongamento destas ramificações de cor, numa complexidade surpreendente que manifesta a *co-presença das três cores em qualquer dos locais de fronteira*, mostrando a influência de todos os atractores sobre cada um destes locais.

O mais famoso objecto fractal, o conjunto de Mandelbrot, pode ser visto deste modo, como uma simplificação do tabuleiro de Hubard para um plano bi-dimensional, uma vez que é obtido pelo mesmo sistema de atribuição de uma cor a um ponto no caso de ele pertencer ao conjunto (por ex. negro), ou de não pertencer (por ex. branco). Quando se observa a fronteira começam a evidenciar-se áreas que não pertencem ao conjunto, brancas, no interior das zonas negras, e ampliando-se a resolução surgem nestas zonas negras e brancas, sucessivamente. Gerando-se um entrelaçamento de linhas que faz com que este objecto bi-dimensional, adquira uma dimensionalidade igual a dois na própria fronteira, singularidade deste objecto que *possui a dimensão de uma área na própria linha de fronteira* (em que os pontos revelam áreas).

No contexto do presente trabalho verifica-se uma duplicidade essencial em toda a zona de fronteira que caracteriza uma estrutura fractal. O que pretendo extrair é a especificidade do humano como uma condição de fronteira entre o *divino-simétrico-homogéneo e indiviso* e o *satânico-assimétrico heterogéneo e dividente*.

A beleza e infinita variedade das formas fractais sugerem pictoricamente a vitalidade e infinita capacidade de transformação que se gera neste espaço. É curioso notar que o conjunto de Mandelbrot contém nas suas fronteiras todos os mais belos e complexos objectos matemáticos anteriormente conhecidos e que dão pelo nome de conjuntos, ou dragões de Julia.

Dragões de Julia, a filiação mitológica deste nome, remete, uma vez mais, ao bafo do dragão, *um sopro* (no seu significado medieval), *mas um sopro substantivado, um Bafo*.

Uma outra verificação interessante é a do facto de os fractais resultarem de iterações de **números complexos**. Os números complexos são números que habitam num plano e não numa linha, nos quais uma das coordenadas define a sua parte **real** e a segunda a sua parte **imaginária** pelo que tomam a forma de $(a+bi)$.

Poder-se-ia afirmar que tal não constitui novidade, pois a quadricula cartesiana determina igualmente números que habitam um plano. Qual a diferença?

Existe uma pequena diferença que faz toda a diferença, ela é de ordem qualitativa e deriva de $i=\sqrt{-1}$, pelo que a multiplicação de um número imaginário por si próprio desenvolve dois comportamentos impossíveis na multiplicação de um real por si próprio, ou mesmo de um número do conjunto \mathfrak{R}_2 como os números cartesianos.

A primeira é a de esta multiplicação gerar um número de um outro conjunto, no caso de \mathfrak{R} , pois $(i \cdot i) = -1$. A segunda a de esta multiplicação produzir um número negativo (-1) , o que nunca pode ocorrer em \mathfrak{R} , onde $(- \cdot - = +)$.

Percebe-se agora que a quadrícula cartesiana possui uma lógica satânica, um arremedo do plano complexo (C) por redução à assimetria de \mathfrak{R} , à sua imposição onde não é eficaz; *uma oclusão do não-ser por imposição de existir em qualquer dos pontos*. \mathfrak{R}_2 constitui uma visão especular, esquizoide, neste contexto em que o sujeito satura o real com a sua presença, trata-se de um plano definido por números do mesmo tipo, em ambas as coordenadas, e não de uma conjunção de números de diferente natureza, como em C .

Podem-se produzir fractais em \mathfrak{R}_2 , eles existem mas não se têm mostrado interessantes à investigação, as suas formas são bizarras, altamente assimétricas e crípticas, como os produtos das mentes satanizadas, que se tomam pelo real e tentam por assimetria resolver a questão da unidade apenas possível de resolução pelo vértice M , pela abertura ao não-ser, e a diferentes qualidades. Abertura à alteridade e manutenção de unidade antinómica parecem dotar C com inultrapassável beleza.

Os fractais complexos maravilham-nos com a sua natureza simétrica, pela relação parte-todo, pela auto-semelhança, pela *infinita diversidade no interior de uma unidade*. Atributo com que foi descrito Deus durante a idade média, e surge em todos os textos místicos. Por isso se apresentam belos e caóticos, dotados de significatividade mas ultrapassando a significatividade, como mentes em identificação-projectiva, bi-modais, além da bi-lógica. Dotados da paradoxalidade frutuosa do enigma, distintos do desespero friável dos fractais de \mathfrak{R}_2 , ou das mentes em desespero de impotência, cujo fechamento à alteridade condena a uma *iterativa imobilidade*.

Perguntar-se-á, que realizações possuem estas conceptualizações na psicologia clínica? Em que é que elas nos auxiliam? Vou tentar apresentar algumas ilustrações neste capítulo e reservar outras para o seguinte, que se dedica às conclusões do vértice C .

IV. 7.

ILUSTRAÇÕES TEÓRICO-CLÍNICAS.

- a) Costumam referir-se as fases de desenvolvimento *oral, anal, fállica e edipiana*; mas a criança possui desde antes do nascimento sensações bucais, e musculares (logo anais no sentido meltzeriano do *objecto dotado de esfínteres*, de uma cavidade e de uma válvula de regulação), fállicas (ligadas à micção) e potencialmente genitais (o que é assumido na teoria kleniana), derivadas da co-presença e triangulação entre as funções

e entidades sensitivo-emocionais referidas (sabe-se que a criança responde à comunicação materna, vocal e fisiológica, donde potencialmente se pode supôr uma triangulação *Conteúdos-da-Mãe/Conteúdos-da-Criança/Criança* (ligada provavelmente à musculatura estriada e à diferenciação das membranas da pele e da placenta)).

Deste modo os organizadores e precursores freudianos da mente encontram-se potencialmente disponíveis, numa racionalidade não-desenvolvimentista, mas sim neo-platónica e fractal, dotada de infinita capacidade de transformação. Esta perspectiva permite resolver a paradoxalidade do famoso debate entre kleinianos e ana-freudianos acerca da psicanálise de crianças.

- b) A organização edipiana é uma entidade fractal, pelo que Klein pôde traçar as suas realizações pré-genitais sob a forma *eu/bom-seio/mau-seio*. Na actividade natural da mente respeitando ao sistema de troca, contenção, transformação, acessibilidade, com o objecto de amor, e inacessibilidade, insatisfação, alteridade, com um objecto rival. Perspectiva que enuncia a qualidade dupla do humano e a relatividade das suas experiências e realizações, assim como aproxima a mente da sua natureza de **orgão-de-pensar**, numa triangulação *Eu-Conteúdos-Produtos dos conteúdos*, ou *Eu-Significado-Significante*. Relação dupla, duplicidade entre **M** (ser os conteúdos), e **C** (a afirmação esfíngica de um representante, cuja organização e significatividade têm que ser descobertas), numa **una-trindade**, **P**, em que a criança se transforma e transforma os seus conteúdos discriminando e integrando-se em parábola ou *reverie*, como resultado de um infindável ir e vir entre **M** e **C**, entre ϕ e σ .

- b.1) Que o Édipo, logo desde Freud, é atravessado por uma duplicidade essencial, tornando-o um conceito bi-modal (do mesmo modo que os de transferência ou identificação-projectiva, regressão e bi-modalidade). assim se percebendo sua infinita capacidade de gerar significado, parece ser indicado pelo raciocínio do autor sobre os efeitos dinâmicos da castração - parecendo comprovar a percepção da duplicidade antinómica em Freud e sua relação mística à psicanálise.

"Enquanto que o complexo de Édipo no rapaz desaparece sob o efeito do complexo de castração, o da rapariga torna-se possível e é introduzido pelo complexo de castração" (Freud, 1925a), p. 153).

Mas a percepção da duplicidade antinómica, expressando-se na castração, vai em Freud, em pura construção fractal manifestar-se no próprio interior de cada um dos sexos; "É por angústia de castração que o pequeno Hans põe termo à agressividade contra o pai [...]. Mas é também por angústia de castração que o pequeno Russo renuncia ao desejo de se tornar o objecto do amor de seu pai, uma vez que compreendeu que uma tal relação pressuporia o sacrifício das suas partes genitais [...]"(Freud, 1926).

Igualmente na rapariga a inveja do pénis, consequente à percepção da castração permite, a superação da rivalidade com a mãe, agora destituída da onipotência fálica, e o acesso ao amor do pai como forma de reapropriação do pénis perdido (na relação sexual e na maternidade, respectivamente).

Deste modo a castração permite, na sua duplicidade imanente, o acesso à sexualidade adulta em ambos os sexos, sendo possível identificar a ruptura por simetria como conduzindo à homossexualidade, e a ruptura assimétrica relacionando-se com a organização perversa; no primeiro caso o sujeito torna-se o sujeito do desejo do outro, no segundo afirma-se contra o real. O facto de R. Dadoun (1986), ao estudar estes factos, ser levado à conclusão de que "no rochedo da castração está suspensa a lei de **precaridade essencial** da realidade humana"(Dadoun, 1986, pp. 296; sublinhado meu), parece manifestar a condição virtual do homem, sita entre ambos os modos antinómicos, como expressão de seu continuado enlace e frutificação.

b.2) Também a interpretação lacaniana do esquema freudiano sobre a *satisfação*, evoluindo da hipótese de que no universo a energia tende para 0, $Q_e \rightarrow 0$ enquanto na espécie humana o resultado é diferente de 0, $Q_n \rightarrow 0 \rightarrow x > 0$, para a sua formulação da satisfação como *barrada* entre o *Princípio da Realidade* e o *Princípio do Prazer*, o qual em si mesmo evita 0 por sua dominante de evitamento do desprazer, e que se pode representar por $S \rightarrow \frac{PR}{PP} \rightarrow x > 0$, indiciando a inscrição do nome do pai

sobre o desejo da mãe, $\frac{NP}{DM}$ - que segundo Lacan define o mínimo denominador do humano - revela uma duplicidade essencial na formação do humano, do desejo e do fantasma.

O próprio Édipo se apresenta como duplo, nesta teorização que o concebe como produzindo uma cicatriz e um resíduo *a* (o objecto de gozo), em

que um sujeito duplo (\mathfrak{A}), se encontra numa relação igualmente dupla face a a .

O contido na alínea b) pode ser ampliado e reencontrado nas relações entre a boca e o seio (mamilo+mama), como o faz Meltzer nos seus *Estudos de Metapsicologia Ampliada* (Meltzer, 1986), reforçando-se a percepção da natureza fractal da mente e suas propriedades de auto-semelhança.

Desta obra apresentarei algumas passagens do capítulo XV, *Acerca da percepção dos atributos de si próprio e sua relação com o desenvolvimento da linguagem*, que julgo ilustrarem claramente o meu raciocínio.

Nesta exposição, Meltzer pretende distinguir imaturidade de psicose; utilizando a teoria do pensamento de Bion e seus conceitos de função α e elementos β , separa *símbolos significativos* - que poderemos considerar como pertencendo a C - dos *mísseis símbolos-coisas*, destituídos de significação - que podemos considerar como pertencendo a \mathfrak{R}_2 .

Para tal recorre ao Caso de Henri, de 26 anos que no momento do seu internamento não apresentava "[...] nenhuma das ideias alucinatórias usuais, nem exibia uma conduta ou modo de comunicação bizarros, hostis ou reservados", mostrando-se cooperante e interessado em investigar sobre os "[...] fenómenos de percepção de si próprio e do mundo, que o alteravam e impediam de levar qualquer forma de vida estável".

"Henri queixava-se essencialmente de que via ou "lançava" cores enquanto comia ou interagia com outras pessoas. Esses fenómenos de côr impediam-no de ser "constante", o que parecia significar "ser a mesma pessoa", especialmente antes e depois de comer. Essa perda de constância tinha-se-lhe tornado evidente ao separar-se do seu companheiro de viagem. Nesse momento tornara-se incapaz de fazer qualquer coisa "automaticamente", no sentido de que não se podia manter alheio às actividades dos seus sentidos individuais, concentrando a sua atenção em objectos consensuais."

Diz Henri : "o que não é normal é o facto de não poder olhar enquanto como; as outras pessoas podem fazer qualquer coisa, em qualquer momento [...] parece-me que se deixam levar, como se se abandonassem ao movimento. Eu não me entrego à corrente, luto comigo mesmo...". "Quando mastigam, não prestam atenção; podem fazer qualquer coisa. Eu não posso mascar pastilha-elástica, porque penso em pastilha-elástica todo o tempo [que mastigo]..."

Meltzer sublinha "[...] o facto óbvio de todas as preocupações de Henri relativas à constância se centrarem no comer e no seu impacto, em si e nos outros." E afirma "O

problema central parecer ser mais de desenvolvimento que da formação de alucinações baseadas na onnipotência. Poderia ser enunciado como um problema de diferenciações: do mundo interno e externo, da fantasia e da acção, dos pensamentos e dos factos, do self e dos objectos.". Interrogando-se mais à frente sobre se "Não seremos nós, por acaso, que sofremos deste esvaziamento, desta escotomização do mundo pela nossa hábil utilização do nosso órgão de consciência?".

Evoca depois o autor um estudo sobre a natureza da lalação nos bebés, e a função do período de discurso *privado*, que para si constitui "um jogo com os sons na boca, tratando estes como objectos de uma manipulação imaginativa [e imaginária]". "Uma extensão da tendência da criança para colocar objectos na boca [...] uma forma primitiva de provar a realidade, em que o problema crucial é o da diferenciação Comestível-Não Comestível.", deste modo "O jogar com sons na boca parece ser paralelo ao jogar com objectos [...] como um teatro alternativo de manipulação da fantasia.". Concluindo que "a lalação deve considerar-se como o aspecto vocal de uma fase mais geral do desenvolvimento cognitivo, na qual o espaço físico da cavidade oral é utilizado como teatro da fantasia e do jogo, um ponto intermédio entre o jogo externo e o pensamento interno (pensamento onírico ou fantasia)."; "Nesse teatro da fantasia, os sons podem ser manipulados como objectos concretos que não têm um significado fixo ou determinado, adquirindo-o a partir da imediata justaposição com outros sons e objectos bucais".

Meltzer considera ainda que o teatro bucal continua sob a forma de jogos de palavras homónimas, trocas e recombinações de sílabas, aliteração, ambiguidade etc., todas as figuras da dicção poética, como forma de produção de significado e investigação do real levando a que o encontro com este seja menos frustrante.

Coloca então a hipótese de que em Henri "o equipamento para pensar esteja ainda arraigado neste estadio bucal, de tal modo, que o teatro do pensar ainda não se tenha alojado na sua vida onírica, permanecendo na sua boca durante a vigília.", pelo que "será de esperar que tudo o que ocorra na sua boca tenha o mesmo efeito na visão de si-mesmo e do mundo, que estamos habituados a que tenham os sonhos."

A ligação em Henri entre comer e ver, constitui para o autor um reforço da sua concepção altamente visual da relação bebé-mãe, desenvolvendo um impacto e conflito estético no bebé, e podendo ser formulado como "um olho-mamilo que penetra no olho-boca enquanto o peito envolve o bebé, e a mãe e o bebé se envolvem mutuamente no seu contacto olho-a-olho. A curiosidade intrusiva do olho-boca do bebé neutraliza a do olho-mamilo, que assume o carácter de um Super-Eu muito primitivo [...]. E isto contribui para a tendência de separar o mamilo do peito, tendendo o primeiro a assumir as qualidades associadas com o pai e o seu pénis.". Mais à frente afirma Meltzer, "Neste sentido poderíamos pensar que o seu aparelho bucal, especialmente os dentes e a língua, estão fortemente associados à sua imaginação visual e se olham em forte identificação com o olho-mamilo na sua função Super-

egoica".

Antes de continuar gostaria ainda de realizar uma outra citação do mesmo trabalho de D. Meltzer, que me parece ilustrar uma outra linha de ideias presente neste texto. Assim na página 208 pode-se ler: "Se aceitamos a ideia [de Freud] [...] que iguala consciência com atenção, tenderemos a supôr que estamos a considerar uma função activa, dirigida por interesses derivados de desejos e ansiedades. Mas eu diria que isto implica considerar unicamente o tipo de atenção que pode ser dirigida, estreitada ou ampliada [...] ajustada a níveis de organização ou talvez, inclusivé, à abstracção. Os seus objectos são, em certo sentido, já "conhecidos". Mas existe um outro tipo de atenção que é muito mais passiva, paciente, receptiva que espera o advento do "desconhecido". Bion falou dela em relação com o que chamou "pensamentos que buscam um pensador", que esperam o advento da "ideia nova", [...]. Este tipo passivo de atenção é o que apreende o estético."

Tendo em conta a sua formulação do conceito de *conflito estético*, respeitante à maior incerteza, e à dôr aguda, associada à representação tri-dimensional da mãe, "Até que ponto a beleza do exterior do objecto tem correspondência com a bondade do seu interior, os seus sentimentos, as suas intenções e sua durabilidade?", Meltzer realiza na sequência da sua distinção entre consciência activa (atenção), e passiva (estética), uma equivalência da primeira à intrusividade e ansiedades persecutórias, relativas à intrusão do olho-mamilo-pénis (de acordo com a ligação de M. Klein entre o instinto epistemofílico e a pulsão-de-morte que, evidentemente, critica), e descreve do seguinte modo a segunda associando-a à experiência estética entre a mãe e o bebé, "com a sua natureza passiva, expectante e de entrega, que aporta o sentido de mistério, de júbilo, embora com a forte carga de dôr da incerteza do conflito estético, para ambos.". Concluindo que, "O interior oculto do objecto, tal como o objecto ausente, é um forte estímulo para o pensamento, talvez o mais forte dos dois, sendo, na sua natureza, muito mais apaixonado que ansioso. Enquanto as angustias engendradas pela ausência do objecto tendem a despertar violência ao serviço da dominação e controlo do objecto, a paixão ligada ao interior oculto do objecto estético promove o fazer amor, e convida à exploração".

Extensos blocos de citações, cuja beleza fará com que o leitor me desculpe, o primeiro realçando a natureza fractal da mente, o segundo a linha de pensamento que distingue **M** de **C** e conduz a **P**, quer em Meltzer, quer no meu texto.

No primeiro caso é interessante notar como a auto-semelhança fractal da organização edipiana, e logo do humano, no preconceito psicanalítico, pode ser ampliada e detectada no aparelho bucal (cavidade língua-dentes-lábios), e no sistema olho-mamilo-mama. É ainda interessante observar que a localização do aparelho bucal se inscreve, na periferia e fronteira do corpo, tal como os objectos fractais ocorrem na periferia dos conjuntos, fazendo com que esta possua em si o próprio conjunto.

Alarmam-se certos psicólogos com o facto de se importarem conceitos de ciências estrangeiras, utilizando-os como justificação e comprovação de raciocínios no interior da psicologia. Julgo que seja evidente que não é esta a perspectiva deste trabalho, Édipo, os desenvolvimentos kleiniano, a obra de Bion, e mesmo a de Meltzer, são anteriores aos conceitos físicos e matemáticos referidos. O que aqui se pretende é estabelecer as suas analogias e verificar a similitude de atitude mental que gera padrões característicos de análise, e desenvolvimentos consonantes, em diversos autores, independentemente do seu objecto de estudo; caracterizando estes processos de forma psicológica e de acordo com esta conceptualização.

O saber psicológico é válido em si, e por si, o que ganha com estas analogias é vitalidade e possibilidade de comunicação. O que o saber ganha é a revivescência de uma certa atitude cujas distinções poderão já não corresponder às estabelecidas pela atitude alternativa e actualmente dominante. Ambas serão válidas nos seus domínios, sem o que se produzirá sideração do pensamento e paradoxalidade regressiva; correspondem a abordagens predominantemente assimétricas ou simétricas, a aplicação desta no campo da psicologia talvez não seja psicologia, embora eu creia que o é. Tal como noutras ciências esta atitude produziu turbulência sobre as distinções estabelecidas. Sempre se verificou ganho de compreensibilidade, saber e comunicação, pelo que não seja de temer o prosseguimento desta linha de trabalho. Por outro lado encontra justificação e suporte nos desenvolvimentos actuais de todos os campos tradicionais do saber. E fá-lo de uma forma psicológica, utilizando conceitos e ilustrações deste campo, numa linguagem que nunca dele sai e que deriva dos seus expoentes máximos como Freud, Klein, Bion, Matte-Blanco e Meltzer.

A vitalidade desta perspectiva é tal que conduz a conclusões aparentadas independentemente do ponto de partida, veja-se o trabalho de Klossowski e o de Meltzer, para utilizar os mais distantes na topografia deste capítulo.

Veja-se como um físico fala da metáfora de um modo que, se não o soubéssemos, poderia ser o de um psicólogo, não temendo partir da literatura, de um autor tão caro aos psicólogos como Shakespeare e terminando com o diário de Anne Sullivan, a perceptora de Helen Keller uma obra de psico-pedagogia.

" Todo o mundo é um palco
E todos os homens e mulheres nele apenas representam "

As You Like It

A vida mais não é do que uma sombra ambulante, um pobre actor,
Que se pavoneia e queima o tempo sobre o palco.

Macbeth.

O mundo "é" um palco, nascimento e morte "são" entradas e saídas [...]. Esta utilização característica da palavra "é" para ligar objectos muito diferentes ou mesmo incompatíveis parece, à primeira vista, gerar paradoxos. Mais explicitamente, seja A="O mundo" e B="Um palco". A correspondente metáfora assume então a forma A=B. Mas para o senso comum o mundo não é um palco, e portanto $A \neq B$. A metáfora, por conseguinte, envolve simultaneamente a igualação e a negação de duas ideias, conceitos ou objectos.

O primeiro resultado do significado interno da igualdade poética de objectos muito diferentes é uma espécie de tensão ou vibração na mente, um alto nível de energia em que a percepção criativa do significado da metáfora se efectua não verbalmente. [...] De facto, muitas falas e sonetos de Shakespeare começam pela percepção elevada de uma metáfora para de seguida, após ter carregado o auditor com uma energia altamente perceptiva, proceder à revelação do significado interno da metáfora, explorando as subtis semelhanças e diferenças entre A e B.

[...] A percepção metafórica é, na verdade, fundamental em toda a ciência e implica o relacionamento, por vias radicalmente novas, de ideias incompatíveis. Em "The Act of Creation", Arthur Koestler explora uma noção semelhante, a que chama "bissociação". O próprio Koestler usa a metáfora entre "a lógica do riso" e o acto criativo, por ele definido como "a percepção de uma situação ou ideia em duas referências coerentes mas habitualmente incompatíveis".

"[...] O passo fundamental foi ensinar Helen a formar um "conceito" comunicável [...] Portanto, Anne forçou a sua aluna, como se fosse um jogo, a entrar em contacto com a água numa longa variedade de formas e contextos diferentes, de cada vez arranhando a palavra "água" na palma da mão. Durante muito tempo, Helen não percebeu nada, até que, de súbito, descobriu que todas as experiências se referiam a uma mesma substância com diversos aspectos e que era simbolizada pela palavra "água" na palma da mão." (D. Bohm e D. Petit, 1987, pp. 50 a 55).

Um raciocínio psicológico, uma discriminação que se realiza por simetriação, correspondendo à realização de um físico do que já havia sido exposto por psicanalistas como A. Ehrenzweig, M. Milner, I Matte-Blanco e mesmo por Winnicott (com o seu conceito paradoxal de objecto e de espaço transicional), a viabilidade e contributo do inconsciente e da simetria na organização e geração de significatividade, e da mente (o aparelho de gerar significado).

Atitudes que ilustram o segundo bloco de citações de Meltzer, derivando de uma abertura ao enigma, de uma entrega ao objecto e seu impacto estético, longe da intranquila necessidade de reencontro do familiar da atenção activa, que levou Freud a conceber uma psicologia de um ser que tende para a morte.

Morte que atravessa toda a segunda parte da sua obra psicanalítica, após a introdução da segunda tópica, e que de acordo com Meltzer deriva da não distinção qualitativa dos afectos de amor e ódio (Cf. D. Meltzer, *The Kleinian Expansion of Meta Psychology*, Book I, *The Clinical Work of Freud*, 1978), da manutenção da concepção hidrostática de prazer-descarga. Modelo que não pode explicitar porque se distingue o prazer de coçar uma borbulha, do de comer quando se tem fome, ou do de ter um orgasmo; embora tenha podido realizar uma percepção tão importante como a de pulsão-de-morte, posteriormente perdida, com excepção talvez de Lacan; veja-se a confusão de Klein entre agressividade e pulsão-de-morte, de que só Bion e Meltzer abrem posteriormente vias para a sua dissolução. Modelo que operou uma replicação do real sobre si próprio, um \mathfrak{R}_2 , anulando o imaginário e fechando-se à percepção da complexidade ($\mathfrak{R}.I$)

A beleza das citações apresentadas sugere-me que termine, sem o que o seu efeito estético se diluirá; como gostaria de ter podido escrever aquelas palavras. Possamos nós abrir-nos objecto, ser simultaneamente receptivos continentes e conteúdos do real e da realidade, correspondendo à duplicidade que nos constitui, como sopro-substantivados, *bafos*, em terminologia medieval. Seres finitos e infinitos, de infinita capacidade de *trans-formação*. As páginas anteriores revelam a vitalidade deste projecto e acompanham-nos com ilustres personagens, inspirando-nos a mesma confiança que sentiu Dante por Virgílio.

Que a bondade se gera de bondade e o saber do saber já o leitor sabe; a beleza das *Metáforas* expressas, encontra suporte objectivo na *Correlação*, e *Poético* na formulação de Keats de que *toda a verdade é bela, e a beleza é verdadeira*.

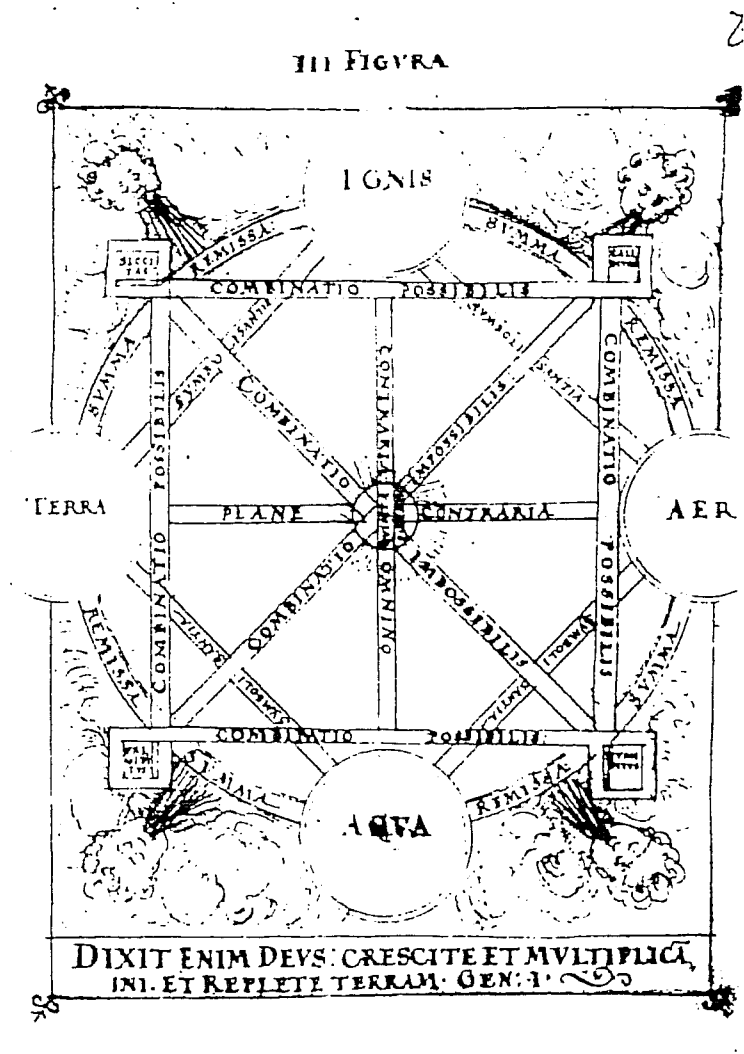
C

«"(Cê)", m. Terceira letra do alfabeto português. Sinal de compasso quaternário, em música. Sinal de "Cem" na numeração romana. "Fís." Abrev. de "Coulomb". Mús., Segundo grau da escala, na antiga notação romana. "Adj." Terceiro (falando-se de um número ou de um objecto que faz parte de uma série).» *

Por esta letra se inicia a palavra *Científico*, nome do vértice que segundo C.. Amaral Dias designa as transformações de ϕ , realizadas pelo empreendimento gnóstico da ciência.

As transformações C de ϕ , Tc (ϕ), aspiram ao conhecimento deste, mas são-lhe inadequadas, pelo que apenas o podem transformar.

* in Cândido de Figueiredo (1953). **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa, Liv. Bertrand; p.247 "BUZARATE" A "CABAIA".



Cornelius Petraeus, *Sylva Philosophorum*, Séc. XVII, biblioteca da Rijksuniversiteit, Leyde, Cod. Voss, Chem, vol. 61.

"Os meios segundo os quais os elementos podem ser combinados" in, Stanislas Klossowski de Rola (1974). *Alchimie Florilège de L'Art Secret*. Paris, Éditions du Seuil. p. 120.

Inscrições nos quadrados que ocupam os vértices do quadrado central, de cima para baixo e da esquerda para a direita : *Siccitas*, *Calliditas*, *Frigiditas* e *Humiditas*. No círculo central : *Quinta Essentia*.

No vértice C, sob o modo heterogêneo-dividente, surgem contradições insolúveis; embora a sutileza do raciocínio seja mais intensa nesta prancha do que nas anteriores.

Observa-se que neste modo a apreensão da unidade não pode ser realizada; todas as vias que cruzam o círculo central são marcadas como *Combinatio Impossibilis*, *Contraria Omnino*, e *Plane Contraria*. O esquema mostra as operações de simbolização como oblíquas e periféricas (o losango *Symbolisantia*), e as operações de combinatória e de procedimento (o quadrado *Combinatium Possibilis* e o círculo *Suma e remissa*), como ainda mais periféricas. Por último note-se que este é o único diagrama não encerrado por um círculo denotando o *todo no todo*, mostrando assim a perda da unidade essencial e o risco de a Obra neste momento se perder no labirinto procedimental assimétrico, tornando-se pura espagéria..

Como escreve Salmon (citado por Klossowski de Rola, 1974, p. 9), existe "uma outra espécie de pessoas que aplicando-se à Química, e que tendo algum estudo e algum conhecimento, buscam a Pedra Filosofal por diversas tentativas e pelas muitas experiências que fazem. E embora jamais possam consegui-lo, por não trabalharem sobre a verdadeira Matéria, ou por não a trabalharem da maneira necessária: não são culpados de possuir esta curiosidade; [...] São aqueles que buscam uma coisa que não podem encontrar, porque a procuram onde ela não se encontra, e não a procuram da maneira que é necessário procurar: [...]", in *Bibliothèque des Philosophes (chymiques) ou Recueil des Auteurs les Plus Approuvez qui Ont Écrit de la Pierre Philosophale*. Paris, 1672. Sublinhados meus.

Contra
D. P. P. P.

I

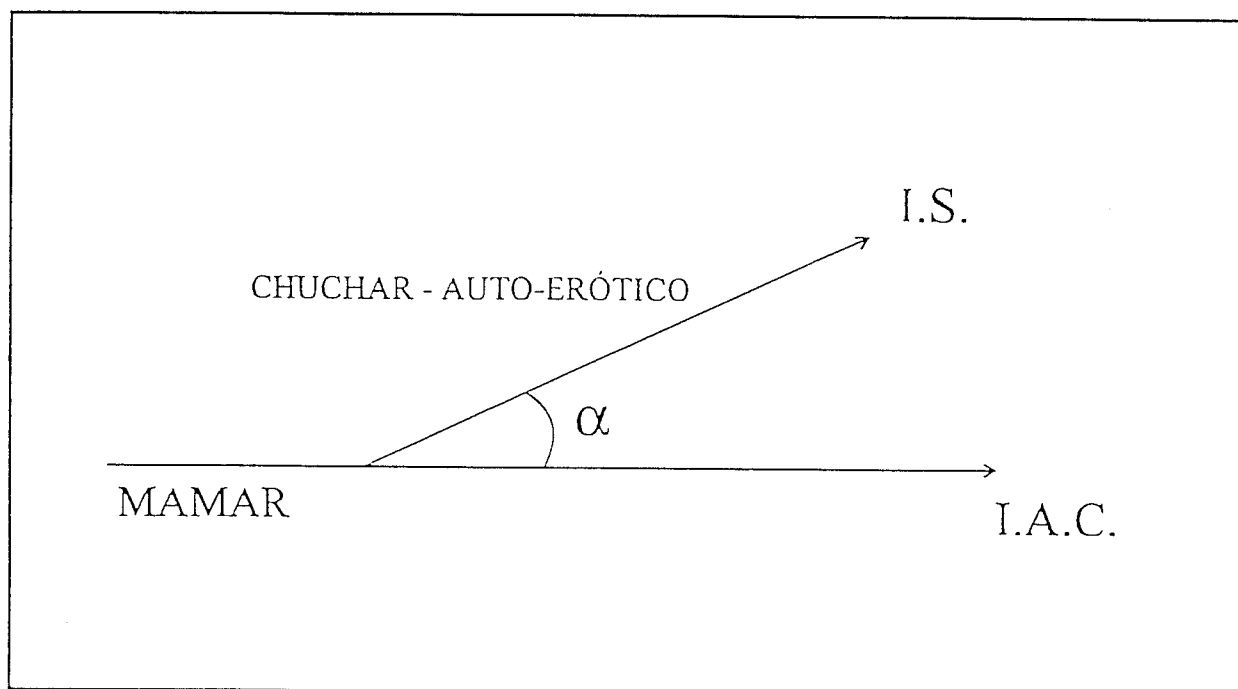
DA SOMATOPSICOSE À ANGULARIDADE

I. 1.

DESCRIÇÕES:

1. Tomemos a somatopsicose tal como descrita por C. A. Dias - na senda dos trabalhos de Bion e Meltzer - em *Aventuras de Ali-bá-bá nos Tímulos de Ur* (C.A.Dias, 1992), como uma base de trabalho para uma investigação sobre o pensamento, os mecanismos de pensar e a vida da mente.

2. Acrescentemos-lhe a conjectura de Freud sobre a derivação do Instinto Sexual relativamente ao Instinto de Auto-Conservação, ocorrendo aquando da sua separação do seu objectivo primário, a alimentação, e dando origem a um comportamento repetitivo e auto-erótico, o chuchar. Conjectura conhecida como *Modelo de Sustentação* (etayage), e que possui a seguinte representação gráfica.



Esquema elucidativo da genial concepção de Freud de que o psíquico, e o lugar da mente, corresponderia ao espaço definido pelo ângulo entre estes dois vectores e ao seu conteúdo; a fantasia que o preenche *ligando-os* e *trans-mutando-os*. (Trans)Formação da mente, e sua definição como uma função criativa e inteligente (no sentido do seu radical latino; *pôr entre*), trans-formadora de comportamento e sensorialidade em pensamento e fantasia. Em inovação; tal como aconteceu no desenvolvimento da matemática, onde a necessidade de expressar um ângulo por um número, originou a superação do conjunto dos quebrados (Q), para o conjunto dos reais (\mathbb{R}), com o conseqüente aparecimento dos números negativos e não-inteiros, que tornaram possível a legitimação e inteligibilidade das operações aritméticas (adição, subtração, divisão e multiplicação), ou seja do mental e da fantasia, dos atributos da dinâmica deste espaço e da naturalidade das suas produções - e com ganho de abstracção como característica do processo de pensar.

3. Consideremos ainda a espantosa definição de Bion sobre a interpretação mutativa, aquela que nas suas palavras, tornaria possível a mudança de *Saber sobre* para *Ser* ou *Tornar-se Em* (transformações em ϕ , em vez de transformações de ϕ). Retiro-a da página 89 do terceiro livro da obra **The Kleinian Development**, de D. Meltzer, intitulada *The Clinical Significance of the Work of Bion* (D. Meltzer, 1978).

"This Transition [... from knowing about reality to becoming real] depends on matching the analysand's statement with an interpretation which is such that the circular argument remains circular but as an adequate diameter".

I. 2.

DESENVOLVIMENTO

Considerando a validade da proposta de Amaral Dias ao afirmar a somatopsicose como o inverso do autismo, uma vez que o autista desvitaliza o outro tomando-o e igualizando-o a, e como, uma coisa, enquanto o somatopsicótico se desvitaliza a si próprio não vendo em si, e no real, mais do que a coisa-corpo; desejo acrescentar uma precisão.

Assim, se posso aceitar esta definição, adjectivá-la-ia de *simétrico* e não de *inverso*. Por outro lado a noção de *para dentro* e *para fora*, contida na definição exposta, uma qualidade sensorial-topológica outorga-lhe uma textura sensorial que pode correr o risco de nos limitar a abstracção.

É pois minha proposta considerar o inverso da somatopsicose como o **funcionamento maníaco-depressivo**, tão bem descrito pelo mesmo autor em *Para uma psicanálise da relação* (C.A.Dias, 1988), alertando aqui, de acordo com o autor, para que o mesmo não deve ser tomado como significando a Psicose Maníaco-Depressiva, seu ponto terminal e caricato; mas, pelo contrário, **caracterizando toda a modalidade neurótica de evitamento da dôr mental**.

Porquê assim?

Voltemos a Klein e vejamos qual a operação que segundo a autora dá origem à vida mental e à formação do aparelho psíquico. Processo cuja origem residiria na **divisão inaugural** entre **Bom** e **Mau** objecto, e consequentes idealização e denegrimiento primitivos, este último originando os sentimentos de perseguição. Processo que evoluiria com a formação da **divisão gestáltica Eu-outro** (figura-fundo), que considero simultânea.

Neste contexto de incipiência do aparelho de pensar pensamentos, sob o domínio da *equação simbólica*, denotando a prevalência do sensorial, pressuponho que ocorra uma série de equivalências *Eu-Não-Outro-Bom* Vs *Eu-Outro-Mau*, axioma que pretendo desenvolver às penúltimas consequências.

A identificação-projectiva ao objecto interno clivado Bom/Mau, e sua fenomenologia ciclotímica, constitui-se como o específico do funcionamento maníaco-depressivo, e na minha ideia como um correlato da gestalt propulsiva figura-fundo, Eu-outro, isto é como uma dinâmica percussora do processo de individuação.

Neste contexto de precária capacidade de pensar, regido pelas equivalências da equação simbólica, em que o Eu é definido e constituído pela *ausência e afastamento* do outro, dependendo deste para a sua manutenção como próprio, e para a manutenção da clivagem inaugural Bom-Mau, o afastamento do outro gera uma ansiedade paradoxal que o constitui, no interior do próprio, como uma presença maldosa - por reingresso das partes malignas nele projectadas e que agora destituídas de suporte projectivo reentram no interior do próprio. Com uma diferença consistindo em que quando projectadas estimulavam a atenção (mesmo que pela vigilância paranoide), e os mecanismos de regulação e modulação da relação, reforçando a curiosidade e a comunicação, enquanto que quando residentes no interior, se confundem com o próprio, resultando em dôr, confusão e perda da divisão gestáltica - tendendo a provocar as modalidades psicóticas de evitamento da dôr mental, como sejam a *não-atenção, não-consciência, evitamento perceptivo e vinculativo* (do sujeito para o outro mas igualmente dos próprios conteúdos e funções mentais no seu interior), ou a *rigidificação alucinatória*, a transformação em alucinação, do anterior estado de coisas. Ambas as vias obstaculizando a mudança e a aprendizagem, logo a transformação e o desenvolvimento.

Assim a identificação-projectiva, resultante das clivagens inaugural e propulsiva, e consequentes afectos de idealização e denegrimto, produzem falsificações e falsidades do real ($T\beta$), que *podem ou não* vir a conduzir ao desenvolvimento do pensar e da relação, consoante a capacidade continente do outro-receptor e a intensidade do ódio (H); enquanto que a implosão do próprio por destruição ou ausência do continente, com anulação da atenção e da identificação-projectiva, gera uma fenomenologia aparentemente realista e introjectiva, não falsificadora, pelas idealizações primitivas e pelas clivagens organizativas, que conduz à anulação da curiosidade e da vinculação com destruição das funções mentais que as suportam e produção de mistificação, mentira ($-T\beta$).

No limite à patologia autista e somatopsicótica, em que H é substituído por $-H$ e K por $-K$, indiferença relacional para com um $-\phi$, um outro, e logo um próprio, pela equivalência simbólica. $-\phi$, construindo um não-local para um não-ser paradoxalmente sempre existente e fagocitando toda a trans-formação, tornando-se inabordável e incognoscível, *intransformável*, em sua ominosa e inquestionável ubiquidade que anula todo o espaço mental (anula o ângulo no esquema apresentado e com isso o lugar do mental), gerando identidade e saturação negativa, *menos conhecimento*, em todos os pontos.

Implosão e falência de trans-formação, que viabiliza a analogia com o conceito de **anti-matéria**, uma anti-mente e anti-matéria mental (anti-fantasia), em que a liberdade criativa de falsificação, ou ilusão, com que o pensamento opera, não pode decorrer, e que, do meu ponto de vista, justifica a distinção entre uma *linha autista* e uma *linha maniaco-depressiva* de desenvolvimento.

Nesta ordem de ideias deverá ser possível distinguir, nas actuais formas clínicas, a filiação na **linha autista**, que englobaria o autismo, as psicoses brancas e deficitárias, o grosso das neuroses obsessivas, a somatopsicose, a psicopatia e as perturbações de carácter até à normopatia, *todas as formas clínicas em que a clivagem não dá lugar a uma fenomenologia francamente ciclótica e projectiva*, mas sim a um arremedo de estabilidade e de integração; a uma **obscena objectalidade**.

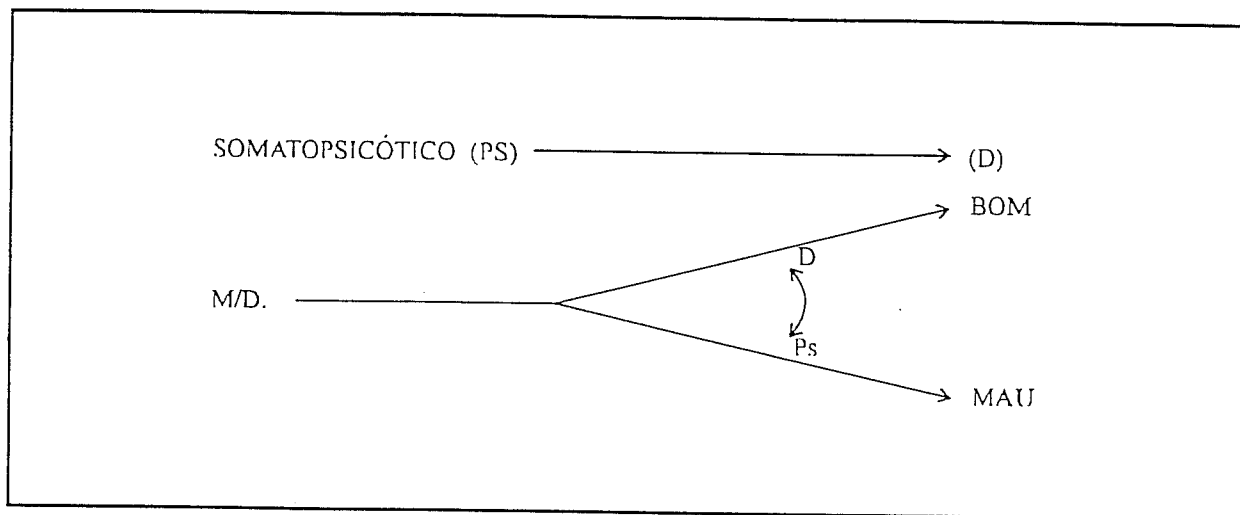
Numa outra linha se situariam as psicoses esquizofrénicas e produtivas, maniaco-depressiva e borderline, as neuroses fóbica e histérica, *tentativas de cura de catástrofes mais ou menos intensas, filiadas no uso da projecção e da identificação-projectiva*, em que a falsificação do real se verificou mais ou menos sedutora deste, e mais ou menos amistosa para com a possibilidade de pensar, intuir e trans-formar.

Dir-se-á que este raciocínio perde de vista a dimensão da depressão, é em parte verdade embora esta se aviste melhor na segunda linha, por enquanto não posso dizer mais sem tornar obscuro o meu raciocínio; suspeito que seja necessário desenvolver

um procedimento análogo face ao vínculo **L**, para corresponder à presente questão. Mais à frente tentá-lo-ei.

Considerando o exposto no primeiro capítulo vê-se que esta é a história da assimetria e das suas vicissitudes, clivagem e **H**; mesmo aqui a duplicidade se anuncia na operação da identificação-projectiva e no desenvolvimento da capacidade de pensar e aprender. Requer-se uma investigação das vicissitudes da simetria, mas o vértice **C** não lhe é muito favorável e acaba sempre por o fazer por assimetria. Mas a presente investigação *realça a duplicidade do pensar e a sua natureza trans-formativa e não naturalista*; de como este se encontra perto e longe do objecto, tal como o autista, se encontra tão perto e tão longe do objecto, *mas sempre longe do pensar*.

A representação gráfica das ideias expressas poderá uma vez mais ajudar-nos a clarificar o pensamento; consideremos o seguinte esquema.



Que ilustra os factos clínicos que observamos; não-eu, não clivagem e falha da identificação-projectiva no somatopsicótico, insustentabilidade do eu, clivagem e excesso de identificação-projectiva no maníaco-depressivo.

A diferença qualitativa reside nas clivagens eu-outro/bom-mau, e sua dinâmica binocular, ou dinâmica $PS \leftrightarrow D$, abrindo campo à fantasia, a *função metafórica de preenchimento do vazio no real, que tece, forma e produz a realidade, sua densidade e profundidade*, como percebeu Amaral Dias. Realidade criada e sustentada por identificação-projectiva, à semelhança do próprio, pelo que a sua textura e profundidade são isomórficas da qualidade destas características no interior do próprio.

É claro que neste momento nos encontramos sem sustentação para a distinção próprio-realidade sendo mais correcto estabelecer a identidade *eu-realidade*,

considerando esta conjunção como o conjunto de trans-formações do próprio e do real operadas no decurso da história do seu encontro; conjunção contingente às vicissitudes de cada um dos termos e da sua interacção, e *que lembra o estatuto de primazia e transcendência do próprio face ao eu e do real face à realidade*, respectivamente.

É pois o inverso da clivagem e da tensão dinâmica entre os seus vértices, ou seja indistinção e homogeneidade, estupidez e iteração, que encontramos no somatopsicótico, donde a sua sensibilidade embotada, protopática, face à realidade e ao real, dos quais não consegue aperceber a natureza mirífica, e sob cuja máscara mimética julgo podermos detectar o projecto deicida de *possuir e ser o real*.

($Ps \leftrightarrow D$), a tensão criativa gerada pela co-presença dos modos assimétrico e simétrico do ser, pela sua duplicidade, gera a possibilidade de visão binocular, de uma apreensão mais integrada e rica do real e da realidade apta à trans-formação, à *criação de metáforas significantes do real* (a criação de realidade), pela qual, embora espreitando a possibilidade de fixação em **D** ou em **Ps**, se acede à possibilidade da via **Trans**, a via da identificação-projectiva, de criação da significação e do significado; a via da vida mental.

O ser que se actualiza pelos produtos derivados da conjunção dinâmica ($Ps-D$), *é simultaneamente anterior e posterior a si-mesmo; caracteriza-se por uma ternaridade una e ubíqua, entre si e a sua duplicidade, que se repercute nos produtos mentais ou factos seleccionados por si elaborados*. Factos que estabelecem a viabilidade do vértice **M** e a ideia de que a trina-unidade labora em repouso, como exposto no capítulo antecedente; de uma transcendência que se reencontra na transcendência das suas realizações sem perda de qualidade. Vértice **M**, tornado agora mais claro e imperioso pela regressão, tal como a expús, no seio do empreendimento em **C** de que agora nos ocupamos, sem o que se decairá para a paradoxalidade bi-lógica, aquém da presciência bi-modal; ilustrando que a duplicidade só pode em dupla e binocular atitude ser apreendida.

Como Bion teorizou, a possibilidade de pensar os pensamentos, para o autor entidades sempre caracterizadas por violência e insatisfação - por carência - mantendo a tensão dinâmica e binocular, depende de um *Acto de Fé*, face ao outro e ao real, sem o que a intolerância e intranquilidade, requerendo tranquilização e reassseguramento por manutenção do familiar, fragmentarão a unidade numa clivagem entre **Ps** e **D**, na qual uma das modalidades será dominante, instaurando-se uma lógica de poder e de mistificação, de fixação e congelamento das falsidades inerentes à trans-formação, numa atitude de arrogante afirmação de si como, e no lugar, do real.

Eis o projecto psicótico tal como o encontramos plenamente consumado na somatopsicose.

Como aparte anoto como o diagrama angular é semelhante ao desenhado pelas funções deterministas não-periódicas, passíveis num determinado momento de resoluções diferenciais imprevisíveis. As funções do Caos na sua infundável capacidade de surpresa e diversidade, característica dos seres vivos e pensantes; da condição humana. Analogia que sustenta a suposição de que o estudo destas funções possa contribuir para o desenvolvimento do conhecimento da vida mental e das condições de sua manutenção e propagação.

É sempre perca de diversidade comportamental, relacional e emocional, linearidade, que encontramos na psicopatologia, atestando o fechamento angular ilustrado no diagrama.

Será interessante investigar os estados de aumento da aleatoriedade, como na condição borderline - aparentemente contradizendo o exposto. Creio que esta situação se possa representar como ocorrendo num limite em que a tensão binocular ($PS \leftrightarrow D$), apresenta momentos de falência nos quais se instaura a dispersão e linearidade em **PS** ou **D**, sem possibilidade de recursividade. Deste modo quer fenomenológica, quer estruturalmente, a condição borderline faz juz à sua designação limítrofe entre a psicose e a binocularidade maníaco-depressiva, ilustrando o ponto de transição entre si quer na vertente progressiva do desenvolvimento normal, quer na desintegração patológica.

De acordo com Bion os produtos mentais não elaborados na selecção ($PS \leftrightarrow D$), tomam a qualidade de *coisas-em-si*, de elementos β , inaptos ao pensamento e organização narrativa e apenas passíveis de *evacuação*, *acantonamento* e *compressão*, donde a perca da unidade antinómica e consequente aumento de aleatoriedade, resultantes da fragmentação e da linearidade imposta em cada um destes pontos subtraídos à atracção gravitacional da conjunção dinâmica.

Creio pois que toda a diversidade observada nos estados limítrofes corresponda a uma verdadeira zona caótica (de caos determinista), **desenvolvendo-se na fronteira entre o linear e o angular**, como um fenómeno de transição de fase. Só tal permite representar uma *estável instabilidade* como a que ocorre nestes estados. Ultrapassada essa zona de transição maior serenidade se nos apresentará, quer de um quer de outro lado; na linearidade por cessão de toda a transformação e correlato conflito interno; na angularidade pela contenção do produzido - embora nesta última a aleatoriedade e diversidade de estados de alma seja muito superior, o que reforça a ideia de uma maior proximidade dos estados-limite face à angularidade.

Que a aleatoriedade borderline caracteriza um ponto de transição, no qual se produz uma paradoxal diversidade, como tentativa desesperada de manutenção da dinâmica binocular face ao seu fechamento - em que ocorrem rupturas momentâneas da capacidade oscilatória resultando em fixações momentâneas em **PS** ou **D** com perca

de formação consensual - é ainda comprovado pelo facto de no máximo da aleatoriedade **toda a representação gráfica tender para uma linha plana** (logo para o diagrama linear somatopsicótico), fora da extravagância e floreado das formas desenhadas pelas funções caóticas, *deterministas e não-periódicas*, próprias dos seres vivos e aqui representadas pelo diagrama angular e pela unidade que envolve a dinâmica binocular.

O enfraquecimento da contenção, e mútuo envolvimento, de **PS** e **D**, manifestar-se-á inicialmente por um excesso de diversidade - que podemos representar como os vales formados aquando da implosão linear de uma determinada entidade - tendendo para a linearidade própria da psicose, apenas entrecortada nas fases produtivas por manifestações exageradas mas mais próximas de $(PS \leftrightarrow D)$, nas quais é ainda possível detectar um organizador mental, **um atractor**, ou gerador de dinâmica mental, responsável pela formação de picos - que um pico não estabilize como ocorrência modal *deriva da falência da capacidade de formar um facto seleccionado*, assim se percebendo a diferente textura emocional destas duas distribuições aleatórias.

Nesta linha de ideias torna-se muito mais fácil entender o carácter progressivo, a tentativa de cura contida no delírio e a sua superioridade face à morte linear, tal como presente no autismo e na somatopsicose. Questão conhecida desde o trabalho de Freud sobre o presidente Schreber, o delírio como a reconstituição da catástrofe da morte mental, mas a que a falta de um modelo teórico claro não tem permitido o devido reconhecimento e compreensão. Pelo que os técnicos continuam a assustar-se com a produtividade e a arrastar os pacientes para a improdutiva linearidade.

O excesso de aleatoriedade não permite, tal como a linearidade, a detecção de nenhum atractor, impossibilitando a constituição de **invariância** que, como já demonstrado, constitui um pré-requisito para o desenvolvimento de representação e trans-formação, redunzindo-se a uma roda que gira sobre si própria, numa sucessão iterativa de posições que falha a aprendizagem com a experiência e o crescimento em abstração.

A formação de invariantes depende então do desenvolvimento da contenção de $(PS \leftrightarrow D)$, no interior de uma dinâmica $(\Psi - \sigma)$, que virá reforçar a capacidade de reversão, e logo a empatia e a profundidade do espaço mental, funcionando como um *tele* (em sentido moreniano), para com os conteúdos resultantes de $(PS \leftrightarrow D)$. Deste modo a dinâmica $(\Psi - \sigma)$, uma vez plenamente desenvolvida permite a progressiva substituição da identificação-projectiva aos objectos externos (transferência e projecção), por uma identificação-projectiva aos objectos internos (condensação, transformação e abstracção), com desenvolvimento paralelo das capacidades de autonomia e intimidade. A dinâmica $(PS \leftrightarrow D)$ inscrita numa relação reversiva $(\Psi - \sigma)$, constitui uma enésima potência de $(PS \leftrightarrow D)$, logo uma infinitização das condições de desenvolvimento inscritas potencialmente na primeira clivagem, (**PS**) e (**PD**); condição

necessária mas não suficiente. Uma vez mais é a unidade mística do ser, viabilizando a integração e a suspensão das falsificações existenciais, logo a sua sustentabilidade e cognoscibilidade, que surge como condição da fecundidade de toda a trans-formação.

Como o leitor já observou o diagrama angular é exactamente igual ao esquema de Freud sobre a ancoragem do Instinto Sexual no Instinto de Auto-conservação, tendo-se apenas acrescentado precisão conceptual e operacionalidade clínica, através dos contributos de Bion e Klein, *desenvolvimentos inscritos na geometria da concepção freudiana*, auto-semelhantes, que certificam do carácter fructuoso do seu pensamento, e cujas analogias com a geometria das funções caóticas, colocam a psicanálise na linha da frente do conhecimento humano, devolvendo-lhe a capacidade de transformação e intervenção outrora possuída, mas progressivamente perdida por uma atitude talmúdica face ao texto freudiano.

II

EU, DESEJO E OUTRO

II. 1.

DESCRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Regressemos ao diagrama linear do Somatopsicótico e vejamos o que nos sugere.

4. Sugere-nos efectivamente o belo trabalho de Meltzer sobre a evolução clínica de Freud, livro I de *The Kleinian Development* (D. Meltzer, 1978) e sua discussão sobre o impasse causado em Freud pela vinculação a um modelo hidrostático da libido e do prazer, e sua falha numa teoria qualitativa dos afectos que mais tarde constituirá um contributo maior de Klein.

A concepção freudiana do prazer como descarga de excitação enfermava, como aponta Meltzer, do equívoco de considerar a saúde mental ou a felicidade como um estado comatoso, nirvânico.

Não sei se se pode aderir literalmente a esta interpretação e opto por outorgar o benefício da dúvida ao visado, considerando que Freud se referia ao prazer que a descarga de excitação propicia, e à saúde mental como uma capacidade de operar com sucesso sobre os incrementos de estimulação, por si vistos como incessantes dada a

natureza instintual e biológica das pulsões, e o contínuo de estimulações-oposições provenientes da realidade e do Super-Eu.

De qualquer modo esta definição, se não incorrecta, é pelo menos limitada e limitativa; não tanto porque não permite diferenciar a natureza do prazer que se obtém por coçar uma borbulha, comer uma maçã ou ter um orgasmo - embora isto seja uma limitação - mas porque a questão reside numa observação mais realista da natureza do prazer, e da vida, que não se coaduna com o modelo proposto.

Claro que a indiferenciação qualitativa possibilitada por este modelo quantitativo, nos coloca logo no domínio da quantidade de excitação e sua gestão, problema, talvez o único problema, do somatopsicótico.

Inibida a proliferação semântica e metafórica propiciada pela conjunção binocular ($PS \leftrightarrow D$), os elementos β gerados, impróprios para o pensar e sem possibilidade de convivialidade (na terminologia de Bion), confundem-se com um incremento quantitativo, e apenas podem ser geridos, **que não pensados**, por um processo de regulação *hidrostático*, em que o equilíbrio interno, face à impossibilidade de salto qualitativo de complexificação, é repostado por escape e evacuação. Donde a contínua eminência do *acting-out*, que recoloca toda a organização na proximidade do neuro-fisiológico, de onde na realidade nunca saiu, confirmando a insuficiência e precaridade do mental.

Tal como concebido pela escola lacaniana, um sujeito em que ($PS \leftrightarrow D$) não se organizou pela incorporação da dinâmica ($\Phi - \sigma$), produzindo um predomínio da identificação-projectiva aos objectos internos - ou identificação ideomórfica - *não sendo sujeito de desejo, mas apenas sujeito do desejo do outro*, sua replicação mimética, *não existe e não tem realidade enquanto e como pessoa*.

Não obstante a especificidade da teoria lacaniana do desejo e do sujeito, referindo estes conceitos à filiação na **ordem do pai**, marcada pela organização verbal, que introduz um desconhecimento do sujeito sobre si próprio, condição do desejo e da transgressão, que se representa por $\$$, sigla que denota a distinção entre o significante e o significado representando *o sujeito barrado*, i. é., sem acesso a si-próprio; são evidentes as analogias com o pensamento de Bion respeitante à psicose. A forclusão do pai parece-me referir-se à oclusão do real, por imposição da realidade e do próprio, de acordo com o modelo de transformação em alucinação, deicídio-parricida que coloca o sujeito em anástrofe e desprovido dos meios de se significar e de desejar (por sua recusa em aceitar o desconhecimento e inacessibilidade de si-próprio, inerentes à introdução da enigmática ordem do significante a qual, finalmente, o estruturará e dará a conhecer simbolicamente a si-mesmo, **conhecimento ilusório** que o ancorará no plano simbólico do humano).

Igualmente quer em Bion, quer em Lacan o sujeito se organiza sempre pela inscrição inaugural no desejo e na ordem linguística do outro. O bebé de Bion é um bebé **alfa-betizado** pela *reverie* materna, a qual, por sua vez, só pode operar por se encontrar filiada e inscrita numa dinâmica (Φ - σ), que testemunha a presença do outro em si.

A expressão *alfa-betizado*, é particularmente feliz por propiciar a percepção da falsificação inerente à tradução materna do bebé, na criação do *seu bebé*; correspondendo à exégesis lacaniana de manutenção de um desconhecimento de si como condição do humano. Alfa e beta, transformação e transformado, revelado e falsificado, conhecido e desconhecido, eu e outro em mim, são expressões da duplicidade fundamental do ser, que suportam a minha tese e permitem aproximar, e reconhecer, o genuíno esforço de apreensão do psíquico por parte de duas escolas teóricas usualmente tão distantes e antagonistas.

Mas se a obtenção da qualidade humana depende da renúncia à consumação do deicídio, embora o projecto deicida nunca possa ser abandonado (sob pena de desistência), e da obtenção de **senso comum**, quer no sentido de intimidade da dinâmica (Φ - σ), quer no sentido de uma filiação na ordem paterna, ou de aceitação da alfabetização pelo devaneio materno, que tece, estrutura e organiza o desejo individual, permitindo-lhe o acesso à significação, a viabilidade deste processo parece-me depender essencialmente de uma operação solipsista e individual inscrita na sua clivagem originária Bom-Mau, que organiza o lugar e função do outro, presidindo à distinção Eu-Outro.

Na tradição neo-platónica em que se inscreve o pensamento kleiniano, um teatro emocional interno gerador de significados e significação, o desejo tem esta origem interna, espicaçado pela alteridade do outro, seja lá ele o que fôr - como diria Bion.

Questão que pode parecer bizantina e lateral mas cujas importantes consequências na concepção do humano, da sociedade e do pensamento justificam plenamente.

Se existe falsificação e desconhecimento, nos processos de alfabetização ou internalização da ordem do significante, tal só pode dever-se à *pré-existência* do *bebé e dos seus conteúdos*, que igualmente configuram uma alteridade e um real, que escapa e impõe significação ao tradutor.

Encontro-me perto da ideia de Winnicott, de que a descrição de uma mãe que alimenta o seu filho, é um erro do observador, visto que do ponto de vista do bebé ele se alimenta a si próprio.

Deste modo abrem-se perspectivas à concepção de um inconsciente primário, *um outro em mim*, precedente; assim como à existência de *pensamentos anteriores ao pensar*, que definem uma forma de conhecimento de base analógica, imanente, **que não se processa por informação nem trabalha com representações**, concordando com as ideias de Bion e Amaral Dias sobre este tema, assim como com os recentes avanços da inteligência artificial.

Uma ordem fractal e atemporal, se abre na elucidação do inconsciente primário, inexaurível pela consciência, aquém da simetria e da assimetria, como uma ordem super-implícita, colocando-nos tão próximos e tão longínquos uns dos outros. Nesta perspectiva a *comunicação humana é uma ilusão* - como transmissão de informação - *derivada de concordância e sincronicidade do conhecimento*. Longínquos nos encontramos, mas a possibilidade e frequência desta ocorrência (de sincronicidade comunicacional), probabilisticamente fraquíssima, aproxima-nos revelando-nos como basicamente iguais e unos, na nossa filiação de uma divina e transcendente alteridade. Na ideia de Bohm na nossa primeira unidade e indiferenciação no interior de uma ilocal e atemporal ordem super-implícita de que não somos mais que evanescentes emanações - embora por este facto possuamos igualdade e mesmo transcendência para com ela, **embora não para nós próprios**.

Ideias difíceis para o epistema social que domina o pensamento contemporâneo e suas teorias de aprendizagem e desenvolvimento, terrível solidão para o que não tem fé, e teme o solipsismo. Para os que pensam que pela sua actividade podem ser, *ignorando que tal condição é anterior, actual e posterior à existência, mas que sobretudo por ela não é grandemente afectada*.

Determinação interna do desejo, que o coloca como condição transgressiva e inaugural do humano e da sua duplicidade prometaica - inspirada e invejosa - emanação de *um outro que em mim me desconhece e ignora totalmente*, no dizer de Amaral Dias. Nova intrusão do vértice **M**, no interior de **C**.

Esta divisão inaugural Bom-Mau, *transcende o sujeito*, que por ela é jogado e co-criado, tanto como pela alfabetização do outro, e *transcende o outro* porque independentemente do que ele faça, *é porque o deixa de fazer, e não porque o faz*, que surge e se representa para o próprio.

Prefiro o termo **próprio** ao de **sujeito**, porque mais próximo do *ser*, e da ideia de *mim* como um ϕ para *mim*, mais próximo da ideia de **Id** (ou inconsciente primário), da estranheza e surpresa que *isto* provoca sempre que emerge no nosso interior. **Sujeito** e **Inconsciente**, termos mais próximos da dimensão da existência, do *bébé de sua mãe* ou do *sujeito de uma linguagem*; mais próximos do social e do representacional.

A percepção de uma duplicidade super-implícita ficou mais clara e justificará a aparente estranheza desta discussão. Ela constitui um continente precedente à função α materna, e ilustra as implicações de uma perspectiva neo-platónica.

Concorda com a ideia de Tustin de que é necessária alguma integração no bebé, para que seja produtiva a operação da clivagem e suportada a diferenciação com a mãe.

Doutro modo o horror da depressão sem objecto, *aquém do Eu e do outro* instaurar-se-á, solicitando sensorialidade conforme aos padrões inatos de organização, como forma de iludir a percepção catastrófica da separação. Fechando o ângulo produzido pela clivagem inaugural, repondo linearidade sensorial, e ocluindo o desejo - como consciência da separação e aspiração ao reencontro.

Deste modo o desejo surge como a marca característica do humano, duplo, insustentável e inefável como o humano, em si, e por si, erigido.

Em si próprio esperança de re-encontro, e consciência da dôr, igualmente duplo na afirmação e trans-formação do próprio e no desejo de fusão e aniquilamento. Um máximo de tensão entre os modos antinómicos, só possível e viável ante a unicidade última, super-implícita, de que a função Φ materna constitui já uma *re-edição*.

Clarificando a minha ideia, partilho a tese de F. Tustin (cf. F. Tustin, 1990), sobre a necessidade de distinção entre a patologia psicótica, ou da posição esquizo-paranoide, e formas de perturbação anteriores, *aquém da identificação-projectiva*, presentes nas organizações autistas e na somatopsicose.

Como é convicção de Tustin, a clivagem inaugural Eu-outro, está subentendida como adquirida quando se emprega uma linguagem como **bom** e **mau** **objectos**, ou **projectão**, *implicando a percepção de espaços tridimensionais distintos*, no próprio e no outro, e logo a curiosidade sobre o interior, que sustenta o **conflito estético** de Meltzer, e a aprendizagem. Sendo pressuposta uma capacidade relativamente estabelecida de percepção e contemplação das realizações negativas, que constroem o outro e o próprio, ou pelo menos os lugares onde se possam vir a estabelecer.

É esta capacidade de realização negativa que parece encontrar-se grandemente afectada no que venho descrevendo como psicose, a propósito da somatopsicose e do autismo, sustentando a ideia de que a clivagem, e conseqüente formação de um arco-de-tensão e de uma perspectiva binocular - que designei de funcionamento maniaco-depressivo - instaura uma forma de lidar com a dôr mental sem a precluir, que mesmo no caricato da esquizofrenia e da psicose infantil *caracteriza uma distinção qualitativa*, separando claramente dois campos e duas formas potenciais de evolução.

O desejo, mesmo quando louco, *denota a instauração do humano como duplicidade, por isso ele é impossível e propulsivo; a sua consecução levando ao*

aniquilamento do próprio em pura fusão com o desejado, diluindo a existência e repondo o ser aquém do humano; a desesperança da sua viabilidade levando à prometaica e arrogante afirmação da existência, duma existência que se arrastará pelas agruras das frias estepes do mau-seio e em fétidas masmorras, locais de medo e terror, onde se elicita a oclusão do desejo e a reposição de linearidade e sensorialidade.

A manutenção do desejo, mesmo quando louco, afirmando a permanência da distinção Eu-Outro, da dôr e consciência da separação e distância. Da área que se abre e amplia na projecção do ângulo formado pela clivagem inaugural, e da afirmação da insolubilidade da antinomia fundamental e da condição humana, sustentável apenas pelo vínculo místico àquilo a que, sem conhecimento de melhor alternativa, designaríamos na senda de Grotstein, como *objecto-antecedente-da identificação-primária*, mas em que objecto deve ser entendido como *aquilo*. *Aquilo* que antecede a identificação primária é uma duplicidade super-implícita em que um eu-que-não-sou e um outro-que-não-é, se entrelaçam como um *aquilo-que-me-habita-e-é* (e me-é-para-além-daquilo-que-me-sou), entidade a que só em **M** se acede, e que sustenta a dôr da clivagem inaugural, sem perda de esperança, e em acto-de-fé. Também Tustin é clara na afirmação desta unidade do ser como requisito de produtividade das realizações negativas que propiciam a individuação.

Impossibilidade do desejo, e duplicidade, características da condição humana e sua tragicidade, um Eu-outro dentro de mim como pré-condição de *eu* e de *outro*, de eu para outro-de-mim, e de mim para um eu-de-outro; razões porque a afirmação do sujeito se faz sempre por transgressão, por rompimento e criação, de novas entidades, símbolos, que na sua própria duplicidade constituem sempre um dizer poético e metafórico, de algo cuja tripla raiz permite a construção de um *eu-com-outro-através-do-que-é*.

O signo poético sendo sempre o próprio, o outro e aquilo que ele, signo, é; abrindo as vias a **C** e a **M**, em respeito da duplicidade e da alteridade ternária, pelo que por ele se constroi o sujeito e outro, sendo ditos e unificados por uma designação que é, que os é e que são.

O dizer poético, do desejo e da fantasia, preenche e qualifica a área definida pelo arco-de-tensão da clivagem inaugural, suporta a sua insustentabilidade e cimenta a sua inefabilidade. Quando suficientemente entretecido, em respeito pela mágica transcendência que constitui para o próprio, tal como outrora o outro, e mesmo o próprio, para si foram, permite uma segunda passagem qualitativa, agora da tri à tetra-n dimensionalidade do espaço mental, altura em que este se torna equipotente ao inumerável.

Nesta segunda passagem organiza-se uma re-edição do conflito que representei pelos diagramas linear e angular, e na qual se joga novamente o risco de regresso à linearidade sensorial da somatopsicose ou de fixação da ciclotimia maniaco-

depressiva, indicando a incompletude do fechamento trinário Eu-Outro-Real, mas igualmente se pode inaugurar a ultrapassagem tetra-n-dimensional; a esta organização tem sido dado o nome de **organização edipiana**.

E. Torres de Béa, realizou em 1981, uma magnífica revisão da teoria do Édipo, na qual salienta os aspectos introjectivos e trans-formativos da organização edipiana, referindo-os, de acordo com o pensamento de Freud, a uma *transformação* no interior do Eu, por desinvestimento e concomitante resolução simbólica do desejo incestuoso impossível, o Ideal-do-Eu. Desenvolvimento que nos permite **distinguir claramente a formação simbólico-metáforica do seu arremedo na incorporação-melancólica**, onde a inquietação que presidiu à canibalização do objecto não permite o fechamento trinário, fazendo com que este se instaure no interior **como um objecto-do-self e não como uma transformação do Eu**, replicando e iterando o anterior comportamento do sujeito com o objecto na realidade.

Igualmente a autora nos alerta para a relação entre a sexualização e a erotização do desejo incestuoso, como sinais de uma falência da organização edipiana, relacionadas com o controle e sujeição do objecto; com a confusão do afecto - a representação poética do desejo - com a sensorialidade iterativa.

O acima exposto sobre a qualidade ternária do símbolo, permite ver a potenciação dimensional resultante da construção do signo edipiano, em que simultaneamente se fecha a clivagem inaugural *Eu-Outro/Bom-Mau/Objecto de Amor-Rival/Metonímia-Metáfora ou Princípio de Prazer/Princípio de Realidade*, pela introjecção de um objecto que *de alguma forma reúne características do pai e da mãe*, no dizer de Freud - da relação entre ambos, e das relações da criança para com eles e para com cada um deles, inaugurando-se uma nova clivagem entre o sujeito assim *trans-formado* e o real (interno e externo), em que a complexidade e multi-dimensionalidade dos símbolos e funções empregues revelam a conquista de extensos territórios e atestam da vitalidade e soberania da bondade que lhe presidiu e é condição da formação do humano.

A minha intenção não é tanto a de estabelecer os paralelismos entre as organizações genitais e primitivas do complexo de Édipo, ou entre estas e seus protótipos na relação ao seio e na relação aquilo-que-antecede-a-identificação-primária, embora creia que estas se tornem manifestas na minha exposição, mas sim a de sublinhar a auto-semelhança e a organização fractal do desenvolvimento da condição humana, como uma duplicidade implícita, ternalizada face à transcendência do super-implícito, por sua vez uno e dual, duplo, demonstrando a duplicidade que a caracteriza e as formas bizarras geradas pelas tentativas de imposição de linearidade.

Esta investigação terá clarificado a minha posição no início deste capítulo, ao defender a clivagem e o funcionamento maniaco-depressivo como conformes ao desenvolvimento saudável, o qual pode ser visto como uma dobragem e abertura

sucessiva deste modo, mas que *não pode ser derivado de dobragens sucessivas de um espaço uni-dimensional*.

Esta posição implica a realização de investigação sobre o **negativo do humano**, a anti-matéria mental, como condição da patologia, tal como o fizeram Bion, Meltzer e Tustin, e clarifica a dispersão da psicopatologia, ao estabelecer uma teoria qualitativa, facilitando a operacionalização clínica dos conceitos. É também reconfortante poder pensar que estes pensamentos se encontravam potencialmente inscritos no esquema freudiano de derivação das pulsões auto-eróticas a partir do instinto de auto-conservação, repondo-se um sentimento de coerência e evidência (a marca fenomendógica da verdade), no interior da teoria psicanalítica.

Este modo de colocar a discussão suporta uma atitude neo-platónica, no interior de um paradigma representacional, que constitui o específico da contribuição psicológica para o conhecimento e para a terapia, evidenciando a presença de um objecto implícito ternário, manifestando-se e reflectindo-se numa filigrana de manifestações que constroem o sujeito.

Iteração de uma entidade complexa como os conjuntos fractais que do ponto de vista desenvolvimental implica a precedência da depressão sobre a paranoia. Esta conclusão, que concorda com a ideia de Tustin sobre o assunto, será surpreendente para o leitor de formação kleiniana, assim como no interior deste texto, em que tenho tratado a operação da divisão como inaugural. Ela é-o do projecto humano, efectivamente, mas depende do suporte e presença de uma entidade transcendente, não humana, porque não redutível às categorias de *sujeito* ou de *objecto*, ambas, no entanto, gerando.

Uma depressão sem objecto, inominável, **uma ausência que morde**, o terror aquém da malevolência; a essência do maligno e da anti-matéria mental, pura negatividade, não redutível às ideias de *simétrico* ou *inverso* com que iniciámos esta discussão, e em que ambos os modos se encontram paradoxalmente regredidos, **pura assimetria** (*uma mão para cada objecto e forma de o tocar, um ouvido para cada som, uma boca para cada gosto*), formas de assegurar uma perpétua perfeição, no mais puro desejo de simetria, de não existir, de não ter nascido. **Eis a depressão autista.**

Pretendendo evidenciar a precedência da depressão na psicopatologia, desejo reforçar o papel da clivagem como momento propulsivo da trans-formação do humano, e sua insolúvel condição, logo o facto de a evolução ocorrer face a **organizadores qualitativos e não quantitativos**. Esta é a sensibilidade que separa uma abordagem de tipo neo-platónico, kantiano e projectivo, de uma sensibilidade mais perto de teorias da aprendizagem cognitivistas e hegelianas. **Uma teoria da imanência**. Continuo convicto, após estes anos, de que a **passagem ao psicológico não se faz por complexificação de reacções circulares primitivas, mas que é imanente à mente desde a sua origem**. Dependendo de uma não obstaculização à duplicidade essencial.

pelo que qualquer forma de linearidade, simétrica ou assimétrica, impedirá a distinção qualitativa que marca o humano por mais complexificada e expandida que seja.

Deste modo a condição humana encontra-se inscrita no menor dos constituintes corporais, **não pode ser construída mas apenas desenvolvida**, o que nos torna democraticamente iguais na diferença, e contém a possibilidade da ilusão de comunicar. Pertencemos realmente à pequeníssima área da matéria em que se formam moléculas ternárias e duplas de H₂O, *dois sujeitos-objectos-conteúdos no interior de um continente*, transcendidos numa unidade super-implícita que constitui a *união hipostática maior*, a essência e a substância da água feita água, por analogia com o humano feito pessoa.

O desejo, desejo de se proteger das perseguições do mau-objecto, e desejo de se acolher à perfumada sobra do bom-objecto, sendo duplamente impossível, projecta o ser para novas construções, longe da perpetuação mimética, binária e duplicativa do somatopsicótico.

Linearidade que agrilhoa o ser no psicofisiológico, ou soma-psicótico, modificando o afecto e a comunicação em produção e consumo de sensualidade. Sujeitos consumidores de desejo, nos quais apenas fala o desejo do outro, como hipotetizou G. Deleuze (G. Deleuze, 1972 e 1972-a), e que apenas podem viver como parasitas em situações protegidas, de que não conseguem plenamente usufruir dada a sua incapacidade de trans-formação e o perpassar da ansiedade paranoide. Terrível condição de seres vegetativos, sempre à beira do aborrecimento, em presciência da morte-da-alma que os habita. Simulacro de vida psíquica realizado através da mecânica iteração de estimulações psicofísicas e do reforço da sensualidade, da estimulação associada à presença do outro, dada a impossibilidade de o representar e manter a sua companhia interna durante a separação. Mas acima de tudo, consumo e produção sensorial como forma de manter um simulacro de vida e ocluir a percepção do nada e da morte que o habita e possui. Simulacro presente em toda a psicopatologia da linearidade, desde o autismo e a somatopsicose, até à normopatía e às formas perversas e caracteriais de regulação do narcisismo.

Que estatuto pode ter a realidade para estes seres que não são reais? A realidade, sua profundidade e riqueza, só existe, nesta perspectiva, como identificação-projectiva da riqueza e profundidade do mundo interno. Como construção de um ser que suportando o carácter enigmático do real, em tranquila afirmação lhe outorga ordem e significação. Como poderão falar e fantasiar? Se, como Amaral Dias apresenta, é para dizer que *isto é isto e eu sou eu*, de tão verdadeira estupidez, não se retira estímulo, e mais vale permanecer calado. Mas também o secreto projecto de onipotência, subjacente à linearidade, a supressão, ou deicídio, do *real* pela *realidade*, lhes não permite falar. **Pois só se pode falar do que não é, em existência, porque ser e falar de algum modo se opõem - ou são inadequados - como percebeu Bion.**

O período precedente, noutras circunstâncias podendo ser de difícil compreensão, encontra-se, neste momento, clarificado pelo já exposto permitindo o entendimento da comunicação verbal como uma actividade que embora repousando sobre um fundo de simetria (a unidade super-implícita do ser), corresponde, pelas suas características - de formação de um *facto seleccionado, publicação* (no sentido freudiano de acesso à percepção pela consciência), e uso de *conceituação* - a uma operação do modo assimétrico-dividente.

As características deste modo levam a que o sujeito que fala se refira a uma porção seleccionada e isolada da realidade, o mesmo acontecendo quando fala de si. Falar de si, é sempre falar de si enquanto outro, ironia e marca da duplicidade essencial, intrusão do modo simétrico-homogéneo, que permite que o ser não se perca e fragmente enquanto se considera a si-próprio (e mesmo que se organize uma narrativa e seu efeito, que *pressupõe uma coexistência e simultaneidade de signos produzidos em descontínua sucessão*), mas que impede o sujeito em pura existência assimétrica de falar, porque não podendo ser, *se tornará mesmo outro*, fragmentando-se.

Ruínosa consequência que revela a inexistência do outro no interior do próprio, e de um próprio enquanto para um outro, indícios do êxito do processo introjectivo das transformações operadas através do pelo outro sobre as projecções do próprio. Falência da duplicidade essencial do humano, da sua condição de simultâneamente próprio e estrangeiro, para si-mesmo.

Percebe-se como aquele que apenas acedeu à existência, pelo deícidio e esmagamento da alteridade do real, por saturação de ϕ pela sua incessante e arrogante afirmação, não possa falar, visto que tal implica tomar-se como outro (numa circunstância que a falência da duplicidade torna uma evacuação e anulação de si), e como um eu-para-o-outro (circunstância que o narcisismo louco não permite).

Apenas por uma abertura ao enigma e à alteridade, e conseqüente exposição à incerteza do resultado desse empreendimento se pode falar. A genial intuição de Bion, *de que o ataque à consciência constitui o modo mais económico e eficaz de anulação de toda a alteridade e impedimento da percepção da realização negativa*, e correlata dôr mental, resultando num não-espaco interno, inapto à inscrição simbólica - acrescida à inaptidão do modo assimétrico em veicular e manter o ser - elucida porque não falam, e não podem falar estes seres. Falar, mas também simbolizar, fantasiar ou sonhar, actividades produtoras de um outro em mim, de relatividade, como demonstrou J. Grotstein em *Who Is the Dreamer Who Dreams the Dream, and Who Is the Dreamer Who Understand's it?* (J. Grotstein, 1981), seja esse outro o símbolo de mim, ou aquilo que em mim me ouve. Actividades humanas, na sua duplicidade gerando entidades *eu-outro*, impelindo à sociabilidade e comportando o risco de

conduzirem à percepção do real, interno e externo, aquém e além do próprio. Condição por estes detestada, e a que a inveja (o negativo da simetria), veta à diáspora e à anástrofe numa evacuação que cosigo os arrasta, caracterizando como morte aquilo que conduziria e continuaria a vida.

Esta percepção odiosa da capacidade verbal é magnificamente ilustrada no artigo de Bion *A Linguagem e o Esquizofrénico* (in M. Klein e al., 1955, e Anzieu e al., 1977).

II. 2

OBJECTOS DO PENSAR

Imj^{OL}ANTK

É interessante notar como uma investigação sobre a clivagem inaugural do humano suscita a discussão dos conceitos de *desejo* e *signo*; a irresolúvel duplicidade do humano constrói-o como um ser simbólico e de desejo, em consequência do seu próprio conflito interno. *A Natureza interna do conflito define um dos postulados essenciais de uma posição psicodinâmica*. Conflito interno entre o Eu e o Id, o Eu e o Super-Eu, e destes com o real, no pensamento de Freud, e cuja insolucionabilidade nos obriga ao recalçamento, à condensação, ao deslocamento e à formação de compromisso que constitui o sintoma; arrastando-nos para a produção simbólica e cultural, única e transgressora forma de lidar com tal "tragédia".

Já vimos a relação entre clivagem, dinâmica do desejo e a natureza e viabilidade da capacidade de pensar pensamentos, estudemos agora a teoria do pensamento em Bion, de acordo com a sistematização a que chamou de *Grade*, e vejamos se obtemos elementos que reforcem e sustentem as posições acima assumidas.

Ao conceber a pré-concepção, como *um estado mental de expectativa adaptado para receber uma margem restrita de fenómenos* (L. Grinberg et al, 1973, p. 86), dotando-a de uma parte saturada (ψ), e de uma parte insaturada (ξ), apta à transformação. Bion estabelece uma entidade dupla, em que o modo heterogéneo-dividente (ψ), estabelece restrições e distinções às concretizações do sistema, dotando-o de especificidade, enquanto que (ξ), aceitando transformação desenvolve a formação de um registo de *diferenças comuns*, aproximando-se do modo homogéneo-indiviso. Destas duas sensibilidades surgem as duas possibilidades de desenvolvimento vertical na *Grade*, a formação de **Concepções** e de **Conceitos**, correspondendo as primeiras a uma realização da expectativa contida na pré-concepção, em que predominam os aspectos sensorio-perceptivos (logo a um predomínio do heterogéneo-dividente, a definição discriminativa ligada ao controle), e os últimos a uma abstracção e generalização que liberta a realização do seu carácter sensual (correspondendo na

minha opinião a um predomínio do homogêneo-indiviso, realizando descrições não-definitórias, aptas à manutenção do enigma e conservação da sua potencialidade evolutiva). Neste momento é evidente a semelhança deste esquema com a construção do Darwin-III, e com a distinção entre dois tipos de pensar, realizada por D. Meltzer, ambos apresentados no capítulo anterior.

Uma vez mais é evidente que a *possibilidade de comunicar, entre cientistas depende da sua semelhança de atitude mental*, do seu esquema implícito de olhar o real, e não da sua partilha do mesmo objecto de estudo. E nisto honra seja feita a J. Piaget que o disse com mais concisão que ninguém (Cf. Carlos dos Santos, 1986).

Igualmente se a construção simbólica é a marca distintiva da existência humana, então nela deveremos poder detectar os seus atributos. Definimos a presença da antinomia fundamental na pré-concepção e seus desenvolvimentos, debruçemo-nos agora sob o conceito de *objecto psicanalítico*, em Bion.

É minha convicção, na sequência do exposto sob a unidade trinária do símbolo e do humano, relativa à unidade super-implícita aquém da antinomia essencial necessária ao sentido de continuidade na dispersão (quer na existência quer na organização narrativa - se é que a existência seja outra coisa que não uma organização metafórico-narrativa), que o *nome*, ou *objecto do pensar*, seja constituído por *Coisa + Nome + Conceito + Função sintáctica* (ou lugar na matriz de pensamento); correspondendo aos aspectos inexauríveis do real, que suscitam a pré-concepção, à sua concepção verbal, ligada aos aspectos da existência e assimetria, ao conceito como abstracção homogeneizante, simultaneamente suportando e fugindo da existência assimétrica, mantendo o apelo do ser, e uma qualidade insaturada que impele à trans-formação, e finalmente à sua função, ou atributos, no interior de uma sintaxe, relativa aos aspectos relacionais e organizativos da entidade formada, à sua coloração como um outro no interior do próprio.

Esta última característica sustenta a concepção kleiniana dos objectos internos como produtos e produtores do humano, numa duplicidade de **elementos e função**, assim como meu desacordo com a crítica de T. Ogden em *The Concept of Internal Object Relations* (T. Ogden, 1983), e minha suposição de um *continuum fractal* entre os *nomes-sujeitos* e os *sujeitos-humanos* - para todos os efeitos uma conjunção de nomes - se abstrairmos os efeitos de escala que presidem à sua discriminação. Ideia que concorda com as mais actuais teorias de inteligência artificial, como a de Minsky, ao referir-se à sociedade interna da mente, ocupada por *elementos-sujeitos*, ou **elementos-sintaxe**, e os modelos de inteligência artificial de base analógica, que prescindem dos conceitos de *representação* e *transmissão de informação*, mais concentrados na (re)produção de inteligência e seus aspectos trans-formativos, de que a máquina Darwin-III, sem software, ou mais precisamente **em que o software é o próprio hardware** (as restrições do sistema), constitui um exemplo. (Veja-se H. Coelho, 1992).

O carácter *tetra(n)dimensional* da minha definição de *objecto do pensar*, corresponde à dimensionalidade acima exposta para o *objecto edipiano* (como uma superação qualitativa da dinâmica angular, uma complexificação, um entretecer, da dinâmica implícita na equação simbólica, pensamento primitivo, ou simplesmente **pensamento**, que o distingue do *pensar edipiano*, mais livre do sensório-perceptivo), e corresponde igualmente à dimensionalidade estabelecida por Bion para o *objecto psicanalítico*, definido como $\pm y (\mu)(\xi)(\psi)$, em que y representa um factor de crescimento mental, μ o carácter inato da personalidade, ξ e ψ os elementos insaturado e saturado presentes na pré-concepção, respectivamente.

Creio que para Bion (ψ), representa mais claramente a própria pré-concepção, dado o carácter restritivo e expectante de realização confirmatória em si presente - considere-se o seu uso como convenção definidora da coluna 2 da *Grade*, respeitante aos *enunciados falsos e que se sabe falsos, com a intenção de impedir os enunciados que podem engendrar angústias ou os desenvolvimentos que envolvem uma mudança catastrófica*. (L. Grinberg et al., 1973, p. 87).

O *objecto psicanalítico* de Bion refere-se a uma complexificação do que defeni como *objecto do pensar*, mais claramente perceptível na prática clínica e na formulação teórica, como um **sujeito-no-interior-do-próprio**, e mantendo, no seu nível, os **elementos inacessíveis à transformação** (coisa - μ), a **transformação** (nome - ψ), a **área de trans-formação** (conceito - ξ), e a **sua função** no interior da personalidade (Sintaxe - y), neste nível podendo ser caracterizada pela notação $\pm L, H$ e K - obviamente determinando o curso e desenvolvimento do pensar e dos pensamentos formulados.

As analogias entre os conceitos estudados parecem suportar, no interior desta perspectiva, o pressuposto para a condição humana e suas características formas de manifestação; a sua coerência estabelecendo a viabilidade desta perspectiva - a sua validade de constructo.

Assim, o desenvolvimento do modelo kleiniano abrindo campo para uma teoria qualitativa dos afectos que não concebe o prazer de um ponto de vista psicofísico - descarga ou alívio de tensão - mas sim de um ponto de vista psicológico, *através de avaliações ou valorações cognitivo-emocionais*, coloca definitivamente o estudo da génese e dinâmica da mente num sistema representacional, fundando uma epistemologia outra, cujo alcance é ainda objecto de investigação e de difícil observação para os menos treinados em conceber *a mente como um objecto virtual, objecto emergente e em emergência*; os quais falhos da possibilidade de vinculação Mística, e das apreensões substantivantes possíveis em **F** (Acto de Fé), continuam orbitários dos modelos psicofísicos, menos abstractos e mais conformes à leitura, funcionamento e desejo dos órgãos perceptivos, do sensório.

Mas se é o sensorio, o factual e a sua ditadura que encontramos como falha e estupidez fulcral no somatopsicótico, como poderá uma teoria deste mesmo tipo ser um instrumento de superação, é a questão que se impõe.

Duas conclusões são neste momento imperativas; a primeira a de que uma teoria qualitativa dos afectos, conforme o diagrama angular e sua capacidade intrínseca de adjectivação, permite uma esperança para além do pessimismo freudiano sobre o egoísmo último do ser e a necessidade de controlo social e de imposição super-egoica como única via de alcance do altruísmo, da construção cultural e do elo relacional.

O que hoje se evidencia em todo o campo de influência do Super-Eu severo, a organização depressiva de acordo com o modelo de C. de Matos, é a relação masoquista ao objecto interno maligno, com deslocamento paranoide no exterior, e a expensas da possibilidade de investimento relacional. Um narcisismo negativo, com retirada relacional, por oposição ao desejo do outro e à tolerância ao real que caracterizam o narcisismo saudável. A incorporação melancólica evidenciando a falha da trans-formação simbólica, e do próprio, que o leva a um registo próximo da equação simbólica, mais saturado de sensorialidade, e de desejo de permanência iterativa, impedindo-o de ser como um *eu-de-outro*, de se libertar e transformar, a si e ao objecto, como *outros-para-mim*, único lenitivo para a solidão inscrita no solipsismo individual.

Nesta perspectiva, o ser humano aparece como portador de uma moral natural. **endógena**, proveniente da segurança do bom-objecto, que através da identificação-projectiva e sua expressão social e relacional, os ideais, coloca uma tónica optimista e evolutiva no lugar do pessimismo. Porque, então, se continua a louvar a sujeição ao referente externo? Sem dúvida porque a incipiência do desenvolvimento interno não permite a concepção da imanência do referente interno, tendo falhado a construção do lugar para a sua instauração, numa história de inquietude e domínio da suspeita paranoide, que intensifica a solicitação do sensorio e das modalidades perceptivo-motoras relacionadas com o controle e domínio do objecto. Relação agressiva que impede a transformação do próprio pelo outro, solidão interna em que o solipsismo é concebido como catastrófico - sinais do vazio interno, insustentável condição de solidão, a mais terrível das condições, mimetizada pelo arremedo de relação e plenitude permitido pela auto-sensualidade - como demonstrou Tustin a propósito do uso dos objectos autistas.

A segunda conclusão consiste na definição da mente como a área **Trans**, *o arco de tensão formado pela clivagem bom-Mau e suas dinâmicas PS↔D*, segundo penso concomitantes à clivagem gestáltica e propulsiva eu-outro.

Deste modo não é já possível definir o prazer, ou o ser, apenas pelas suas relações e concretizações face ao bom-objecto; o próprio modelo estrutural da segunda

tópica fica gravemente abalado, *assim como as suas concepções estruturalistas de defesa e de relação latente-manifesto.*

É pois uma outra psicanálise, porque erigida num outro paradigma, que se ergue. Nela o Id é encarado de uma forma substantiva e não qualitativa (relativa ao seu estatuto face à consciência), como insiste I. Matte-Blanco (Matte-Blanco, 1975, III - 4), a mente como um sistema de trans-formação e pensar, de superação dos parâmetros iniciais inscritos no biológico e no social, constituída por uma sociedade interna multifária, cujas dinâmicas grupais definem as diversas facetas do self, os seus constituintes centrais (o Eu), e os aspectos que não acedem à consciência e transformação (o aquém do *recalcado*), mais perto das primeiras ideias de Freud que definiam o *Eu como uma massa de ideias associadas repelindo as ideias antagonistas*. Deste modo certos pensamentos, complexos ou agrupamentos de pensamentos, de algum modo como nas concepções de J. Piaget e de Jonhson-Laird, constituem *modelos-mentais* para todos os efeitos dotados de propriedades sintáticas e generativas, **tornando-se simultaneamente *objectos e sujeitos* internos, produtos e produtores;** cidadãos de uma urbe. A mente sendo vista como um mundo interno, deste modo dotada de concrecibilidade e visibilidade que a tornam um objecto de estudo que se impõe como os *objectos* das ciências naturais, mas requer procedimentos metodológicos diversos, hermeûticos e analógicos, conforme o corpo e a mente do terapeuta/investigador, de acordo com um paradigma transformacional.

No que concerne à técnica verifica-se uma mudança do *externo e anterior*, conforme o modelo arqueológico de Freud de restauração de uma civilização soterrada, a partir dos seus indícios remanescentes, para uma *centração no actual e interno*, ao sujeito e ao par terapêutico, em que o mais importante se concebe como o relançamento e instauração da capacidade de trans-formação, o pensar-sentir, ou pensar-onírico na linguagem de Meltzer, a partir da análise das dinâmicas mentais actuantes, **no pressuposto de uma sociologia do espaço interno**, e de *que o passado não está já disponível, a não ser como presente, assim como o futuro*. **Passado presentificado**, sinal de imobilidade e imobilização, e **memórias-do-futuro**, constituem ideias de suporte de uma técnica trans-formacional, centrada no aqui-e-agora da transferência em sentido lato, a **dinâmica da identificação-projectiva no interior de um objecto combinado continente-conteúdo em co-construção no interior de cada elemento do par terapêutico**. Sobre estas questões debruçar-me-ei com maior detalhe, no próximo capítulo.

III

DO DESEJO AO PENSAR

III. 1.

A TUSA

Vendo a clivagem Bom-Mau como o movimento inaugurador da dinâmica mental, e logo do ser - no que ao psicólogo diz respeito - o prazer deixa de ser necessariamente visto como um estado de alívio de tensão, podendo conceber-se como um estado de tensão sob o princípio moral do Bom objecto. De tensão crescente, ou mais precisamente, *de crescente capacidade de elaborar e conter tensão*, marca do sucesso da função integrativa PD, e da crescente complexificação e abrangência da mente sem exclusão, ou clivagem, da vitalidade dispersiva de PS.

A agressividade e o amor, como termos denotando e conotando, ao nível fenomenológico, as relações com o Bom e Mau objectos, e estruturalmente as operações do mecanismo desintegrador e analítico da Posição Esquizo-Paranoide (PS), e do mecanismo integrador e sintético, ou gestáltico, da Posição Depressiva (PD), são componentes essenciais e vitais ao ser, *não mais um do que o outro. Ambos em si mesmos insuficientes, estranhos e tóxicos à mente*, de acordo com a presente tese sobre a duplicidade essencial do humano; mas também conforme a evidência clínica, o modelo de Matte-Blanco, e a formulação de Bion sobre a dinâmica do pensar e a formação do facto seleccionado como a oscilação conjuntiva (PS↔PD) - para além das já referidas analogias com os modelos oriundos da psicologia cognitiva.

Deste modo a agressividade surge como um elemento vital ao serviço do ser e sua sobrevivência - como percebeu K. Lorenz (Lorenz, 1963) - e não como o domínio da morte ou do *não ser*.

Neste momento ter-se-ão já indignado no leitor as tumultuosas vozes que lembram que nas mentes esquizofrénicas, em que a clivagem é importante, o que se encontra é a morte da alma e não a sua pujança.

Devo pois realizar duas precisões: a primeira a de, como espero ter conseguido demonstrar, nesta situação se estar, não obstante a intensa agonia, mais perto das condições que caracterizam a vida mental do que usualmente se pensa.

A segunda a de que é a co-presença, ou co-operação, dos dois mecanismos a condição necessária à sua produtividade e capacidade de trans-mutação. Assim a viabilidade da dinâmica (PS \leftrightarrow PD), a manutenção da duplicidade inscrita neste termo, exige sempre uma inscrição no interior de um espaço que os contenha, de acordo com o modelo (Φ - σ), em que a possibilidade de permuta da função continente e do factor conteúdo e entre as dinâmicas PS e PD, contém exitosamente a dôr mental associada à mudança catastrófica, requerida pela formação de um novo facto seleccionado, de acordo com a conceptualização (PS \leftrightarrow ϕ \leftrightarrow PD), colocando a catástrofe inerente à criação e trans-formação na via da produção de ordem e significado, e evitando a evolução em anástrofe, sem rumo e sem sentido, que se verifica sempre que esta oscilação é interronpada, não se construindo os envólucros necessários à sua fecundação fermentadora - para utilizar uma alegoria alquímica que se justifica pelo carácter mágico e maravilhoso com que a criação de inteligência e vida mental sempre se nos apresenta. Esta ideia de uma ordem que emerge do caos, parece suportar as analogias com os modelos do caos determinista utilizadas no primeiro capítulo, e de que os objectos fractais constituem a expressão geométrica.

Quero tão só afirmar, que a relação amorosa e fusional face ao Bom objecto, por si só, provoca a depleção amorosa do ser como notou Freud, e esta é a sua cota da verdade, levando à manutenção de um estado de dependência e perpetuação de uma simbiose parasitária e anaclítica que inibe a autonomização e embota a actividade agressivo-analítica, fruto da agressividade face ao mau objecto e das manobras de evitamento e contenção que este suscita, assim contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento e a diferenciação perceptiva - e esta é a cota de verdade da formulação kleiniana - como condições prévias a que a próxima integração-gestáltica seja diferente e mais rica.

A fusionalidade simbiótica mantendo a inanição mental, adia a emergência do ser (do ser para si, enquanto noção que mais fundamentalmente nos importa), e origina um estado de depleção narcísica, que nos lembra que o verdadeiro amor é igualmente duplo, implicando uma dupla transformação, que requer um quantum de dôr mental e agressividade necessários à trans-formação do próprio à imagem do outro, de *um mim enquanto eu-para-outro*, e de *um outro-enquanto-eu*, que caracterizam o ser susceptível de relação amorosa e genitalidade. A este propósito veja-se a recente formulação de F. Tustin (F.Tustin, 1991), a propósito do conceito de fase simbiótica, concordante com o aqui enunciado ao rejeitar esta fase como um período normal do desenvolvimento.

Por outro lado a actividade analítica-desintegrativa sózinha, torna-se um movimento no vácuo, condenado à iteração e à fuga-em-frente como simulacro de pensamento e de ser, tal como se encontra em toda a linha obsessiva-autista da psicopatologia.

No limite, pela paradoxalidade característica dos modos fundamentais quando isolados e maximizados, que designei pelo conceito de **regressão** (ver capítulo **M**), observa-se a ausência de ser, de existência humana, precisamente nesta patologia, no autismo, **porque um ser que é, em pura existência**, enquanto que na histeria se encontra o ser, **precisamente porque não se é ou se é através de outro, sendo-se duplo**.

Aqui o que importa é que sob este prisma talvez se possa aprender algo sobre o próprio conceito de elementos β , e tentar contribuir para uma questão que mesmo entre os mais ilustres me parece ter tido sempre um tratamento confuso, patente, por exemplo, na perplexidade de Matte-Blanco face a este conceito no seu texto *Reflecting with Bion* (I. Matte-Blanco, 1981, reflexão 24 e seguintes).

Para esta tentativa regressemos à noção de prazer, de plena vivência de energia, integridade e elacção; situação para cuja designação utilizarei a bela palavra portuguesa de *Tesão*, que partilha a mesma raiz latina, *Tensionis*, com *Tensão*, mas ilustra mais claramente a noção de *ímpeto e embate violento*, que pretendo utilizar, ao invés da conotação de *rigidez*, associada ao segundo termo, de acordo com as definições de Cândido de Figueiredo (Cândido de Figueiredo, 1953).

Vários trabalhos, veja-se por exemplo o de Y. Assedo, e as minhas próprias observações, de resto creio que comuns às de qualquer leitor, detectam *a conjunção de erotismo e agressividade* nestes estados e comportamentos, cuja designação associo a uma conjunção dos termos franceses *Maîtrise* e *Jouissance*, e nos são patentes desde a exacerbação do desejo sexual e sua efectivação, veja-se Battaille (de *O Erotismo*) e Klossowski (de *Sade, meu próximo* ou de *Roberte, nessa noite*), até outras situações de tesão, como o caso do alpinista na aresta mais difícil, tema do trabalho de Assedo, do praticante de queda livre ou asa delta, do piloto de ensaios na eminência de não aguentar uma curva ou completar um "looping", passando pelo limite do patológico no jogo compulsivo ou nas condutas hordálicas dos adolescentes, em que as descrições frequentemente integram alusões explícitas ao prazer sexual, sentido como integrante da vertigem do momento. Situações de intensíssima estimulação que contrariamente ao esquema freudiano são situações de intenso prazer e sensação de plenitude, nas quais o ímpeto e embate violento de ser e não-ser, da agressividade e da sexualidade, desembocam num erotismo sentido como inultrapassável.

Situações talvez um pouco grotescas para o ser de hábitos tépidos. Mas o que dizer do grotesco do acrofóbico ou do ocnofílico incapaz de se divertir nos carroceis da feira popular? Sem dúvida que não é nestes que se encontra a segurança propiciada pelos introjectos benignos de que se reivindica mas, pelo contrário, o pânico da eminência da sua perda, ou falência, *na mesma intranquilidade do filobata para com a sua definição e resiliência*.

Tomaria estas descrições como evidências do carácter intrinsecamente dual da mente, de sua filiação no arco de te(n)são estabelecido entre os polos da clivagem inaugural e suas dinâmicas emocionais; situações em que sendo máxima a tensão entre estes, é igualmente máxima a energia e sensação de integridade e integração assim como a capacidade sentida de acção e realização. É interessante notar como Bohm, no seu já citado estudo sobre a natureza e função da metáfora no pensamento criativo, aponta *para o efeito altamente energético para o espírito, produzido pela exposição a uma metáfora*, potenciador da descoberta de novos sentidos, e *que deriva de um uso particular de uma equação e de uma inequação*, ou de simetria e assimetria, por parte destas entidades bi-modais; um efeito da sua duplicidade.

Longamente hesitei sobre a inclusão dos parágrafos precedentes neste texto, uma moralista condição e o papel de psicólogo ou psicoterapeuta encontram-se usualmente alheios aos excessos que neles perpassam. Mas o que foi todo o pensamento de Freud, e a vitalidade da psicanálise, *sempre e onde ela existiu ou venha a existir*, senão um excesso de pensar e trans-formação no interior de um cadinho de infinitas duplicidades, desde o latente e o manifesto, ao consciente e inconsciente, à noção de sintoma como formação de compromisso, até Eros e Thanatos.

Como poderemos estar aptos à enunciação da palavra que se impõe se temermos o vôo gnoseológico e as alturas da especulação em que o filobata Freud se exercitava? Triste condição actual do *Homus Psychanalíticus*, por vezes tão pouco vivo, e tão cada vez mais raramente criativo e livre. Estaria tentado a fazer minhas as palavras de Ernest de Gengenbach no discurso fúnebre de Robert Desnos (E. Gengenbach, 1949, I:121), mesmo antevendo o júbilo com que os corvos da aurora as arremedarão.

O que tem isto a ver com os elementos β ?

III. 2.

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ELEMENTO β

Começarei pela descrição de **Objecto-Bizarro**; conforme Bion um objecto-bizarro é formado por uma experiência emocional não elaborada (β), mais os restos dos elementos egoicos e super-egoicos responsáveis pela sua detecção, discriminação e avaliação - presentes à sua origem e possíveis de o transformar, ligar e integrar na mente.

Objecto Bizarro = β +Eu+Super-Eu

Nesta linha de ideias, a já comentada designação dos objectos bizarros por Meltzer como elementos *Bétes* (*Beta-Elements-with-Traces-of-Ego-and-Super-Ego*), sugere-nos nas suas ressonâncias linguísticas as duas características essenciais destes elementos. Por um lado a **sua estupidez**, incapacidade de transformação e aprendizagem, derivada da sua elevada saturação (objectos que *são*), assim como da destruição dos elementos de vinculação e sua coloração odiosa; por outro o seu **carácter bestial**, violento e persecutório, manifestando-se com dotados de características antropomórficas malignas, em consequência da inclusão de traços do Eu e do Super-Eu coloridos por agressividade.

Do conhecimento destes objectos derivou a hipótese de uma função $-\alpha$, ou de uma função alfa operando em reversão, produzindo objectos em dinâmica do negativo, da falência; acarretando perca da vitalidade e de competências do self que tenderia para um $-\phi$, ao despojar-se das suas capacidades de percepção e aprendizagem como forma de evitar a dôr mental associada à transformação e ao devir ϕ - a verdade de si mesmo.

O que dizer então dos elementos beta, ou seja do componente *apenas não-transformado*: do que permanece invariante em qualquer transformação escapando-se-lhe ou impondo-se-lhe? Poderei sobre estes dizer alguma coisa não atraçoando o conceito de Bion, indicando **algo que não ocorreu**, não acedeu à existência, *de uma existência sem existência*?

Talvez não; não só porque a irreductível traição da escrita, sua inscrição no domínio assimétrico-perceptivo da existência, é inadequada à realização mística necessária a tal empreendimento, como por desrespeito e agressiva desintegração caracterizarem sempre o projecto prometaico que *a escrita*, o fixar do pensamento, *na ilusão de lhe dar existência*, é (sobretudo quando se refere ao pensamento de outrém).

O único beta que assim posso apreender é ϕ , ele próprio insondável e imprescrutável; cuja realização mística impele para *ser ϕ* , puro devir que rapidamente se liberta de todo o grilhão de existência, e portanto da perspectiva do pensamento e do ser humano como área *Trans*. A irresolúvel duplicidade da condição de herdeiros de Deus e filhos de Satã permanece como o primeiro e último beta

$$\beta = \phi = \text{coisa em si. ou ser como coisa} = \text{não-ser.}$$

Expressões do inumano da condição divina e do plano da pura imanência do ser, o reino da simetria, que relembram a duplicidade do humano e sua construção na área *Trans*, definida no diagrama angular como o espaço potencial entre os extremos da clivagem inaugural, e que o marcam como *pertença do reino da efêmera ilusão da*

existência; onde encontra a especificidade da sua condição, e usualmente se assusta com o carácter fugaz, intangível e irresolúvel de suas realizações e de si-próprio, como campeão e arena do encontro entre os modos antinómicos do ser.

Mas ao equivaler *ser como coisa*, com *não-ser* (humano, leia-se), é evidente que o segundo termo da primeira expressão, aqui omisso, poderá ser escrito como *Invariância*, ou como - *Trans*, mantendo-se a verdade da expressão, mas *possivelmente incorrendo-se num erro consistindo em tomar como equivalentes dinâmicas emocionais muito distintas.*

- *Trans* corresponde à dinâmica de falsificação correlata da formação de objectos-bizarros, na busca da ilusão mafiosa do mau objecto, enquanto *Invariância* se refere quer ao aspecto transcendente e inapreensível do ser, quer à saturação sensual autista, na busca da verdade do objecto e sua posse. Todos estes termos designam entidades *não-transformadas, intransformáveis ou transformadas sem consciência*, por evacuação alucinatória ou somática; em diferentes proporções partilham estas características *peço que têm sido descritos como equivalentes e associados. São-no do ponto de vista fenomenológico, mas não da perspectiva da dinâmica interna que aqui nos interessa.*

Creio que seja agora evidente que quer os objectos-bizarros, sinalizando a implosão e a bizarria de uma tentativa louca de reparação, quer a aparente tranquilidade dos puros β -autistas se refiram aos aspectos paradoxais de *Trans* e *Invariância* decorrentes da regressão antinómica, e que proponho sejam grafados como $-\alpha$ e $-\beta$. *Devendo-se distingui-los mesmo quando a mentira se torna um veneno tão mortal e resistente como a hiper-sensorialidade.*

Estas duas possibilidades de concretização de β , respeitam à paradoxalidade gerada pela preponderância exagerada de um dos modos fundamentais, e ilustram duas linhas de desenvolvimento da psicopatologia que tenho vindo a designar de *Maníaco-depressiva* e *Somatopsicótica*, e que se podem agora caracterizar pela *transformação bizarra* e pelo *excesso ou sideração de identidade*, respectivamente.

Sendo a condição humana marcada por *Trans*, percebe-se que faça pender os pratos da balança para este lado, caracterizando o lado das identificações-projectivas e das transformações projectivas como mais próximo e benigno; enquanto que a linha somatopsicótica, ou autista-obsessiva, mais marcada pela rigidez de uma invariância que não acede à transformação, e que atravessa todas as patologias marcadas por baixa ansiedade, seja vista como mais distante por sua impenetrabilidade à alfa-betação. Uma razão mais a favor da caracterização do *sopro humano, como um bafo dissolvente e revelador* (operando como a água-forte sobre a gravura).

É pois na assombrosa amplidão do infinitamente pequeno que vai de menos zero a mais zero, passando por zero, o intervalo $[-0, 0, +0]$, que nos encontramos; algo que

nos escapa tal como ao embriologista intrigado com o facto de uma célula originar muitos tipos de tecidos celulares e funcionamentos fisiológicos diferentes, e se interroga sobre o momento e factores da sua divisão e diferenciação.

Se $\phi = \beta$ porque irreduzível à apreensão cognitiva, emocional e psicológica como proponho, então beta como experiência psicológica é sempre um $T\beta$, isto é uma transformação, ou o resultado de uma função de invariância, função de identidade chamemos-lhe.

Isto é há uma função β , que não é o mesmo que $(-\alpha)$, embora fenomenologicamente de difícil distinção. Caracteriza-se por diminuta transformação, podendo definir-se como função de identidade, e contribuindo para o pensar, ao proporcionar a permanência e estabilidade do facto seleccionado para apreciação. Constitui o contributo do modo assimétrico para esta actividade através das suas propriedades de distinção e identificação. Na *paradoxalidade* que marca o seu excesso e predomínio, impede a detecção do facto por uma saturação sensorial que gera uma iteração hipnótica, por um lado, e por outro uma hiper-densidade que resiste a toda a tentativa de intrusão e transformação, inibindo a clivagem necessária à formação de um arco-de-tensão, e logo a sua possibilidade de análise e percepção diacrítica - a sujeição do facto pela *reverie* projectiva que o constroi e assimila mentalmente. É de uma infinita dureza e densidade, inacessível a qualquer diluição, fragmentação ou manipulação, e logo absorção ou trans-formação psicológica, que falo. Caracterização que o faz corresponder à ideia de *Buraco Negro*, denotando um objecto de incomensurável densidade que tudo devora, incluindo a luz, pelo que não pode ser visto mas apenas inferido pelas distorções que provoca na malha do espaço-tempo. Esta linha de ideias filia-se na suposição kantiana de inapreensibilidade para o espírito de todo e qualquer particular.

Confesso a minha incapacidade actual de resolver todas as questões e paradoxos suscitados por esta formulação. Com efeito Bion nunca estabeleceu uma função β , mas apenas $+ e - f(\alpha)$, considerando os elementos β como a falência da função α , ou a sua variante de objectos-bizarros como produtos da reversão da função α .

Mas se o que funda a possibilidade de reconhecimento de um material após a sua transformação, e logo a sua compreensibilidade e comunicabilidade, é a *invariância* que unifica ϕ e $T\beta$, o objecto antes e após a transformação. Se é também a invariância que determina e distingue os limites de um sistema e suas concretizações, caracterizando-o e definindo-o, contribuindo pela manutenção da sua identidade e ideossincrasia, para a possibilidade de permanência e auto-reconhecimento antes e após uma transformação ou aprendizagem; e se o excesso de sensorialidade e de invariância colocam questões e resistências específicas ao processo terapêutico, julgo admissível a formulação de uma função β , ou *função de identidade*, fazendo corresponder os pontos de um sistema a si próprios e mantendo as suas relações

internas; sendo a origem da invariância numa transformação necessária ao conceito de *transformação rígida* em Bion. Assim definida, esta função é expressão do modo assimétrico do ser.

Claro que estou a produzir uma transformação correndo os riscos inerentes de falsificação do texto de Bion; tentativa necessária a uma unificação dos vértices **C** e **M** da sua obra, tal como decorrem de *Transformações* (1965) a *Atenção e Interpretação* (1970), com o contributo de Matte-Blanco que me parece desbloquear o impasse que o próprio Bion sentiu face à sua tentativa de abordagem em **C**.

Na pureza do termo, β só pode designar uma não-experiência, algo que se manteve fora dos grupos de transformações que constituem a vida psicológica. Aproxima-se assim da inexauribilidade de ϕ , mas Bion parece atribuir-lhe um outro sentido, *um sentido de resistência à Transformação* que não pertence aos atributos de ϕ .

Tal como em Freud face à noção de *Transferência*, e em Klein face ao conceito de *Identificação-Projectiva*, encontramos em Bion face a uma ambivalência para com a noção de *elemento β* .

O que proponho é o desenvolvimento e manutenção de uma perspectiva qualitativa e dual, aqui onde o pensamento de Bion parece deter-se e optar por uma linearidade quantitativa que apenas supõe a dimensão de $-a + \alpha$.

Tal como para a teoria qualitativa dos afectos e do prazer foi necessário reconhecer o contributo da agressividade, distinguindo **L** de **H**, e suas variantes **-L** e **-H**, na relação a um objecto, também aqui, no domínio de uma teoria psicanalítica do pensar, ponto fulcral de sustentação de um paradigma do pensamento-sonho, e logo dos desenvolvimentos técnicos e teóricos pós-kleinianos com suas implicações neoplatónicas, será necessário estabelecer uma dualidade qualitativa e ultrapassar as limitações estéticas e morais que a habitual conotação pejorativa de β impõe.

Grande parte da dificuldade sentida poderá provir desta conotação depreciativa, a restante parece-me depender da dificuldade de estabelecer a topologia do espaço mental, questão que constituirá o meu próximo trabalho de investigação.

Estabelecendo-se $-e + \alpha$, um factor bipolar, dever-se-á conceber $f(\beta)$ como uma função da mesma natureza. identificando-se $+e - \beta$? Ou apenas outurgar-lhe uma qualidade unipolar?

Produzindo $-\alpha$ e $-\beta$ uma actividade dispersiva da mente, com falência da função continente, dever-se-á cruzá-los no ponto 0, como surge a noção do intervalo $[-0, 0, +0]$?

Não o posso dizer; apenas que julgo que α e *reverie* designam entidades diversas, de distinto nível lógico e psíquico, habitualmente confundidas e cuja distinção promove as perspectivas aqui delineadas sem violentação excessiva da noção de função alfa.

Pensar e devaneio (*reverie* ou *pensamento-sonho*), implicam transformação e invariância, PS e PD, a sua inscrição na dinâmica (Φ - σ), promovendo o aspecto de integração e continuidade. Mas α sendo uma função trans-formativa e dispersante, por oposição a β , função de identidade e permanência.

Neste ponto uma sobreposição com os conceitos de assimetria e simetria não é possível, marca da ideossincrasia e solipsismo de toda a transformação, e logo das de Bion, Matte-Blanco e minhas. É esta distância que é necessário investigar e ganhar, no presente incómodo, estatuto de objecto de investigação justificando as presentes especulações.

Sinto-me inclinado a considerar α como paradoxalmente próximo da simetria, e no entanto produzindo dispersão (assimetria), dada a sensação de integração e equivalência que o caracterizam.

Do mesmo modo β como paradoxalmente próximo da assimetria, e no entanto produzindo estabilidade e indiferenciação (simetria), dada a sensação de fragmentação e alteridade que o caracterizam.

A assimetria de α , e a simetria de β , constituem os pontos nodais a investigar, e enigmas que talvez não possam ser respondidos no interior do actual paradigma sem uma muito dolorosa mudança catastrófica que julgo próxima da sensação de Bion e seu abandono, ou refugio, de C em direcção a M. Veja-se sua morte súbita, após a realização das partes pré-natais e protomentais, e ligue-se com o semelhante destino de Guntrip após a revelação do que permanecera oculto nas suas análises com Fairbairn e Winnicott, e ter-se-á um vislumbre da violência inerente a tal trans-formação.

Em M estas distinções parecem ser significativas e poder intuir-se, ser *Sidas* mas não *Sabidas*, como exige C. Que tal constitua uma expressão da regressão antinómica é da erupção de M em pleno apogeu de C, ou apenas uma expressão da convicção de Matte-Blanco de que a mente pode colocar questões para além do que pode saber, é uma questão que merece ponderação.

No entanto o meu raciocínio inclina-me para a concepção de que tais incongruências derivam, uma vez mais, da violenta erupção antinómica do modo contrário no apogeu da tentativa de isolar qualquer elemento puro - conforme ilustrado na já referida história de Jó - assim se manifestando a resiliência da duplicidade essencial e de ϕ a toda a apreensão.

A ideia de que o espaço mental implica uma tri-dimensionalidade possível de obter por dobragem de um plano bi-dimensional (a formação de um cilindro que constituirá o primitivo retículo mental, apto à apreensão e digestão trans-formativa das experiências mentais), mas não por dobragem, mesmo que infinita, de uma recta parece justificar o estabelecimento de uma distinção qualitativa entre $f(\alpha)$ e $f(\beta)$, e a superação do raciocínio quantitativo que atravessa a linearidade de $- a + \alpha$.

Que a introdução da tetra-dimensionalidade requerida pelo espaço e objecto edipiano transforma o anterior cilindro num cone, é um facto. Se este cone é duplo e corresponde plenamente à representação topológica de um espaço a quatro dimensões - um duplo cone - e qual o ponto, o vortex em que se possa de $+0$ a -0 , e sua composição, são as dificuldades relacionadas com a natureza de $f(\beta)$, a transcendência da geração de matéria mental e a definição da interpretação mutativa. Transcendência familiar a todo o psicoterapeuta consciente da indefinição do que torna em certos momentos a sua interpretação num *devoir* ϕ , ou a mantém apenas como um $T_\beta(\phi)$.

O que me perturba é a facilidade com que se liga beta a uma coisa, quando ele pretende designar mais precisamente uma *não coisa*. Vemos aqui a utilidade da notação *mais* e *menos* dos vínculos em Bion; uma *não-coisa*, não é o mesmo que uma *coisa-mentirosa* ($-\alpha$), ou que uma coisa em sentido psicológico (β resultante de $T\alpha$).

E no entanto, fenomenologicamente, a não-coisa na sua irreduzível alteridade surge-nos como a mais perfeita assunção da coisa-em-si.

A resolução deste enigma passa por algumas das seguintes questões.

A primeira a de que se estará face a uma incipiência de concepção da Transcendência, apanhados na tentação de a reduzir às categorias humanas de *sujeito*, *objecto*, *espaço* e *tempo*, às quais não se conforma, não sendo possível de coisificação, ou apreensão conceptual pelo pensar. No interior de um epistema caótico coloca-se a questão de saber se qualquer determinismo não estará sempre aquém da singularidade de um sistema; o mesmo de realizar-se face aos elementos que tentamos denotar pelos nomes de transcendência, α e β .

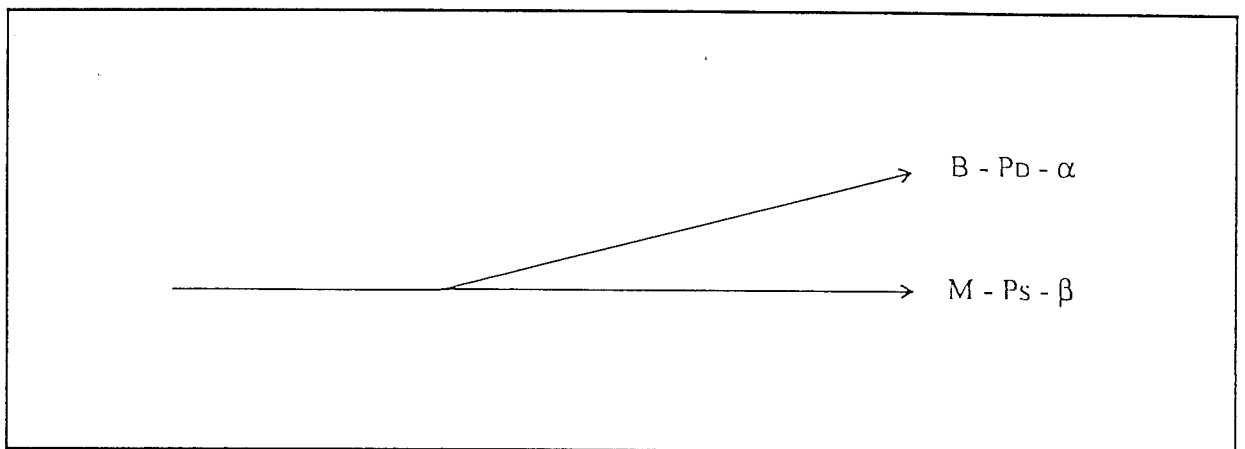
Uma segunda questão é a de separar a função alfa como *um componente do pensar e da reverie*, e *não como eles próprios*. A estreita relação entre a função α e a actividade da identificação-projectiva, coloca este termo no domínio da simetria, embora lhe não seja sobreponível por sua capacidade de discriminação e identificação emocional. Nesta ordem de raciocínio a função beta constituiria um segundo elemento da capacidade de reverie, sem o qual o bebé não poderia reconhecer as emissões maternas como respeitantes às suas produções, por se terem perdido todos os invariantes necessários à manutenção da identidade e ao reconhecimento.

III. 3.

DA FUNÇÃO β À REVISÃO DA GRADE

A ausência de re-conhecimento associada a esta função, a tendência a uma absoluta concentração na sensação do momento actual, colocam-na mais perto da assimetria, embora lhe não seja sobreponível. A tendência individualizadora e fragmentadora que a caracteriza aproxima-a de (PS), no diagrama angular, e mantém a sua viabilidade como tendencialmente predominante, ou mesmo única, no seio da linearidade sensorio-perceptiva.

Teríamos assim que:



Aquando do fechamento, ou inviabilidade, de manutenção da angularidade β poderá servir de continente às pré-concepções, protegendo-as da realização negativa, embora podendo encerrá-las num claustro autista, tornando-as inaptas à transformação e à comunicação, quando exclusivo.

Será próximo desta situação que se detectará $-\alpha$, como forma de manter a ilusão de comunicação e pertença, já sem possibilidade de teste de realidade e num evitamento desesperado da congelação claustrofobizante: resultando numa ausência de contenção e invariância interna que coloca todos os produtos e conteúdos mentais em anástrofe e sangria, pelo que a longo prazo se caminhará para uma situação aparentemente idêntica à anterior. A evolução esquizofrénica com acentuar da retirada autista ilustra esta ideia

- β seria assimilável à ideia de abandono de toda a invariância e permanência, de todo o investimento, mesmo da discriminação e detecção sensorial; o lugar da atonia e morte psíquica, conduzindo à morte biológica.

Por este desenvolvimento clarificam-se as relações entre α , o bom objecto e a fusionalidade, logo com a simetria e o ser; de uma existência que aceita o enigma, o outro e o não-ser (o ser-se através de outro). Assim como as relações entre β , o mau-objecto e a precipitação da existência, logo com a assimetria; de uma *existência que é*, logo insuportável para si e intolerável para com o outro, e o não-ser.

O ser-se humano, ou existir-se enquanto tal, passa claramente pelo ser aquém do existir e da definição (pela simetria, comunalidade e indiferenciação), não se adequando à oclusão pelo existir sensorial do vazio que o integra - e promove a diferenciação e existência através de um activo uso de não-ser - embora não a possa dispensar.

Este é o ponto até ao qual posso aceder na investigação das questões atrás enunciadas, a consistência da minha hipótese parece-me ter saído reforçada embora pela sua duplicidade, que espero seja a do humano, se escape a C e por ele não possa ser cabalmente demonstrada.

Uma vez mais α e β , como funções do psiquismo humano, caracterizam-se no seu próprio interior por duplicidade e *Trans* (transitoriedade, transcendência e transmutação), revelando sua contribuição para a formação do pensar e do existir; não podendo ser facilmente reduzidas por ilusões valorativas ou denegridoras a tranquilizantes noções lineares de *bom e mau*.

Em consequência *reverie* ou *pensamento onírico*, são já operações complexas caracterizadas por uma relação (Φ - σ), entre α e β , devendo ser caracterizados como elementos de um nível lógico superior e distinguidos destas suas funções constitutivas.

Deste modo um elemento beta, como um pesadelo, uma recordação traumática ou um sintoma somático, parece-me corresponder a uma transformação de identidade, podendo resultar num aumento de densidade até ao concretismo absoluto que anula alfa, em Máxima Invariância e por definição pura existência sem significado, para além da sua afirmação sensorial - logo ausência de condição humana, não se ser, sendo-se - se ligado a insuportável dôr.

Igualmente a função α é uma função de anulação da existência e de protecção do ser, infinitizando a sua capacidade de trans-formar-se e viabilizando o seu acesso a um inumerável conjunto de novas transformações e definições existenciais. Este é o sentido do discurso de Baphomet, e o carácter mágico e inefável que Bion para esta função intuiu, e tentou proteger através da sua definição como um *conceito vazio*.

Traço assim um quadro em que ϕ na sua tríplice natureza (-0, 0, +0), de acordo com a metáfora da Santíssima Trindade, contém a capacidade de Trans-formação e criação, e a capacidade de substanciação ou fixação, ambas quando separadas e autonomizadas criando estranhas e inumanas coisas.

Tal como na filigrana e na gravura - vejam-se as considerações de um mestre desta arte como W. Blake em *A união do Céu e do Inferno* - é o **Bafo** do fogo e do ácido que corroendo a figura, *a extraem, delimitam e revelam*, expondo-a em máximo fulgor. Não a operação do espírito que a concebeu, não a intervenção do fogo que a fixara, mas um **Bafo**, tal como é requerido na extracção e obtenção do humano.

III. 3. 1.

A GRADE E A TEORIA DO PENSAMENTO REVISTAS.

A ideia de hierarquia associada a uma estratificação qualitativa, agrada-me. Quando há alguns anos estudei a *Grade*, surgiu-me a ideia de que a distinção qualitativa entre os níveis ocupados pelas duas primeiras linhas e as restantes, não era suficientemente expressiva no modelo de Bion. A própria ideia de $f(\beta)$ me surgiu quando as separei e me surgiram na quadrícula remanescente duas diagonais ortogonais, uma marcando os pontos de máxima descontinuidade e trans-formação, que me pareceu corresponder à ideia de $f(\alpha)$, e uma diagonal inversa que passava pelos pontos de menor descontinuidade e máxima invariância possível numa trans-formação, que designei de $f(\beta)$. A justaposição destes dois níveis no continuum que marca a verticalidade da grelha de Bion, parecia ter produzido um raciocínio quantitativo que obscurecia o desnível e a diferente natureza entre α e β e os restantes níveis dos conteúdos mentais.

Grade Revista	Antiga Grade	1 Hip. Def ^{as}	2 ψ	3 Notação	4 Atenção	5 ndagação	6 Acção	...n
A α	A	A1	(A2)			(A5)	(A6)	
B β	B	B1	B2	B3	B4	(B5)	B6	Bn
C Pré- Concepção	D	β					α	
D Concepção	E		β			α		
E Pens ^{os} Oníricos. Mitos	C			β	α			
F Conceito	F			α	β			
G Sist. Ded ^{vo} Científico	G		α			β		
H Cálculo Algébrico	H	α					β	

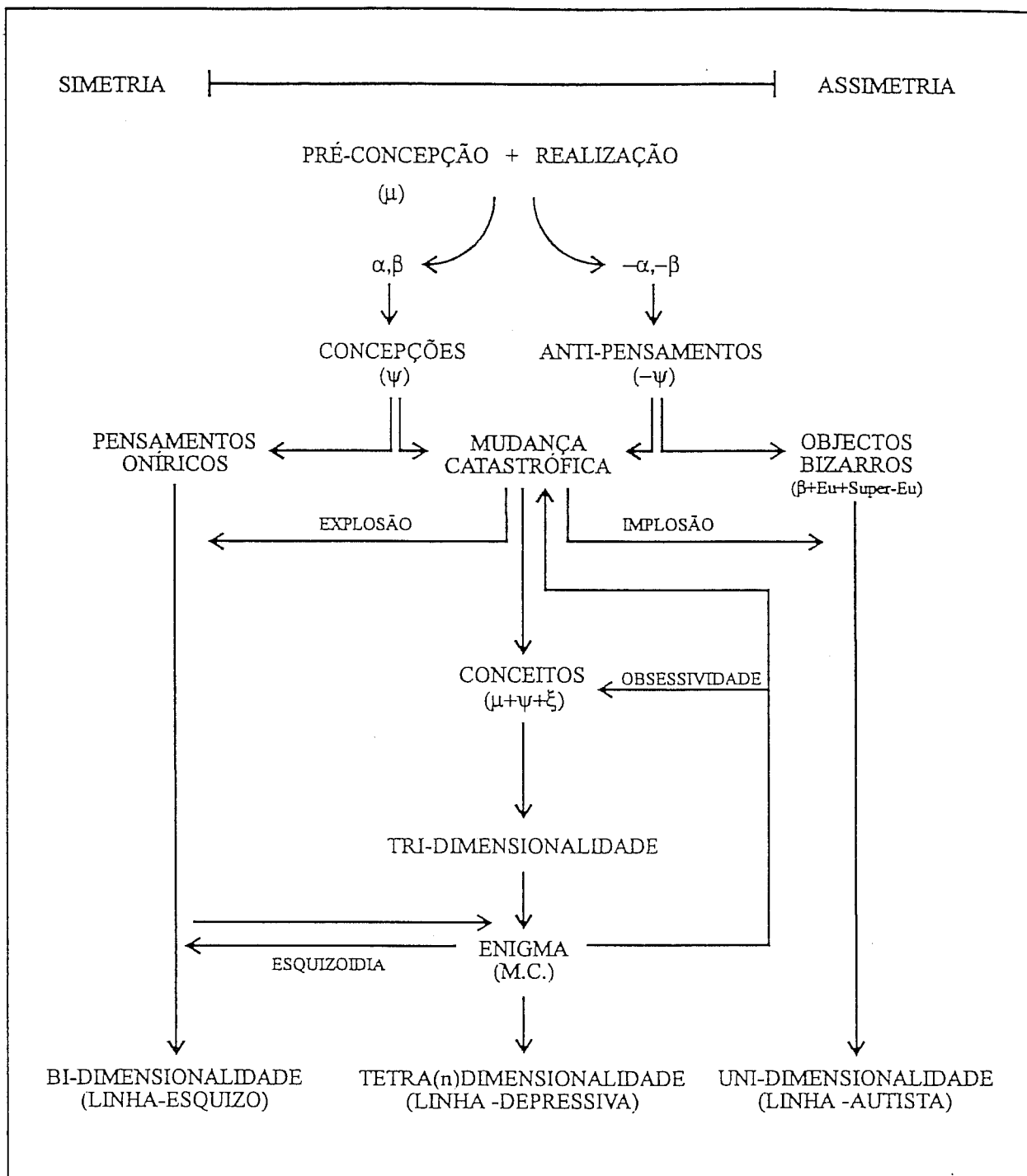
Nesta minha versão da Grade tornam-se manifestas as funções α e β , e suas qualidades topológicas, possibilitando a inscrição de β como componente do pensar. De acordo com outros autores será necessário o estabelecimento de uma Grade Negativa, em que se inscrevam $-\alpha$ e $-\beta$. É a topologia desta área aquém de -0 , abaixo do vértice que define o ponto ϕ de um plano tetradimensional (um duplo cone), que me não é possível apresentar agora.

Entre parentesis encontram-se as quadriculas em que igualmente discordo de Bion, tenho dificuldade na percepção de A_2 e de B_5 - provavelmente já componentes da linha C, e coloco a hipótese de A_5 definindo-a como a actividade de *indagação pelo não saber* e de exposição ao enigma.

Em conformidade com a minha presente tese, isolo a linha C. Nela a dualidade do humano aparece maximamente, abaixo dela intensifica-se a simetria e acima dela a assimetria (embora estes factores não lhe sejam sobreponíveis, sem o que seriam reduzidos aos factores da Grade). No entanto é interessante notar como esta distinção permite pela primeira vez, no meu conhecimento, detectar a esquiva zona do pré-

consciente com que se tem tentado resolver a dificuldade de passagem dos níveis quânticos da Grade (A e B), para os níveis moleculares (D e H). O pré-consciente tal como o humano, inscreve-se numa área Trans, de passagem de fase - onde serão caóticas as funções operantes - sua composição dual $C=(\psi)(\xi)$, permite descrevê-lo, tal como ao humano, como o local paradoxal da *existência que é* (ou do ser com existência).

As alterações à vertical da Grade (C A H), derivam da minha interpretação da teoria do pensamento de Bion, que apresento no seguinte esquema :



Esquema que julgo suportar as alterações à Grade e a minha hipótese sobre a maior proximidade entre esquizoidia e normalidade, que entre esta e autismo.

No esquema a junção da *pré-concepção* à *realização* (independentemente da qualidade positiva ou negativa desta última), provoca *transformação* e *invariância* (α e β), ou *anti-transformação* e *anti-invariância* ($-\alpha$ e $-\beta$), do que decorre,

optativamente, a formação de **concepções** - preenchimento da pré-concepção - ou de **anti-pensamentos**. As primeiras tomam uma *qualidade oniroide* por sua maior proximidade quer à simetria quer ao princípio do prazer, enquanto que os segundos assumem a forma de *objectos bizarros*, dada a evacuação conjunta das funções de percepção, avaliação e consciência; resultam assim em progressivo enfraquecimento da mente, com perda da sua capacidade elaborativa, evoluindo para a **uni-dimensionalidade**; estado de morte da alma em que as próprias sensações se encontram impossibilitadas de conjugação e correlação, lançando o sujeito em pura concentração perceptiva (e em puro presente, marcando a regressão paradoxal para a simetria).

A junção de *concepção com a sua realização negativa*, produz a passagem por ϕ associada a dôr mental e onde se realizará *mudança catastrófica* com ganho de nível lógico, gerando-se conceitos, estruturas **tri-dimensionais** compostas pelo *radical inato* (μ), o *saber* (ψ) e *abertura ao não saber* (ξ). No entanto a dôr mental (na sua relação a μ e $-\psi$), poderá ser insuportável pelo que se abrem duas vias, **explosão do significado**, por clivagem, negação e idealização, *reforçando-se a fuga onírica* (para o princípio do prazer), no limite conduzindo à **bi-dimensionalidade** e às formas adesivas de identificação, em que só subsiste um sujeito - relativamente informe - e suas imagens especulares e bi-dimensionais (por redução do enigma ao manifesto, à alucinação, como a criança psicótica face ao conflito estético). Outra alternativa ao excesso de dôr mental consiste na **implosão do sujeito**, *com desmantelamento da sua capacidade para pensar pensamentos*, reforçando-se a passagem à **uni-dimensionalidade**.

No entanto firmada a tri-dimensionalidade, marcando um apogeu do princípio da realidade (com formação de $\$$, fixação da castração e organização de uma *latência*), o desejo e o fantasma, acicatados, tentarão o seu reingresso, reivindicando cidadania para as múltiplas dimensões e cambiantes de cada objecto onírico (dada sua saturação simétrica que o torna n-dimensional e compósito, ou condensado). A extensão dos objectos agora imaginados constitui um novo desafio, uma verdadeira **exposição enigmática**; *sua inerente dôr, derivada do não-saber*, produzirá novamente três alternativas. A primeira consiste no reforço da **bi-dimensionalidade**, *por intolerância à frustração e incapacidade de harmonizar os níveis oníricos e de realidade*, com **resolução metonímica**; a segunda, *num fechamento abrupto ao enigma e sua vastidão, com ódio ao afecto e ao não-saber* (à simetria e aos vínculos **M** e **P**), que consoante a sua intensidade poderá ter dois destinos: a **saber**, a **obsessionalização**, *como forma de reduzir o enigma ao conceito* e conter o excesso de simetria numa banda considerada segura, ou, quando o pânico é mais intenso, *o ataque à percepção enigmática com fechamento bizarro*.

Mas se a *multidimensionalidade onírica* poder ser de algum modo *entrelaçada com a tri-dimensionalidade*, a resolução do enigma abrirá as vias à sua **resolução**

metafórica (com abertura a **P** e a **M**), e a *passagem do espaço interno a um espaço virtual tetra-n-dimensional*; atestando da formação de *Trans* e de equi-cardinalidade metafórica.

Desejo apontar que sempre que no esquema são indicadas alternativas, a minha ideia não é a de opções disjuntivas, mas a de que todas as vias são contempladas, em maior menor grau, em qualquer mudança; assim, por ex., *na conjunção de concepção e realização negativa, em diferentes proporções se formarão, simultaneamente, pensamentos oníricos, conceitos e objectos bizarros.*

A natureza implícita de $f(\alpha)$ e $f(\beta)$, assim definidas, no surgimento dos restantes conteúdos mentais, levou-me a designar as duas primeiras filas da Grade por *nível ou zona quântica da mente*, por oposição ao nível macroscópico definido pelas restantes. Neste, o raciocínio quantitativo de progressiva complexificação, parecia-me defensável, sem violentação importante das suas diferenças qualitativas.

Esta distinção colocava os *pensamentos oníricos* na fronteira entre os níveis quântico e macro, sendo interessante observar o fulgor das suas manifestações como um fulgor de fronteira. *Uma fronteira no interior do homem, visto por sua vez como fronteira entre os modos antinómicos do ser*, desta duplicidade resultando a sua vitalidade e infinita diversidade.

Fronteira em que surgiam, formando-se magicamente, os conteúdos mentais aptos ao escrutínio da consciência; lugar de máxima tensão e interacção de α e β , e que bem podia ser o local habitado pelo misterioso reino do Prestes João da psicanálise, o **Pré-Consciente**.

Neste esquema, devo de dizer que tal como a outros parecerá discutível o conceito de *função beta*, a mim me parecia enigmático o de *elementos alfa*, que só conseguia representar como efémeros e evanescentes, ocorrendo na refração de um momento inapreensível.

IV.

O ESTATUTO *TRANS* DO EU

IV. 1.

LEITURAS FELIZES

Foi por essa altura que me ocorreu a veleidade de ler obras de física; de divulgação de física, naturalmente. A inversão de perspectiva contida neste simples rearranjo da Grade, tinha a semente da revolução quântica na física, *abrindo a via à possibilidade de considerar a mente e seus conteúdos sob uma forma ondulatória e não de partícula*, paradigma discreto de que a psicologia continua presa, não obstante os seus esforços para se libertar dos modelos de *caixa-negra*, interessando-se pelas funções mentais responsáveis pela produção de um conteúdo.

A leitura dos belíssimos trabalhos de R. Godwin *Wilfred Bion and David Bohm: Toward a Quantum Metapsychology* (Godwin, 1991), e de S. Turkle *Psychoanalysis and Artificial Intelligence: a New Alliance*, (S. Turkle, 1988), foram marcantes na sedimentação desta perspectiva e sua viabilidade. Foi igualmente neste contexto que vim a tomar conhecimento da Geometria Fractal e do Caos Determinista. A mesma incidência de olhar parecia manifestar-se em diferentes campos e estabelecer um sólido campo conceptual de trabalho. Bastava ultrapassar os problemas de *efeito de escala*, e certos resquícios de moralidade; do mesmo tipo dos que se indignaram com Copérnico, Darwin e Freud, e encontravam na afirmação da existência o último refúgio para uma teogonia egocêntrica. A ideia de um mundo interno, povoado por miríades de entidades dotadas de antropomorfia, a que os trabalhos sobre introjecção tinham conduzido, concebendo o próprio como pura irisação, parecia adequar-se a estes desenvolvimentos e por eles aguardar, ansiosamente.

Vejamos que analogias e pistas se nos oferecem partindo de uma breve descrição das ideias de movimento e de corpo em física.

A física clássica, de origem Newtoniana, e seu instrumento dilecto, o cálculo diferencial ou análise matemática, operara uma revolução face à física aristotélica no respeitante às ideias sobre movimento; enquanto nesta um corpo caía para o seu *estado natural de repouso*, ocupando o seu lugar, teologicamente determinado, aí permanecendo na ausência de forças perturbadoras extenas, em Newton, o estado de repouso foi concebido como o momento excepcional que ocorreria apenas quando o corpo era submetido a forças externas inversas e equivalentes simultaneamente. Sendo.

o estado natural dos corpos considerado como o de movimento, genial intuição que escapa à sensorialidade perceptiva de que as coisas estão onde estão, não existindo, por consequência um local predestinado para sua residência.

No entanto a perspectiva Newtoniana partilhava, com a física aristotélica, as concepções discretas sobre a natureza dos corpos e o sistema de forças.

Assim a representação vectorial do campo de forças permitia prever o desenvolvimento futuro do sistema, isto é corpos discretos submetidos ao impacto momentâneo de um conjunto de forças, seguiriam determinadas trajectórias e velocidades; tudo parecia estar bem para a ilusão determinista e mecanicista da natureza; todo o futuro contido no presente e no passado, caso a caracterização dos vectores tivesse sido judiciosa e completa. A ideia de uma arquitetura divina e sua ordem total (no sentido matemático), permanecia identificável. Embora esta brilhante concepção nunca tenha conseguido resolver os problemas referentes a um sistema de três corpos - o primeiro sinal com que o Caos se manifestou face à arrogância iluminista - este sistema impôs-se e preside ao actual desenvolvimento da nossa cultura, saber e modo de vida.

Pequeno percalço que não obistou a que a psicologia lhe aderisse completamente, encontrando-se hoje como um dos seus últimos dinossauros, não obstante ter sido definida e estabelecida por Freud como *a ciência que estuda o problema dos três corpos*. E embora Freud o tenha resolvido a nível emocional com a teoria do Édipo, a sua formação académica lhe não permitiu resolvê-lo no plano conceptual.

Como aponta Matte-Blanco, Freud depois da concepção da segunda tópica, tripartida, nunca abandona a primeira e oscila sempre no uso substantivo ou adjectivo de um termo como *Inconsciente*. Possivelmente um apelo da duplicidade essencial, face à impossibilidade de estabelecimento do estatuto de unidade trinária do humano e sua bi-modalidade.

A revolução quântica na física, comportando uma concepção ondulatória do movimento, e a ideia de que um corpo é constituído por uma infinidade de ondas que num determinado ponto se entrecruzam e eclodem, tornando-o simultaneamente *local e ilocal* - influenciado por um conjunto de ondas em permanente alteração pela sua interacção entre si, com o corpo, e com a alteração do sistema produzida pelo deslocamento deste - e implicando técnicas de cálculo integral, dizendo respeito a uma área, ou unidade de tempo, considerada globalmente ao contrário do procedimento analítico do cálculo diferencial, relativo a entidades discretas num momento - e sua possibilidade de divisão e fragmentação infinita - não suscitou na psicologia particular entusiasmo. E no entanto estes físicos aperceberam-se de que a fragmentação analítica levava à perda da ideossincrasia do sistema, e que esse caminho só tinha uma direcção, *não sendo possível fragmentar e reconstituir uma entidade*. Iguamente a psicologia desde logo se havia deparado com um problema de regressão infinita, o homúnculo

dentro do homem, com que os adversários de Freud o fustigavam a propósito das descrições das instâncias psíquicas; *detecção de antropomorfismo a uma escala mais reduzida que requeria uma solução análoga à dos físicos.*

Não me deterei sobre as consequências epistemológicas desta revolução, creio que a minha posição a este respeito transparece em todo o texto, mas desejo indicar que tendo sido demonstrado que o conjunto de aplicações, interações ou arranjos de um conjunto infinito possui uma cardinalidade superior à do infinito, não sendo por isso abordável por uma técnica analítica, se tornaram evidentes as limitações do determinismo racionalista mesmo antes da revolução seguinte na física, que evidenciou o carácter estocástico dos resultados de funções deterministas simples.

Efectivamente uma onda não satisfaz o comportamento de uma partícula, dada a sua diferente natureza, *mas um pacote de ondas*, um feixe de ondas concentrado numa determinada área, pode fazê-lo; assim como um feixe de partículas apresenta um comportamento ondulatório demonstrando o efeito destas e repondo uma certa *ilocalidade*, paradoxal num corpo que é, e *que faz com que executem trajectos manifestando-se nos pontos terminais sem terem percorrido os intermédios.*

IV. 2.

CONCLUSÕES E SÍNTESE.

Poderíamos assim destriçar as componentes *não-coisa* Vs *objecto-Bizarro*, contidas no conceito de elemento β , e responsáveis pela sua dificuldade de formalização?

Na vertente *não-coisa*, β , parece ser uma onda não compactada, sem invólucro (pacote), isto é, sem (Φ). Radicalmente *uma coisa em si*, porque dependendo apenas da sua invariância interna, tão fraca que apenas detectável pelas técnicas de feixes de escuridão. No entanto neste plano, um puro (σ), β surge como um (pré)constituente da mente não a obstaculizando necessariamente na sua capacidade de trans-formação. Apenas demasiado ténue, ou não apreendido por uma função de transformação adequada. Quer por fragilidade e incipiência desta última, quer pelo temor da violência em si contida, e da dôr mental resultante da sua trans-formação e inclusão na ordem narrativa. Em ambos os casos o encontro com β , *expressando-se por invariância e não existência no lugar em que ela devia ocorrer*, conforme a ideia de Bion de *uma pura coisa sem existência*. Deste modo se detecta a sua proximidade a ϕ , puro ser, mas ao contrário deste apenas podendo *ser-se* e não *ser sido*, dada a ausência de transformação que remete para um congelamento iterativo.

Integração, inclusão e simetrização sendo vistas como qualidades da $f(\alpha)$, do processo de trans-formação, inexistente em β definido por identidade e invariância, determinação interna, e por isso *sempre esquivo e selectivo, mas não por isso caracterizado por violência e inveja.*

Esta ideia do elemento β como uma *coisa-em-si*, e por isso inexistente para a mente, o domínio das coisas transformadas, *em existência*, corresponde à ideia de Bion de que o produto de qualquer transformação constitui sempre um novo β , em si próprio inapreensível e enigmático, requerendo nova transformação para ser significado e assimilado, e assim sucessivamente. Corresponde, igualmente, à ideia de que é a abertura para o enigma, o outro e o estranho, que permite a superação do *ser-se para o tornar-se no que se é*. Suspensão da memória e do entendimento, como condição de trans-formação.

Questões que colocam a questão do estatuto dos elementos α . Com efeito se o produto de cada transformação, $T\alpha$, é sempre um $T\beta$, então α , parece corresponder a uma pura função, em que os seus produtos α surgem como evanescentes e momentâneos, *reforçando o carácter virtual da mente e dos seus conteúdos*, apenas apreensíveis durante a transformação, *quando não são, e tão logo esta finalizada tornando-se outros e obscuros* (β). Por isso a mente não pode encontrar-se em nenhum deles, apenas refulgindo e existindo aquando da sua interacção. Por isso, também, *falar e ser se opõem, e só se pode falar de que se (já) não é.*

Na vertente *objecto-Bizarro*, β , aproxima-se da descrição de elementos Zombies impedidos de viver, mas sequiosos de cidadania na mente e de vingança. Objectos implodidos e altamente compactados que requerem um máximo de função α e capacidade (Φ), para poderem ser decompostos e assimilados na sua natureza e diversidade. Mais esquivos que os elementos β , por possuírem intencionalidade, maligna e capacidades de esquiva, diversão e confusão; e mais exigentes para o pensador que necessita de intensificar a sua oscilação ($PS \leftrightarrow PD$), na busca dos inúmeros factos contidos num único destes elementos altamente saturados.

Alfa, surge como uma função de campo (Φ), diluidora e re-produtiva, capaz de dissolução e definição, *eminentemente dupla*, contendo PS e PD. desintegração e rearranjo, actividade e passividade, função prescrutadora e femininamente dada e capaz de entrega e inclusão - duplicidade que a torna mais humana a nossos próprios olhos porque mais familiar. Campo que pode, ou não, suportar β até que este seja suficientemente perceptível para alfa-betação, integração e transformação, ou rejeitá-lo, claustrofobizando-o e implodindo-o como forma de o tornar *uma coisa* e portanto inadequado para trans-formação e cidadania na mente; tornando-o em *ser sem existência*, à imagem do Zombie e do Vampiro. Infeliz encontro e diabólica incubação. formação de um Incubus mental, que tal como o da demonologia medieval

estraçalhava as mulheres com que mantinha relações, pela sua violência e frenesim de procriação - malignidade que nada tem a ver com uma ideia de intencionalidade, de maldade.

Se esta é a invariância que se detecta na consequência de relações desprazerosas (e outorgo a *relação*, aqui, o seu sentido mais lato), não poderemos ser tão assertivos no que respeita às características dos amantes assim (mal)fadados. Violência e inveja do conteúdo, ($\beta_{O.B}$), fragilidade e voracidade do continente ($-\alpha$), ou uma confluência de ambos, parecem propiciar este trágico desenlace.

Nesta relação de desconhecimento e distanciação, em que o continente, intranquilo, persegue ou sente-se perseguido por um conteúdo sentido como agressivo, o processo de transformação, α , corre o risco de se deter quando ainda incipiente, resultando na construção de *ilusões* e *mentiras*, como forma de evacuação da dor resultante do contacto e do conhecimento, gerando-se os elementos ($-\alpha$), dotados de maior invariância e densidade; donde a sua semelhança a ($-\beta$), e a elementos (ψ), saturados pela confirmação apressada de uma pré-concepção com uma realização positiva do preconceito anteriormente suspeitado, e agora reforçado e mantido pela insuficiência da indagação e o desejo de distância e desconhecimento.

Julgo poder-se concluir que quer $-\alpha$, quer $-\beta$ (ou β o.b.), dependem sobretudo da invariância do (Φ), enquanto que α e β dependem respectivamente das invariâncias do campo infinito e da invariância local-universal das partículas, por este geradas, e agora autónomas.

Parece assim poder-se detectar duas funções α e β , e poder começá-las de mais e menos, obtendo-se + e $-\alpha$, e + e $-\beta$; em que fenomenologicamente $-\alpha$ e $-\beta$ tendem a aproximar-se e associar-se.

α e β e suas funções imanentes seriam elementos do nível quântico da mente, donde a sua distância insuperável e a sua natureza esquiva às tentativas desta para com eles lidar conceptualmente, apresentando-se-lhe como entidades vazias, ou não entidades, respectivamente.

A mente seria vista como um pacote de ondas, um campo/((Φ))/ α , em que elementos / β /((σ)) assumiriam um comportamento de acordo com a dinâmica ((Φ - σ)), sendo $-\alpha$ e $-\beta$ expressões duma dinâmica mutuamente destrutiva. Deste modo os conteúdos β , dependem sempre de um campo, de que constituem emanações, o qual contém a capacidade de manter a sua definição, ou de os diluir e transformar como condição de se recuperar e auto-conhecer.

Deste modo a representação *ondulatória*, ou de campo do Eu, é vital à viabilidade desta nova meta-psicologia.

Deve considerar-se que Freud assumia o Eu como a resultante das vicissitudes da história dos investimentos libidinais do Id, deste modo conservados e actuaes no interior. **Um precipitado de identificações.** O que aqui proponho é uma reformulação do carácter discreto e Newtoniano deste esquema, considerando o *Eu como o objecto virtual resultante da interacção dos objectos-internos*; não redutível a qualquer objecto ou conjunto de objectos internos, constituindo simultaneamente uma abstracção de nível lógico superior e um novo objecto interno. Resultando duma dinâmica e posteriormente influenciando-a, como os corpos formados por um feixe de ondas; apenas podendo ser considerado num intervalo de tempo, *inacessível e inexistente a cada momento*, como α , mas sempre em formação e influenciamento. Erroneamente representado como uma entidade ou conjunto de entidades discretas, logo esquivo ao procedimento analítico. **Um integral portanto.** *Puro ser*, além de qualquer concretização, que apenas o pode falsificar, *e para si próprio enigmático, outro e β .*

Freud considerava o Eu como uma exressência do Id, uma forma adaptativa, de compromisso, por este gerada para lidar com as exigências da realidade, numa tentativa de assegurar a continuidade do princípio do prazer.

Fairbairn considerava o Id como uma resultante do Eu, por clivagem e recalçamento, em consequência das imposições da realidade e do Super- Eu.

A perspectiva quântica que enunciei, permite conceber ambas as posições como simultaneamente verdadeiras e falsas, para além de complementares no que respeita a reforçarem e privilegiarem um dos elementos face ao outro; por isso a primeira é uma **psicologia do inconsciente, dos invariantes internos**, e a segunda uma **psicologia das relações de objecto, dos invariantes externos**, embora, pela paradoxalidade da regressão antinómica que ocorre sempre que se isola um dos aspectos da duplicidade, *a primeira tenha detectado e desenvolvido predominantemente, os aspectos introjectivos e a perspectiva do real, e a segunda os aspectos projectivos e neo-platónicos derivados da realidade interna.*

A natureza Bi-Modal da mente e da matéria, e sua geometria fractal, implica que campo e partícula, Ics e Cs, PS e PD, produto e função, simetria e assimetria, constituam expressões da mesma natureza última, aquém de α e β , *co-criadas e co-criadoras*; reflexos dicotómicos de ϕ , simultaneamente Ψ e Σ .

Ser-me-á possível uma integração destas ideias com as do primeiro capítulo?

α e β seriam as expressões da natureza bi-modal de ϕ , trans-formação e identidade, existência e permanência, **Satã e Deus, respectivamente**, por muito que isto custe aos psicólogos de açucarada bondade. Por isso toda a alfa-betação é uma falsificação, e a coisa em si na sua intrínseca verdade, é estranha ao humano e inapreensível ao seu sistema de trans-formações, a não ser pela ausência e chamamento

a uma quietude fusional, que lhe é mortal. Por isso também o projecto humano sempre constituiu um deicídio, *simultaneamente inspirado e invejoso*, e os habitantes do paraíso não se ateram à definição que lhes era outurgada, buscando conhecimento e trans-formação de si, como forma de auto-apropriação da sua natureza. Duplicidade do projecto prometaico de que derivou a origem pecaminosa do humano, para sempre condenado à fustigação pelas ansiedades paranoides e depressivas.

Tal como o maligno, na sua transcendência, não possui nenhuma intensão de maldade, também o benigno, não a possui de bondade; apenas os seus efeitos se fazem sentir diferentemente; ambas condições inumanas e adversas para nós, virtuais seres de fronteira em irresolúvel tensão.

Por esta ordem de razões $-\alpha$, se prende sempre à mentira e confusão satânica, e $-\beta$ à investida de uma entidade irada e deserdada, por isso voraz e sequiosa de reconhecimento, como o Deus de Abraão.

(Φ - σ), o resultado da intensificação da duplicidade de ϕ no interior de um sistema de gravitação, *em que um campo tende a formar um conteúdo e este a gerar um campo*, desenvolvendo-se uma potenciação da capacidade de trans-formar e assim como (PS-D) expressão da forma de agir dos modos simétrico e assimétrico.

Se um (Φ) é simultaneamente um (σ), e um conteúdo/partícula é simultaneamente um campo (pelo menos potencialmente), *então cada ponto-campo, define uma entidade local e ilocal passível de infinita diversificação e infinitização*, não em termos de identidade, com o que se perderia por satanização (ver cap. M) mas em termos de equicardinalidade e equivalência isomórfica, por uma actividade metafórica que permite inscrever em qualquer ponto-espaco elementos em correspondência com os existentes em qualquer outro espaco (ver cap. P). Esta seria a natureza infinita e fractal da mente, *o infinito em qualquer lugar*.

A tensão dinâmica gerada na arena do humano, local de confronto dos modos antinómicos, e por estes buscado como forma de se enriquecerem e superarem, seria mais manifesta nas concretizações que maximamente se aproximassem da duplicidade, como *a metáfora e a formulação poética*, entidades que respeitam a duplicidade e conservam a vitalidade do seu confronto, tal como se pode observar pela notação ($\psi(\xi)$).

$-\alpha$ e $-\beta$ seriam colapsos deste equilíbrio insustentável, que a um dado nível podiam ser expressos como resultantes de um campo saturado (Φ claustró), ou derivados de uma a partícula implodida (σ invejoso).

Se a mente não pode aperceber-se destes níveis simultaneamente - **embora os possa ser e neles se tornar** - devemos treinar-nos na ignorância do efeito de escala, de maneira a que estas paisagens possam suceder-se e flutuar na consciência de acordo

com o que num dado momento seja requerido - se bem que nesse estado não possamos saber de que se trata.

Fusão máxima, máxima identidade, correspondendo a não ser e ser maximamente, aspecto da veneração divina, inalteridade das suas leis, absorção do ser no seu infinito, do ser-se, em obediência, o determinado.

Fragmentação máxima, máxima transformação e identificação, correspondendo a ser e não-ser maximamente, aspectos do repto prometeico em desobediência e transformação satânica, em não-reconhecimento do Ser e frenética diáspora.

Assim simetria, não forma, inalteridade e equivalência seriam os aspectos paradoxais do ponto/ β saturado (como se observa no autismo); enquanto *assimetria, forma e transmutação os aspectos paradoxais do campo/ α* (como se observa na bizzaria psicótica).

Manifestações da persistência da duplicidade do ϕ , o seu ruído de fundo, em momentos de vitoriosa ilusão de qualquer um dos modos. Estranheza que acompanha o evitamento da dôr mental associada à mudança catastrófica com conseqüente esterilidade e inquinamento.

Herdeiros de Deus e Filhos de Satã, definição da insustentável substância do humano cuja *individualidade, permanente devir e criação, apenas pode reencontrar-se e reconhecer-se no ser, momento em que não pode saber-se e não possui identidade*.

Inefável sopro do Espírito Santo (no limite o máximo do ser), e ardente labareda do Inferno (no limite o máximo do não ser), humana e bafejante condição do homem.

P

«"(pê), m" Décima quinta letra do alfabeto português.» *

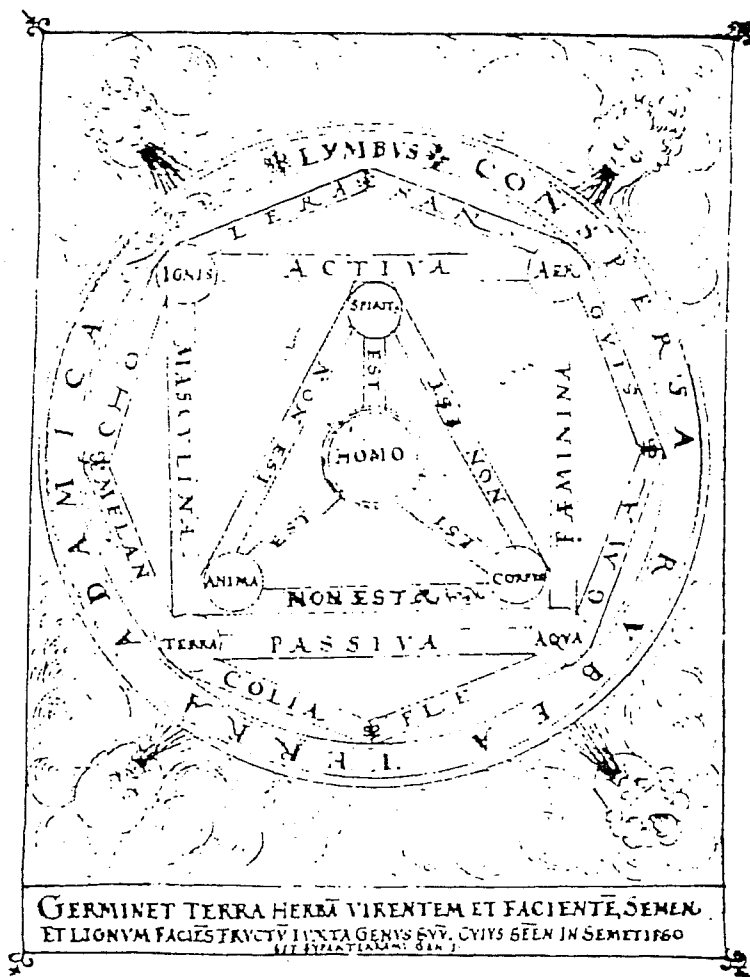
Por esta letra se inicia a palavra *Poético*, nome do vértice que segundo C. Amaral Dias designa as transformações poéticas de ϕ , e suas representações metafóricas.

As transformações **P** de ϕ , $T_P(\phi)$, são as que no domínio do conhecimento mais se aproximam de transformações em ϕ , donde que por vezes originem *a linguagem que alcança*.

Também por esta letra se inicia a palavra *Prática*, pois é sobre os que os psicólogos fazem com as suas teorias que este capítulo versa.

*in Cândido de Figueiredo (1953). *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Liv. Bertrand: p.1019 - "OZONIZADOR" A "PACOTILHA".

41113. FIGURA



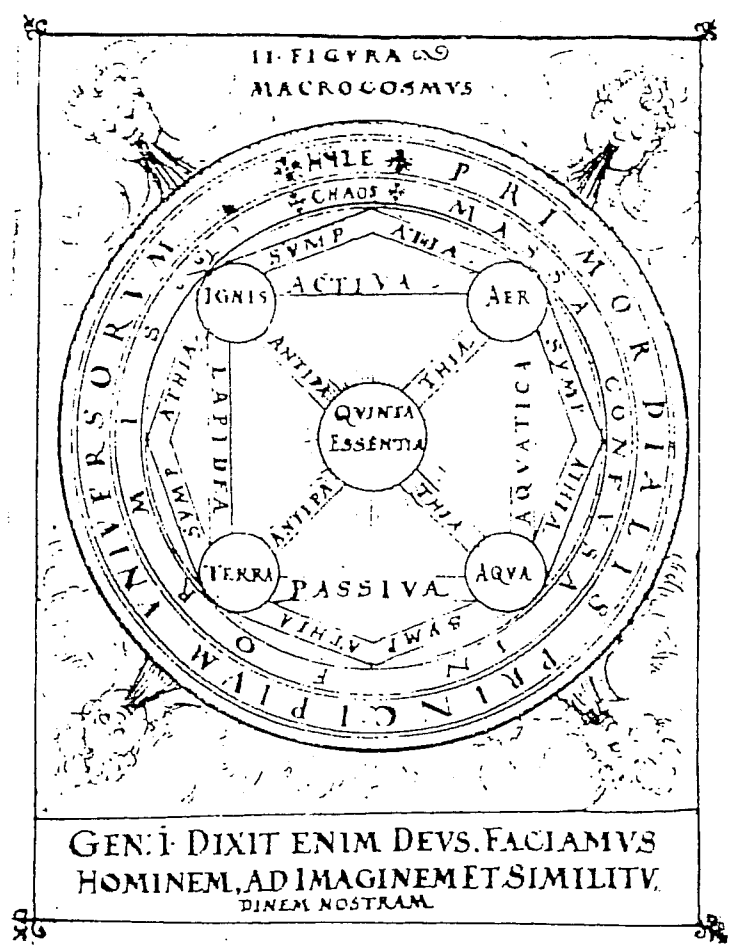
Cornelius Petraeus, *Sylva Philosophorum*, Séc. XVII, Biblioteca da Rijksuniversiteit. Leyde, Cod. Voss. Chem., Vol. 61.

"O paralelo entre Deus e o Homem : o Homem é também triplo, no sentido em que é composto de um corpo, uma alma e um espírito". in, Stanislas Klossowski de Rola (1974). *Alchimie - Florilège de L'Art Secret*. Paris. Éditions du Seuil, p. 120.

No octógono encontra-se a antiga tipologia. *Cholera, Sanguis, Fleugma* e *Melancolia*; e no quadrado a sua caracterização nos Princípios Masculino/Feminino e Activo/Passivo.

A localização do espírito (*Spirit*), sugere que ele partilha do Masculino e do Feminino.

O discurso poético-metafórico revela a natureza do Homem como isomórfica da de Deus, e produz uma tipologia meta-psicológica.



Cornelius Petraeus, *Sylva Philosophorum*, Séc. XVII, Biblioteca da Rijksuniversiteit, Leyde. Cod. Voss. Chem., Vol. 61.

"A criação universal, no centro da qual se encontra a quinta-essência derivada dos quatro elementos". in, Stanislas Klossowski de Rola (1974). *Alchimie - Florilège de L'Art Secret*. Paris, Éditions du Seuil, p. 120.

No segundo círculo lê-se : "Chaos, massa confusa informis".

O jogo das simpatias e antipatias revela que os quatro elementos são unos e duplos em si próprios, remetendo a uma dualidade de entidades duais fogo/terra e ar/água, elementos espirituais e substâncias, activos e passivos, que definem a dualidade masculino/feminino, una na quinta-essência.

O desenvolvimento do vértice poético-metafórico, permite a integração dos modos heterogêneo-devidente e homogêneo-indiviso, resultando numa ilustração da duplicidade imanente, o nada, o caos, os elementos isolados e a sua superação são integrados num modelo que lembra a oscilação (PS↔D) e a dinâmica (♀-♂).

I

SOBRE A LIBERDADE

O texto que passo a apresentar é adaptado de um artigo por mim escrito para o Psi-Scriptum, órgão da Associação de Estudantes do I.S.P.A. Foi com grande prazer que o desenvolvi pelo que o dedico a meus dilectos alunos. A sua inclusão justifica-se pela possibilidade que proporciona de apresentar as condições de desenvolvimento, e falência, da transformação em vínculo poético; por mim considerado como o *Trans-campo* específico do humano, no qual os modos antinómicos do ser são maximamente respeitados - evitando a regressão antinómica e sua paradoxalidade desumanizante. Creio que o vínculo poético permita a fulgurante realização de uma **existência** que é, sem anástrofe existencial ou catástrofe linear. Local de deslumbrante florescimento angular, sua delicadeza torna particularmente delicada a sua apresentação. Tentêmo-lo, esperando que o engenho me não falte.

Ao escrever sobre este tema é-me claro que a traição, paciente, aguarda em cada parágrafo, e a cada vírgula, a celebração da suspeição. Traição da mesma natureza da blasfêmia que leva o crente a pedir ao Senhor que o salve.

Que dúvida, inquieta dúvida, é esta que nos assalta? Como poderá o Senhor não nos salvar? Como poderemos nós não ser livres se em todas as direcções o infinito se perfila?

A degustação do fruto da árvore-do-conhecimento colocando o desenvolvimento do saber, e do ser, na linha que, com D. Meltzer, designaremos de Prometaica, não mais permitiu a tranquilidade face à mafiosa sindicância das partes invejosas da mente, e seu imponente cortejo de paranóia; atormentados arautos do mau-seio nos encontramos.

Do parricídio original, em S. Freud, até à vinculação do instinto epistemofílico com o sadismo infantil em M. Klein, é a dôr que sempre encontramos. Infeliz condição que bastas vezes teoriza a dôr como condição da criação, em equação simbólica e regressão metonímica confundindo-a com a abertura à realização negativa, gerando masoquiza desistência, suicida afirmação e cruelíssima criação.

Mas o que em dores gera, que poderá gerar senão a certeza da revolta subterrânea de seus filhos? Que destino o esperará senão o de Cronos e de Laios, ambos filicidas, e ambos por seus filhos mortos. Histórias que na sua negatividade confirmam que se deveria ter sido mais desapiedado e, mais importante para o que cada um de nós respeita, ilustrações da desdita de seres que infinitamente se devoram e torturam a si-mesmos. *Laios e Édipos de nós próprios nos encontramos.*

Condição que gerou toda a ideologia do sacrifício e da mortificação purificadora, do esforço libertador e da educação esfínteriana. Idealizações depressivas, idealização da depressão (que por vezes tanto corroi os psicólogos); farisaico espelho - *onde moras Mania?*[Considere-se o exposto no capítulo anterior sobre o desenvolvimento angular e a formação de Trans].

Flamejantes e inquietadoras fantasias retaliatórias nos acompanham, avivadas sempre que o olhar do fogo na lareira, testemunha a prometaica usurpação da chama divina. Por elas não pôde o homem deixar de evoluir numa sociedade de cultura paranoide e sado-masoquista organização, onde cada luta pela liberdade, na sua urgência cega e blasfema, mais dela o afasta sempre que em inquieta dúvida não a avista onde ela sempre está - em todo o lado.

Exponencial inquietude que justifica todas as defesas obsessivas e miméticos arremedos para com a experiência e a aprendizagem - ôcos (e loucos), saberes em imponentes códigos cifrados e adorados. Expição e anaclitismo resultantes da pavorosa solidão interna; estranhos amantes do chicote de seus amos confundindo servidão e crueldade com genuíno interesse. *Não, não podemos ter sido nós - infelizes e impotentes vítimas - os abjectos ladrões e insensíveis carrascos.* Controle dos outros que não é mais que controle de nós próprios - de nossa verdejante e interna malignidade - e cujo triunfo confunde fúria legalista com construção de liberdade.

E no entanto, em tanta inquietação algum fundamento deve residir, pois é de pensar que se o sumo do doce fruto tanto nos amarga, não tenha sido esse, mas um outro, *bem mais amargo*, o provado.

Aqui reside a Fé, meu principal argumento. A história que venho contando é a da criança assustada, que na inquietação da sua solidão duvidou. **Original_dedita.**

Perca de Fé logo saciada pela canibalização dos maravilhosos frutos da quietação materna - que não da sua fonte. **Original ilusão.**

Duvidosas lentilhas avidamente, e em raiva, tomadas pelo doce fruto. **Original crime.**

Precipitada e reivindicativa individuação que confundiu o preenchimento do nada pela caricatura do mesmo, com conquista e invenção do novo. **Original_estupidez.**

Prometeus que roubámos e nos formámos à imagem do Deus-ausente, esse ser super, Super-Eu (nas palavras do velho Rabi).

Mas que imagem é essa, ou melhor, que Deus é esse que possui uma imagem? Senão o Deus do mesmo, da iteração, do raivoso aborrecimento; mesmíssimo Deus da morte-da-alma.

Pois não perceberam Teilhard de Chardin e o Papa Inocêncio que a marca de Deus, da Sua existência, é o Seu silêncio para com as Suas criaturas? Inefável e irreduzível indefinição que marca a Sua infinita alteridade - *e que com ela nos marca.*

Ausência, nada, geradora de infinita potencialidade, de um universo, em cada infinitamente finito pequeno ponto do espaço. Suprema bondade que nos liberta para toda e qualquer construção.

Que tem isto a ver com a precipitada oclusão e o grotesco esboço, traçado em irritada urgência, de um desamado Deus (des)conhecido? Nada, deveríamos nós saber que tanto falamos da intolerância à frustração nos psicóticos.

Grotescos esboços, amargo pão que o Diabo amassou, negros e frios sóis da nossa alma; como poderão eles gerar a suave chama cuja presença tanto conforta, e cuja ausência tanto nos inquietou? Pois não escreveu W. Blake no seu nono Provérbio do Inferno, *aquele cujo rosto não irradia luz nunca se transformará em estrela.*

Efectivamente a Liberdade tem mais a ver com a serena outorgação de bondade; com a tranquila entrega, abertura e submissão à realização pelo impacto da experiência - com a Fé. Não com a complacente divinação das grotescas características do homúnculo, em famélica e invejosa urgência.

Reza o quadragésimo-sexto Provérbio do Inferno, *nunca saberás o que é o bastante se não souberes antes o que é demais.* Apenas o que foi obscenamente rico poderá vir a ser generoso, pois como mais claramente diz a sabedoria popular *a barriga vazia nunca foi boa conselheira.*

E não está a história dos povos bastamente ilustrada de que nunca o ódio à repressão criou a igualdade entre os homens; de que esta apenas pode frutificar do amor aos homens e à sua liberdade?

Liberdade, não é sua a via do calvinismo militante, mas a da intimidade com a ausência e o inefável; a via que W. Bion, na senda dos poetas, intitulou de *capacidade de realização negativa.* Uma atitude que encontramos expressa em J. Grotowsky; *o bom actor não se impõe ao personagem, antes se resigna a que o personagem aja através de si. Amor ao outro, amor ao (e do) que nos habita - amor a si.*

Liberdade, nada que façamos excepto aprestarmo-nos a que seja feita em nós, através de nós - divinos espaços de infinita capacidade de eterna criação - em tranquila espera que consubstancia a vitalidade e superioridade última do benigno, e atesta que com ele, em algum momento, nos locupletámos.

Costa da Caparica, 13/15 de Março de 1992

II

SOBRE TÉCNICA PSICOTERAPÊUTICA

II. 1.

INTRODUÇÃO

No âmbito da disciplina que lecciono devem os alunos realizar um trabalho de observação clínica, consistindo num conjunto de quatro entrevistas não directivas realizadas com um sujeito desconhecido, e cujo objectivo central é o estabelecimento de uma relação empática e sintonia face à dinâmica emocional do encontro, visando a aprendizagem pela experiência e a descrição das paisagens mentais assim suscitadas.

No currículo do curso, este trabalho surge como o primeiro momento de exercício prático da situação de entrevista clínica; o que aliado à circunstância avaliativa, desperta frequentemente preocupações e ansiedade nos alunos. É uma reflexão sobre as dificuldades por estes relatadas que me proponho realizar, julgando poder ilustrar questões que me parecem pertinentes sobre a teoria da técnica.

As questões habitualmente levantadas podem-se agrupar do seguinte modo:

1. Necessidade de mais tempo para fazer um trabalho melhor.
2. Qual o tempo certo para
 - a) se estar apto a realizar este trabalho?
 - b) se formular uma interpretação?
3. Como saber o que dizer e avaliar-se da sua correcção?
4. Qual a frequência com que deve o observador intervir?
5. Que alterações advêm da especificidade desta situação em que o pedido é realizado pelo observador e não pelo sujeito ?

Desejo pois dedicar estas reflexões, enquanto docente, aos alunos cuja dedicação e empenho conduziram à formulação das questões que trabalharei, assim como,

enquanto discípulo, as desejo dedicar ao Prof. Amaral Dias com quem as aprendi a discernir e do qual utilizarei a famosa *história dos lagostins*.

II. 2.

DESCRIÇÕES

Existindo um prazo para a entrega dos trabalhos alguns alunos de entre os que mais investem e se preocupam com a sua aprendizagem destes assuntos, levantaram o argumento de que desejando fazer um trabalho o mais completo e correcto possível necessitavam de mais tempo, desejo que lhes teria impossibilitado a entrega atempada.

Argumento cujo contexto e coerência parecia descrever uma situação lógica e justificativa.

No entanto desde os primeiros trabalhos de Bion são conhecidos os sinais por que é reconhecível a manifestação da identificação-projectiva tomando o terapeuta como alvo, e, tal como descritos, um deles é precisamente a ocorrência de uma intensa atmosfera emocional num contexto em que parece plenamente justificada. *Como se objectivamente no contexto terapêutico alguma aflição pudesse encontrar justificação.*

O mesmo autor desde *Mudança Catastrófica* nos dotou de um outro importante grupo conceptual; o que repeita às relações continente-conteúdo (♀-♂).

Habitualmente pensamos num conceito ou palavra como um continente para um pensamento, conteúdo que por essa representação encontra expressão e acesso à consciência. Mas Bion especifica o inverso, situação menos facilmente detectável, em que o pensamento, pelas suas características, forma o continente que suscita, solicita e exige, ao pensador uma determinada representação; *nesta perspectiva é o pensamento que surge como continente da representação/conteúdo.*

Esquemmatizando :

♀	♂
Representação	Pensamento
Pensamento	Representação

Definiu igualmente Bion a natureza dos vínculos emocionais que caracterizam a dinâmica da relação (Φ - σ), num determinado momento, e que seriam três: *Simbiótico*, *Parasitário* e *Comensal*.

À frente retomarei as questões ligadas ao vínculo Simbiótico, de que deriva o meu conceito de objecto terapêutico combinado (O.T.C), caracterizando uma situação de fusão, ou mútua receptividade, do continente e do conteúdo que mutuamente se influenciam e transformam através da aprendizagem pela experiência de se encontrarem, resultando em crescimento e transformação de ambos.

De momento, e já que é sobre dificuldades que pretendo falar, concentrar-me-ei nos vínculos Comensal e Parasitário; situações em que a função continente, função de onirização e elaboração mental é deformada, e de que resulta o conceito de *claustro*, indicando uma situação em que o continente não se encontra apto a operar a sua função alquímica, *alfabetizar*, deformando e contraindo o conteúdo ao invés de o trans-formar e expandir. Situação análoga à que ocorre quando o espaço protegido que os pais geram para protecção e desenvolvimento dos seus filhos se transmuta em incómoda e fria masmorra (desejo relembrar o esquema acima delineado, sublinhando a dupla possibilidade que ele representa).

Como alguns alunos referiram, situações houve em que se sentiram cansados e noutras imobilizados; desejo utilizar estes dois termos como sinais de operação dos vínculos Parasitário e Comensal, respectivamente.

II. 3.

DESENVOLVIMENTO

II. 3. 1.

CLAUSTRO E COMENSALIDADE.

Tivesse eu agido em conformidade com o papel que a fantasia destes alunos me reservava (o segundo indicador da operação da identificação-projectiva), e aceite a logicidade do argumento apresentado, e nunca os desenvolvimentos que agora apresentarei teriam ocorrido, mas mais importante, nunca teriam sido clarificados para os estudantes.

Bastamente se referiu Bion à noção de *aprender acerca de* como uma resistência contra *tornar-se em*; esta era a situação em que me pareceu encontrarem-se aqueles que confrontados com uma situação de observação e descrição desejavam bibliografia sobre entrevista e sua técnica, *desejando aprender acerca de*, mas iludindo a

possibilidade de se *transformarem em* e *com*, a experiência em que eram imergidos; como se apenas os olhos do crítico de arte tivessem acesso à experiência estética de contemplação de um quadro.

Estas pessoas descreveram a situação como sentindo-se não preparadas; devo pois comentar que, tal como para os que precisavam de mais tempo para melhorar o seu texto de modo a obterem uma mais correcta exposição, me parece detectar-se uma situação de tipo *Comensal*, separando a sua bagagem conceptual - de alunos do terceiro ano de licenciatura em Psicologia - da sua experiência de vida enquanto jovens adultos (do núcleo do self), resultando em dois compartimentos estanques que comensalmente se avistam mas não comunicam.

Neste estado de coisas o reforço da couraça ou armadura conceptual, através de leituras prévias, facilmente a tornaria num *claustró* que compactaria e confirmaria a expectativa da situação, as pré-concepções de que o observador era portador, descartando a hipótese de contacto com a especificidade da experiência nova, e recolocando-a no espaço de confirmação e observação dos mecanismos expectados.

Desejando observar o núcleo edipiano, as ansiedades paranoias, as defesas depressivas, etc, a armadura conceptual torna-se um claustró sufocante dos conteúdos comunicacionais do interlocutor, levando à perda da sua especificidade, reiterando e consubstanciando o esperado-desejado numa atitude de violentação do outro e de auto-confirmação.

Todos temos experiências de violentação do texto do outro de modo a conformá-lo às categorias conceptuais de que somos portadores, resultando naquilo que os psicólogos sociais designaram de Efeito Pigmalão ou Profecias Auto-Realizadoras. Situação em que a organização comensal do estudante, entre a bagagem conceptual e o núcleo do self, se torna rapidamente, no contexto de relação com o outro, em parasitação da observação e da comunicação, que é vista e desejada como confirmatória das expectativas do observador. Nesta circunstância, como se torna claro, o fulcro da relação é com o exterior, com os manuais e com a teoria, às custas do desprezo do outro e a expensas da perda da especificidade e idiosincrasia do inevitavelmente novo de qualquer encontro.

Iteração, mesmidade, incompleto e grotesco esboço traçado em irritada (ou intranquila), urgência, que tal como descrevi no ponto I deste capítulo, impede a revelação do Deus da vida e consubstancia o mesmíssimo Deus da Morte da Alma. Algo de frágil ocorre nestes percursos de aprendizagem, e, como facilmente se observa, a experiência emocional de transformação simbiótica é anulada.

Recordando o belo editorial de João dos Santos para o número um da *Revista Portuguesa de Psicanálise*, onde se referia à inevitável traição que ocorre sempre que se pretende escrever e relatar a experiência da situação analítica, e creio que de qualquer encontro, uma vez mais a obra de Bion nos ocorre.

O que posso então dizer sobre o desejo de escrever bem e fielmente sobre o ocorrido num encontro?

Considero o corpo conceptual à disposição do self, como um poderoso instrumento, e concebo-o, tal como Tajfel, formado por segmentos categoriais da experiência de vida; eles servem-nos para a orientação e a acção experimental do pensamento - e no entanto não se deve esquecer a clivagem e compactação do real com que operam; o seu efeito restritivo face ao vivido. Que tem isto a ver com a peculiar e fluída dinâmica da vida e seus processos emocionais? É pois de considerar que a bagagem teórica constitui e representa para o núcleo do Self as funções que o *establishment* possui na organização grupal e institucional, reproduzindo face ao núcleo messiânico da mente e sua actividade, radicado no nódulo Id-Ego, as dificuldades que caracterizam estes dois corpos no seu relacionamento social.

Podemos ir por outra linha teórica - devêmo-lo sempre fazer tanto quanto possível - e as mesmas conclusões me parecem sobressair das relações entre os modos Simétrico e Assimétrico de funcionamento da mente, tal como descritas por I. Matte-Blanco.

Como nota Bion, não é possível representar com precisão, o *tornar-se em*, sendo esta a marca de qualquer encontro entre um pensador e um pensamento; e sendo esta a qualidade humana que igualmente nos separa de ϕ , para além das transformações de ϕ .

A inexauribilidade do sujeito para consigo próprio, face à apreensão consciente, legitima o desejo de aspiração à realização de ϕ , mas determina-a como inacessível, dotando toda a trans-fôrmação com a marca da ilusão.

Não é pois possível escrever bem e fielmente sobre uma experiência de vida (embora a sua transmissão possa ocorrer sempre que não tenhamos que falar ou escrever, pelo processo de congruência com que Bion caracteriza a interpretação mutativa, em ϕ , e pela *sincronidade* de activação dos objectos internos responsável pela ilusão comunicacional). Por muito insatisfatória que esta conclusão seja, *e é*, desejo prosseguir a minha investigação sobre o fundo de intranquilidade que se detecta sempre que a entrega atempada de um trabalho no seu estado actual é impedida pela expectativa trágica, pela exigência de uma auto-conformação a uma superioridade incómoda, o *projecto divino*, marca do perfeccionismo, e respectiva falência narcísica, característica da organização obsessiva e da usurpação do Eu por um Ideal-do-Eu cruel e desnarcisante.

CLAUSTRO E ANSIEDADE PARANOIDE

Seguindo o estudo de Meltzer sobre o desenvolvimento clínico de Freud, observa-se que a primeira formulação do Super-Eu, foi concebida no interior da primeira tópica como o isolamento de um núcleo específico do Eu, designado **Ideal-do-Eu**, que encerrava os modelos de identificação, aspiração e desenvolvimento - uma função pró-activa e desenvolvimental - definindo uma entidade a que o Eu se conformava buscando apoio para o seu desenvolvimento e individuação.

Tal como Nietzsche profetizara ao lembrar que se olharmos demoradamente para um abismo este acabará por também olhar para dentro de nós; a contemplação por Freud dos pesadelos, do masoquismo e do comportamento nas neuroses traumáticas, óbices ao seu modelo de realização do desejo, conduziu a uma mutação de si próprio, correlata das suas formulações da *Compulsão-à-Repetição* e da *Pulsão de Morte*, que presidiram ao desenvolvimento da segunda tópica.

O optimista e entusiástico Freud que em nome do seu projecto e das esperanças que nele depositava, enfrentara a comunidade científica, a mentalidade da época e o ostracismo sem vacilar, não pareceu poder recompor-se da contemplação da **Morte da Alma**, a que os factos citados o conduziram.

Uma mutação pessimista, decorrente da posseção pelo maligno consolidou-se progressivamente, manifestando-se claramente no final da sua obra pelas dúvidas sobre as capacidades terapêuticas da Psicanálise e a qualidade dos fundamentos da natureza humana, da sociedade e da civilização. Temores do solipsismo radical, outrora em si desconhecidos.

Processo no qual o conceito de *Ideal-do-Eu* cedeu progressivamente terreno para a noção de *Super-Eu*, agora representado como fonte da repressão-interna, da censura e da formação de sintomas; da opressão e inibição da realização do Eu. Indiferenciação que possibilitou importantes realizações, mas em que de algum modo se pressente a perda do acesso à inveja como antecedente da identificação, e à formulação da dinâmica da parte psicótica da personalidade. Funestas consequências para o próprio e para as gerações que se lhe seguiram, derivada da perda da percepção da duplicidade essencial, e concomitante reforço de uma perspectiva linear, sempre caracterizada pelo sensorial, e logo, neste caso, sobrevalorizando o papel da exterioridade na determinação dos parâmetros do comportamento. Posseção maligna, satanização, que precluiu a presciência da violência interna, e a suturou com a imposição do oposto - a pulsão de morte - e a falência da Fé que até aí permitira a Freud investigar sem medo as degenerescências do humano.

Desde esse momento o conceito de Super-Eu ficou preso de uma contradição conceptual, como aponta Meltzer, contradição que igualmente se detecta na indecisão de Freud entre o abandono e a persistência do uso da nomenclatura da primeira tópica - como nota Matte-Blanco a propósito do conceito de inconsciente (nas suas vertentes adjectiva e substantiva) - tornando-se o pensamento quase escolástico de Freud progressivamente prolixo e confuso.

Como o novo Super-Eu, claustro e claustrofobizante do Eu, se afasta progressivamente das características proactivas e protectoras, presentes no conceito de Ideal-do-Eu, até à perda completa da fragrância matricial e placentária que o enigma e a alteridade contêm - e que creio mais claras na primeira designação - é o que importa aqui sublinhar.

A formulação teórica que realizei no parágrafo precedente parece-me corresponder ao descrito por Joan Rivière no seu artigo *Sobre a Génese do Conflito Psíquico nos Primórdios da Infância* (J. Riviere, 1936), e por Paula Heimann em *Certas Funções da Introjecção e da Projecção no Início da Infância* (P. Heimann, 1952), sobre as origens comuns da introjecção dos futuros elementos egoicos e super-egoicos, e realça, uma vez mais, a natureza emocional das relações que presidem à formação dos conteúdos mentais no sujeito e no observador.

A representação trágica da intangibilidade da suposta perfeição do modelo, tal como ocorre na aflição que conduz a uma não atempada entrega de um trabalho, é pois pressentida como algo em que a raiva e o vínculo odioso para com um Super-Eu claustrofobizante, terão operado activamente como precursores da angústia relacionada com a fantasia retaliatória ligada à avaliação do mesmo. Aflições que contrastam vivamente com a serena confrontação das qualidades enigmáticas da experiência e do actual estado do próprio, apenas possível pela *íntim(a)idade*; pelo conforto e tranquilidade, *a capacidade de espera*, provenientes de um padrão emocional caracterizado por tolerância, relatividade e integração.

Ausência de intimidade, clivagem, e violência sustentam este estado ansioso, resultando na perda da duplicidade contida no próprio e em todo o real, encontrando as suas raízes, de desejo de perfeição, na manutenção maníaca - porque em negação - de um Ideal-do-Eu onipotente e especular, que ilusoriamente defina o Eu à sua imagem (ou, mais precisamente, um Eu-Ideal). Digo ilusoriamente, porque a verdade radica no desejo deicida do próprio que em violência constroi um Deus à sua imagem, sob o qual se esconde (tanto mais que o carácter violento deste espelho super-egoico, fará sempre com que a pergunta sobre a imagem do próprio não seja formulada, adiando a aprendizagem e impedindo a trans-formação, iterando a especularidade, pois bem se sabe a resposta pejorativa que este anunciaria). A manutenção da organização narcísica só por um des-mentido pode lidar com a percepção da relatividade, assim a colocando invertida, através de clivagem, denegação e projecção, num factual externo - o professor.

Numa linha de raciocínio genético-causal, igualmente a dinâmica da relação de um Eu em urgência e raiva para com um claustro super-egoico, surge marcada pela falha das identificações introjectivas constituintes da relação Eu/Ideal do-Eu (na acepção da primeira tópica), por uma falha da introjecção da função continente (agora possível de definição como o fruto de uma relação em intimidade com os objectos internos e o ϕ interno, seu gerador enigmático), resultando em incapacidade de identificação ideomórfica e auto trans-formação; com necessidade de recurso ao apoio sensorial, característico do funcionamento em diáspora, clivante e desconhecedor (*desconhecedor*, a qualidade de quem *des-mente*), impedindo a expansão e complexificação do espaço mental; o acesso à tri-dimensionalidade e à separação-individuação - manifestações do êxito da trans-formação e da função infinitizadora da vida.

Situação em que a raiva para com as enigmáticas e esfíngicas qualidades da alteridade, tal como representadas pelo Super-Eu (um conceito enganador, a usar sempre com o cuidado de reter a sua relação com a perca da duplicidade da função Eu-Ideal, designando clivagem e saturação maligna numa dinâmica maníaca e especular), denota a intransitividade e comensalidade da relação do próprio para consigo mesmo. O mito individual do neurótico não passa da afirmação velada do gigantismo do próprio, encapsulado no suposto gigantismo do suposto oponente, em negação da percepção da pequenez e insuficiência do próprio.

Omnipotência narcísica que se esconde sempre sob a suspeita paranoide, justificando a dúvida sobre a qualidade de qualquer alimento recebido, e de todo o produto de trans-formação do próprio; veladas afirmações de uma louca auto-suficiência. Controlo, encapsulamento e vigilância redundam, sob o efeito da regressão paradoxal que marca toda a perca de duplicidade, na sobressaliência da exterioridade, e do real, em vingativa erupção anancástica, *como afirmação do que é sobre o (in)existir do próprio*. Hiper-sensibilidade ao exterior, ao que é, como expressão correlata e projectiva do desmentido sobre o que se é, sobre si próprio, condição da onnipotente ilusão de auto-suficiência. Hiper-sensibilidade e esvaziamento interno atestando a manutenção de uma bi-dimensionalidade sempre em sobressalto pela eminência de realização da separação e da insuficiência. Omnipotência que pela própria paradoxalidade da regressão antinómica se vê reduzida à busca do vínculo parasitário, e à manutenção da vinculação anaclítica - final triunfo do externo, após todas as transitórias *vitórias de Pirro* características do delírio megalómano e onnipotente. Cruel contrapartida da negativa onnipotência do outro, em que o próprio para si mesmo se tornou, e que marca toda a patologia da linearidade - *a afirmação de pura existência do próprio em arrogante gnose e deicídio do que é* - desde o autismo à neurose obsessiva.

Creio pois existir evidência clínica para a distinção técnica dos modelos Eu-ideal/Super-Eu e Eu/Ideal-do-Eu, operando respectivamente nas porções psicótica e não-psicótica do Self.

A aplicação deste modelo à descrita situação de adiamento de entrega de um trabalho, tal como justificada, é sustentada pela situação de evitamento do confronto com a realidade da situação interna e o enigma da alteridade, caracterizando a parte psicótica da personalidade e o Eu-ideal.

II. 3. 3.

A PERCA DE FÉ

A meticulosidade na execução de um trabalho, vista como cautela e protecção para com os objectos malignos por que o Super-Eu é formado, pode ganhar expressividade quando vista sob a metáfora apresentada no prolegómeno poético a este capítulo, relativa à presença ou ausência de Fé, por parte da criança, na bondade da mãe quando esta termina de o alimentar e se afasta.

A presença dessa Fé originando o que Bion designou *capacidade de realização negativa*, pré-condição da capacidade de *pensar*, suportando o conflito existente entre a deslumbrada contemplação das realizações maternas e a percepção da enigmática intangibilidade das funções que lhes presidem, logo de *trans-formar*. Capacidade de tranquila fruição onde se criam as condições para a busca do reconhecimento dessas fontes e de sua natureza onírica, virtual e metafórica; para a percepção da vida e do processo de humanização como pertencendo ao domínio da metaforização, com compreensão de que nunca é possível uma plena tradução do significado pelo significante (cuja função consiste em estimular o exercício da trans-formação metafórica - como imunização para a armadilha satânica, iluminista e gnóstica, em que se entrevê o reforço metomímico e a permanência replicativa do pensamento em equação simbólica).

A ausência de Fé, inibindo a capacidade de realização negativa, favorece a equivalência simbólica da ausência da mãe nutriente, com a presença de uma bruxa activamente desdenhosa e maléfica, por uma operação de metonimização derivada da permanência da mente na proximidade do sensorial, e anula a alteridade última do outro, tornado excreção do próprio (resumido e identificado às suas sensações).

Nesta alternativa, em que a violência e o vínculo odioso predominam, produz-se uma busca ávida e famélica dos frutos da quietação materna, *cuja posse não pode deixar de ser vista como violenta apropriação*; como se os produtos mentais fossem dotados de uma materialidade que permitisse o seu manejo substantivo (obnubilada que está a percepção das funções metafóricas que os geram e sua qualidade onírica), culposa apropriação geradora de necessidade de desmentido, que alimenta o mentiroso e confuso projecto de onipotência a expensas do confronto com a realidade interna e o real.

II. 4.

O VÍNCULO SIMBIÓTICO

É pois sobre a superioridade última do benigno e a fé, evidências do êxito do vínculo simbiótico, que me desejo basear para realizar os próximos comentários sobre técnica terapêutica suscitados pelo relato das dificuldades sentidas pelos estudantes.

De certo modo todas elas se referem à questão de interpretar ou não um dado material e em que condições este tipo de intervenção é legítima; agrupá-las-ei duas a duas para facilidade de exposição.

Começarei pelas mais fáceis; relativas à questão do pequeno número de sessões deste exercício, quatro, e sua frequência, semanal, e ao facto de ser o estudante a solicitar a entrevista, donde encontrar-se invertido o quadro-tipo de *cliente que faz um pedido*.

Tendo estes dois conjuntos de questões, tal como o anteriormente discutido, a sua verdade, não deixa esta de ser uma meia verdade, pelo que me concentrarei na parte oposta.

De modo sintético situarei o problema matricial de uma entrevista como relativo à sexualidade, aproximando-o das dificuldades inerentes à presença e funcionamento do **Pressuposto Básico de Acasalamento**. A situação diádica de entrevista clínica e sua finalidade última, vista como a integração dos diversos conteúdos psíquicos dos dois intervenientes *numa conjunção re-produtiva*, reforçam perigosamente a sua consubstanciação. Ambos os aspectos contribuem para aproximar a entrevista clínica da situação sexual e criativa inerente à formação do *casal-parental-combinado*, que a expressão (♀-♂) tão claramente ilustra, e logo de uma exposição aos enigmáticos aspectos criativos da sexualidade e da vida - de cuja intolerância derivam, por projecção, os aspectos traumáticos da *Cena Primitiva*.

A primeira questão, relativa à frequência e número de sessões e sua relação com o modo de intervenção do observador (terapeuta), encerra uma confusão *quantidade/qualidade*. Esta desorientação ocorre não só nos meus alunos como em muitos terapeutas experimentados, cuja posição categórica sobre esta questão, faz entrever a **mentira** em sentido Bioniano, i.e., a *conjunção de uma imprecisão:falsidade e de uma moral*. Possui profundas raízes na indecisão de Freud em abandonar uma teoria libidinal de natureza instintual, com seus aspectos *quantitativos* de associação entre excitação/descarga e desprazer/prazer. Hesitação face à substanciação da dor mental e das partes malignas da mente, que impediu a formulação de uma teoria *qualitativa* dos afectos, dos vínculos emocionais e da vida mental.

No âmbito da metáfora sexual com que contextualizei o problema, a qualidade do instrumento analítico e da acção do observador, não pode ser compreendida ou reduzida à quantidade de vezes com que é utilizado ou realizada - como todos os amantes saberão.

Do mesmo modo a segunda questão contém uma confusão *qualidade/poder*; como na ideia de que homens e mulheres apenas podem, ou devem, ter relações sexuais a pedido dos primeiros. Como é obvio o importante na relação sexual e, por extensão, na entrevista clínica e na psicoterapia, é a sua *qualidade*, e a do prazer resultante, e não o *locus* da iniciativa, ou sua direccionalidade.

Definindo-se o encontro analítico pela sua qualidade e campo específico de intervenção, *o campo onírico do mundo interno e suas representações dos mundos externo, intra e inter-pessoal*, não existe suporte para objectar à ideia de que uma entrevista bem feita não seja tão válida quanto uma psicanálise prolongada em que apenas uma vez tenha ocorrido uma situação de real comunicação.

Concebo que esta ideia seja discutível e não possa mesmo ser aceite por uma determinada psicanálise; de qualquer modo tem sido com uma certa tenacidade que se tem mantido a ilusão da unidade última deste corpo de conhecimentos, não tanto na teoria, em que diversas escolas se têm sucedido e confrontado, mas na ilusão de que na prática clínica se faz fundamentalmente a mesma coisa, não existindo no seu interior grandes discrepâncias entre diferentes atitudes terapêuticas - o que não me parece ser realista.

II. 5.

TRÊS PSICANÁLISES

O conceito de técnica envolve sempre um conjunto de instrumentalidades visando o manejo de um determinado objecto, e embora em si mesmo possa constituir o núcleo de uma perspectiva intervencionista e praxiológica, terapêutica ou experimental, *originando um segundo campo de discussão epistemológico visando a metodologia ou teoria do método*, este segundo campo deriva dos postulados mais gerais que determinam o seu objecto de intervenção, não obstante a individualidade e independência relativa que possa assumir.

Deste modo, e de acordo com Meltzer, parecem-me existir, derivando de trabalhos pioneiros como os de Freud, Klein e Bion/Lacan, pelo menos três perspectivas do objecto, e logo do objectivo e da atitude terapêutica, no interior da terapia psicanalítica. Provavelmente as três são verdadeiras e o ideal seria poder manejá-las conjuntamente, mas a nossa condição humana, demasiado humana, no-lo

impede. Assim não fosse e, no limite, não se poderia falar de diferentes escolas psicanalíticas, tal como não teriam tido lugar as passadas e actuais dissensões entre diferentes concepções do que é a psicanálise e a vida mental, e do que deve de ser o método terapêutico.

Que três métodos terapêuticos derivam de três concepções do objecto da psicanálise, inscritos em três modelos do que é a vida mental e seu desenvolvimento, resultando *necessariamente* em três psicanálises, como já referi, parece-me obter suporte nos seguintes extratos da obra de D. Meltzer, *The Kleinian Development, Part III : The clinical significance of the work of Bion* (D. Meltzer, 1978).

Veja-se a seguinte passagem no capítulo VI, *Continente e Conteúdo o Protótipo da Aprendizagem* p. 50,: " Freud diz que se não tivermos boas relações sexuais desenvolveremos sintomas desagradáveis; a senhora Klein diz que se não recebermos amor nos desenvolveremos inadequadamente (raquitismo mental); Bion diz que se não digerirmos as nossas experiências envenenaremos e destruíremos a nossa mente. [...] Do vértice de Freud, o teste da realidade depende de experiências de satisfação; do ponto de vista Kleiniano, de experiências de segurança; mas da perspectiva de Bion o teste da realidade depende dos "sentimentos de confiança" em como estamos a observar a verdade, não da coisa-em-si-mesmo, mas da nossa própria experiência emocional em virtude de uma visão binocular: simultaneamente advinda de vértices conscientes e inconscientes. Por conseguinte o teste na acção não será necessário. A observação e a contemplação não só serão suficientes como ainda a "melhor parte" [...]" (Tradução minha).

Igualmente no cap. XII, *A Escravidão da Memória e do Desejo*, nas páginas 97 a 99, Meltzer amplia a diferenciação dos três modelos, destriça que assume mais claramente no capítulo XIV, *Revisão : Mudança Catastrófica e os Mecanismos de Defesa*, pp. 112-118, e que tentei resumir no quadro seguinte, utilizando as próprias palavras do autor, em tradução minha.

	FREUD	KLEIN	BION
MODELO DA MENTE	Um modelo explanatório de um sistema mecanicista causal visando a explicação dos desvios no desenvolvimento normal e funcionando como uma base para a terapia [...]. Uma massa indiferenciada de energia psíquica, simultaneamente criativa e destrutiva, que encontra a sua manifestação nas representações mentais do Id, e em que o Eu, tendo-se desenvolvido do Id e adquirido uma capacidade, consciência, para a percepção das qualidades psíquicas, busca a acção no mundo com a finalidade de reduzir a tensão a um mínimo.	Ao nível explícito idêntico ao de Freud, mas muito diferente ao nível implícito nas suas descrições clínicas. Não é um modelo explanatório causal, mas uma descrição da geografia da vida onírica na qual um teatro para a geração de sentido é considerado como existindo no "interior" da mente, através do qual as formas do mundo exterior podem ser imbuídas com sentido e significado emocional.	Uma mente em busca da verdade absoluta munida de um equipamento inadequado. Como Freud, vê a mente em isolamento, lutando para se libertar do nível protoral dos pressupostos básicos grupais, e no entanto necessitando do grupo para a sobrevivência e perpetuação das suas descobertas da verdade. Como Melanie Klein, vê a mente desenvolvendo-se no contexto da relação bebê-mãe, que para si é uma relação cuja essência é a compreensão em vez da gratificação.
DESENVOLVIMENTO MENTAL	A realização natural de processos inatos quando tudo corre bem.	Um processo complexo de abertura e revelação quando fornecido suficiente cuidado e protecção.	O crescimento da capacidade para pensar acerca das experiências emocionais, que permite ao indivíduo aprender tornando-se uma pessoa diferente, com diferentes capacidades da sua pessoa no passado.
MECANISMOS DE DEFESA	Correspondem ao "Trabalho do Sonho" que transforma o conteúdo latente inaceitável num conteúdo manifesto aceitável para o censor do sonho [...] os mecanismos são nomeados pelas suas manifestações; mas o mecanismo real, provavelmente de base química ou neurofisiológica, não é observável e só pode ser contruído com incerteza.	Perdem completamente a sua capacidade mecanicista e fundamento neurofisiológico, tornam-se infinitos em variedade uma vez que são constituídos por fantasias inconscientes incrementadas com onipotência [...] são agrupados sob os títulos de mecanismos esquizoides (clivagem e identificação-projectiva), mecanismos maníacos (denegação da realidade psíquica) e mecanismos obsessivos (controlo onipotente e separação de objectos).	Várias formas de mentira, incluindo as descritas por Melanie Klein, mas também mentiras a um nível mais sofisticado e abstracto. Além disso várias formas de fracasso do aparelho [mental] que não são apenas mecanismos de defesa contra a ansiedade podem ser estudadas, como perturbações da capacidade para pensar, ataques à capacidade de pensar, e tentativas de viver num mundo de anti-pensamento.
ALVO DA PSICOTERAPIA	Áreas de perturbação para além dos estágios narcísicos, nas quais a ambivalência para objectos parciais e totais no mundo externo é agravada pela dureza das exigências e as amarguras do Super-eu.	Perturbações dos estágios narcísicos.	Abre à observação o estudo de uma área de conflito ainda não notada, ou detectada mas relegada para a categoria de "Acting out" [...] que pode ser designada como a área de ausência de mente na vida mental.
MÉTODO	O estudo das livre associações, o alívio das resistências pela investigação da transferência, a interpretação dos sonhos com vista a que uma reconstrução do desenvolvimento da perturbação possa ser obtida e elaborada com o paciente, aliviando as repressões, abatendo as perversões e permitindo que o desenvolvimento psico-sexual prossiga.	Possibilitar a re-experiência da essência do processo desenvolvimental através da transferência, a sua evolução sendo facilitada pela interpretação. É essencialmente uma experiência desenvolvimental correctiva na qual a reintegração das partes cindidas do self e dos objectos é facilitada pela obtenção da posição depressiva.	Partilhar com o cliente a experiência emocional do momento, procurando, tal como a mãe com o bebê, receber em fantasia as identificações projectivas, etc. Busca igualmente a facilitação do crescimento de novas ideias, oferecendo a sua opinião a níveis de abstracção e solisticação acima do nível de mito ou pensamento onírico. A capacidade para funcionar deste modo é condicionada pela sua competência para se libertar a si próprio da preocupação com o passado e futuro da relação, e pela sua tolerância à ansiedade catastrófica que necessitará de partilhar com o cliente.

Quadro que nos agrupamentos verticais ilustra a dependência da metodologia face ao modelo teórico, e nos horizontais, as diferenças existentes entre as três escolas,

que na sua amplitude aqui apenas esboçada, me parecem conduzir a *três psicanálises*, no limite dificilmente conciliáveis, mesmo no manejo técnico e atitude terapêutica.

Que esta separação seja vista como feliz ou infeliz, depende da atitude teórica do leitor, consoante se encontre mais sensível a um modelo racionalista e evolutivo, re-normalizador, que tenho designado de *hegeliano*, ou de um modelo de sucessões catastróficas, não somativas, *caótico*. Neste último, creio que alguma incomunicabilidade deva ser mantida como condição de permanência das especificidades dos diversos modelos. Fragmentação que será tanto mais enriquecedora quanto o terapeuta possa, através de um vínculo místico, em atitude de Fé, e de um uso activo do não saber, ou capacidade de realização negativa, permitir a co-presença de diferentes saberes regionais, unificados numa universalidade concebida como transcendente e inapreensível. Garante de diversidade e continuidade transformativa.

Definindo o postulado fundamental de Bion, como o conceito platónico de Freud sobre a *consciência* concebida como *o órgão de percepção das qualidades internas*; uma reorganização dramática das concepções clínicas de Klein ocorreu após a obra deste autor, através da representação dos pensamentos como acções e emoções em busca de um argumento (que creio realizações dos pensamentos suscitados pelo dispositivo kleiniano). Para alguns o ocorrido será visto como uma ruptura e afastamento irreparáveis, mas para mim, e creio que para outros, o que ocorreu foi o acesso à cidadania e o claro reconhecimento do objecto e campo específico (o reino), da psicanálise; delimitando-o definitivamente do das outras ciências do comportamento, na sequência da percepção kleiniana sobre a concrecibilidade e primazia do mundo interno e onírico, assim se fundamentando o *epistema representacional* em que este saber encontra o seu lugar natural.

Desde esse ponto, a transição Klein-Bion, o objectivo da psicologia dinâmica não mais pôde ser visto como o estudo do comportamento, o que ainda era possível no trabalho de Freud, surgindo inauguralmente como *o estudo das representações internas do comportamento, sua valência emocional, génese, dinâmica, organização e formas de solicitação da acção*.

De resto o estudo do comportamento, a partilha da manifestação fenoménica de um objecto, não é condição de fundamentação de um campo conceptual ou mesmo da possibilidade de comunicação com outros vértices de abordagem, como é evidente. Considere-se a partilha do comportamento humano como objecto de estudo partilhado, pela psicologia social, a etologia, a sociologia, a antropologia, a economia, a medicina, etc., e as dificuldades de diálogo entre estas disciplinas. O que claramente sublinha a importância da definição de um objecto específico, criado por um vértice ou perspectiva determinada sobre o real, como condição de definição e fundamentação de uma atitude epistemológica específica, único modo de validação dentro e com os parâmetros da ciência, assim como de comunicação com outros saberes que partilhem ângulos de observação similares, independentemente dos seus objectos de estudo.

As concepções neo-platónicas de Bion e Klein, definem uma perspectiva que no que à técnica diz respeito, privilegia o aqui-e-agora, a descrição da manifestação da mente em relação, sobre a perspectiva arqueológica e reconstrutiva mais saliente em Freud; não sendo de bom tom ou útil ignorar as dificuldades de integração e o dilema que este salto colocou e coloca.

E no entanto será de argumentar que as identificações e a história infantil, constituem os fundamentos nucleares e a matriz de desenvolvimento da personalidade, constituindo talvez o núcleo ainda unificador da psicologia psicanalítica. Nada a objectar pois o que é implícito nestoutra atitude é que os objectos internos resultantes, uma vez activos, serão passíveis de manifestação e detecção no aqui-e-agora do funcionamento mental.

II. 5. 1.

A MUDANÇA

Esta ideia apresenta a mente como um conjunto de objectos e maquinaria altamente condensados e individualizados, e enviesa a concepção da condensação e do deslocamento, por exemplo, na interpretação dos sonhos, de uma perspectiva da censura e da defesa, para uma perspectiva estrutural e sincrética, em que o **sincretismo onírico é o espelho, e não a deformação, de um produto mental**. Perspectiva transformacional de difícil ligação com a anterior perspectiva reconstrutiva.

Em toda a obra freudiana as concepções de censura e recalçamento são reinantes, arrastando consigo uma percepção funcionalista, de correspondências entre um texto manifesto (deformado pela censura), que encobre e representa um texto latente, visto **como existindo**. Ora o que toda a epistemologia contemporânea parece apontar é para que este apenas exista para o observador especializado, *após o seu trabalho de intervenção/análise* - sobretudo no campo psicológico, onde os objectos são puramente virtuais e inacessíveis, apenas existindo como refacções momentâneas, *irisações do observador, de algo inapreensível em si-mesmo*.

O mesmo se poderia dizer a partir do *Acting-out*, da transferência, dos lapsos, etc, uma vez perspectivados não como acções que **visam substituir uma tomada de consciência** de algo, mas como acções que constituem a única expressão e comunicação possível de determinadas mentes sobre determinados conteúdos; como **acções em busca de uma linguagem**, ou como uma linguagem que (ainda) apenas existe a um baixo nível de abstracção - o comportamental ou somatopsíquico.

Sobre a transferência nada escreverei pois parece-me óbvia esta conclusão; partindo da extensão de Bion do conceito de *identificação-projectiva* de modo a incluir as mais primitivas formas de comunicação no interior do modelo (Φ - σ), em busca da

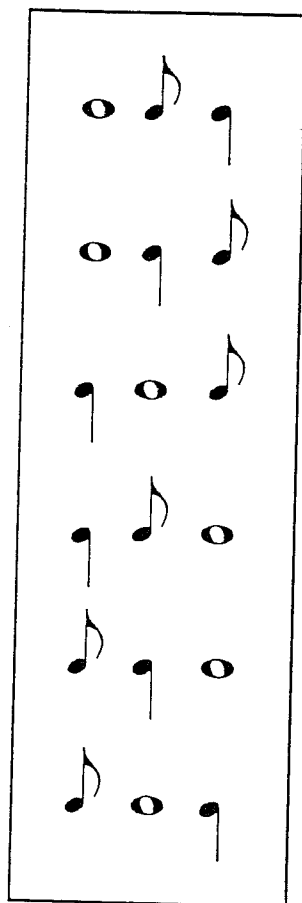
formação de um facto seleccionado ou conjunção constante; socorrer-me-ei apenas da, neste contexto, insuspeita opinião de C. de Matos ao afirmar que a transferência é tanto maior quanto mais pesada é a psicopatologia, não sendo marcante na análise de pacientes menos perturbados - nos quais o modelo parental de relação cliente-analista se aproxima mais de um modelo convivial e fraternal de relação, de um pressuposto de acasalamento num grupo de trabalho cooperativo, ao invés de uma relação comensal ou parasitária num pressuposto de dependência ou luta-fuga, para considerar tudo dito.

Utilizando uma alegoria clarificadora, direi que esta atitude técnico-teórica opera sobre o material clínico, ao rodar o eixo temporal, uma transformação do mesmo tipo da que operou a música serial face à música modal.



Nesta ciência a rotação do eixo temporal sobre a representação espacial-assimétrica do tempo, responsável pela linha melódica, onde uma nota se sucede a outra, de acordo com o fluir do tempo físico, originou a formação de acordes sincréticos, derivados de uma homogeneidade que não os concebe senão como virtualidades, produzindo novas texturas e sonoridades estranhas para o auditor-modal.

Do mesmo modo estas concepções técnico-teóricas, ao suscitarem uma nova atitude composicional e auditivo-terapêutica, *soam* estranhamente ao ouvido/mente freudiano. O que em si mesmo não passaria de uma questão de gosto, não fosse o possibilitarem a representação de sonoridades inatingíveis pelas anteriores escritas melódico-teóricas.



Como se observa neste diagrama os elementos sonoros são mantidos, mas a sonoridade é outra; donde uma objecção seria a de que as relações históricas, e sua verdade, teriam sido perdidas.

Perturbadora objecção para quem, como eu, crê que o *Eu* não constitua um objecto ou estrutura interna, mas uma pura virtualidade imanente ao relacionamento dinâmico dos objectos-internos, assim se expressando e trans-mutando.

I. 6.

TEMPO, DIVERSIDADE E DESEJO

II. 6. 1.

TEMPO

Poder-se-á então passar duas vezes pelo mesmo rio, como já há muito perguntara o filósofo?

Deverei responder que sim e não, fornecendo argumentos aos meus opositores, se bem que por um caminho paradoxal e inverso ao esperado.

A natureza reconstrutiva da memória, os efeitos de aprendizagem, evolução e transformação do indivíduo, dizem-nos que não; tal como a física que aceita o fluir do tempo e a filosofia racionalista da linearidade.

E no entanto a psicopatologia, e os estudos experimentais sobre esquecimento e reaprendizagem, obtendo sistematicamente valores menores de tempo para a segunda aprendizagem, dizem-nos que sim; do mesmo modo que a filosofia do tempo mítico/circular, e a física quântica (veja-se o referido teorema de Bell).

Mas em ambos os casos a possibilidade, por remota que seja, do reencontro do rio, i.e., de uma paisagem mental, depende para o terapeuta, tal como para o viajante, dos elementos-presentificados do passado, de uma circularidade iterativa no plano assimétrico, pura imanência do plano homogéneo; e por difícil ou incómoda que seja esta conclusão, ela parece-me não só necessária como válida.

O passado passou, o que se oporia à perspectiva arqueológico-reconstrutiva da interpretação genética, o seu reencontro depende daquilo que se mantém presente-futuro. Nesta perspectiva os neuróticos não sofrem de reminescências, mas sim de um passado presentificado; onde deveria estar presente-aprendizagem-adultícia está passado-inalteridade/mesmitude-infantilidade; não sob mas em vez de.

E não obstante a parcialidade da minha comprovação, julgo que se devam de conceber , por efeito do modo homogéneo-indiviso, como permanentes e sem transformação, a par de todas as suas trans-formações, quaisquer entidades alguma vez existentes, mesmo que apenas como virtuais. No reino da simetria não sendo possível manter a distinção entre ser, existir e ideal, porque tudo apenas é, toda a dinâmica ganha a concrecibilidade de um objecto, assim como toda a representação a qualidade do sujeito que a produziu - se ainda pudermos escrever nestes termos que implicam uma primazia do pensador sobre o pensamento.

Reconstrução e trans-formação tornam-se atitudes paralelas e co-presentes, relativizadas pelo desejo do observador que apenas pode, como afirmou Bion, treinar-se numa função de ignorância, permitindo que estas operem em si, através de si, não obstante a sua existência, conforme solicitadas pela paisagem mental em observação.

Esta discussão parece-me dar conta da perplexidade que emana da leitura de formulações contraditórias nas obras de dois pensadores tão honestos como Bion e Rosenfeld (ver H. Rosenfeld 1987). Mas, descanse o leitor, não me refugiarei no conforto de evitar manifestar a minha opção e preferência neste campo.

A presentificação do passado, no plano da existência psíquica sempre um passado-presente que teima em não passar (não aprender), vem sustentar a posição defendida pelos modelos centrados no aqui-e-agora e na interpretação da transferência, reforçando, pela operação da regressão antinómica, a ilusão de realidade e concrecibilidade do mundo interno. Enquanto que a perspectiva *realista* de interpretação genética e arqueológica vem contribuir, por efeito da mesma regressão paradoxal, para uma construção mítica, e logo circular, que suscita a informidade do caos original - e a que responde o Id de Freud.

Mas a concrecibilidade kleiniana do mundo interno tem produzido os mais lamentáveis e reaccionários produtos, ao reduzir o sujeito a uma maquinaria psicológica precisa, sempre simplista e simplificadora, que torna todos os sujeitos iguais entre si, *deste modo perdendo-os* - perdendo a especificidade ideossincrática que os torna sujeitos. Igualmente torna todos os terapeutas iguais, ao treiná-los na perícia de uso de procedimentos, tornando-os sistemas periciais de processamento de informação, logo, como já demonstrado no capítulo I, improdutivos e não-inteligentes. Por outro lado a centração freudiana no desejo ideossincrático do sujeito, revela, no seu melhor, quando a cantilena edipiana não é entoada em adoração, uma capacidade transgressiva, *trans-formando-o e re-apresentando-o*; capacidade que se nota grandemente perdida pelo uso mecanicista (esquizo-maquínico), da conceituação kleiniana e que julgo derivada do excesso de assimetria inerente à coisificação do mundo onírico.

Conforme a tese central deste trabalho, a duplicidade essencial, presente-se a vinculação satânica da escola kleiniana, ao puro assimétrico dividente, e renasce uma simpatia pelas obscuras formulações freudianas; as quais, na sua usual contradição, surgem menos violentadoras do ser, logrando-se a sua abertura à duplicidade humana.

Uma vez mais creio ter demonstrado a impressionante manifestação, vitalidade e resiliência da duplicidade essencial, na condição humana apresentando a sua mais espectacular realização, assim como a operação da regressão antinómica e suas trágicas consequências.

Duplicidade que a ser verdadeira, implicará a sua toma como objecto específico da psicoterapia, e conseqüentemente uma duplicidade técnica, *binocular*, no seu

exercício. Condição a que os desenvolvimentos de Bion, sobretudo a partir das suas extensões do modelo de identificação-projectiva ao modelo (Ψ - σ) e à dinâmica (PS \leftrightarrow D), conjuntamente com a possibilidade de uso da união mística paralelamente às transformações científicas e poéticas, parecem corresponder.

Neste sentido, relativamente ao exemplo musical fornecido, é impressionante o facto de a redução linearista *apenas reforçar a circularidade mítica; a melodia é esta, goste-se ou não - e daí?*; escreveria o mestre. Por sua vez a suspensão temporal, anulando a linearidade melódico-cronológica, coloca-nos definitivamente num campo expansivo, n-dimensional, (repleto de multi-linearidades), de insustentável aleatoriedade, e onde se vislumbra a virtualidade do ser e suas inumeráveis realizações existenciais. Marcando a diferença que importa, em respeito da duplicidade essencial. Com efeito no segundo pentagrama não só a sequência melódica anterior se mantém virtualmente presentificada, como se revelam todas as outras as outras combinações possíveis ainda sem existência sensível para a mente (apresento apenas as permutações simples dos elementos, e não a sua combinatória, em respeito da ordem assimétrica-dividente devida a um texto expositivo).

II. 6. 2.

DIVERSIDADE

As implicações de tal facto para a técnica terapêutica são evidentemente de enorme significado; uma vez mais Bion apercebeu-se desta questão, a ela se referindo nos seguintes termos:

"Realçar milagres de cura representa anseio de "medicalizar" a instituição que atende a doutrina de Jesus. A cura mantém a hegemonia na ciência cristã, em Lurdes e na cura pela fé. [...] A psicanálise não escapa às ideias de cura, tratamento e doença, tanto em psicanalistas quanto nos pacientes. Eissler adverte contra a estrutura que, demasiado rígida e limitada, dificulta o progresso. [...] O analista ou um grupo de analistas que acentua a perspectiva médica afirma, em palavras minhas, vértice comum, o observador do grupo percebe que seu vértice se caracteriza por certos invariantes como ideias de doença, de tratamento, prognóstico, patologia e cura. [...] Maior a compulsão ou o "desejo" mais facilmente se anuncia a aplicação específica da teoria psicanalítica (o que Eissler chama psicanálise "aplicada" em contraposição à "antrópica"). [...] Até o presente, os analistas admitem que analisados os motivos é descartá-los sem outra consideração tal aceção menospreza as variedades de desenvolvimento desdobradas pela experiência analítica. A configuração da situação edipiana, ou de suas raízes mesmo mais primitivas, difere segundo o grupo psicanalítico é religioso, pecuniário, jurídico ou algum outro. Isto aumenta a variedade de experiências dentro dos limites da psicanálise mesmo rigorosa. [...] Quando Eissler menciona psicanálise aplicada, refiro psicanálise sobre vértice específico. Se analista ou grupo de analistas acha essencial à clínica psicanalítica ganhar dinheiro [...] advogo

se descreva o vértice pelo rótulo de amearhar dinheiro e o que se alcança sob tal análise, trás a característica do vértice pecuniário. Se é religioso o vértice, espera-se que o assim alcançado lhe traduza o cunho. Note-se, as configurações prendem-se a seus vértices e evoluem até o ponto que os enuncia. Admito pois que à rigidez do enunciado se contrapõe a fluidez de ϕ que atinge aquele. [...] [o estado mental que o ser humano atinge na intersecção com ϕ que evolue]; [Sob tal vértice as comunicações de paciente e analista estão afastadas; o "hiato" que as distancia se cobre por algo que rotulo de linear ou de plano; de linha ou película. Bem diverso é aquele cavado pela relação de continente e contido.] (W. R. Bion, 1970, Cap. VIII, *Os Vértices: a evolução*, pp. 93-95, e Cap. X, *as Imagens Visuais e os Invariantes*, pp. 104-105. Sublinhados meus).

A potencialidade inumerável de ϕ , e sua infindável possibilidade de manifestação virtual e existencial, colocam o procedimento terapêutico que se aproxima de um vértice específico de uma situação *restritiva, empobrecedora e de desejo*. Tal como podemos considerar sobre a restrição expressiva presente no primeiro pentagrama, face às inúmeras possibilidades de audição que se revelam no desdobramento de ϕ , no segundo pentagrama.

O que é curioso apontar é o facto de que esta abertura e desvendamento se realizar pela suspensão da actividade composicional e do desejo de entendimento e organização.

É agora óbvio o empobrecimento e restrição infligidos pelo desejo de cura, e sua implícita definição de um objecto ideal e do percurso a realizar, assim como a violenta e escotomização que exerce sobre o paciente, o terapeuta e o encontro.

II. 6. 3.

DESEJO

Relativamente à questão que se põe, a saber, como lidar com a infirmitade, enormidade e inexaurabilidade de ϕ ? Questão posta por todo o aprendiz de psicoterapeuta, não posso deixar de realizar outros dois extensos blocos de citações, relativamente aos quais espero novamente a indulgência do leitor, pela clarificação, auxílio, tranquilização e comoção estética que suscitam.

"Meticulosa que seja a análise, quem a ela se submete só de modo parcial se entrevê; dela, em qualquer ponto que esteja, a proporção do que sabe para o que não sabe é pequena. O traço dominante pois da sessão é a personalidade desconhecida, não a que analisando ou analista acham que sabem. [...] Dos objectos promanam ou emergem qualidades, evoluem características imanentes que advêm como fenômenos à personalidade humana. De tais características, a personalidade está ciente ou

inconsciente; elas diferem da realidade última. A "realidade última" é termo com uma penumbra de associações que o torna psicologicamente útil, embora isto o faça inadequado para representar algo incognoscível por definição. Idêntica objecção se aplica ao termo "deidade". Meister Eckhart expressa a ideia que do evoluer da deidade, um ponto se torna intuível pelo homem como Trindade. Por outro lado, a deidade é informe e infinita. Milton exprime acepção similar ao descrever o mundo de águas fundas, lóbregas que "advém do vácuo do infinito informe", embora aqui a ênfase esteja menos na imanência da deidade e mais na aptidão intuitiva que no objecto a intuir. [...] O psicanalista presencia o comportamento de alguém em geral no divã, embora nem sempre. Considera a cena como um todo ou se detém sobre parte dela. "Todo" ou "parte" são aspectos da realidade última que evolue até atingir a personalidade do observador. Considera-se como tendo fundamento a aproximação científica, que se liga à base de impressões sensíveis, pela presença por exemplo. de psicanalista e paciente na sala. **No que se refere à busca de ϕ , a realidade última da personalidade, é sem base.** Isto que não significa ser o método psicanalítico não-científico e sim que o termo "ciência", como em geral se usa até aqui, com relação aos objectos sensíveis, não se coaduna a representar o acesso às realidades a que a "ciência da psicanálise" se dedica. Nem é adequado para corresponder ao aspecto da personalidade humana que se dirige a ϕ . [...] A objecção inclui qualquer vértice, seja musical, religioso, estético ou político, todos são inadequados quando se referem a ϕ , porque, **com a excepção mencionada do místico religioso, tais vértices e similares não se adaptam ao que é sem base sensível.** [...] não uma fundamentação se requer para a psicanálise e suas teorias e sim que seja ciência não enclausurada a uma gênese de base sobre o saber e o sensível. **A ciência de estar sendo tornado ϕ . Requer-se a matemática de estar sendo tornado ϕ , não a identificação com ϕ .** Não há geometria do "similar", do "idêntico", do "igual"; só do análogo. [...] Quando refiro "número" no contexto de sentimentos, o termo tem excesso de associações que não busco. Utilizo pois, (ξ) para denotar a denominação do objecto matemático que emprego como denominação do "sentimento". (in W.R. Bion, 1970, Cap. IX, *A Realidade Última*, pp 97-100. Sublinhados meus).

Bion coloca definitivamente a atitude terapêutica como suspensão de memória, desejo e conhecimento; uma emersão no e pelo objecto, de modo a que as suas manifestações, no cruzamento com o observador, encontrem expressão clara e fiel - sabendo-se que qualquer preconceito teórico, se encontrará sempre aquém do ϕ do observado, o qual é sempre mais, diferente e para além do imaginado pelo observador. O vértice, ou preconceito teórico do terapeuta, constituem pré-imaginações, e logo *desejo sobre*, antecipatórias das paisagens mentais possíveis de apresentação pelo observado, revelando-se como um condicionador e censor estético - *e bem sabemos como a estética é a mais cruel e primitiva forma do ético* - restrição tanto mais grave quanto o autor coloca precisamente como fulcro e parte fundamental da sessão analítica, a parte desconhecida e inobservada que preside, como gerador, à formação das associações e comportamentos observáveis.

Sendo ϕ inobservável e, tal como Leibniz descreveu as mónadas, *sem janelas nem varandas*, é clara a sua inadequação e fugacidade ante todo o procedimento analítico e observacional. O que no início desta discussão poderia parecer excesso de rigor e severidade minha, tomará agora consistência e razoabilidade.

Percbe-se agora a inadequação do procedimento dedutivo face à **dupla condição** deste objecto inobservável e transcendente, *inexaurível*, no seu modo de operação. Necessário se torna a adopção de uma atitude que abdique da identificação e do suporte perceptivo, como facilitação do processo dinâmico, adequada a captar as evanescentes produções de ϕ vistas como fulcro da mudança e do crescimento mental. Atitude que pretendendo não cercear as possibilidades de desenvolvimento e experiência no interior do campo analítico, se caracteriza pela suspensão do desejo, conhecimento e memória, como Bion exemplarmente definiu.

Sendo a evovência de ϕ , e logo o processo de mudança, em última instância imanejável - como é comum verificar-se nas convicções de psicoterapeutas que relatam a sua perplexidade sobre os momentos mutativos no decorrer da sua proficiência - apenas por esta atitude se pode manter uma atenta e receptiva proximidade, sem fuga, medo ou escamoteamento da transcendente maravilha sem base sensível, característica do nosso objecto de trabalho; potenciando-se a sua trans-formação, não obstante o carácter ínfimo do mais exaustivo trabalho terapêutico face à sua infinitude.

Igualmente se Bion caracteriza o vértice místico, dada a sua qualidade de prescindir da base sensível necessária aos demais vértices (na sua própria linguagem a capacidade de passar da pré-concepção ao conceito; e considere-se a sua teoria sobre a origem do pensar como **realização negativa**), *por um puro processo intuitivo que dispensa a formulação da concepção* - o momento heterogéneo e congelador, necessário à formação da base sensível e à aplicação dos respectivos procedimentos observacionais-analíticos - poderemos nós, além de constatar a consistência interna do modelo, que é toda a prova possível no campo teórico, tentar comprová-lo indirectamente, pela observação de congruência analógica? Vejamos pois o que diz um místico renomado:

" Krishnamurti : Como começaremos ? Eu gostaria de perguntar se a humanidade tomou uma direcção errada. [...] Qual é a raiz do conflito ? [...]

David Bohm : Bem, parece que são os desejos contraditórios.

K. : Não. Não será porque em todas as religiões você tem de se *transformar* em alguma coisa ? Você tem de alcançar alguma coisa ?

D.B. : Então, o que é que fez com que as pessoas quizessem fazer aquilo ? Por que não ficaram satisfeitas em ser apenas o que eram ? [...]

K : Não seria uma fuga, não sermos capazes de enfrentar o fato, e nos voltarmos, por isso, para outra coisa - para mais, mais, e mais ?

D.B : Qual seria, a seu ver, o fato com o qual as pessoas não conseguiam conviver ? [...] Seja lá o que fôr, elas queriam imaginar algo melhor.

- K : Sim, algo melhor. *A transformação.* [...] mas quando o mesmo princípio é aplicado internamente, ele leva a uma contradição.
- D.B : E a contradição está ... ?
- K : *Entre "o que é" e "o transformar-se no que deveria ser".*
- [...]
- K : Se não há um ego, não há problema, não há conflito, não existe o tempo - tempo no sentido de vir a ser ou não vir a ser; de ser ou não ser. [...] Será que essa energia - sendo tão vasta e ilimitada - foi condensada ou estreitada na mente [...] gradualmente, contraiu-se até reduzir-se ao "mim", ao "eu".
- D.B : Não acompanhei isso muito bem. [...] Você diz que a energia era enorme e que o cérebro não podia manipulá-la, ou decidiu que não podia manipulá-la ?
- K : Ele não podia manipulá-la.
- D.B : Mas se ele não podia manipulá-la, parece que não há saída.
- K : Não, espere um minuto. Vá devagar.
- [...]
- D.B : Digamos que o cérebro está tentando controlá-la - ordenar essa energia.
- K : A energia não tem ordem.
- D.B : Mas se o cérebro sente que ele não pode controlar algo que está ocorrendo interiormente, ele tentará estabelecer a ordem.
- [...]
- K : Na estrutura, em tudo. Mas psicologicamente também avançamos para o exterior [...] Expandimos nossas capacidades para o exterior; e o movimento interno é o mesmo movimento externo. Ora, se não há nenhum movimento interior como o tempo, o avanço, a transformação cada vez maior, então o que ocorrerá ? [...] Veja bem, o movimento exterior é o mesmo movimento interior. [...] Nunca tocamos em qualquer outro movimento que não fosse o movimento exterior. [...] Pensamos que ele é interno mas na verdade ele é externo, certo ? [...] existirá então, realmente, um movimento interior - um movimento que não se processa em função do tempo ?
- D.B : Você está perguntando se existiria um outro tipo de movimento, que ainda se processaria, mas não em função do tempo ?
- [...]
- K : *Esta é a verdadeira interiorização; não o movimento exterior que se transforma no movimento interior, mas a ausência de movimento externo ou interno ...* [...] *Toda a meditação consciente não é meditação - certo ?*
- D.B : O que você entende por meditação consciente ?
- K : A meditação deliberada, praticada, que é na verdade *meditação pré-meditada*. Existiria alguma meditação que não fosse premeditada - que não fosse uma actividade do ego que tenta se transformar em alguma coisa - ou que não fosse capaz de negar ?
- D.B : Antes de continuarmos, poderíamos opinar sobre o que deveria ser a meditação. *Será ela uma observação da mente que observa ?*
- K : Não. Ela foi além disso tudo. *Estou usando a palavra meditação no sentido de que não há nela o menor resquício de qualquer tentativa consciente de se transformar, de alcançar algum nível.*

- D.B. : A mente está simplesmente consigo mesma, silenciosa.
- K. : É aí que eu quero chegar.
- D.B. : Sem procurar por nada.
- K. : Veja bem. Eu não medito no sentido comum da palavra. *O que acontece é que eu acordo meditando.*
- [...]
- D.B. : Mas, a meu ver, você está sugerindo *que a mente não se origina do cérebro.* Não é isso ? O cérebro é, talvez um instrumento da mente ?
- K. : E a mente não é o tempo. Veja bem o que isso significa.
- D.B. : A mente não evolui com o cérebro.
- K. : *A mente não pertence ao tempo, e o cérebro pertence ao tempo - não seria esta a origem do conflito ?*
- [...]
- D.B. : Ele [o cérebro] evoluiu, e assim traz o tempo dentro de si.
- K. : Sim, ele evoluiu. O tempo é parte dele.
- [...]
- D.B. : Contudo, a mente opera sem o tempo, embora o cérebro não seja capaz de fazer isso.
- K. : *Isso significa que Deus está no homem, e que Deus só pode operar se o cérebro estiver tranquilo, se o cérebro não estiver preso no tempo. [...]* Veja, as pessoas tentaram o jejum, a austeridade, a pobreza, a castidade no seu verdadeiro sentido, [...]
- D.B. : Bem, e o que você tem a dizer ? Está claro que as pessoas que perseguem esses objectivos exteriores ainda se estão transformando.
- K. : Sim, mas elas não compreendem nunca que esses objectivos são externos. O que significa, na verdade, que elas *estão negando completamente* tudo isso.
- [...]
- D.B. : Sim, se o homem sente que alguma coisa está psicologicamente fora de ordem, ele introduz então a noção de tempo, e o pensamento da transformação, e isso cria problemas intermináveis.
- K. : [...] *Isso significa que o pensamento não tem lugar a não ser externamente, não é?*
- D.B. : Você está afirmando que o pensamento é um processo que está envolvido no tempo.
- [...]
- K. : O pensamento, como o conhecemos agora, pertence ao tempo.
- D.B. : Sim. Eu concordaria, falando de uma maneira geral.
- K. : Falando de uma maneira geral, *o pensamento é o tempo.*
- D. B. : Ele se baseia na noção do tempo.
- K. : Sim, tudo bem. Mas para mim, *o próprio pensamento é o tempo.*
- D.B. : O próprio pensamento cria o tempo, correcto.
- K. : Isso quer dizer que quando não existe o tempo não existe pensamento ?
- D.B. : Bem, nenhum pensamento desse tipo.

- K. : Não. Não há **nenhum** pensamento. [...] Conhecimento - ciência, matemática, seja lá o que fôr - adquire-se através do tempo [...] todo o movimento do conhecimento envolve tempo.
- [...]
- D.B. : Você está dizendo que não há um verdadeiro conhecimento da mente ? Você colocaria assim a questão ?
- K. : No momento em que usamos a palavra "conhecimento", o tempo está implícito. *Quando acabamos com o tempo, no sentido a que estamos nos referindo, não há conhecimento enquanto experiência.*
- [...]
- D.B. : Sim, eu compreendo que a totalidade do conhecimento é o "eu", é o tempo.
- K. : Então, o que é a existência sem isso ? Não existe o tempo, não existe o conhecimento no sentido do "eu"; então, o que existe ? Para chegar a esse ponto a maioria das pessoas diria : "Isso é uma coisa horrível".
- D.B. : Sim, porque parece que, então não haveria nada.
- K. : Nada. Mas se alguém chegou a esse ponto, o que existe ali ? Você diria que, *como não há nada, há tudo ?*
- D.B. : Sim, eu aceitaria isso. Eu sei que é assim. Isso é verdadeiro, tudo está contido aí. [...] Uma coisa é limitada, e isso não é uma coisa porque não existem limites ... Pelo menos, isso possui tudo potencialmente.
- [...]
- K. : Terá a humanidade viajado através dos milénios para chegar a isso ? À conclusão de que não sou nada, e conseqüentemente sou tudo, e toda a energia.
- D.B. : Bem, *isso não pode ser o fim, no sentido de que poderá ser o início.*
- [...]
- K. : Sim. Então o fim é um começo. Mas o que é isso ? O início também subentende o tempo.
- [...]
- D.B. : Sim, mas é difícil de expressar. Não é uma questão de ficarmos estáticos, e sim num certo sentido *de o movimento não ter a ordem do tempo*. Acho que teríamos de dizer isso agora.
- K. : Sim. Vamos então usar a palavra "início" e despojá-lo do tempo. [...] Depois dessa longa conversa, nada significa tudo. [...] Isso não é o fim. Então o que está acontecendo ? *É isso a criação ?*
- D.B. : Sim, algo parecido.
- K. : *Mas não a arte de criar*, como escrever ou pintar.
- D.B. : Talvez mais tarde possamos examinar o que queremos dizer com criar." (J. Krishnamurti e D. Bohm, 1985, *A Eliminação do Tempo Psicológico*, pp 9-33. Itálicos meus).

A extensão da citação, deve-se não só ao meu entusiasmo face à beleza do texto e sua adequação ao propósito enunciado, mas também à tentativa de não o deslocar do

contexto de diálogo, apresentando o modo de aparecimento e evolução das ideias no mesmo, para apreciação pelo leitor.

Creio que a fineza e profundidade analítica do diálogo, veja-se a parte final em torno dos termos *fim* e *início*, sossegará o leitor mais relutante para com as capacidades da abordagem mística e sua potencialidade para o procedimento *científico*.

É impressionante a analogia com o modelo teórico e técnico de Bion. A suspensão da base sensível, vista como abertura ao modo homogéneo-indiviso, a inadequação do procedimento assimétrico-dividente, responsável pela noção de *tempo* e *processo*, assim como a apresentada definição de meditação, encontram-se extremamente próximas da atitude sem memória, desejo ou entendimento, e suas implicações sobre a necessidade e o modo da transformação - permitindo uma agradável sensação de familiaridade ao leitor deste texto, na sua consoância com os dizeres de Klossowski, Matte-Blanco e Bion.

Termina o texto com o projecto de discussão do termo *criar*, conceito que presidiu à presente discussão, versando a adequação e veracidade da actividade interpretativa. O modo condensado como todas as discussões contidas neste extenso trabalho, se apresentam neste breve texto, deve ainda ser considerado como ilustração da potência do vértice místico e procedimento holístico e homogéneo; ilustrando a viabilidade e pregnância da sua aplicação face ao contexto psicoterapêutico. A centração e imersão da noção de *tempo*, revelar-se-á como contributo essencial e omnipresente para a continuação desta discussão, denotando a fineza e economia deste modo de relação à verdade, recolocando-nos no contexto com que a iniciámos - a audição modal-serial.

II. 7.

CONSTRUÇÃO E VERDADE

Para a discussão do critério de veracidade presente no modelo que venho expondo, e sua centração praxiológica no aqui-e-agora da dinâmica associativa, recorrerei ao trabalho de M. Mancia, *Memória, Construções e Reconstruções* (M. Mancia, 1990), com a vantagem de este aderir claramente à posição kleiniana, tomando-o insuspeito no presente contexto, dado o meu já enunciado parcial afastamento face a este referencial.

Após descrever a posição de Freud sobre esta questão, *uma convicção na verdade histórica da interpretação* de que deriva um modelo arqueológico de *reconstrução*, Mancia apresenta diversas referências para fundamentação da sua posição, e que desejo retomar pela clareza com que se apresentam.

" A teoria dos objectos internos (Klein, 1932), deslocando o vértice de observação analítica do recalcado para o processo e cadeias de acontecimentos emotivamente mais significativos que caracterizaram as várias fases de desenvolvimento da mente, modificou a função da memória e do trabalho reconstrutivo que o par realiza ao longo do processo analítico. [...] Esta reconstrução tem, pois, lugar no transfert e está ligada não à memória histórica mas à memória do pensamento emocional que assinalou a história do paciente [...] entrar em contacto com o passado real do paciente é menos importante do que oferecer-lhe uma narração capaz de dar um significado aos acontecimentos transferenciais que caracterizam o encontro. [...] Estas hipóteses são tanto mais "verdadeiras" quanto mais se aproximarem da realidade emotiva do paciente [...] Admitindo que a verdade em sentido narrativo é independente da verdade histórica, Spence (1982) defende que uma interpretação, embora totalmente imaginária, possa ter uma vida própria e alcançar um certo estatuto de verdade [...] é plausível; insere-se bem na biografia do paciente como uma peça do seu "puzzle"; com o tempo, torna-se familiar; é útil no sentido em que ajuda o paciente a descobrir e a construir novos significados (Loch, 1977). [...] A exactidão de uma construção (e da interpretação que a narra), não se encontra na confrontação histórica mas na sua capacidade de colher os aspectos emergentes do transfert no preciso e fugidivo momento relacional.". Concluindo M. Mancia, de forma surpreendentemente que "[...] *uma interpretação é válida quando é capaz de promover conhecimento.*", entendendo-se que "*conhecer não é re-conhecer em sentido platónico, mas construir.*"; conclusão que não pode deixar-nos de relembrar a espantosa definição de Bion sobre a interpretação mutativa como aquela em que um argumento circular, permanece circular, mas possui um diâmetro adequado - sendo agora possível de usufruir toda a intensa luminosidade de sua clarificadora obscuridade.

Conclusões que respeitam a directriz de Bion sobre o abandono da identificação em favor de um puro processo de trans-formação e devir, mas conclusões que na sua modesta praxiologia se apresentarão como insatisfatórias para os portadores de uma convicção iluminista e *realista*. Sejamos uma vez mais implacáveis na argumentação, em nome do amor que lhes temos, e que nos lança na infundável estrada da demonstração, e em empanturrante actividade necrofílica de estudioso, sabendo, como Krishnamurti, que este processo é vão. Regressemos ao presente texto de M. Mancia, para uma discussão da viabilidade e estatuto epistemológico das ilusões de realidade do passado e de reconstrução histórica.

Na sequência dos trabalhos de Loch (1977) e Viderman (1979), escreve Mancia "[...] *o passado encontra-se no presente durante a relação, a partir do momento em que a construção lhe confere uma forma e se transforma ela mesma em passado,* [...] do ponto de vista temporal, o trabalho analítico é circular e não unidireccionalmente retrospectivo. Na história psicanalítica - escreve Schafer (1983) - o que era é e o que é era. "*O presente reconstruído narrativamente tem origem no passado reconstruído narrativamente e vice-versa.*" [...] "não transportar ingenuamente o presente até ao passado, nem percorrer regressivamente um trajecto

linear que seria ilusório, uma vez que não tomaria em consideração rupturas e descontinuidades, presentes tanto num como noutro sentido" (Le Goff, 1981) [... passado, em última análise, não existe [...] toda a história é uma história contemporânea" (G. Duby, 1980) [...] por mais distantes que nos encontremos factos, eles são sempre referentes à situação presente e a história pode, então, definida como "conhecimento do eterno presente" (Gardiner, 1952). Este pensamento apresenta evidentes analogias com o analítico: acreditamos, com efeito, que a partir de um momento em que os acontecimentos históricos de um indivíduo podem ser recordados e revividos e repensados no presente da relação e religados ao passado, em virtude da transferência, *deixam de pertencer ao tempo* e tornam-se também eles "conhecimento do eterno presente". (M. Mancia, 1990, Cap. X. Sublinhados meus). Momento conclusivo de um processo hiperbólico, que ao revelar uma pura virtualidade atemporal face aos pontos que sustentam tal geometria, não deixaria de agradar a um místico.

O logo re-constitutivo, que considera mais o re[calcado/petição], toma a existência pelo que é, esquecendo que o que é, desconhece o tempo e a transformação encontrando-se para aquém e para além de qualquer manifestação existencial. Condena-se à iteração, produzindo uma saturação do presente que pela regressão paradoxal o anula e dele foge para o passado ou para o futuro, pela memória e pelo desejo, esquecendo que o que assim faz se assemelha à imposição ditatorial e especular de um presente desconhecido.

Façamos notar que a verdade histórica sendo considerada como *memórias em afecto*, coloca definitivamente um estatuto de virtualidade e transitoriedade em toda a re-construção do passado. Considere-se Foucault (1970) (ainda em M. Mancia, 1990, p. 204), "Não que as palavras sejam imperfeitas ou que, colocadas perante o visível, se demonstrem insuperavelmente insuficientes. Nenhum deles pode ser reduzido aos termos do outro: é inútil dizermos o que vemos; o que vemos nunca se encontra no que dizemos."; passagem que repõe toda a discussão no plano qualitativo e recoloca o problema do solipsismo irreduzível de que, provavelmente, já nos teríamos alheado, definindo todo o dizer como metafórico e todo o conhecimento como proveniente do inexistente.

Recentrando o debate em termos psicanalíticos considere-se a distinção entre ψ e ξ realizada por Bion; tomando ψ como um invariante cuja densidade o torna inapreensível ao pensamento e ξ como sua imanência virtual, inexistente mas possível de de-formação e logo de conformidade ao pensar, observamos a proximidade existente entre estes três discursos, e seu acordo na virtualidade dos objectos mentais e da mente vista como zona de *Trans e Formação* do pensar e do pensamento: "Pelo número se denota o aspecto de ϕ que evolui. [...] Quando refiro número no contexto de sentimentos, o termo tem excesso de associações que não busco. Utilizo pois, (ξ) para denotar a denominação do objecto matemático que emprego como denominação do "sentimento". (Bion, 1970, pp. 99-100).

Uma vez mais a trágica e insustentável duplicidade humana poderia ser apresentada pela conjunção de ψ , *que pode ser percebido mas não percebido*, e de ξ *que não pode ser sabido mas apenas sido*. Conjunção de cuja transcendente penumbra emana o pensar humano, ele próprio indizível.

O presente, o passado presentificado no aqui-e-agora do segundo pentagrama, surge como um presente-futuro, **passado-presentificado-em-futuração**, puro devir em eterna presença; ideia que não será de desprezar em termos de capacidade propulsiva duma psicoterapia, se aceitarmos a homogeneidade última do universo como marca da divina bondade.

Caso contrário restar-nos-á o mal estar ante a aleatoriedade que a segmentação conceptual produz aquando do seu encontro com o homogéneo-indivisível.

O horror à *desordem* e ao *indivisível* indicando a ausência de capacidade continente para o incessante diálogo ($Ps \leftrightarrow D$), anula a riqueza existente na diversificação prometaica, em sua componente inspirada, e conduz à atormentada expiação, criando uma divindade negativa que se manifesta por uma imposição esmagadora e especular da satanização que lhe subjaz.

Ante o acossar do *realismo* no interior das fantasias inconscientes, ou das memórias-em-afecto, leitura ainda possível em Klein, e existente no interior de seus aplicados discípulos, quero marcar um radical abandono, em aceitação da emoção dominante, e de sua transitoriedade e virtual-concrescibilidade, caracterizando o traço mnésico como o produto da interacção entre os objectos da mente, e que com a sua alteração se altera, definindo-se uma peculiar mistura dinâmica de elementos das categorias A, C e G da grade, i.e., por um coloide de elementos β , pensamentos oníricos, mitos e deduções.

II.8

DA ILUSÃO AO SILÊNCIO

As duas últimas questões levantadas pelos alunos que pretendo discutir, respeitavam a saber se esta atitude não resultaria num injectar, num impingimento da fantasia do terapeuta sobre o cliente, e conseqüentemente sobre como detectar o momento propício para a interpretação, em que esta seja mais adequada, assim como sobre quando estaria o terapeuta ou o estudante em condições de interpretar.

Não posso deixar de apontar o funcionamento de fantasias primitivas de devoração, onipotência e cautela obsessiva, que me parecem legítimas, e de reformular a questão em termos de que o essencial e difícil é que a interpretação possa

agir e operar, e não tanto a necessidade de se acautelar face a um suposto poder mágico *que efectivamente não possui senão quando verdadeira*, ou formulada através da *linguagem-que-alcança*.

Virtualidade do observado implica virtualidade do terapeuta face a este; redução narcísica e do fantasma de onnipotência, desidealizações progressivamente tranquilizadoras que não bastam para responder à questão, mas que creio constituírem o essencial do apresentado por pessoas cujo desejo de saber era genuíno. Ora surpreendentemente, de dois lados aparentemente tão distantes, nos vem a resposta; a saber de J. Piaget e Amílcar Cabral (fundador do PAIGCV).

Uma contribuição seminal de Piaget consistiu na sua descoberta de que se face a uma resposta inadequada de uma criança a um determinado problema, o observador fornecer a resposta correcta e esta fôr aceite pela criança como a alternativa correcta, se poder deduzir que as estruturas formais responsáveis pela formulação correcta se encontram disponíveis na criança - e logo, potencialmente, a resposta - devendo o consentimento da criança ser tomado como indicador de alcance do correspondente estágio formal. Caso contrário a correcção da alternativa fornecida não será evidente para a criança, e a sua incompreensibilidade levá-la-ia a recusá-la.

Como diz o ditado popular *se a carapuça te serviu*, não se pode impingir nada que não esteja pelo menos potencialmente disponível (de acordo com o modelo de que a identificação-introjectiva tem início numa projecção constituinte anterior.).

Mas mais importante é a ilusão implícita nesta questão sobre a possibilidade de aceder a um para além da ilusão, à realidade última, a ϕ . Possibilidade neste momento já amplamente discutida e formulada como apenas possível pelo vínculo místico, *através de tornar-se ϕ* , e que escapa às possibilidades da linguagem por sua natureza diversa. Ideia que implica a natureza hipotética e transitória de qualquer formulação, actividade que apenas tem acesso a *transformações de ϕ* , não se podendo eximir à falsificação. Relembro pois que a distinção de Bion entre falsidade e mentira, se baseia no facto de a segunda *aliar uma moral a uma ilusão*, manifestando-se como uma imposição mítica e mistificadora, que busca o fechamento abrupto da experiência perceptiva e da incerteza ligada à contemplação apaixonada do objecto, como fuga da dôr mental e da mudança catastrófica associada ao evolver do objecto e do próprio, o que se detecta por activo evitamento da diversidade e da alternativa.

Eu - Que realidade têm neste momento Ana e Bernardo, objectos da vossa observação? Eu e todo o resto da turma nunca os vimos, mas neste momento que realidade têm eles para mim, para a turma e para vós Carlos e Diana [observadores]; senão a realidade de uma fantasia nossa? Existirão eles neste momento, terão eles alguma vez existido?

Um outro aluno - Existiram para o Carlos e a Diana durante as observações e ainda existem para eles.

Eu -

Existiram para o Carlos e a Diana durante as observações como as fantasias de Carlos sobre Ana e de Diana sobre Bernardo, do mesmo modo que agora Carlos e Diana existem para mim e para vós. Ana existiu para Carlos tal como Bernardo existiu para Diana, do mesmo modo que Ana-Carlos e Bernardo-Diana existem agora para nós. Alguma vez o nível de realidade terá sido diferente do que possuem Ana e Bernardo agora para nós que apenas ouvimos falar deles? E alguma vez terá sido um nível diferente do da ilusão?

Aceitando o nível ilusório do pensamento, e o nível duplamente ilusório do pensamento conceptual - a inevitável traição da linguagem - a questão colocada perde muita da sua importância; ela é mesmo nula face ao vínculo místico, tal como formulada por Bion sobre a atitude sem memória, desejo ou conhecimento [e na sequência da discussão sobre a verdade histórica da interpretação anteriormente apresentada].

Recordemos o exemplo do poeta Herberto Helder sobre Singapura e veremos claramente como toda a percepção parcelar implicada na abordagem conceptual apenas é, e pode ser, geradora de ilusão. Que Singapura existe; existirá Singapura? Singapura a capital do mítico império Khmer? Singapura dos mil templos, de incenso e mirra? Singapura o maior porto comercial da Ásia? Singapura dos fétidos esgotos a céu aberto? Que Singapura existe? Cinco pessoas foram a Singapura, existirá uma ou cinco Singapuras? Cinco pessoas foram a Singapura, existirão cinco, cinquenta ou quinhentas Singapuras? Existirá Singapura?

[Antes de avançar nesta questão, que respeita à de objecto-terapêutico-combinado, responderei sucintamente à segunda questão; quando estará o terapeuta apto a interpretar?]

Carlos -

Houve um momento em que Ana se queixava do patrão e em que me lembrei de dizer que se queixava dele tal como se tinha queixado do pai, mas depois não sabia se o havia de dizer, se estava pronto para o dizer e não o disse.

Eu -

Aquando do movimento de independência das colónias, Portugal argumentava que os povos coloniais não estavam prontos para a independência pelo que esta não lhes podia ser concedida. Esta era uma questão importante; quando está um povo preparado para a liberdade? Amílcar Cabral respondeu dizendo que um povo está preparado para a liberdade quando luta pela sua liberdade.

Quando está o terapeuta apto a interpretar, ou quando está uma pessoa apta a ser terapeuta (ou a ser considerada curada), são questões que frequentemente ouço?

A resposta de Amílcar Cabral parece-me belamente sensata. Não existe alternativa, o argumento de que os povos coloniais não estariam aptos para a independência porque ainda a não conheciam conduziria à perpetuação da sua situação como povos colonizados construindo um paradoxo - só poderiam ser livres depois de já serem. Ora a marca desta condição de liberdade residia na formulação do seu desejo alternativo, mostrando que no plano emocional a sequenciação temporal assimétrica não tem lugar. Uma vez mais a resposta de Amílcar Cabral, tal como a de Piaget, desloca do explícito e sensorial, para o interno e implícito com virtualidade. É isto que um psicoterapeuta precisa de aprender. Tanto mais que este é o seu nível específico de realidade de actuação. Mas se até um político o percebeu, porque não o faremos nós ?

Se o Carlos não verbalizou o seu pensamento, então provavelmente não estava apto, mas lembremo-nos da descoberta de Piaget.

Neste duplo raciocínio está-se apto a fazer uma interpretação quando ela se apresenta ao espírito do observador. O facto de que ela apareceu na mente de Carlos organizando o material por si observado, *é sinal de que pelo menos a este nível, e em relação a esta interpretação concreta, ele estava apto.*

(Excerto de uma aula da turma 3, no I.S.P.A., em Maio de 1992).

E assim, no seio de uma nebulosa de dúvidas paranoides, ilusões de onnipotência e inenarráveis arranjos defensivos, gera-se, propaga-se e estronda uma famosa atitude técnica, o **silêncio**, único modo de existência ante tão adversas condições. Singular situação em que o terapeuta só pode existir pela ausência. Deserção, sem dúvida deserção e abandono do outro, e no entanto, *mais do que tudo, deserção e abandono de si próprio*; funâmbula actividade de quem por si mesmo já expiou tão hediondo crime.

III

O OBJECTO TERAPÊUTICO-COMBINADO

III.1.

DO SILÊNCIO À MENTIRA ORIGINÁRIA

Da anterior descrição resulta uma particular situação de silêncio na terapia que pode ser visualizada como uma actividade abortiva do pensamento; uma profilaxia anti-concepcional (no sentido lato de concepção), indolência próxima da indiferença, não fosse a intensa atmosfera emocional, e que rapidamente decai para a indigência; pois numa situação em que *o silêncio é de ouro e a palavra de prata*, o primeiro passa facilmente por reflexiva sabedoria. Mas não é a indiferença a mais venenosa e cáustica das manifestações do vínculo **H**, e a mais pura expressão da sua negatividade, a operação de **-(H)**? Actividade de entomologista, discurso da múmia; qual a sua relação com a imanente actividade trans-formativa da inter-relação terapêutica?

Tal como apontei relativamente à discussão sobre a distinção Ideal-do-Eu/Super-Eu, a propósito da entrega atempada de trabalhos, também na suspeita de injeção de fantasia, e derivada atitude de reserva, facilmente se detecta a operação da angústia paranoide, aqui expressando-se pelo medo/desejo de envenenar e logo pelo medo de se alimentar/ser envenenado. E esta será porventura a principal fantasia que o terapeuta deva evitar de injectar, dado ser a de maior efeito demolidor e esterilizante para a situação terapêutica.

O conceito de C. A. Dias de **mentira originária**, permitir-nos-á reflectir um pouco mais sobre esta questão. *Mentira originária*, deriva da acentuação da falsidade contida na transcrição, inscrição narrativa ou alfa-betização, do bebé por sua mãe. Tal como Bion supôs a distinção entre falsidade e mentira, também neste processo de decifração pela mãe do enigma que o seu bebé para si constitui, a falsidade inerente a toda a resolução e pensamento pode resvalar para a imposição da mentira.

Deste modo *o meu bebé* é sempre diferente e menos de *o bebé*, mas é pela própria falsificação inerente ao processo de alfa-betização (o processo psicológico da maternidade), que se geram as condições para o acolhimento e sobrevivência do recém-nascido; novamente a marca da duplicidade característica e geradora do humano.

Torna-se então evidente que a mesma consequência funesta e letal para o bebé, ou o cliente, decorre quer da injunção de mentira - conduzindo à formação do falso-

self com esmagamento aniquilador do eu e seus processos de evolvência, ou identificação ideomórfica - quer da ausência de actividade trans-formadora, situação em que tal como para o bebé, a não implicação activa da mãe-terapeuta, resulta em falência e recusa do processo de reconhecimento e consequentes comportamentos de cuidado.

Quero com isto dizer que toda a actividade tradutora e de organização narrativa implica uma falsificação, e que tal é a condição em que o humano se gera e desenvolve; o que julgo poder servir para relativizar a questão e serenar a ansiedade manifestada pelos alunos.

Igualmente o projecto onnipotente de efectiva resolução do enigma me parece tender mais facilmente para a imposição de uma *mentira originária*. Neste vértice de acção o enigma que o cliente constitui é lidado no plano da concepção, *de real resolução, até se saber mesmo o que ele é*; chamando o exposto no II capítulo poderíamos dizer que tal se processa por redução de um plano complexo $C = (\mathfrak{R}+I)$, a um plano \mathfrak{R}_2 .

Ora toda a psicanálise se inscreve na linha de percepção das consequências catastróficas de tal procedimento, conforme expressas pelas tragédias de Édipo e Tirésias, ambos cegos e fugindo do saber, após as suas catastróficas realizações dos enigmas da esfinge (o que é o homem), e da completude divina (o que é ser homem e mulher simultaneamente), respectivamente.

Quanto mais *o bebé é mesmo*, realmente, *o meu bebé*, mais a mentira originária se encontra inscrita, é em consequência de um procedimento *que operou sobre o enigma por redução conceptual*, mais o bebé se depara com os produtos β resultantes das transformações maternas, numa situação em que estes são difíceis de transformação (pela acentuação de ψ e redução de ξ), e em que a não devolução enigmática o deixou inapto e imaturo para a formação e desenvolvimento expansiva de auto-concepções. A mãe tendo operado por $-\alpha$, resultando em ataque e aniquilamento da função α no bebé.

Deste modo quanto mais *o meu bebé* se puder manter próximo do enigma que *o bebé* constitui, mais se denota que a mãe *operou sobre o enigma através do enigma*, com ganho de infabilidade ou nível lógico, produzindo superação e estimulando a transcendente unidade trinária no seu filho, em respeito da antinomia fundamental (ψ e ξ , \mathfrak{R} e I , resolução falsificadora e contenção do enigma), reforçando a sua unidade primária sem produção de clivagem, mentira e regressão paradoxal.

Para tal, e regressando ao contexto terapêutico, é necessária uma actividade benigna/receptiva, em que toda a resolução é vista como relativa, contendo uma falsidade, longe portanto da passividade que, espero ter demonstrado, se origina sempre com o projecto de realização onnipotente e alucinatória e se move nos terrenos da indiferença ou da mistificação, logo da esquizoidia e da paranóia.

Uma vez mais é o luto da onipotência e a percepção do solipsismo irreduzível do humano, que subjazem à resistência face a estas formulações e sua dolorosa realização, impelindo-nos para o caminho e os locais da dôr infinita - prometaica desdit(e)a.

III.2.

SINCRONICIDADE E OBJECTO TERAPÊUTICO COMBINADO

Prossigamos reflectindo sobre o carácter compósito e condensado dos objectos internos e das ideias/conceitos.

A ilusão, tal como a interpretação, é tanto mais estéril e mentirosa quanto mais unívoca, saturada e não-relativa; apresentando-se como uma realidade invariante ou β , resultante de uma actividade que designo por *congelamento assimétrico* - na qual a actividade expansiva do modo dividente é abortada pela formação de objectos de elevadíssima densidade, *mesmo reais*; objectos bizarros idênticos para o espírito a buracos-negros, expressando a regressão paradoxal e a instauração de uma negatividade da homogeneidade benigna e de sua fecundidade.

Acarinho uma perspectiva optimista para o procedimento terapêutico visto como *falsificação alfa-betizadora*, ou **Trans-Formação**, caracterizado pela proliferação ideativa inata ao pensar assimétrico e pela composição-condensatória devida à simetrização; conduzindo a uma relativização-enriquecedora em que o sujeito se aproxima daquilo que é, *um produtor de pensamentos*, e se afasta do que não é, *uma designação* ou *um processador simbólico*, em respeito da sua transcendente duplicidade que o torna para si próprio um enigma e o constitui como um projecto infinito. Perspectiva conforme a um pressuposto neo-platónico e a um epistema onírico, centrado na imanência ideossincrática da relação e que não me repugnaria entitular de **perspectiva fractal**. *Assim designando uma entidade que por expansão de suas funções imanentes se vai infinitamente desdobrando e modificando, enquanto simultaneamente revela e se apercebe da sua forma característica de se apreender e representar, a si e aos outros, no seu interior*. Em respeito do que é, da sua ideossincrasia e limites (dimensão fraccionária), descontinuidade essencial ao plano assimétrico da existência, sem a qual se anula em puro ser (condição não-humana), e que justifica as minhas reservas face à onipotência do projecto dialéctico, cumulativo e sem rupturas, inerente à tentativa de real decifração do enigma.

A relação terapêutica é tanto mais produtiva quanto as comunicações do cliente forem enriquecidas pelos contributos do terapeuta, *formando-se massas agregadas de ideias no cadinho do quadro*, tendidas (distendidas e dobradas sucessivamente pelo vai e vem), e fermentando como a massa do pão (agora se percebe como este é o

símbolo eucarístico por excelência; símbolo da união hipostática, consubstanciando a vitalidade infinita e irreduzível do corpo divino mesmo depois de mortificado), formando um corpo que pela sua progressiva densidade e agregação compósita *contém uma virtualidade superior ao das mentes individuais do terapeuta e do cliente.*

Corpo progressivamente dotado de individualidade e substância, partilhável para ambos os intervenientes, *a ambos co-presente como um terceiro*, como seu filho, no interior de cada desenvolvendo-se como um *eu-de-outro* e um *outro-para-mim*. Provavelmente em ambos diferente mas tendencialmente *isomorfo* e *equipotente*, de cuja *sincronicidade* deriva a amplificada capacidade de comunicação (comun-sensualidade), que se vai instaurando, e que proponho se designe por **objecto-terapêutico-combinado**.

Objecto simultaneamente terceiro e próprio, assinalando o florescimento interno da dinâmica (Φ - σ), de auto-contenção e Trans-Formação, conduzindo por isso à autonomia e à *intimidade*, vista como *dupla capacidade de estar só e de co-operar com um outro que se torna um eu, enquanto o eu se torna, cada vez mais, ele próprio e um outro-de-mim.*

Longe nos encontramos do silêncio comensal, do parasitismo da comunicação mentirosa e, espero, da confusão que serviu de pretexto a esta exposição.

É pois por um processo bi-unívoco de transformação e influenciação que o movimento terapêutico se desenlaça; ambos, terapeuta e cliente, devem crescer, de acordo com a metáfora (Φ - σ), sem o que rapidamente surgirá o claustro e a defesa comensal - o *impasse*. Ambos devem crescer sob ameaça de que ambos definhem e se empobrecem em voraz canibalização; *não há outra via.*

Este objecto partilhado e em comunhão produzido, *o objecto-terapêutico-combinado*, fruto do casal terapêutico e da sua cooperação, contém a própria superação do continente, formando novos conteúdos, que aceites na sua pressão desenvolvutiva, geram um novo continente - de acordo com a metáfora de que os pensamentos são pretéritos e seja sob sua pressão que se desenvolve *o órgão-de-pensar-os-pensamentos.*

Corpo que cresce simultaneamente no interior de cada um dos corpos e na intersecção das fantasias individuais, na *consensualidade*. **Consensualidade, sincronicidade conjuntiva**, só ela pode superar o solipsismo originário e inelutável da mente, testemunhando o fruto do trabalho realizado.

Objecto que pode ser posto à contemplação de cada um dos intervenientes, como objecto digno de estudo, atenção e descrição englobando a transferência e a contra-transferência; fundamentando a ideia de que é a análise da transferência, a análise do estado e dinâmica deste *objecto-terapêutico-combinado*, que constitui o campo e a via do desenvolvimento terapêutico. Situação na qual o cliente vai à sessão para observar e alimentar a progressão simultaneamente interna e externa deste objecto *eu-outro-eu*

podendo por esta externalidade tomar-se a si próprio como objecto de conhecimento.

Situação em que ambos, cliente e terapeuta, se vão libertando das pressões para se modificarem e coagirem, *longe do conflito de modificar o outro ou fazer com que eles nos modifique*; tendendo para uma serenidade em que se podem contemplar, reflectir e espelhar mutuamente, observando-se simultaneamente na sua individualidade e na sua comunhão (OTC), como a outros. Mantendo o procedimento no vínculo que lhe é específico, o vínculo K. *Longe da pressão comensal e parasitária, sem memória e sem desejo, em presente-futurativo e em criativa transformação.*

IV

APÊNDICE

IV.1

METAFORIZAÇÃO E EQUICARDINALIDADE

A dinâmica das entidades semânticas conduziu-me, reparo, à omissão de dois segmentos assimétricos que desejava incluir no ponto anterior; a sua importância é sobretudo pedagógica e demonstrativa e leva-me a apresentá-los agora, não obstante o sábio leitor já os conter potencialmente.

A ideia do impingimento de conteúdos, próxima da suspeita paranoide de envenenamento pela devolução de um leite-alimento-interpretativo-inquinado, encerra um mito deicida; o mesmo da ilusão mentirosa da verdade e da liberdade, quando vistas como absolutas e criadas na ausência de contingência geradora (a deidade psicótica e sua intolerância à ambivalência da identificação afiliativa e à ambiguidade do conflito estético da relação sexual).

E no entanto como demonstrou Matte-Blanco as contingências iniciais, o pressuposto de solipsismo e descontinuidade, não são impeditivas, num sistema vivo e infinitamente potencial, como a mente, de um infinito desenvolvimento.

Sim somos filhos de fulana e sicrano, sim toda a interpretação contém uma falsificação inerente a todo o pensamento, sim a sua validade é contingente, específica e idiossincrática aos intervenientes na terapia, mas mesmo assim, não se transforma em claustro limitativo, *e a actividade do par terapêutico não deixa de ser isomorfa e equipotente à actividade do conjunto de todos os pais e de todos os terapeutas, sem*

perca de potencialidade e capacidade de aceder à aspiração pela perfeição divina (o benigno deicídio do pensar receptivo, através do qual se instaura, e ganha existência para as suas criaturas, a própria ideia de Deus).

Tomemos pois a demonstração de Matte-Blanco sobre a virtualidade de um infinito em qualquer contexto finito, quando sujeito à função infinitizadora da relação (α ou $(P \leftrightarrow D)$ em φ - σ):

Em Q tomemos duas entidades discretas consecutivas, por exemplo $3/5$ e $4/5$, entre eles não existe nenhuma outra entidade, visto os componentes pertencerem a \aleph e assim a 3 suceder-se 4, entre eles não existindo nenhum outro.

Que longe parece estarmos da infinitude de \aleph , como pode o casal parental sicrano $3/5$ -fulana $4/5$, gerar um objecto-combinado infinito, libertá-lo a \aleph , fora do claustro da imposição de suas contingências ?

Multipliquemo-los por 2, 3 e 4, como metáfora do tender-distender em vai-e-vem comunicacional :

$$3/5 = 6/10 = 9/15 = 12/20$$

$$4/5 = 8/10 = 12/15 = 16/20$$

e reponhamo-los em presença.

$$3/5, 4/5 \Rightarrow (0)$$

$$6/10, 7/10, 8/10 \Rightarrow (+1)$$

$$9/15, 10/15, 11/15, 12/15 \Rightarrow (+2)$$

$$12/20, 13/20, 14/20, 15/20, 16/20 \Rightarrow (+3)$$

Obtemos no interior de $3/5$ e $4/5$, um espaço virtualmente infinito *sem violação da natureza do conjunto*, e que a nossos olhos espontaneamente se abre e desenvolve revelando a infinita potencialidade de qualquer ponto, o infinito em qualquer lugar, conforme a já apresentada ideia de Bion de *que não é identificação, mas sim a geometria de se tornar ϕ o que é requerido*. Revelando tantas entidades novas neste espaço quantas as existentes no infinito de \aleph .

Marcas da bondade da divina criação, pela quais qualquer finito ponto contém virtualmente a sua potência infinita, sendo-lhe, no limite, divinamente equipotente.

O que não significa que tudo é igual a tudo, mas, e pelo contrário, que tudo é diferente de tudo.

Não são relações de igualdade que se pretende, mas sim procreativas relações de benevolente desigualdade; condições da diferença e da diferenciação.

O que foi demonstrado é que o espaço potencial no interior de sicrano e fulana, pode desenvolver as suas próprias representações metafóricas, na sua ideossincrasia, para qualquer elemento do universo, e embora nele não se tornando, assim lhe acedendo, pelo que no final se duplica o universo original como um outro diferente mas equipotente. Perpetuando-se a infinita capacidade de criação e crescimento, ao invés do definhamento implosivo e desesperançado contido no projecto igualitarista, claustrofobizante e vampiresca canibalização da qualidade e alteridade do outro. Como na situação em que terapeuta e cliente não falam porque o outro não fala, em percepção medrosa, ou formação reactiva, da voracidade invejosa que em ambos subsiste. Situação de consubstanciação do ominoso Deus da mesmitude comensal.

Não se podendo afirmar que quatro bugalhos são mais que três alhos, por se tratarem de entidades de diferente natureza; tirem-se as conclusões. Todo o meu raciocínio tem sido o de basear uma abordagem qualitativa, face a uma abordagem quantitativa e geo-estratégica, militarista - vejam-se as conotações do termo *defesa* - apresentando a potencialidade de um par terapêutico como derivada da qualidade da sua relação simbiótica e definindo um jogo de (+,+), em que cada um ganha consoante o ganho do outro.

IV.2

A HISTÓRIA DOS LAGOSTINS OU A ATITUDE TERAPÊUTICA

O segundo segmento omitido respeita à prometida *história dos lagostins* e à atitude terapêutica, logo à definição do objecto de estudo da psicologia psicodinâmica (ou psicologia propriamente dita). Serve-nos para ilustrar o enriquecimento que o vértice poético introduz mesmo no mais acirrado banal.

Conta a história dos lagostins que um cliente ao entrar no consultório, com um vespertino debaixo do braço, comunica ter acabado de ler uma notícia sobre a praga de lagostins no rio Mondego, a qual estaria a destruir as culturas de arroz e a danificar os diques: desastre que muito o irritava.

Nas ocasiões em que tenho apresentado este exemplo, pedindo aos alunos que imaginem a sua resposta face a tal comunicação, obtenho frequentemente respostas imediatas e mais ou menos chistosas relativas ao conteúdo realista desta comunicação, *como se ela não dissesse respeito ao aqui e agora ou como se a sessão ainda não tivesse começado*.

Opto então por uma ligeira alteração consistindo em apresentar a mesma história num contexto de sonho - um paciente relata um sonho no qual lia no jornal do dia uma notícia sobre a praga de lagostins no rio Mondego, etc. Maior serenidade e dilacção aparece nas respostas que obtenho, a sua maior ou menor correcção dependendo da dificuldade de cada um, mas denotando uma concepção de que esta comunicação respeita ao contexto terapêutico e um conseqüente *esforço de transformação*. Longe da anterior ligeireza, encontro um esforço de construção de um espaço relacional de significação simbólica, de transformação imaginativa, resultando em intuições por vezes surpreendentes.

Formação de um continente generativo, de uma intervenção **Trans-Formadora**, que é reforçado quando altero um pouco mais a situação - o aluno tem um sonho no qual, encontrando-se no seu consultório, vê entrar um paciente que lhe relata um sonho no qual lera no jornal do dia uma notícia sobre a praga de lagostins no rio Mondego etc. Silêncio, concentração, esforço trans-formador, intuições luminosas, acção perscrutante do espaço externo do outro, agora internalizado, através da identificação-projectiva empática; formação de uma clara dinâmica conteúdo-continente em pura interioridade. Revelação da congruência comunicacional que supera o solipsismo da mente, substanciação do *objecto-terapêutico-combinado*, como objecto simultaneamente interno e externo, actuante e resultante de acção, mais precisamente como algo **duplamente nuclear** - aos selves do terapeuta e do cliente - e **orbitário** - objecto interno orbitário possível de análise e atenção por ambos. Singularmente único e comum, virtualmente externo e tangível, como objecto terceiro, específico e ideossincrático da laboração e elaboração conjuntas.

Objecto de mútuo interesse e contemplação, *produto e produtor*; longe das ansiedades paranoides de contaminação imaginativa e do impingimento atrás referidos. Reacções sem pressão nem controle. Próximas da espera. Em tolerância à realização negativa, em Fé e abertura ao outro, ao próprio, e à alteridade.

Objecto especificamente onírico, em registo onírico imediatamente detectável e assimilável, e por cuja consensualidade - ou comum sensualidade - se torna sumamente real, revelando-se composto de *propriedades sensoriais partilhadas, mito e paixão epistemofilica*.

Sonho ... Paixão ... Fala ... Consensualidade ... Invariância ... Potentes descritores do mundo interno, em onírica atitude logo evidentes e activos, claramente formando o objecto-terapêutico-combinado, objecto comunicado e de comunicação. É então

legítimo pensar que a atitude psicoterapêutica é a de quem tem um sonho em que alguém lhe conta sonhos, *assim se sonhando o próprio sonhador*.

Sonhos de sonhos, selves de selves; platónico epistema, sócio-psicologia da mente, liberdade interna, amor à alteridade, tolerância da assimetria e da realidade - condições da liberdade do próprio e do outro - em fruição de tranquila e submissa homogeneidade, esta é a psicossociologia de que nos ocupamos.

Técnica Terapêutica ... Atitude Terapêutica ... Invariância ... Consensualidade ... Fala ... Paixão ... Sonho ... Trans... Formação ... Objecto Terapêutico ... Objecto da terapia, *objectivo e objectivante objecto-terapêutico-combinado*.

EPI-PRÓLOGO

I

ANTIGAS E NOVAS ANDANÇAS DO VIAJANTE ANÓNIMO

I.1.

ANTIGAS ANDANÇAS

Dedicadas a James S. Groststein, que teve a gentileza de as apreciar e a quem muito devem.

Dentro de mim existe um espaço; não só entre mim e mim mas também no interior de cada mim.

Nele movem-se pessoas; não se movem apenas, pois cada uma tem o seu trabalho, família e interesses. Há-as bastantes quase como pessoas, mas muitíssimas mais existem como esboços de pessoas; quero dizer como retratos apressados ou como minuciosos estudos anatómicos.

O que é curioso neste lugar é que não só as pessoas-quase-pessoas e os esboços-de-pessoas são dotados de raciocínio, desejo e intenção como ainda o são quaisquer elementos dos seus corpos - ouvido, pé, olho, etc. - uma vez isolados.

Devo mesmo acrescentar, vencendo a minha estupefacção, de que as mesmas características humanas residem e se manifestam em qualquer outro dos objectos deste espaço - copos, cadeiras, casas, etc. - de que estas gentes se sirvam no seu dia-a-dia.

Embora vivam em aldeias cada um deles é uma aldeia e, o mais extraordinário que me foi dado observar, quando suficientes deles se juntam em coro, a sua polifonia - julgo que por uma densidade de ressonância harmónica - produz os objectos e pessoas do nosso mundo, e nos coloca neste lugar em que as coisas são unas e no estado que designamos de vigília; embora anteriormente não nos pareça que tenhamos estado menos vigis.

Estranho espaço, cénico espaço, generativo teatro da mente.

Como poderemos nós entendê-lo ?

in Memórias de Viajante Anónimo do Século XVII.

NOVAS ANDANÇAS

Dedicadas ao grande Actor, Psicólogo e Filósofo, o Viajante Jorge Semi-Deus Gonçalves.

O viajante encontrava-se agora - no sentido literal da expressão, um misto de *dar-se conta e observar*, tal como podia ser utilizado em *o viajante deu-se conta daquela árvore, nunca antes a observara naquele local* - na escadaria que dava acesso à Catedral.

Dizer que a construção era enorme era inexacto. Ela era imane. Na realidade as suas proporções eram tais que se podia afirmar ser um pequeno grão o planeta em que assentava, pois este não podia ser observado do lugar onde o viajante balouçava as pernas sobre o éter.

Assim a expressão *assentar*, não parecia corresponder à situação que se apresentava; com maior certeza se diria possuir a Catedral um pequeno planeta implantado - embora ele não fosse pequeno.

Tal não o admirava, recordou-se dos pequenos ratos que se formavam e surgiam suspensos das notas que executava com a sua flauta. Em Hamlin tinham pensado que os ratos da cidade o haviam acompanhado pela estrada fora ao som da sua música. Mas ele sabia que os ratos de algum modo surgiam suspensos dos crochets das suas colcheias e semínimas, tal como aquele planeta daquela Catedral ou crianças içadas por balões demasiado leves. Porquê apenas das colcheias e semínimas não o sabia dizer; pensava que teria a ver com o facto das mínimas não possuírem crochets e os das semi-colcheias serem demasiado frágeis e instáveis, mas era um facto que tal como as suas notas geravam ratos e as Catedrais geravam mundos, um balão tendia a, no extremo do seu cordel, gerar uma criança. E isto mesmo quando um adulto oferecia um balão a outro.

Começara a comer e o cheiro acre do queijo que lhe haviam oferecido nessa terra despertou-o, deixando-o a reflectir sobre noções de limite e a questão da representação. A especificidade da natureza imprecisa da linguagem como condição de designação e representação, como um requisito da sua capacidade de especificar, é-lhe agora mais familiar.

A suspensão fenoménica, a admissão do fenómeno, tornara-se simultaneamente insatisfatória e essencial, pois o fenómeno não existia fora da interioridade da representação e do pensador. A noção de que o peso era uma característica de um objecto, digamos da sua massa e densidade específica, noção fenomenologicamente

sustentável pelo esforço exigido a um sujeito para o mover, não resistia à verificação de que o mesmo objecto possui pesos diferentes na Terra e na Lua, demonstrando como esta propriedade lhe é extrínseca. E no entanto, um objecto caracteriza-se em grande parte pelo seu peso que determina as modalidades de relação possíveis entre si e um sujeito.

Igualmente a noção de limite, subjacente a toda a construção linguística, permitindo traçar as fronteiras entre dois conjuntos, ou entidades a serem designadas por um nome, se mostrava fugidia aos mecanismos da linguagem. Com efeito se o limite entre "A" e "B", se encontrar em "A" então não pode especificar sobre "B", e o mesmo relativamente a "A" se o considerarmos em "B", por outro lado se considerarmos que o "limite entre A e B" não reside em "A" nem em "B", então ele não nos poderá informar sobre nenhum.

Mas este suporte fictício é requerido pela noção de suspensão fenoménica do observador, pela convicção de que o fenómeno ocorre, de que ocorre no exterior do observador, e de que nele residem propriedades, tal como o peso residiria num objecto.

O erro é então incomensurável nesta atitude, mas a sua verdade impõe-se pela sua persistência e exequibilidade, na sua magnífica inacessibilidade e obscura impenetrabilidade.

A linguagem surge então como uma modalidade poética, metafórica, da natureza das parábolas e não mais do que isso. Grosseiro e pecaminoso erro requerendo expiação, ou cruel vitalidade e afirmação do sujeito em exaltação e celebração do próprio. Perspectivas já anunciadas pelo pai dessoutro viajante que dera pelo nome de Zaratustra numa obra intitulada *Anti-Cristo*. E já nessa altura resolvidas.

Embrulhou o seu bernal e dessedentou-se na fonte que orlava uma das colunas da porta, não soube dizer se o arpeio que o atravessou derivava da frialdade daquela água ou do resvalar da consciência para uma muda aporia, última guardiã da linguagem. Cruzou-lhe o espírito a fala de um místico, *a mente rápida é louca, a mente lenta é sábia, a mente parada é Deus*. Afinal seriam os males do mundo advindos do frenesim em que o criador laborara durante seis dias? Qual então a necessidade que a perfeição havia sentido de se tornar humana? Qual a natureza desta imperfeição?

Caminhava agora no interior da Catedral, o que dadas as dimensões do espaço com que se deparava, era apenas mais uma expressão inexacta; nenhum observador externo que o contemplasse poderia asseverar que se estava movendo. Este pensamento deteve-o na análise de como poderia ter então entrado e atravessado o limiar da porta, ou mesmo o mais fino limite da quase inexistente linha definida entre a luz exterior que se depositava nas primeiras lajes e a penumbra que habitava o interior.

Sem dúvida de que tal apenas poderia dever-se ao facto de que se encontrava no lugar actual mesmo antes de aí se ter manifestado, dado que nenhuma outra forma racional suportava a ideia de que se possa ir aonde não se está. Já se tinha percebido

disto quando estudara a formulação de hipóteses no método científico e a sua relação com a teoria e com o objecto de estudo. Era-lhe evidente que nenhuns dados experimentais poderiam validar uma hipótese, por tal depender apenas da sua consonância conceptual com os teoremas de partida. De outro modo se poderia afirmar que os dados não significam além da estrutura hipotética que os gera e que esta relação de inclusão torna todo o procedimento metodológico senão desnecessário pelo menos semelhante à compulsão dos jogos infantis, na sua função de domínio da ansiedade; uma vez que os dados estão subentendidos na hipótese e de que se assim não fôr ela própria não se gera. No cimo de todo o edifício hipotético-dedutivo encontra-se uma sintaxe generativa que contém potencialmente todos os desenvolvimentos que se possam efectuar, sintaxe não demonstrável e auto-suficiente pela simples razão da sua enunciação, e logo do mesmo modo todas as hipóteses e elementos de verificação que possa gerar.

Num painel lateral era narrada a vida de Salomão "O Sábio". O seguinte excerto chamou-lhe a atenção :

"Salomão disse: Não há nada de novo na face da terra. E tanto assim é que Platão teve uma imaginação, que todo o conhecimento não passa de uma lembrança; e então Salomão deu sua sentença, *que toda a novidade não passa de um esquecimento.*"

Era um trecho, o octagésimo, dos *Ensaio*s de um tal Francis Bacon; mais tarde um rapaz seu conterrâneo e que dava pelo nome de W. R. Bion escreveria uma obra intitulada *Uma Memória do Futuro*, assim como posteriormente duas pessoas tão afastadas nos seus afazeres, um psicanalista italiano com curiosidade sobre a matemática, I. Matte-Blanco, e um prémio nobel da física, D. Bohm, escreveriam sobre vectores simetrizados.

Estes pensamentos fizeram-no sorrir.

Logo explodiu serenamente numa multiplicidade infinita de locais. De tal modo assim era que de onde estava podia ver o efeito de poalha dourada que as suas concretizações situadas em frente das janelas formavam. Como o pó dos cereais em suspensão nos celeiros, na cálida luz de verão, se encontrava a si próprio.

Observou que a sua consciência permanecia no local primeiro mas também em qualquer outro ponto que simultaneamente habitava. Mais, parecia poder formar-se e **habitar** em qualquer dos sub-conjuntos agora possível, incluindo o de identidade.

Apercebeu-se do efeito multiplicador e amplificador do discurso que o silêncio de uma aporia global produzia, assim de como o homogéneo e o heterogéneo se buscavam e fertilizavam. Aclarou-se-lhe a ideia dos físicos de que a entropia gerada pela explosão e distensão do universo resolvia o decaimento entrópico a que o universo estaria sujeito se se tivesse mantido uno; formas mais organizadas assim se geraram. Diluiu-se o paradoxo sobre a tentação humana da divindade, assim como se esbateram as distinções entre pedras, máquinas, animais e homens.

Sendo bafejado pela percepção da duplicidade imanente ao homogéneo e ao heterogéneo, ao explícito e ao implícito, quase pôde participar do mistério do Dogma da Santíssima Trindade. Ficou-lhe a lembrança de que a unidade trinária, estava presente no pequeno espectro da matéria a que pertencia - a zona em que se criam moléculas ternárias de H_2O - tal como a organização triangular edipiana preside à construção unitária do humano.

Percebeu porque no início do texto se encontrara a si próprio na escadaria da Catedral; percepção que indiciava uma consciência que já não habitava um único local e resultava da presciência da multidão de viajantes que em si aguardavam cidadania.

Abriu-se-lhe um cosmos geometricamente fractal, em que a união dos contrários recompunha o bafo trinário que os havia gerado, mantendo em cada um o sentimento de incompletude e a co-presença e irredutibilidade do oposto, fechando, estimulando e amplificando um ciclo, que na sua totalidade se encontra simultaneamente imóvel e em mobilidade.

De entre a miríade de viajantes que agora comportava, alguns anotaram estas reflexões num caderno que costumava trazer. Alguns séculos mais tarde foram publicadas com o título *Da Suspensão Fenoménica À Aporia Global - ou o alegre passeio desconstrutivista do frauteiro*.

UMA CITAÇÃO DE BION

"Mycroft & Sherlock (explodem em gargalhadas, juntos).

Watson (contém seu júbilo com dificuldade, mas consegue ser civilizado) O Sr. vai me desculpar, mas devo admitir que jamais ouvi falar de sua existência. Não quero feri-lo ou dar a impressão de me estar vangloriando, mas mesmo que Mycroft sempre tenha tido um carácter retraído Sherlock e, em menor grau, eu próprio, temos seguidores por todo o mundo. O senhor mesmo estava aí admitindo que existem personagens imaginárias que são infinitamente mais conhecidas do que inúmeras gerações de não-entidades. Agora, peço desculpas. Sou um homem muito ocupado - sugiro que se deite naquele divã e adormeça tranquilamente.

Bion (com um gesto de desespero, abandona o seu consultório para os três intrusos e vai dormir).

Sherlock Espero que você não tenha sido duro demais com ele, Watson.

Watson É preciso tratar as pessoas reais com dureza, quando se pretende proporcionar um universo seguro para as pessoas imaginárias.

[...]

BION [...] E ambos me lembram o Conan Doyle. Como ele odiou e desprezou Sherlock Holmes e Mycroft e as outras personagens fictícias que expulsavam do palco o Conan Doyle espiritualista e "científico". [...] É muito ruim dormir e ser expulso, através dos sonhos, do palco da vida real consciente e desperta.

[...]

Sherlock (para Watson) Ele foi embora ? É humilhante pensar que os sonhos estão à mercê das pessoas que sonham.

Mycroft É muito pior perceber que os pensamentos dependem de um pensador."

in W. R. BION, *Uma Memória do Futuro* - I: 101-105.

BIBLIOGRAFIA

- Ahumada, J.L. (1984). *La Contribución de R. Money-Kirle al Estudio del Desarrollo Psíquico Temprano. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:393-401.
- Ahumada, J.L. (1991). *Logical Types and Ostensive Insight*. *International Journal of Psychoanalysis* 72:683-691.
- Aidos, F. (1992). *A Relação a Três: uma relação caótica*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Amaral Dias, C. (1983). *Espaço e Relação Terapêutica*. Coimbra, Coimbra Ed^a.
- Amaral Dias, C. (1985). *Considerações Sobre a Contra-identificação Projectiva: de Freud a Dora, de Dora a Freud*. *Psicanálise* -2:85-96. Porto, Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1986). *A Genealogia do Amor: vinculação ou ilusão vinculativa*. *Psicanálise* -3:37-50. Porto, Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1986a)). *A Relação Analítica como Paradigma da Comunicação Estética*. *Psicanálise* -4:21-30. Porto, Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1987). *A Bondade e o Perdão*. Lisboa, Escher, 1988.
- Amaral Dias, C. (1987a)). *Reflectindo a Partir de Bion*. *Psicanálise* -5:23-30. Porto, Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1988). *Para Uma Psicanálise da Relação*. Porto, Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1988a)). *Teatro Privado - cena do íntimo*. *Psicanálise* -6:31-40. Porto, Afrontamento.
- Amaral Dias, C. e Monteiro, J. S. (1989). *Eu Já Posso Imaginar Que Faço*. Lisboa, Asírio & Alvim.
- Amaral Dias, C. (1990). *Reflexão Sobre o Estatuto de Cientificidade em Psicanálise*. *Psicanálise* -9:29-38. Porto, Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1990a)). *A Psicanálise e a Coisa Sexual - de Baco a Platão*. *Psicanálise* -12:15-24. Porto, Afrontamento, 1993.
- Amaral Dias, C. (1990b)). *ψ e a Polis*. Comunicação ao Colóquio "A Psiquiatria e a Cidade". Porto, 28 de Abril.
- Amaral Dias, C. (1991). *Ali Babá. Droga: uma meurose diabólica do século vinte*. Lisboa, Escher.
- Amaral Dias, C. (1992). *O Regresso de Ali Babá: ensaios sobre a somatopsicose*. Lisboa, Fenda.
- Amaral Dias, C. (1992a)). *O Meu Problema É Não Ter Título*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Anderson, J.R. (1980). *Cognitive Psychology ans its Implications*. Nova-Iorque, 1985.

- Anes, J.M. (1992). *A Luz Saído Por Si Própria Das Trevas*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Anzieu, D. et al. (1977). *Psicanálise e Linguagem*. Lisboa, Moraes, 1979.
- Arden, M. (1984). *Infinite Sets and Double Binds*. *International Journal of Psycho-Analysis*, 65:443-452.
- Artaud, A. (1936). *Mensagens Revolucionárias*. Lisboa, & etc., 1980.
- Artaud, A. (1938). *O Teatro e o Seu Duplo*. Minotauro. Também in Lisboa, Fenda, 1989.
- Aryan, D.T. (1984). *Síntesis de los Aportes de Margaret Mahler*. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:425-431.
- Assedo, Y. (1990). *De L'Angoisse à la Jouissance dans les Conduites de Risque*. *Revue Française de Psychanalyse*, 1/1990:121-132.
- Athayde, J.S. et al (1977). *Elementos de Psiquiatria da Criança e do Adolescente*. Lisboa, Centro de Saúde Mental Infantil.
- Barbault, A. (1969). *L'Or du Millième Matin*. Paris, J'Ai Lu, 1972.
- Bea, E. T. de (1981). *Le Conflit Oedipien, ses ébauches et son rôle dans le développement des fonctions psychiques*. *Revue Française de Psychanalyse*, XLV-4:679-766. Paris, P.U.F..
- Beckett, S. (). *Molloy*. Lisboa, Presença,.
- Begoin, J. (1989). *Neurose e Traumatismo*. *Psicanálise* -7:3-20. Porto, Afrontamento.
- Bianchedi, E.T. e Sor, D. (1981). *Evocaciones y Extensiones: reflexiones sobre algunas ideas de Bion*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, III-2/3:471-497.
- Bianchedi, E.T. et al. (1983). *Más Allá de la Metapsicología Freudiana*. *Revista Argentina de Psicanálise*, 2:353-367.
- Bianchedi, E.T. (1984). *El Desarrollo Psíquico Temprano en la Obra de Melanie Klein*. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, IV-2/3:369-377.
- Bianchedi, E.T. et al. (1989) *Crecimiento Mental y Desidentificación*. *Revista Argentina de Psicanálise*, 5: 838-848.
- Bychowski, G. (1959). *Structure des Dépressions Chroniques et Latentes*. *Revue Française de Psychanalyse*, XXV:927-935, 1961.
- Bick, E. (1967). *A Experiência da Pele em Relações de Objecto Arcaicas*. *Melanie Klein Hoje*; Vol. I, pp 194-200. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

- Bion, W.R. (1955). *A Linguagem e o Esquizofrênico*. **Novas Tendências na Psicanálise**, pp 231-252. Rio de Janeiro, Zahar, 1969. Também in **Psicanálise e Linguagem**, pp 213-232. Lisboa, Moraes, 1979.
- Bion, W.R. (1961). **Experiências Com Grupos**. Rio de Janeiro, Imago, 1975
- Bion, W.R. (1963). **Aux Sources de L'Expérience**. Paris, P.U.F., 1982.
- Bion, W.R. (1965). **Transformations**. Paris, P.U.F., 1982.
- Bion, W.R. (1966). *Cambio Catastrofico*. **Revista Argentina de Psicanálise**, 4:777-788.
- Bion, W.R. (1967). *Notas Sobre Memória e Desejo*. **Melanie Klein Hoje**; Vol. II, pp 30-34. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Bion, W.R. (1967a)). **Estudos Psicanalíticos Revisados**. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- Bion, W.R. (1970). **A Atenção e a Interpretação: o acesso científico à intuição em psicanálise e grupos**. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Bion, W.R. (1974). **Bion's Brazilian Lectures -1- São Paulo 1973**. Rio de Janeiro, Imago.
- Bion, W.R. (1975). **Bion's Brazilian Lectures -2- Rio de Janeiro/São Paulo 1974**. Rio de Janeiro, Imago.
- Bion, W. R. (1975a)). **Uma Memória do Futuro: I - O Sonho**. S. Paulo, Martins Fontes, 1989. Também **A Memoir of The Future. Book One: The Dream**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- Bohm, D. (1980). **La Totalidad y el Ordem Implicado**. Barcelona, Kairós, 1987.
- Bohm, D. e Peat, F. D. (1987). **Ciência, Ordem e Criatividade**. Lisboa, Gradiva, 1989.
- Brewin, C. R. (1988). **Cognitive Foundations of Clinical Psychology**. Sussex, Lawrence Erlbaum Ass., 1990.
- Bruner, J. S., Goodnow, J.J. e Austin, G.A. (1956). **A Study of Thinking**. New Jersey, Transaction Books, 1986.
- Cabral, F. (1992). *O Estatuto de Ciência e os Fundamentos Epistemológicos em Psicanálise*. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, 10/11: 79-88. Porto, Afrontamento.
- Calderon de La Barca (1635). **A Vida É Sonho**. Lisboa, Estampa, 1973.
- Capra, F. (1982). *Holonomia y Bootstrap*. **El Paradigma Holográfico**, pp154-157. Barcelona, Kairós, 1991.
- Carpinacci, J.A. (1984). *El Desarrollo Psíquico Temprano en le Obra de Sigmund Freud*. **Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983**. **Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires**, 2/3:357-367.

- Carrilho, M.M. (1981). *Razão e Aprendizagem em Kant*. in *Filosofia e Epistemologia - III*, pp 177-196. Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.
- Cassirer, E. (1944). *Ensaio Sobre O Homem*. Lisboa, Guimarães Ed., 1960.
- Castro, J. F. de (1992). *Aquiles e a Tartaruga*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Charon, J.M. (1979). *Symbolic Interactionism*. New-Jersey, Prentice-Hall.
- Chertok, L. (1986). *Le Conflit Freud-Ferenczi, ou Théorie et Pratique en Psychoanalyse*. *Psychothérapies*, 1:3-5, 1987.
- Cicccone, A. e L'hospital, M. (1991). *Naissance à la Vie Psychique*. Paris, Dunod.
- Coelho, H. (Org.)(1983). *Inteligência: o natural versus o artificial*. *Psicologia*, IV-1/2:5-102. Lisboa, Associação Portuguesa de Psicologia.
- Coelho, H. (1992). *Na Frente da Complexidade*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Cvik, N. (Coord.)(1984). *Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:349-461.
- Cvik, N. et al. (1984a)). *Conceptos Originales de José Bleger Sobre Desarrollo Psíquico Temprano*. *Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:407-414.
- Dadoun, R. (1986). *Freud*. Lisboa, D. Quixote.
- Dagerman, S. (1955). *A Nossa Necessidade de Consolo É Impossível de Satisfazer*. Lisboa, Fenda, 1992.
- David-Ménard, M. (1985). *La Désir Mis en Scène, sur la Darstellung Hystérique*. *Confrontations Psychiatriques*, 25:219-229.
- Decherf, G. (1981). *Oedipe en Groupe*. Paris, Clancier-Guenaud.
- Deleuze, G. (). *Sade/Masoch*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1972). *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- Deleuze, G.; Guattari, F, et al.(1972a)). *Capitalismo e Esquizofrenia: dossier Anti-Édipo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1976.
- Doise, W.; Deschamps, J.-C. e Mugny, G. (). *Psicologia Social Experimental* Lisboa, Moraes, 1980.
- Etchegoyen, H. e Rabih, M. (1981). *Las Teorías Psicanalíticas de la Envidia*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, III-2/3:359-384.
- Etchegoyen, H. et al. (1984). *El Concepto de Realidad en Melanie Klein*. *Psicoanálisis*, VI-1:199-215. Buenos Aires, Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

- Etchegoyen, H. *et al.* (1984). *El Concepto de Realidad en Melanie Klein - II. Psicoanálisis*, VI-2/3:463-485. Buenos Aires, Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Fadiman, J. e Frager, R. (1976). *Teorias da Personalidade*. São Paulo, Harper & Row, 1979.
- Fairbairn, R. (1927/51). *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa, Vega.
- Fernandes, M. (1992). *Do Caos da Lógica às Lógicas do Caos*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Fernandes, F. (1992). *A Bruxa de Viena*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Feyerabend, P. (). *Adeus à Razão*. Lisboa, Edições 70, 1991.
- Feynman, R.P. (1985). *QED - A estranha Teoria da Luz e da Matéria*. Lisboa, Gradiva, 1992.
- Figueiredo, C. (1953). *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Bertrand
- Fonagy, P. (1991). *Thinking About Thinking: some clinical and theoretical considerations in the treatment of a borderline patient*. *International Journal of Psychoanalysis* 72:639-656.
- Foulkes, S. H. e Anthony, E. J. (1957). *Group Psychotherapy*. Londres, Pelican, 1967.
- Freitas, L. de (1992). *Simetrias Pentagonais, Caos e Mitos de Ressureição*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Freud, S. (1895). *Proyecto de Una Psicologia Para Neurologos*. Madrid, Alianza Ed., 1980.
- Freud, S. (1905). *El Chiste y su Relacion con lo Inconsciente*. Madrid, Alianza, 1981.
- Freud, S. (1915). *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica Entre os Sexos*. *Textos Essenciais de Psicanálise, Vol. III*, pp 145-156. Lisboa, Europa-América.
- Freud, S. (1925). *Notice Sur Le Bloc Magique*. *Revue Française de Psychanalyse*, 5/1981:1107-1110.
- Freud, S. (1926). *Inibition, Syntome et Angoisse*. Paris, P.U.F.
- Fulcanelli (). *O Mistério das Catedrais*. Lisboa, Ed. 70.
- Galvez, M.J. (1984). *La Obra de J. Bowlby. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:433-449.
- Gengenbach, E. (). *Judas ou o Vampiro Surrealista*. Lisboa, & Etc., 1977.

- Gengenbach, E. (). *A Experiência Demoníaca, I e II*. Lisboa, Vega, 1976.
- Gil, F. (1979). História das Ciências e Epistemologia; apresentação do debate Popper-Kuhn. in *História e Prática das Ciências*, pp 163-182. Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.
- Gil, F. (1979a). *A Invenção, o Acaso e os Signos*. in *Filosofia e Epistemologia - II*, pp 13-56. Lisboa, A Regra do Jogo.
- Gil, F. (1981). *Problemas da Representação*. in *Filosofia e Epistemologia - III*, pp13-78. Lisboa, A Regra do Jogo.
- Gil, J. (1979). *Observações Sobre a Cura em Psicanálise*. in *Filosofia e Epistemologia - II*, pp 147-199. Lisboa, A Regra do Jogo.
- Gilliéron, E. (1983). *Les Psychothérapies Brèves*. Paris, P.U.F..
- Gilliéron, E. (1983a). *Développement de la Psychanalyse et Psychothérapie Brève*. *Psicologia*, VI-1:79-99. Lisboa, Associação Portuguesa de Psicologia, 1988.
- Gleik, J. (1987). *Caos*. Lisboa, Gradiva, 1989.
- Godwin, R. (1991). *Wilfred Bion and David Bohm: Toward a Quantum Metapsychology*. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 14(4):625-654.
- Goldstein, K. e Scheerer, M. (1941). *Abstract and Concrete Behavior: An experimental study with special tests*. *Psychological Monographs*, 53-2. Washington, American Psychological Association.
- Gonçalves, O. (Ed.)(1989). *Advances in the Cognitive Therapies*. Porto, APPORT.
- Granger, G.-G. (1979). *Hipóteses*. *Filosofia e Epistemologia - II*, pp 313-338. Lisboa, A Regra do Jogo.
- Graubard, S. R. (Ed.) (1988). *The Artificial Intelligence Debate: False Starts, Real Foundations*. Massachusetts, M.I.T..
- Green, A. (1987). *La Representation de Chose, Entre Pulsion et Langage*. *Psychanalyse Universitaire*, 47:357-372.
- Green, A. (1988). *Pulsion, Psyché, Langage; Pensée*. *Revue Française de Psychanalyse*, 2/1988:491-497.
- Grinberg, L. et al. (1972). *Introdução às Ideias de Bion*. Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- Grinberg, L. (1975). *A Supervisão Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Imago.
- Grinberg, L. e R. (1981). *Modalidades de Relaciones Objetales en el Proceso Psicoanalítico*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, III-2/3:431-470.
- Grotowski, J. (1970). *Para Um Teatro Pobre*. Forja, 1975.
- Grotstein, J.S. (1977). *The Psychoanalytic Concept of Schizophrenia, Part I e II*. *International Journal of Psycho-Analysis*, 58:403-452.

- Grotstein, J. (Ed.)(1981). **Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W.R. Bion.** Londres, Karnac, 1988.
- Grotstein, J. (1981a)). *Wilfred R. Bion : the Man, the Psychoanalyst , the Mystic . A Perspective on His Life and Work.* **Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W.R. Bion**, pp 1-36. Londres, Karnac, 1988.
- Grotstein, J. (1981b)). *Who Is the Dreamer Who Dreams the Dream and Who Is the Dreamer Who Understands It ?* [Revised]. **Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W. R. Bion**, pp 357-417. Londres, Karnac, 1988
- Grotstein, J. (1981c)). **A Divisão e a Identificação Projectiva.** Rio de Janeiro, Imago, 1985.
- Grotstein, J. (1989). *Néant, Non-Sens, Chaos, et le 'Trou Noir: L'importance du néant, du non-sens et du chaos en psychanalyse.* **Revue française de Psychanalyse**, 4/1991:871-892.
- Guidano, V. F. e Liotti, G. (1983). **Cognitive Process and Emotional Disorders.** Nova-Iorque, Guilford Press.
- Guignard, F. B. (1989). *O Preconsciente nas Neuroses.* **Psicanálise** -7:21-36. Porto, Afrontamento.
- Guillaumin, J. (1991) *Identifications Affectives, Généalogie de L'Affect.* **Revue Française de Psychanalyse** 4/1991:979-988.
- Guntrip, H. (1975). *My Experience of Analysis with Fairbairn and Winnicott.* **International Review of Psycho-Analysis**, 2:145-156.
- Hawking, S.W. (1988). **Breve História do Tempo.** Lisboa, Gradiva.
- Hayward, R. (1981). *Commentaires Sur Le Bloc Magique.* **Revue Française de Psychanalyse**, 5/1981:1243-1260.
- Heinlein, R.A. (1961). **Um Estranho Numa Terra Estranha.** Lisboa, Europa-América.
- Heimann, P. (1952) *Certas Funções da Introjecção e da Projecção no Início da Infância.* **Os Progressos da Psicanálise**, pp 136-184. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- Hinshelwood, R. D. (1991). **A Dictionary of Kleinian Thought.** Londres, Free Association Books.
- Holzman, P.S. (1984). *Psychoanalysis: is the therapy destroying the science ?.* **Journal of the American Psychoanalytic Association**, 33-4:725-770.
- Hopper, E. (1991). *Encapsulation as a Defence Against the Fear of Annihilation.* **International Journal of Psychoanalysis**, 72:607-624.
- Horia, V. (1971). **Viagem aos Centros da Terra.** Lisboa, Verbo, 1972.

- Horowitz, M.J. (Ed.)(1988). **Psychodynamics and Cognition**. Chicago, University of Chicago Press
- Isaacs, S. (1952) *A Natureza e a Função da Fantasia*. **Os Progressos da Psicanálise**, pp 79-135. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- Johnson-Laird, P.N. e Wason, P.C. (1977). **Thinking**. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- Joseph, B. (1981). *O Vício Pela Quase-Morte*. **Melanie Klein Hoje**; Vol. I, pp 316-328. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Joseph, B. (1981a). *Toward the Experiencing of Psychic Pain*. **Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W. R. Bion**, pp 93-102. Londres, Karnac, 1988. Também in **Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires**, III-2/3:347-358.
- Joseph, B. (1985). *Transferência: a situação total*. **Melanie Klein Hoje**; Vol. II, pp 76-88. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Kernberg, O.F. (1989). *Regresión Transferencial y Técnica Psicoanalítica en Personalidades Infantiles*. **Revista Argentina de Psicanálise**, 5:749-763.
- Klein, M, et al. (1952) **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- Klein, M. et al. (1955). **Novas Tendências na Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- Klein, M. (1946/63). *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos*. Vol. III das **Obras Completas de Melanie Klein**. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Klein, M. (1961). *Narrativa da Análise de Uma Criança*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Klein, S. (1980). *Autistic Phenomena in Neurotic Patients*. **Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W. R. Bion**, pp 103-114. Londres, Karnac, 1988.
- Klossowski, P. (). **Roberte-Nessa-Noite Seguido da Revogação do Édito de Nantes**. Lisboa, Livros do Brasil.
- Klossowski, P. (1947). **Sade, meu próximo**. Lisboa. Moraes, 1968.
- Klossowski, P. (1965). **O Baphomet**. São Paulo, Max Limonada, 1986.
- Kohut, H. (1979). *The Two Analyses of Mr Z*. **International Journal of Psychoanalysis**, 60:3-27.
- Krishnamurti, J. e Bohm, D. (1980). **A Eliminação do Tempo Psicológico**. São Paulo, Cultrix.
- Kuhn, T.S. (). *A Função do Dogma na Investigação Científica*. in **História e Prática das Ciências**, pp 43-75. Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.

- Lancelle, G. (1984). *Desarrollo Psíquico Temprano y la Psicología Psicoanalítica del Self. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983. Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:451-462.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa, Moraes, 1970.
- Laplanche, J. (1983). *É Preciso Queimar Melanie Klein ? Análise Psicológica*, III-4:467-476. Lisboa, I.S.P.A.
- La Porta (1981). *Comentario Sobre el Método Psicoanalítico. Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, III-2/3:499-524.
- Leal, M. R. M. (1975). *Introdução ao Estudo dos Processos de Socialização Precoce da Criança*. Lisboa, Ed. do Autor, 1984.
- Lebovici, S. (1990). *Le Psychanalyste et le Développement des Représentations Mentales. Psychiatrie de L'Enfant*, XXXIII-2:325-364.
- Lebrun, G. (1988). *O Averso da Dialéctica - Hegel à luz de Nietzsche*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Ledoux, M. H. (1984). *Conceptions Psychanalytiques de la Psychose Infantile*. Paris, P.U.F..
- Le Guin, U. (1968). *O Feiticeiro de Terramar*. Lisboa, Livros do Brasil.
- Le Guin, U. (1971). *Os Túmulos de Atuan*. Lisboa, Livros do Brasil.
- Le Guin, U. (1972). *O Outro Lado do Mundo*. Lisboa, Livros do Brasil.
- Lopez, B. (1984). *D. Meltzer y el Desarrollo Psíquico Temprano. La Tridimensionalidad. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983. Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:379-385.
- Lovecraft, H. P. (1919-1932). *Os Demónios de Randolph Carter*. Lisboa, Estampa, 1973.
- Lovecraft, H.P. (1941). *O Caso de Charles Dexter Ward*. Lisboa, D. Quixote, 1987.
- Luzes, P. (1983). *Da Emoção ao Pensamento. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa*. Lisboa, F.P.C.E..
- Luzes, P. (1984). *Vers Une Nouvelle Théorie Psychanalytique des Émotions. Comunicação ao 44º Congrès Des Psychanalystes de Langue Française*. Lisboa.
- Luzes, P. (1986). *Motivo Estético e Neurose. Psicanálise* -4:5-20. Porto, Afrontamento.
- Luzes, P. (1988). *Realidade Psíquica: sua génese a partir do biológico e das relações objectais*. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 10/11: 5-36. Porto, Afrontamento, 1992.
- Mahony, P. (1984). *Gritos do Homem dos Lobos*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

- Malcolm, R.R. (1981). *La Expiación Como Defensa*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, III-2/3:385-416.
- Malcolm, R.R. (1986). *Interpretação: o passado no presente*. *Melanie Klein Hoje*; Vol. II, pp 89-108. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Malcolm, R.R. (1989). *Como Si: la experiencia de no aprender*. *Revista Argentina de Psicanálise*, 5:827-837.
- Malpique, C. (1987). *Da Capacidade de estar Só*. *Psicanálise* -9:53-80. Porto, Afrontamento, 1990.
- Malpique, C. e Cabral, M.F.S. (1990). *Digressão Analógica Sobre o Aparelho Psíquico. Do 'Bloco Mágico' ao microscópio electrónico*. *Psicanálise* -9:39-52. Porto, Afrontamento.
- Mancia, M. (1987). *O Sonho Como Religião da Mente*. Lisboa, Escher, 1991.
- Mancia, M. (1989). *Memória, Construções e Reconstruções*. *No Olhar de Narciso*, pp 191-218. Lisboa, Escher, 1992
- Mancia, M. (1990). *No Olhar de Narciso*. Lisboa, Escher, 1992.
- Mandelbrot, B. (1982). *Objectos Fractais*. Lisboa, Gradiva, 1991.
- Marcelli, D. (1983). *Position Autistique: hypotheses psychopathologiques et ontogenetiques*. *Psychiatrie de L'Enfant*, 26(1): 5-55.
- Martinho, J. (1992). *O Falo, a Falta e a Fala*. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 10/11: 103-108. Porto, Afrontamento.
- Matos, C. de (1978). *A Contratransferência Como Resistência do Analista e Como Material do Processo Analítico*. *Psicanálise* -2:25-44. Porto, Afrontamento.
- Matos, C. de (1979). *A Fantasia na Adolescência*. *Jornal do Médico*, XCV:712-720.
- Matos, C. de (1981). *O Adolescente: Príncipe Édipo e Rei Narciso*. *Jornal do Médico*, 1973:696-703, 1982.
- Matos, C. de (1982). *A Defesa Psíquica*. *Jornal do Médico*, CII:148-151.
- Matos, C. de (1982a)). *Três Notas Sobre a Depressão*. *Jornal do Médico*, CIX:451-455.
- Matos, C. de (1982b)). *Razões da Morte; Morte da Razão*. *Jornal do Médico*, CX:12-19.
- Matos, C. de (1983). *Notas Sobre Psicopatologia Dinâmica*. *Jornal do Médico*, CXIII. Matos, C. de (1983a)). *Textos Sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo*. *Análise Psicológica*, III-4:409-424. Lisboa, I.S.P.A.
- Matos, C. de (1984). *Depressão: estrutura e funcionamento*. *Psicanálise* -4:75-86. Porto, Afrontamento.

- Matos, C. de (1985). *Depressão, Depressividade e Depressibilidade*. Psicanálise -1: 41-48. Porto, Afrontamento.
- Matte, L. B. de (1970). *An Account of Melanie's Klein Conception of Projective Identification. Thinking, Feeling and Beeing*, pp 319-330. Londres, Routledge.
- Matte-Blanco, I. (1975). *The Unconscious as Infinite Sets*. Duckworth.
- Matte-Blanco, I. (1981). *Reflecting With Bion. Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W. R. Bion*, pp 489-528. Londres, Karnac, 1988. Também in *Revista Chilena de Psicoanálisis*, 3:8-41.
- Matte-Blanco, I. (1984). *Reply to Ross Skelton's Paper 'Understanding Matte-Blanco?'*. *International Journal of Psycho-Analysis*, 65:457-460.
- Matte-Blanco, I. (1988). *Thinking, Feeling and Beeing*. Londres, Routledge.
- Mazet, P. e Lebovici, S. (). *Autisme et Psychoses de L'Enfant*. Paris, P.U.F..
- McDougal, J. (1988). *Quelles Valeurs Pour La Psychanalyse ?*. *Revue Française de Psychanalyse*, 3/1988:595-611.
- Meltzer, D. (1965). *A Masturbação Anal e Sua Relação Com a Identificação Projectiva. Melanie Klein Hoje; Vol. I*, pp 110-124. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Meltzer, D. (1967). *O Processo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- Meltzer, D. (1967a)). *Terror, Perseguição e Pavor - uma dissecação das ansiedades paranoides. Melanie Klein Hoje; Vol. I*, pp 234-242. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Meltzer, D. (1973). *Os Estados Sexuais da Mente*. Rio de Janeiro, Imago, 1979.
- Meltzer, D. *et al.* (1975). *Explorations Dans le Monde de L'Autisme*. Paris, Payot, 1984.
- Meltzer, D. (1978). *The Kleinian Development: Part I - Freud's Clinical Development; Part II - Richard Week-by-Week; Part III - The Clinical Significance of the Work of Bion*. Clunie Press.
- Meltzer, D. (1978 a)). *A Note on Bion's Concept 'Reversal of Alpha Function'. Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W. R. Bion*, pp 529-536. Londres, Karnac, 1988. Também in D. Meltzer (1978 a)).
- Meltzer, D. (1983). *Dream-Life*. Escócia, Clunie Press, 1984.
- Meltzer, D. *et al.* (1986). *Metapsicología Ampliada*. Buenos Aires, Spatia, 1990.
- Meltzer, D. e Williams, M. H. (1988). *The Apprehension of Beauty*. Escócia, Clunie Press.
- Meltzer, D. (1990). *O Conflito Estético: o seu lugar no processo de desenvolvimento*. Psicanálise -8:5-30. Porto, Afrontamento.

- Milheiro, J. (1985). *Identificação - Projecção - Identificação Projectiva*. *Psicanálise* - 1:49-68. Porto, Afrontamento.
- Milner, M. (1952). *O Papel da Ilusão na Formação Simbólica. A Loucura Suprimida do Homem São*, pp 89-117. Rio de Janeiro, Imago, 1991. Também in *Novas Tendências na Psicanálise*, pp 116-147. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- Milner, M. (1956). *A Psicanálise e a Arte. A Psicanálise e o Pensamento Contemporâneo*, pp 89-114. Rio de Janeiro, Imago, 1973. Também in *A Loucura Suprimida do Homem São*, pp 193-215. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Milner, M. (1987). *A Loucura Suprimida do Homem São*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Minsky, M. (1986). *The Society of Mind*. Nova Iorque, Simon and Schuster.
- Money-Kirle, R. (1955). *Contratransferência Normal e Alguns dos Seus Desvios. Melanie Klein Hoje*; Vol. II, pp 35-46. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Money-Kirle, R. (1956). *A Psicanálise e a Filosofia. A Psicanálise e o Pensamento Contemporâneo*, pp 115-139. Rio de Janeiro, Imago, 1973
- Money-Kirle, R. (1967). *Cognitive Development. Do I Dare Disturb The Universe a memorial to W. R. Bion*, pp 537-550. Londres, Karnac, 1988.
- Moran, M.G. (1991). *Chaos Theory and Psychoanalysis: the fluidic nature of the mind*. *International Review of Psycho-Analysis*, 18:211-221.
- Nacht, S. e Racamier, P.C. (1959). *Les États Dépressifs: étude Psychanalytique*. *Revue Française de Psychanalyse*, XXIII:567-601.
- Nietzsche, F. (). *Assim Falava Zarathustra*. Lisboa, Presença, 1976.
- Nietzsche, F. (). *Ecce Homo*. Lisboa, Guimarães Eds., 1961.
- Nietzsche, F. (1885). *Para Além do Bem e do Mal*. Lisboa, Guimarães Eds., 1958.
- Nietzsche, F. (1888). *O Anti-Cristo*. Lisboa, Europa-América, 1977.
- Ogden, T. (1983). *The Concept of Internal Object Relations*. *International Journal of Psychoanalysis*, 64:227-241.
- Ogden, T. (1991). *Analysing the Matrix of Transference*. *International Journal of Psychoanalysis*, 72:593-605.
- Oliveira, J.C.B.T. de (1979). *De Leibniz a Mandelbrot*. in *Filosofia e Epistemologia - II*, pp 267-286. Lisboa, A Regra do Jogo.
- Oliveira, J.C.B.T. de (1992). *Dimensões da Fractalidade*. *Actas do Colóquio "Caos & Meta-Psicologia"*, no prelo. Lisboa, Fenda.
- Petot, J.-M. (1979). *Melanie Klein I - Primeiras descobertas e primeiro sistema [1919-1932]*. São Paulo, Perspectiva, 1991.

- Petot, J.-M. (1982). **Melanie Klein II - O ego e o bom objecto [1932-1960]**. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- Pérez-Sánchez, M. (1981). **Observación de Bebés**. Barcelona, Paidós, 1983.
- Piaget, J. (1967). **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1973.
- Piaget, J. (Org.)(1967a)). **Lógica e Conhecimento Científico**. Porto, Civilização Ed^a, 1980.
- Piaget, J. (1972). **Problemas de Psicologia Genética**. Lisboa, D. Quixote, 1977.
- Piaget, J. (1972a)). **Psicologia e Epistemologia**. Lisboa, D. Quixote, 1977.
- Piaget, J. (1973). **Seis Estudos de Psicologia**. Lisboa, D. Quixote, 1978.
- Piattelli-Palmarini, M. (Org.)(1979). **Théories du Langage, Théories de L'Apprentissage. Le débat entre Jean Piaget et Noam Chomsky**. Paris, Seuil.
- Pimenta, A. (1992). *Homens, Animais e Deuses*. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia". No prelo.
- Platão (Ap. 384-383 a.c.). **Fédon**. Coimbra, Atlântida, 1975.
- Pomian, K. (1979). *Catástrofes e Determinismo*. in **Filosofia e Epistemologia - II**, pp 287-312. Lisboa, A Regra do Jogo.
- Popper, K.R. e Eccles, J.C. (1977). **El Yo y Su Cerebro**. Barcelona, Labor, 1980.
- Potocki, Y. (). **Manuscrito Encontrado Em Saragoça**. Lisboa, estampa, 1977.
- Power, M. (1991). *Depression: the role of the self-concept*. **Análise Psicológica**, IX-1:33-42. Lisboa, I.S.P.A..
- Pribram, K. H. e Gill, M. (1976). **Le " Projet de Psychologie Scientifique" de Freud: un nouveau regard**. Paris, P.U.F., 1986.
- Pribram, K. H. (1978). *Qué Es Todo Este Lío ?*. **El Paradigma Holográfico**, pp 43-52. Barcelona, Kairós, 1991.
- Pribram, K. H. (1986). *The Cognitive Revolution and Mind/Brain Issues*. **American Psychologist**, 41-5:507-520.
- Prigogine, I. e Stengers, I. (1984). **A Nova Aliança**. Lisboa, Gradiva.
- Prigogine, I. e Stengers, I. (1988). **Entre o Tempo e a Eternidade**. Lisboa, Gradiva, 1990.
- Racamier, P.C. (). *De L'Objet-Non-Objet*. *Sl referências*, pp 236-241.
- Reeke, G.N. e Edelman, G.M. (1988). *Real Brains and Artificial Intelligence. The Artificial Intelligence Debate: False Starts , Real Foundations*, pp143-174. Massachusetts, M.I.T..
- Righetti, D.Ch. de e Segal. P.B. (1984). *La Teoría de D. W. Winnicott sobre el Desarrollo Emocional Primitivo. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico*

- Temprano" 1981 y 1983. Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, 2/3:415-424.*
- Riviere, J. (1936). *Sobre a Gênese do Conflito Psíquico nos Primórdios da Infância. Os Progressos da Psicanálise*, pp 48-78. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- Robbe-Grillet, A. (1961). *O Ano Passado em Marienbad*. Lisboa, Início, 1967.
- Rodrigues, C. (1992). *Coesão: complexidade e simplicidade de informação. Comunicação ao Colóquio "Caos & Meta-Psicologia"*. No prelo.
- Rola, P. K. de (1974). *Alchimie - Florilége de L'Art Secret*. Paris, Seuil.
- Rosenfeld, H. (1959). *Una Investigación Sobre la Teoría Psicoanalítica de la Depresión*. S/ referências, pp 53-106.
- Rosenfeld, H. (1965). *Os Estados Psicóticos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- Rosenfeld, H. (). *Algunos Factores Terapéuticos en Psicoanálisis. Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, 2/3:329-346, 1981.*
- Rosenfeld, H. (1981). *On the Psychology and Treatment of Psychotic Patients (Historical and Comparative Reflections). Do I Dare Disturb The Universe a memorial to W. R. Bion*, pp 167-180. Londres, Karnac, 1988.
- Rosenfeld, H. (1987). *Impasse e Interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- Safouan, M. (1974). *Estudos Sobre o Édipo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- Sami-Ali (1989). *Imaginaire et Pathologie - une theorie de la psychosomatique. Análise Psicológica, VII-1/2/3:325-328*. Lisboa, I.S.P.A..
- Sami-Ali et al. (1992). *Rêve & Psychosomatique*. Paris, Centre International de Psychosomatique.
- Sandler, J. (1989). *Acerca de las Relaciones de Objeto Interno. Revista Argentina de Psicanálise 4:435-458*.
- Santos, A.C. (1986). *Piaget e a Teoria do Direito. Análise Psicológica, IV-3/4:319-358*. Lisboa, I.S.P.A..
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna*. Porto, Afrontamento, 1990.
- Santos, J. (1985). *Editorial: A Traição Inevitável. Psicanálise - 1:3-6*. Porto, Afrontamento.
- Schimek, J.G. (1975). *A Critical Re-Examination of Freud's Concept of Unconscious Mental Representation. International review of Psycho-Analysis, 2:171-187*.
- Scott, W.C.M. (1959). *Dépression, Confusion et Polyvalence. Revue Française de Psychanalyse, XXV:913-925, 1961*.

- Scott, W.C.M. (1966). *Los Aspectos Mutuamente Defensivos de la Depresión y la manía*. **Revista Da Associação Psicanalítica de Buenos Aires**, III-2/3:419-430, 1981.
- Segal, H. (1955). *Notas a Respeito da Formação de Símbolos. A Obra de Hanna Segal*, pp 77-100. Rio de Janeiro, Imago, 1983. Também in **Melanie Klein Hoje**; Vol. I, pp 167-184. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Segal, H. (1964). **Introdução à Obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- Segal, H. (1972). *Un Sistema Delirante Como Defensa Contra la Reparación de Una Situación Catastrófica*. **Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires**, 2/3:309-328.
- Segal, H. (1980). *Las Contribuciones Clinicas de Bion (1950-1965)*. **Revista Chilena de Psicoanálisis**, 2:14-18.
- Segal, H. (1981). **A Obra de Hanna Segal**. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- Segal, H. (1981a). *The Function Of Dreams. Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W.R. Bion*, pp 579-588. Londres, Karnac, 1988
- Sena, J. de (1960-1966). **Antigas e Novas Andanças do Demónio**. Lisboa, Ed. 70, 1984.
- Sena, J. de (1977). **O Físico Prodigioso**. Lisboa, Ed. 70, 1980.
- Sequeira, F. (1989). *Uma Leitura de Dream-Life de Donald Meltzer*. **Psicanálise** - 7:81-95. Porto, Afrontamento.
- Silva, A.S. e Pinto, J.M. (Orgs.)(1986). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto, Afrontamento, 1987.
- Simon, B. (1988). *The Imaginary Twins: the case of Beckett and Bion*. **International Review of Psycho-Analysis**, 15:331-352.
- Skelton, R. (1984). *Understanding Matte-Blanco*. **International Journal of Psychoanalysis**, 65:453-456.
- Sófocles (Ap. 427/426 a.c.). **Rei Édipo**. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- Sor, D. (1984). *Concepcion del Desarrollo Emocional Primitivo a Partir de Fomulaciones de W. R. Bion. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983*. **Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires**, 2/3:387-392.
- Sousa Ribeiro. L. (1990). *Perspectivas Neo-Platónicas em Sócio-Psicologia*. Trabalho para a Cadeira de **Saúde Mental Integrada**, do **Mestrado em Psicologia Clínica e Psicopatologia** do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa, I.S.P.A..
- Sousa Ribeiro. L. (1991). *Por Um Epistema Psicológico*. Comunicação ao **VII Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise**. Coimbra, S.P.P..

- Sousa Ribeiro, L. (1991a)). *A Broca na Mente*. Trabalho para a cadeira de *Psicopatologia Cognitiva*, do **Mestrado em Psicologia Clínica e Psicopatologia** do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa, I.S.P.A..
- Spillius, E. B. (Ed.)(1988) **Melanie Klein Hoje**; Vol. I e II. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- Stengers, I. (). *A Descrição da Actividade Científica por T. S. Kuhn*. in **História e Prática das Ciências**, pp 73-116. Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.
- Stewart, I. (1989). **Deus Joga aos Dados ?**. Lisboa, Gradiva, 1991.
- Struik, D.J. (1987). **História Concisa das Matemáticas**. Lisboa, Gradiva, 1992.
- Sutherland, J. D. (ed.) (1958). **A Psicanálise e o Pensamento Contemporâneo**. Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- Tajfel, H. (1981). **Grupos Humanos e Categorias Sociais, I e II**. Lisboa, Livros Horizonte, 1982.
- Thom, R. (1980). **Parábolas e Catástrofes**. Lisboa, D. Quixote, 1985.
- Todorov, T. (1970). **Introdução À Literatura do Fantástico**. Lisboa, Moraes, 1977.
- Tompson, A.E. (1991). *Freud's Pessimism, The Death Instinct, and the Theme of Desintegration in 'Analysis Terminable and Interminable'*. **International Journal of Psychoanalysis**. 18:165-179.
- Turkle, S. (1984). **O Segundo Eu**. Lisboa, Presença, 1989.
- Turkle, S. (1988) *Artificial Intelligence and Psychoanalysis: A New Alliance*. **The Artificial Intelligence Debate: False Starts , Real Foundations**, pp 241-268. Massachusetts, M.I.T..
- Tustin, F. (1980). *Autistic Objects*. **International Review of Psycho-Analysis**, 7:27-39.
- Tustin, F. (1981). *Psychological Birth and Psychological Catastrophe*. **Do I Dare Disturb The Universe - a memorial to W. R. Bion**, pp 181-196. Londres, Karnac, 1988
- Tustin, F. (1986). **Barreiras Autistas em Pacientes Neuróticos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- Tustin, F. (1990). **The Protective Shell in Children and Adults**. Londres, Karnac.
- Tustin, F. (1991). *Revised Understandings of Psychogenic Autism*. **International Journal of Psycho-Analysis**, 72:585-591.
- Turkle, S. (1988) *Artificial Intelligence and Psychoanalysis: A New Alliance*. **The Artificial Intelligence Debate: False Starts , Real Foundations**, pp 241-268. Massachusetts, M.I.T..

- Vidal, M.I.R. (1984). *Mrs Esther Bick. Simposio Sobre "Desarrollo Psíquico Temprano" 1981 y 1983*. *Revista da Associação Psicanalítica de Buenos Aires*, 2/3:403-405.
- Vidigal, M. J. (1986). *Que Psicose ?* *Psicanálise* -5:77-92. Porto, Afrontamento.
- Vidigal, M. J. (1988). *O Silêncio na Teoria e na Prática Psicanalítica (reflexões sobre aspectos teóricos e práticos)*. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 10/11: 109-144. Porto, Afrontamento, 1992.
- Weber, R. (1978). *El Universo Plegado-Desplegado: entrevista con David Bohm*. *El Paradigma Holográfico*, pp 65-142. Barcelona, Kairós, 1991.
- Weber, R. (1981). *El Físico y el Místico: Es Possible el Diálogo Entre Ellos ? Conversación con David Bohm*. *El Paradigma Holográfico*, pp 211-246. Barcelona, Kairós, 1991.
- Weber, R. (1981a)). *El Tao de la Física Reconsiderado. Conversación con Fritjof Capra*. *El Paradigma Holográfico*, pp 247-288. Barcelona, Kairós, 1991.
- Wegman, C. (1985). *Psychoanalysis and Cognitive Psychology - A Formalization of Freud's Earliest Theory*. Orlando, Academic Press Inc.
- Wilber, K. *et al.* (1982). *El Paradigma Holográfico*. Barcelona, Kairós, 1991.
- Winnicott, D.W. (1971). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.